Armando Cortezao,

You are a communist, and you shall pay for it as all the communists everywhere.

You better stop writing your ridiculous prophecies and silly 'Carta de Londres' in that Lisbon rag - Seara Nova.

How much are you paid for that rubbish? Who pay you the price of the treason against your country?

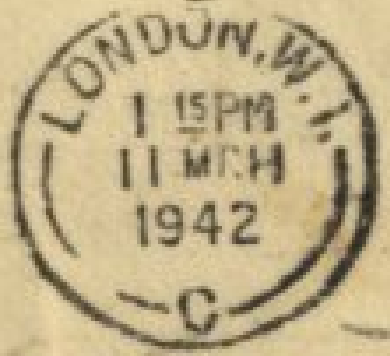
Coward, renegade, you have faithful friends who are watching you until the day of final settlement.

Don't worry very much, you will be paid allright.

Long live Portugal ,

Long live Salazar !

1709



Dr. A.Cortezao

121 Stamford Court

London, W.6.

1709

João d'Almeida

O coronel Vaz Guedes, quando em 1929 passou na Praia, a comilha da Guiné, sendo êle governador, disse-me à mesa do almoço no palácio, deante de varias pessoas, que João d'Almeida era um trampolineiro; que todo o barulho que fazia em volta do Porto de S. Vicente, era para valorizar uns terrenos que o irmão, feito com êle, tinha requerido, etc, etc.

O almirante Souza e Faro, disse-me no meu gabinete da A. G. C., em 4. XII. 1931, que se sabia em Angola (donde acaba de regressar como Gov.dor geral) que João d'Almeida, q.do lá estava (como capitão, salvo êrro) estava encarregado dos degredados e sombrava no rancho, etc. Quem fez a ocupação dos Dembos foi o hoje major Ribeiro d'Almeida e que êle apenas se aproveitou, como comandante, do trabalho do Antero.

Numa viagem que fiz ha anos para africa, este fi-

1039

THE Nation ASSOCIATES
20 VESEY STREET • NEW YORK 7, N. Y.

January 25, 1946

Dear Mr. Cortesão:

Thank you very much for your very interesting article on Portugal. The Nation has definitely accepted it, and it will be printed within the next few weeks. When published, we will send copies to the addresses which you listed in your letter.

I am looking into the matter of finding you some regular collaboration in American newspapers and magazines. I shall try my best and report to you the outcome. I intend to leave for Europe in February, and hope to be in London some time in the spring.

I am looking forward to the pleasure of meeting you personally.

Very sincerely yours,

J. Alvarez del Vayo

J. Alvarez del Vayo

Mr. Armando Cortesão
48 Stamford Court
London W 6, England

JAdV:AG

P.S. When the article is published, The Nation will send you a check directly.

56

Zurich, 30 de Junio

Dr. A. Z. Cortesão
Londres.

Mi distinguido amigo!

He estado fuera de Paris y el envio me ha llegado con retraso. Si; es aproximadamente lo que yo queria, pero ganaria mucho si se pudiesen añadir dos ó tres hechos ó datos, precisos y recientes, que reforzaran la tesis general. Para un europeo bastará; los americanos siempre piden "facts".

Yo estaré de vuelta en Paris à fines de la semana, hacia el 6. Si pudiese V. enviarme hasta entonces por aéreo media cuartilla mas en el sentido indicado, le lo agradeceria.

Desde Paris le mandaré el cheque sobre mi banco de Nueva York para que no haya dificultad.

Le saluda cordialmente
J. Alvarez del Vayo

55

EL SECRETARIO
DEL
ADMOR. PRINCIPAL DE CORREOS
—
BARCELONA

Barcelona 10 abril 1937

Señor Don Armando Cortesao
LONDRES.

Distinguido Sr. mio:

Al siguiente día de tener en mi poder su muy atento escrito del 3 actual estuvo en mi despacho su Señor hermano, Don Jaime, buen amigo y persona de mi más alta consideración, a quien le enseñé su carta, diciéndome le contestaría enseguida.

Cuanto ha enviado Vd y llegado a mi poder le ha sido entregado sin pérdida de tiempo.

Aprovecha esta ocasión para ofreserse y saludar a Vd. atentamente su affº S.S.

q.e.s.m.

Rafael Andrés López

Firma. Rafael Andrés López

1573

J. Vinhas Cabrita
Particular

Antuérpia, 30 de Janeiro 1934

Resp. 3. D.º 37.

Meu caro Amigo,

Muito prazer me deu a sua carta de 26, ontem aqui chegada, pois de ha muito que não tinha noticias suas.

Os pacotes com os jornais só hoje de manhã me foram entregues pelo correio. Imediatamente seguiram o seu destino, mas não chegarão no dia 31, como desejava, pois a correspondencia leva pelo menos 3 dias.

Fico à espera da edição francesa, que imediatamente distribuirei de acordo com o seu pedido.

Quanto a sêlos, permita o meu amigo que me ocupe dêsse pequeno detalhe. Fa-lo-ei com todo o prazer, pois assim concorrei, modestamente embora, para a bôa obra que todos temos em vista.

Minha mulher agradece e retribui os seus amaveis cumprimentos.

Creia-me sempre ao seu inteiro dispôr, com um abraço

Amigo mtº dedicado

J. Vinhas

Exmo.Snr.Armando CORTEZÃO
Ayala 53 - 2º
MADRID

8

Prezado correligionário e amigo

Só agora tenho oportunidade de responder à sua carta de 25 de Janeiro (a questão não é responder mas obter uma via segura de envio).

Tomámos a devida nota àcêrca das dificuldades em se obter visa para o Dr. J.D.S. Apesar do condicionamento geral nos preparar para tal, o facto surpreendeu-nos no entanto; não supúnhamos que as coisas tivessem chegado a tal ponto.

Cremos que a ida dêle a Londres é agora escusada e que fará melhor trabalho em França junto do Govêrno Espanhol. Respondo a uma das interrogações da sua carta --- temos o maior empenho em estar em contacto íntimo com o govêrno Espanhol Republicano. J.D.S. deve ter neste momento instruções nêsse sentido.

Fomos aqui procurados por um enviado dos promotores do pacto Galeuzca. Convinha-nos saber qual o grau de relações existentes entre êles e o Governo Republicano. Não nos convém evidentemente dar qualquer passo que em vez de concorrer para o derrubamento do fascismo peninsular viesse estabelecer qualquer confusão ou mal-entendido. Agradecíamos as suas informações pormenorizadas; as últimas notícias que nos chegam pelas emissoras sôbre a união das fôrças antifascistas espanholas são animadoras.

Quanto aos últimos desenvolvimentos internos: o governo, seguindo a sua política de asfixiar sem rumor público, está fechando uma a uma as sedes das comissões distritais do Movimento de Unidade Democrática - primeiro Beja, depois, Viana do Castelo e Porto, depois Lisboa, Évora e Braga.

Procura assim ilegalizar o Movimento sem que o diga pùblicamente e sem que mesmo nas diligências policiais de encerramento mencione o M.U.D.

Por exemplo, a brigada de polícia que foi fechar a séde em Lisboa vinha encarregada de "efectuar uma diligência contra o locatário da R.da

Trindade 15, 3º. (que era um particular) por ali se reunir uma associação ilícita e se realizar propaganda subversiva". O seguimento lógico duma tal acusação seria a prisão dos membros da Comissão Distrital de Lisboa e da Comissão Central, mas até agora tal não aconteceu --- abafar, sem ruido.

O Movimento continua porém reclamando a sua posição legal e não se di deixando ir para a ilegalidade para onde o governo subrepticiamente o quere empurrar para disso amanhã tirar efeito político. Dirigimo-nos mais duma vez ao Presidente da República como verá nos documentos de que lhe envio cópia.

A última posição do Presidente para conosco é muito pitoresca. Pediu-se-lhe audiência para lhe entregar a última representação e êle, que sempre recebera a Comissão Central sem hesitação e sem fazer esperar a audiência, mandou-nos dizer desta vez que "a sua situação é muito delicada, que o governo está no seu papel defendendo-se e que estava disposto a ler a representação mas não a receber-nos".

O nosso trabalho legal está neste momento dirigido a dois objectivos essenciais --- ao recenseamento eleitoral, conseguindo a inscrição do maior número possível de democratas (o que é muito árduo dadas as dificuldades que as comissões recenseadoras poem a quem "não é dêles" e dadas os alçapões da última lei eleitoral) e à organisação legal dos sectores profissionais tanto operários como intelectuais. Teem-se feito progressos nêste sentido --- os médicos, os advogados, os jornalistas e escritores, as mulheres e vastos sectores operários organisam-se e actuam. Trata-se dum movimento em marcha, que não pára, quaisquer que sejam as acções e manobras governamentais e que transformará o nosso ambiente político (que já é hôje muito diferente do que era há dois anos, por exemplo)

Quereria ainda responder a uma pregunta da sua carta--- que é o Par-

tido Trabalhista Português? --- mas não sei se o posso fazer sem cometer injustiça para alguém; conheço muito mal êsse partido e na minha situação devem estar 99,999% dos portuguêses.

O sector antifascista não enquadrado nem no antigo P.R.P. nem no Partido Comunista tem estado ùltimamente bastante agitado como é compreensível.

Hoje pensa-se"socialista" como há quarenta anos se pensava "republicano" e por isso surgem aqui e além pequenos grupos que à base de ligações pessoais vão, ou não vão, fazendo a sua vida; as condições de ilegalidade facilitam este estado de coisas. (à luz deste panorama se deve encarar o recente "movimento" do Partido Socialista; há ali aspectos que não tenho por inteiramente esclarecidos).

O Conselho Nacional de U.A.F. tem procurado, na sua missão de fazer a unidade de todas as fôrças antifascistas, congregar todas essas iniciativas e grupos, mas o Partido Trabalhista recusou-se até agora a ingressar no Conselho. Isto aumenta o nosso desconhecimento quanto à fôrça e objectivos do Partido Trabalhista . Em todo o caso, em todos os movimentos recentes realizados em Portugal, êsse Partido não apareceu como uma fôrça organizada e actuante.

Segundo os termos da minha última carta, enviámos-lhe um telegrama logo que a representação foi entregue ao Presidente da República ; como da sua carta de 25 de Janeiro se depreendia que o não tinha recebido, enviámos outro alguns dias depois. Chegaram ao seu destino?

Agradeço todas as informações que possa prestar-nos sôbre o ambiente internacional quanto ao governo português, bem como sôbre uma manobra internacional de grande estilo ,de que nos chegou conhecimento, de inspiração católica e apoiada em grandes fôrças capitalistas dos U.S.A. Canadá, etc.Até que ponto essa manobra se reflecte na política do governo inglês?

Queira aceitar, prezado correligionário, as saudações cordeais de

B. Soares.

Lisboa 21 de Fevereiro. 946.

Seguem junto:

Representação ao Presidente da República de 8-2-46
Idem, de 16-2[illegible]-46 e carta ao Secretário Geral da Pres. da Rep
Informe sôbre as condições políticas em Portugal-Manifesto
a ser dirigido "ao povo portugues" assinado pela Comissão
Central e Comissões Distritais do M.U.D. (em curso de exe-
cução) - seguirá noutro correio.
Carta das mulheres democratas portuguesas a Mme Roosevelt.

B. J. Caraça

Prezado amigo

Enviei-lhe há dias uma carta com alguns documentos sôbre a nossa vida política interna. Brevemente lhe enviarei mais.

Agradecia-lhe que mandasse notícias do Dr. J.D.S. Sei que tencionava seguir para Londres; conseguiu?

Peço-lhe o favor de mandar aos seus destinos as duas cartas que vão juntas e de me comunicar por via segura as respostas logo que as receba.

Envia-lhe saudações cordeais

Bento Gonçalves.

1561

H. J. Barata

Lisboa, 15 de Janeiro de 1946

Prezado amigo

Juntamente com esta carta envio um exemplar, e tradução francesa, de uma representação que o Movimento de Unidade Democrática vai entregar por êstes dias ao Presidente da República.

Em carta há dias enviada ao Dr. José Domingos dos Santos, expliquei o uso que desejaríamos que dela fôsse feito. Espero que o Dr. J.D.dosSantos esteja neste momento já em Londres e nêsse caso peço a V.Exª que lhe dê imediato conhecimento da representação e desta carta; caso contrário, rogo-lhe que se ponha em contacto telegráfico com êle para o efeito.

Em qualquer caso, o texto da representação não deve ser divulgado aí, antes da sua entrega aqui. Notificar-lha-emos por telegrama que dirá --- esperamos crónicas.Luís.

Aceite prezada correligionário, as saudações cordeais de

Bento de Jesus Caraça

Pelo Cons. Nac. de U.A.F.

1562

1946. 19 de Abril.
Lisboa.

Presado correligionário e amigo.

Só agora tenho portador de confiança para responder à sua carta de 13 de Março.

Não lhe posso escrever longamente pois me encontro de cama e por isso vou responder sucintamente aos pontos mais importantes:

-Seguiu há dias directamente para Paris uma credencial do C.N.U.A.F. nomeando o Dr. J.D.S. como seu representante junto do govêrno espanhol. A nossa representação em Londres está em estudo activo; o problema está em garantir uma importância mensal certa e elevada; não é tão fácil como calcula conseguir dos democratas com dinheiro somas relativamente altas. O que se consegue doutro modo é absorvido no trabalho de organização que consome tudo --- a luta é muito desigual!

O "recente movimento do Partido Socialista" não tem relação com o Partido Trabalhista. Trata-se de uma iniciativa de revivescência do P.S., de fundamentos mal esclarecidos mas que parece ter resultado de uma tentativa de fazer dêle uma oposição legal ao Govêrno Português. Parece que a isso não foram extranhos os serviços secretos inglêses. Se assim foi, a manobra não deu resultado. Aguardam-se desenvolvimentos.

Agradecemos as informações sôbre Galeuzca; a sua posição no caso, como no-la descreve, é de todo o ponto justa.

Peço o favor de enviar as cartas juntas ao seu destino e de me fazer chegar as respostas pela via que utilizo para mandar esta.

Saudações cordeais de

Bento Gonçalves

Junto uns informes que já possue e outros mais recentes.

Recebida em 6.v.46 . Em 7 enviei as cartas, dentro de novos envelopes, para:
José Pinto Coelho, esq., 17 Battery Street, New York, U.S.A.

Dr. Hugo Ribeiro, Im Heuried 62, Zürich.3. Switzerland.

Dr. António Monteiro, Universidade Federal, Rio de Janeiro, Brazil.

Dr. Augusto Costa, 71, Dufourstrasse, Zürich.8. Switzerland.

Dr. Jaime Cortesao, a/c Ministerio das Relaçoes Exteriores, Rio de Janeiro.

19

Lisboa, 13-XI-930

Meu caro Armando

Recebi hoje a tua carta juntamente com as que devolvias ou me pedias para te guardar.

Lamento, e desde o primeiro instante, as circunstancias que motivaram a tua primeira carta. Tu não podias ter outra atitude. Nós não podíamos fazer outra coisa, por muita simpatia que nos mereça, como merece, até aos que o não conhecem pessoalmente, o Cte. Prestes Salgueiro.

O Con^te Cerqueira calculou, desde o inicio, que

984

andava no caso cooperação de qualquer delirante imaginação feminina. Creio ter-te dito que não supus capaz de ter informado, daquele forma, o cunhado, o proprio dr. R. d'Azevedo.

Quero porem repetir-te, e a propósito duma passagem da tua primeira carta, e de qualquer referencia numa das que te dirigiu o Sr. Prestes Salgueiro, — que se no caso passado não tive nunca grande entusiasmo em bater-me, e só o faria por dever de oficio e contrariado, — foi porque, ao receber, ou pouco depois de receber as cartas das testemunhas, me informaram de que o dr. Rui d'Azevedo atravessava uma formidavel crise, agravada pelo incidente, e determinada a par da sua menor saude, por qualquer facto de ordem familiar, creio que a gravissima doença duma irmã.

Ter-me recusado a aceitar a fórmula da acta, poupando a dignidade pessoal do homem para me limitar a frisar a incompetencia do Professor, — seria da minha parte uma covardia.

E em toda a questão, no liceu, primei em ser generoso. Só a estreita teimosia ou visão dele, agravada pela influencia malífica do tal Gomes Pereira, — impossibilitaram a solução justa do incidente com meu filho, e certos factos que deixaram muito mal colocados o reitor + o liceu.

uma comunicação sobre propaganda Colonial. Agradecer-te-ia um obtivenes ou indicarnos elementos que me permitiram o desempenho cabal do encargo.

Teu AC

Estimo que entre ti e o Prestes Salgueiro subsiste a velha e franca amizade de antes.

Eu não tenho razões ou não para lhe desejar, como português e camarada, as alegrias e compensações que merece.

A ti abraço-te com muita amizade e agradecidamente.

Do Jaime vieram mais notícias pouco agradáveis. Peço-te lhe escrevas, antes de vires, preguntando se deseja algo para cá.

Falei ha dias com tua Mulher. O teu filho mais novo já joga o football. Os outros estão bem. Bebé entusiasmado com as aulas.

Teu August Cam

Pl A Judite bem. Os garotos na mesma. Muitas lembranças de todos. Para o Congresso Colonial da União Portuguesa do Ultramar, o General encarregou-me de fazer

Rép. 9.X.52
Rep. 10 —

COMITÉ BELGE D'HISTOIRE DES SCIENCES
LE SECRÉTAIRE : J. PELSENEER

51, AVENUE WINSTON CHURCHILL
UCCLE - BRUXELLES
Téléphone : 44 07.14

Le 5 octobre 1952

Cher Ami,

J'ose croire que vous vous êtes douté que si je ne répondais pas tout de suite à votre lettre du 23 septembre, c'est que je n'ai pas eu immédiatement quelque chose à vous dire, c'était ceci : je me suis tout de suite occupé de la chose. Je reçois les deux lettres ci-jointes; Mr. De Smet, l'aimable conservateur des cartes, m'avait déjà dit qu'il y a un an, la carte lui avait été proposée. Mais il s'agit en réalité d'une demi-carte nautique, très intéressante pour un spécialiste tel que vous, me dit-il, que pour un musée ou une collection. La lettre en flamand (je ne sais si vous comprenez le néerlandais) dit en substance que M. Moreaux est le propriétaire ; il attache beaucoup de valeur au document, et attend une offre élevée. Je n'ai pas besoin de vous dire que je continue à me tenir à votre disposition, mais vu qu'il s'agit d'un domaine où mon incompétence vous est connue, je me

1471

demande – au cas où vous ne négociez pas directement avec ce M. Moreaux, s'il n'est pas indiqué que vous agissiez plutôt, à partir de maintenant, par le canal de quelqu'un en qui l'on doit avoir confiance, un de vos amis ou Mr. De Smet, qui évidemment vous connaît de réputation.

Quant à la brochure : "Mesure du temps ...", je vous l'ai envoyée au reçu de votre lettre, comme imprimé; j'espère qu'elle vous est bien parvenue !

Vous irez le mois prochain à Paris ; je ne sais ce que devient l'Hist. sc. et cult., mais puis-je vous rappeler que ma candidature est toujours posée ? Si l'on a besoin de quelqu'un et si vous croyez toujours, avec la même indulgence, que je puis faire l'affaire, veuillez donc rappeler mon nom ; je pourrai entrer immédiatement en fonctions, avec un délai de quelques jours.

Mes respectueux hommages, je vous prie, cher Ami, à Madame Contejean.

Votre toujours dévoué,

Volterra.

deux annexes

"Diário de Lisboa" 7/III/941

Noticias do Brasil dizem-nos que o ilustre escritor Jaime Cortesão tem tido ali o acolhimento devido ao seu talento e altos merecimentos. O ministro das Relações Exteriores encarregou-o de organizar o Atlas Historico dos Limites do Brasil. O Gabinete Português de Leitura nomeou-o director da sua magnifica biblioteca.

E a Universidade do Rio de Janeiro convidou-o a realizar um Curso de Historia da Civilização Portuguesa, ha pouco iniciado com numeroso publico e incontestavel exito. Será ainda Jaime Cortezão o orador oficial da Colonia na proxima festa de Camões.

Registamos estas homenagens de excepcional significado, na certeza de que elas serão gratas a todos os bons portugueses, amigos e admiradores do autor da «Gloria Humilde» e da «Teoria dos Descobrimentos».

1471

Rec. Rep. 28.X.58

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
51, Avenue Winston Churchill
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Le 25 octobre 1952

Mon cher Ami,

Je vous remercie bien vivement de votre charmante lettre du 10 octobre.

C'est le Vice-Président de l'Académie que je viens ennuyer aujourd'hui; mais sachant l'intérêt que vous portez à nos élections, je n'ai peut-être pas besoin de vous demander de m'excuser d'avoir recours à votre patronage.

J'avais préparé une 1ère lettre pour Sergescu; puis je me suis avisé que mes 1ères propositions étaient insuffisantes en nombre, et je vous soumets une 2e lettre en même temps que la 1ère. Je vous demande donc de bien vouloir apposer votre signature sous chacun des noms que vous

Effectifs:
Dr. Paul DeLaunay (France)
R. Shyock (USA)
Comptes Mme Marie Boas (USA)
M. Jean Rostand (France)
Dr. George Urdang (USA)
M. H. Butterfield (UK)
Dr. Jean Filliozat (France)
Dr. Sten Lindroth (Sweden)

1472

approuvez. Sans doute aimerez-vous d'adjoindre Shryock; je vous recommande aussi Butterfield et Filliozat; peut-être Miss Boas et Rostand sont-ils moins indiqués, bien que excellents tous deux. Nos collègues MM. Vollgraff, Wickersheimer et Van Eecke ont déjà approuvé, en tout ou en partie, mes propositions. Veuillez me les garder et me renvoyer ces papiers, je vous prie.

Je viens de vous adresser une circulaire contenant le programme de notre week-end d'hist. de la méd. à Cine. Quand vous viendrez ici, préveniez-moi longuement d'avance; le Comité belge d'hist. des sciences organisera une séance pour vous entendre, en commun par exemple avec la Société de géographie

Veuillez présenter mes respectueux hommages, je vous prie, à Madame Cortesão. Croyez-moi, cher Ami, votre tout dévoué

J. Pelseneer

2 annexes

Je devrais avoir avant le 1er janvier vos comptes rendus de Ballesteros - J. Cortesão, Comm. scientif. ... J. J. de Magalhães, H. H. Hart et Edm. Reman.

BIBLIOTECA
• NACIONAL •
LISBOA

Armando;

Lisboa, 30

O meu amigo, snr. Fernando Brederode, pede-me para te fazer a apresentação do snr. Miguel Neves, inspector da Companhia de Seguros — A Nacional, portador desta carta.

Deseja este que lhe dis personalmente ou por apresentação estas facilidades.

1472

No que podeis fazer,
muito obsequiarás o
tu inmenso
amigo.

[illegible]

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
126, rue Edith Cavell
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Le 29 mai 1954

Mon cher Ami,

C'est avec émotion, émerveillement, joie et reconnaissance que j'ai reçu votre splendide édition de la carte de 1424. J'ai immédiatement tout abandonné pour vous lire ; c'est fascinant et passionnant ; je connais peu de lecture aussi attachante, mais arrivé à la p. 70 je me répond cependant à interrompre un instant ma lecture pour venir vous exprimer mon admiration et ma gratitude. Quel titre avais-je pour mériter un pareil cadeau, qui me remplit de confusion ? Vous avez été admirablement et justement secondé par l'Université de Coimbre et par les artisans d'élite de votre groupe. Je voudrais, dans les Archives, une courte note digne de l'ouvrage ; il pourrait paraître encore dans le 3e no. de 1954. Aussi, voulez-vous, d'urgence, me faire savoir à qui vous

1473

Désirez que je m'adresse? Veuillez me donner 2 ou 3 noms (avec les adresses), dans l'ordre de vos préférences, ceci étant confidentiel. J'imagine que votre cœur doit être bien vive d'avoir réussi à voir paraître cette aussi excellente œuvre parée d'une si somptueuse façon. Toutes mes plus sincères félicitations pour ce magnifique piece of work.

Pour le CR, je devrais avoir le renseignement suivant pour la description bibliographique : ici, comme je le suppose, l'ouvrage est dans le commerce, quel en est le prix?

(Une minuscule réserve : pourquoi citer, parmi vos auteurs, Lancelot Hogben? Les spécialistes tels que Neugebauer abondent. Que diriez-vous si, à côté d'autorités en histoire des sciences comme J.M., A. Cortesão, Koyré, Wickersheimer etc. j'allais citer le petit Larousse illustré?).

Quand pourrai-je votre "Golden Age of geography" et à qui faudra-t-il en demander le C.R.?

Savez-vous ce que devient l'Hist. scientif. et culturelle de l'Humanité? Je n'en ai pas la moindre nouvelle.

Mes très respectueux hommages, je vous prie, à Madame Cortesão, et pour vous, mon cher Ami, l'expression de mon amitié fidèle et reconnaissante,

Jean Pelseneer

N'avez-vous pas pour la rubrique "Notes et Informations" des notes (rédigées telles qu'elle doivent paraître) sur votre activité et celle de vos confrères du Portugal?

BIBLIOTECA
• NACIONAL •
LISBOA

BIBLIOTECA GERAL · UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Armando:

Apresento-te o Sr. Armando Gaudio, que deseja ir p.ª a África e supõe que tu lhe podes conseguir facilidades nesse sentido. O Sr. Armando foi in illo tempore meu camarada na imprensa. A sorte não lhe tem sorrido e deseja melhorar-la noutros paragens. Agradeço-te o que podeis fazer por ele.

Tem irmão nos meus

Vinas

1473

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
126, rue Edith Cavell
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Confidentiel

Le 13 juillet 1954

Mon cher Ami,

Je vous remercie bien vivement de votre lettre du 10 juillet. Elle me rappelle opportunément que je devais vous écrire depuis quelque temps, mais les examens, les délibérations, les épreuves des Archives et de la correspondance de Lavoisier (qui me prennent des journées entières), enfin un bref séjour au Zoute ont retardé mon dessein.

Je suis fort heureux de vous dire que depuis dix jours déjà j'ai le texte du C.R. que De Smet a fait pour les Arch. C.R. assez long, très élogieux de votre science et de l'édition; De Smet n'est cependant pas entièrement convaincu. Il va faire un 2e C.R, différent, pour la Rev. belge de philolo. et d'hist. J'ai immédiatement remis le livre à Janssens, qui a été ébloui par la présentation; il n'a pas encore eu le temps de se faire une opinion du fond. Il m'a dit qu'il me remettrait son texte critique avec la liberté de l'envoyer où je voudrais. Isis? Rev. d'Hist. des Sci.? Lychnos? Centaurus? Imago Mundi? Qu'en pensez-vous? Il est même possible qu'il fasse, lui aussi, un 2e C.R., ce qui ferait 4 CR basés sur mon exemplaire. N'avez-vous toujours pu faire aucun envoi en service de presse?

Putman: continue hélas! à ne presque rien faire. J'ai cependant un CR par lui du vol. d'essais sur les aspects sociaux de la science (edit. Lilley-Rosenfeld), vol. qui a été terriblement éreinté dans Nature. Le CR paraîtra dans deux semaines dans notre n°. 27. Le CR par De Smet

1474

est pour le no. 28, si Serg. n'en empêche pas la publication en raison de sa longueur et où... je suis encore aux Archives.

Je dois vous dire tout à fait confidentiellement que, n'était la maladie de Serg., je me serais décidé à rompre avec lui. En effet, j'ai acquis la conviction qu'il est impossible de faire du travail scientifique avec lui, et aussi que ses conceptions en matière financière font l'escroquerie. Ses deux dernières lettres, ci-jointes, m'ont fait telle que j'ai voulu les soumettre à vous et à Forbes. J'ai commencé, que j'en aurais l'occasion, par Forbes, qui s'est d'ailleurs occupé de Arch. à Jerusalem. Je les ai envoyées à F. pour information et sans commentaires. Voici sa réponse. En principe, je crois que je vais écrire à Bolenheimer, lui disant que je cesse ma collaboration avec Serg., dès sous le 1er octobre, vient le no. 28 aura paru; 2) que le comité belge d'hist. des Sci. se retire de l'Union (Je ne disais rien de cela à F.). J'attends à présent votre avis. Mais j'ajouterai ceci: en 1947 ou 48, dans votre bureau de l'Acad. Hölder, Mme. Singer m'a dit ceci, qui m'a tellement stupéfait que je n'ai jamais osé vous en parler — je le regrette bien à présent: "Do you really believe Serg. is an honest man?" Aujourd'hui, je comprends qu'on ait pu poser la question.

Au point de vue scientif., S. accepte n'importe quel article, sans jamais nommer de commissaires (choisis parmi les membres de notre Acad.), sauf lorsque je l'en somme. J'ai refusé le bon à tirer de deux très articles composés, et impossibles. Vu les difficultés d'édition de livres importants, il serait indispensable d'en donner les bonnes feuilles (ce que je ferais pour votre golden age), ou de reproduire la table des matières (ce que j'ai pu faire pour les 3 vol. chinois de JN, et j'ai vu combien cela avait été requis à JN et à d'autres). L'échec de S. est complet aussi à l'Union, qui m'exige que sur le papier: je l'ai bien vu à l'occasion du 1er congrès Benelux d'hist. des Sci. Echec enfin à l'Acad., où il ne s'est jamais agi que qu'il fallait avoir une politique.

Veuillez me renvoyer, je vous prie, les 3 annexes. Mes respectueux hommages, je vous prie, à Madame Cortesão. Je suis désolé d'avoir dû vous écrire comme je l'ai fait à propos de Serg., mais vous savez bien que vous êtes le seul à qui puisse se confier entièrement

votre tout dévoué

J. Pelseneer

J'ai rendez-vous avec Sharpock, qui sera le 17 à Bruxelles. Surtout n'allez pas croire que je veuille vendre la peau de S. aux Archives; j'ai déjà écrit à Duyvene de Wit (Université) pour lui demander de S. [illegible] Pelseneer

BIBLIOTECA
• NACIONAL •
LISBOA

Meu querido Armando.

Lisboa 18 de Janeiro
de 1926

O snr. Pedro de Azevedo, um dos funcionários mais distinctos da Biblioteca, por quem tenho grande estima e admiração, pede-me para interceder junto de ti a favor de um amigo, Raul Antunes Branco, que de-

1474

seja colocação na Agencia
Geral das Colónias, onde ele
supõe haver em breve uma
reorganização de serviços.
Tinha o maior empenho em
que lhe fosse possavel.
Tem irmão [illegible] amigo

[illegible]

Armando:

7-5-33

Respondo à tua carta de 28 do corrente. Afinal, a pressa do meu artigo não era grande, pois que as provas ainda não vieram. Excelente será que lhe deem uma primeira revisão, mas no que toca à ortografia, pois desconheço bastante a actual. Estou com interesse em ver o primeiro número da revista, pois a minha colaboração futura depende tambem da orientação da publicação.

Quanto a livros, se achas pouco... tanto melhor. Como não conheço, todavia, as possibilidades dos iniciadores, não quero forçar a nota. Neste momento o que mais me interesse são instrumentos para o trabalho que tenho em mãos para a <u>Historia de Portugal</u>: a historia ultramarina durante os seculos 17 e 18. Aqui faltam muitos elementos, <u>maxime</u> sobre o que diz respeito a Angola e a Moçambique. Nestas condições, se fosse possivel encontrar aí à venda algumas das obras mais necessárias, como por ex.:

1531

Lopes de Lima (J. J.) Ensaios sôbre a estatistica das possessões portuguesas, 3 v. Lª 1844-46.

Andrade Corvo (J. de) Estudos sôbre as provincias ultramarinas, 4 vol. Lª 1883-87,

serme-hia sumamente proveitoso reuve-las. Peço-te mesmo, caso não haja forma de obte-las no mercado, que por qualquer forma mas consigas por algum tempo. Pressumo que te não será difícil obte-lo nas condições em que veio o Danvers. Mas que fosse ao menos por um mez. Ainda que aceite o prazo que for possivel. Peço-te encarecidamente te ocupes do assunto, de sorte que eu possa ter essas obras, ou pelos menos a primeira, dentro de 8 ou 10 dias. Tambem da obra de Oliveira Martins, - O Brazil e as Colonias portuguesas tenho urgencia.

No caso, pois, de se não conseguirem aquelas obras no mercado, interessava-me ainda do Ol. Martins o Portugal contemporaneo, e o 2º vol. do Portugal nos mares.

Tambem não possuis certas obras ultimamente aí publicadas sobre Descobrimentos, como os Descobridores do Brasil, de Duarte Leite. Aliás, não sei mesmo o que se tem publicado. Como não recebo jornais portuguezes, desconheço a bibliografia ultima, e agradecia-te que me enviarmos nota das publicações que possam interessar-me. E se às obras que aponto, quizeres acrescentar alguma que corresponda às minhas necessidades bibliograficas, je ne demande pas mieux.

Agora outro pedido e outro assunto e estes de torno.

Ha 12 anos que faço investigações metodicas e publico estudos parciais sobre um tema: O descobrimento da America pelos portuguezes. Sinto o assunto suficientemente maduro para publicar sobre ele um livro, que não hesito em afirmar que porá o problema em bases inteiramente novas e para

o qual a palavra sensacional não seja demasia, — pelo método, os documentos e as conclusões. O estudo que agora te envio pode fornecer-te uma ideia, ainda que muito parcial.

Em tempos Antonio Ballesteros convidou-me a escrever para uma História geral da América, em grande, um volume sobre Os descobrimentos precolombinos dos portugueses. Cheguei a redigir mais da metade da obra, que me pagaram. Mas a empresa entretanto faliu. Eu tive a prudencia de ficar com copia do original. E esse trabalho já era feito na mesma orientação de afirmar o descobr. da América pelos portugueses.

Ora Ballesteros vai continuar a obra com outra empresa, renovando-me o convite, para mais trabalho, mas com disposição diferente. Quere dizer: aquele original está rugatado; e como compreendes numa edição espanhola não posso versar aquele tema com toda a liberdade e desenvolvimento necessá-

rio. Demais, interessava-me que antes de mais nada, esse livro fosse publicado em português.

Problema: não haverá um editor portugues, que queira tomar conta da edição, mas com a largueza e as seguranças necessárias para o meu trabalho?

Tratar-se-hia dum grosso bouquin de preferencia in quarto, com abundancia de documentos, muitos dos quais inéditos, e fotocopias respectivas.

Pedido: Se as tuas ocupações o permitirem, queriais sondar alguma casa editora?

Desejaria reservar-me o direito de tradução, a não ser que o mesmo editor portugues, de harmonia comigo, quisesse ocupar-se do assunto. O livro, em francês, teria o titulo: Les précurseurs de Colomb, d'après Colomb lui-même. Creio que em portugues será preferivel o titulo mais explicito: O descobrimento da Amé-

rica pelos portugueses.

Uma das dificuldades do problema: seria a dos prazos de pagamento: como não tenho capital, parte do trabalho dever-me-hia ser pago antes da publicação, nalguns prazos a combinar e a cada entrega de original, sendo a primeira de metade da obra ou mais. Seria trabalho para pôr à venda no começo do próximo ano literário, entre Out. e Janeiro. Poderia entregar original já em junho, caso acertassemos as condições financeiras.

Podia tractar directamente do assunto. Mas desconheço hoje o meio. Espero, pois, pela tua resposta.

Por enquanto não faço o menor calculo sobre o meu regresso a Portugal. Estou francamente pessimista. Os dirigentes republicanos merecem isto e muito mais. O diabo é que às vezes pagar o justo pelo pecador ... é o meu caso. Escreve.

Deseja a melhor saúde. Felicidade a todos os Teus. Abraço-se-i-

[illegible]

[illegible]

Armando:

17- maio 33

Obrigado pela tua carta ultima. Vamos ao que mais importa. Estou inteiramente de acordo: o ideal seria fazer desde começo a edição francesa. Mas nesse caso avulta o problema financeiro. Aqui nenhuma casa editorial, que eu saiba, trabalha em francez. Nem é natural que quisessem concorrer com as casas francezas, senhoras e civas do mercado. E qual seria a casa francesa que se prestasse a tomar conta da edição, pagando-me em prestações, antes da publicação do livro?

Publicar livros em francez está bem para um estudioso com capital, como o Bensaude, a quem demais não falta a sciencia dos negocios. Por mim, sou destituido totalmente duma coisa e outra. Creio-me capaz de resolver problemas his-

1532

toricos; e estou convencido de que encontrei
a solução daquele que me proponho tra-
tar em livro. Egualmente presumo que
a sua edição será negocio rendoso, dada a
soma de factos e documentos novos revelados.
Mas sinto-me inabil para resolver os proble-
mas financeiros, como este. Se ha forma
de pôr a questão em pé, não a vejo.
Vamos, pois, à hipotese por ingenua. O ideal
seria um in 4º, de cerca de 500 paginas,
acompanhado de razoavel número de repro-
dução de mapas, documentos, etc. Ju-
ntos à tiragem, creio que não deveria ser
inferior a 3 ou 4:000. O meu livro sobre
a Expedição de Pedro Alv. Cabral, teve
de tiragem 2:000, e esgotou-se, segundo
creio, em menos dum ano. E não tem
comparação com este, no interesse. Nem
estão dispunha do nome que hoje tenho
nesse género de estudos. Longe do mer-
cado, não sei quanto hoje é licito
pedir por um livro nessas condições.

Suponhamos, como hipótese mínima, 35 escudos. Uma percentagem mínima de 20% dava-me pelo trabalho cerca de 20 contos. Supondo que o trabalho me levasse 5 meses a terminar, bastava-me receber 4 ou 4:500 escudos por mez. Sendo, aliás, o meu interesse terminar o livro em prazo menor, podendo continuar a receber o que faltasse em prazos mais largos ou quantias menores.

Estas me parecem condições mínimas. Mas, dilatadas dum lado, poderiam ser mais apertadas doutro. Só o contacto directo com o editor e o conhecimento ou instincto dos negocios, que possues em mais alto grau que eu (e não é favor) podem abrir passo à solução do problema. É natural que o editor quizesse de começo receber não um quinto do original, mas uma quantidade bastante maior, suponhamos 2 quintos, nesse caso eu receberia tambem de entra-

da uma soma maior, o que permiti-
ria alargar um pouco os prazos seguin-
tes. Tudo são coisas a combinar. De
antemão sei que escapaz de defender
os meus interesses melhor do que eu
mesmo o faria. Peço-te, pois, o faças
e procures dar andamento ao caso, com
a pressa relativa que o caso exige, para
que o volume saisse nos começos do ano
lectivo próximo. Na primavera do
ano próximo realiza-se em Sevilha
um congresso ~~hispano~~ internacional de Americanis-
tas, cujo tema principal é a criti-
ca das fontes para o descobrimento
da América, — base essencial do meu
livro. Eu propuio no Congresso (pa-
ra o qual já estou vehementemente
solicitado pela comissão hespanhola
organizadora) faria, defendendo as
minhas teses, o reclamo da obra.
Não será, pois, arriscado assegurar exi-
to à edição, desde que apareça a tem-
po.

Quanto à nota documental pedi-

da pelo Dr. Duarte Leite, aí vai.

Conheço duas cartas de quitação com inventarios dos bens do Infante D. Henrique no Algarve:

Uma passada a Fernão Afonso a 5 de julho de 1464 (joias, ventes, livros, objectos caseiros, etc.); outra passada a João Baldaia "de todas as coisas que por morte do Infante se acharam em Lagos e Algarve", a 14 de julho de 1474. Possuo copia das duas.

A primeira encontra-se no Livro d'Extras, fol. 41. Na copia que fiz no Arquivo Nacional menciono tambem Extras, 123 e Ch. de D. Af. V, livro VIII, fol. 117, v. Serão outras copias ou documentos correlativos? Não recordo.

A segunda pode ler-se em Odiana, livro VI, fol. 22.

Costa Lobo, na Hist. da socied. em Portugal no sec. XV, cita estes dois documentos (pag. 450 e seg.) e faz algumas interessantes considerações a proposito, entre

as quais aquela mesma que me refiro em
L'expansion... Ali dá o 2º documento
como em Odiana, VI, fol. 32, em vez de
22. Erro meu ou dele?

Ai tem satisfeito o seu e tem dito, que,
depois duma mudança de casa recente,
me deu assaz de trabalho a satisfazer.
Ao Dr. Duarte Leite, quando o vir,
apresenta as minhas saudações e agra-
decimentos prévios pela oferta do seu
livro, que até hoje nunca recebi,
nem vi.

A melhor saúde e felicidades para
os Teus.

Um abraço do inte-
mo amigo.

Viola violada

Armando

Madrid Rp. 23. VI. 37

21 de junho com copia [illegible] e dest. D. Pe[illegible]

Ainda não recebi resposta do Damião Peres, que expus por estes dias. Ele só hoje deve chegar ao Porto, de regressos da sua vilegiatura; e calculo que seja esse o motivo da demora.

Escrevi-te, ha cerca de 10 dias, p.a L.a uma carta registada, em que além de outros assuntos te pedia para te interessares junto dos nossos amigos do D. Liberal para que tomassem como correspondente aqui o João Fonseca, e para me enviarem o jornal. Não recebeste? Tinha particular empenho na historia do Fonseca.

Está-me fazendo uma diferença enorme a demora na resposta dos Lellos. Tenho que fechar contracto com a casa Salvat de Barcelona para a redacção de dois volumes, um de colaboração com o Ballesteros sobre a Genesis do descobrimento de America, outro, apenas de

1530

minha lavra sobre a Historia do Brazil. No contracto tenho que fixar o prazo da entrega; e não o posso fazer sem assentar resoluções sobre esse volume que tanto desejo publicar.

Nestas condições, sendo-me indispensavel fixar com antecipação o plano de vida, peço-te escrevas aos Lelos dizendo-lhes que se não podem dar imediatamente uma resposta afirmativa, ~~me deligo~~ interrompo as conversas com a casa sobre o assunto, para propor o negocio a outra empresa. Penso em escrever sobre o caso à Portucalense editora, com que estou em relações pela colaboração na Historia de Portugal. Esses Lelos estão a brincar com a tropa, e eu não tenho tempo para brincar...

Dirijo a mi Mor saindo a todos os Bens.

Um abraço do teu irmão

[illegible]

P.S. Já depois de esta escrita, chegou a resposta do D. Pedro, que junto envio. Chegamos tarde.

[illegible]

Armando:

12-8-33

Rg. 30 VIII.33

Envio-te hoje mais um questionário, redigido pelo meu homónimo e que interessa ao assunto de que te falei. Peço-te que respondas com a brevidade que te for possível. O caso segue normalmente.

A minha tentativa cerca da Empresa de Barcelos falhou. Todas as monografias históricas, em cuja edição se meteram, falharam comercialmente, com grave dano para a Empresa. E resolveram, em consequência, terminar com as publicações. Continuo, pois, sem editor. E é verdadeiramente extranho que num Portugal de nacionalismo exacerbado se não encontre editor pa uma obra, cujas conclusões, ainda que pelas vias estrictas da ciência, lisongeiam aquele espírito. Tanto mais

1533

que, sem falsa modestia ou orgulho desmedido, creio que o meu nome seria garantia de seriedade. Se te não incluta prosseguir um pouco os teus esforços, lembro-te que sobre o caso fales com o Camara Reis. Este, mais conhecedor do meio livreiro, pois está metido nele, poderia, quiçá, alvitrar uma solução. Não tenho, aliás, uma esperança imoderada. É antes por descargo de consciencia. Seja como for, a manhã escrevo sobre o assunto ao Camara Reis; e pedia-te que lhes desses uma telefonadela.

— Nunca recebi o Diário Liberal! Dizem-me agora que o Duarte Leite está publicando ali uma serie de artigos sobre o Infante D. Enrique, e que um dos ultimos se mete comigo. Sendo assim, desejaria responder-lhe. Se isso tem algum interesse para o jornal, pede-lhes que me enviem os numeros inteis p.ª o caso. E que enviem a gazeta, com todos os diabos! Se é necessario, mau grado a minha situação, pagarei a assinatura. Mas vigia o assunto, para que não aconteça o mesmo que com a primeira promessa que te fizeram. A saudade, bastante melhor. Obrigado pelos folhetos. A melhor saúde e felicidades p.ª todos os teus

Abraços [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

[illegible]

Rua. 5.1º 35.

Armando:

27-12-1934

Com grande pesar te escrevo esta carta, pois tenho que dar-te uma noticia desagradavel sobre um assunto que te interessa. Foi resolvido restringir os subsidios o mais possivel, acabando com eles para pessoas, como o próprio Pio, - resolução esta que me tirou toda a autoridade para instar por que continuasse a ser-te concedido. E esta pelo menos a resolução agora tomada, em face da dura e fundamental necessidade de guardar um fundo, ainda que pequeno para aplicar, chegado o momento, a uma tentativa revolucionaria.

Pedes-me que te diga de projectos de futuro. Por agora são muito vagos. Noticias de Portugal, ainda que optimistas, são egualmente vagas, além de muito escassas. Tanto assim, que na sua maioria, as que constavam dos recortes que me enviaste, eram novidades. Temos certas possibilidades novas em estudo, mas, por emquanto, assaz incertas. Todavia, se alguma ganhar concretisar-se um pouco, to direi.

Tambem por aqui nos não tem faltado inquietações. Ainda até hoje a policia não nos concedeu licença para nos fixarmos aqui. Ha quais um mez que esperamos resposta. Já ali nos chamaram várias vezes. E agora tem-nos lá os documentos de identidade ha 30 dias.

Não sabemos que pensar.

1558

Quanto à nossa antiga senhoria, por portador, que deve partir breve enviaremos o dinheiro para pagar esses berbicachos.

— Outro assunto:

Eu estou trabalhando com toda a força para as minhas encomendas em Portugal e Espanha. Longe duma grande biblioteca, necessitarei de quem trabalhe por mim, aí ou em Paris, tomando algumas notas. Como por vezes terá que ser trabalho aturado, tem que ser pago. Queres tu tomá-lo à tua conta? Melhor que ninguem o poderias fazer, e, ainda que pouco, dalguem auxilio te serviria. Nem deverás ter qualquer melindre em aceitá-lo, visto que me auxiliarias em trabalho pago; e que doutra forma o não aceito eu. Associando-te ao meu trabalho, naturalissimo é que te associe aos ganhos.

— Estamos neste momento angustiosamente inquietos com o estado do Nuno, que nos dizem desesperado.

Que passes o melhor possivel estes dias e que o Ano Novo te seja feliz e próspero são os nossos desejos, que estendemos, é claro à tua Esposa e filhos.

Abraços-te o teu irmão [illegible]

Resposta a uma Campanha

Atacados na imprensa por supostas delinquencias de caracter politico e privado, longo tempo afastamos de nós a tentação de pegar da pena e responder, inibidos por um conjunto de razões, qual delas, a nossos olhos, mais poderosa e convincente. A todas sobrelevava, porventura, a repugancia em desmentir calumnias de tão baixa espécie, e o pudor de falar de nós, quer franqueando os recessos da vida intima, quer parecendo que traçavamos o elogio proprio.

Tinhamos para nós como um postulado que, quando um homem passa metade da vida sofrendo pela sua Patria e por devotamento a causas nobres, sacrificando a êsses outros deveres egualmente sagrados, abria junto dos seus concidadãos um crédito de respeito, que o punha a salvo, tanto de certas acusações, como da tarefa degradante de as repelir.

Supunhamos tambem que, quando se possue um nome e uma carreira literária, alheia a todos os processos do mercantilismo, e visando sempre os mesmos elevados objectivos, tanto bastava para que a imprensa negasse a divulgação da letra redonda a certas acusações desmesuradas ou ridiculas que, em qualquer dos casos, implicavam a negação ou a falencia de uma vida inteira. E, se por acaso publicadas, essa iniqua falta de respeito pelo trabalho e aprobidade alheia trazia consigo implicitamente a condenação unanime de quem a praticava.

Presumiamos, emfim, que, girando essa campanha em volta duma questão, que interessava às relações de dois paises e à politica interna de cada um dêles — deliberadamente obscurecida pela razão de Estado e o conflito multiplo de interesses politicos opostos — se tornava evidente, até para as inteligencias menos penetrantes, que uma severa discrição se impunha aos acusados, e lhes era impossivel defender-se antes de tempo, sem cair na traição aos principios ou na delacção dos individuos.

Enganámo-nos. Não foi assim. Accumularam-se contra nós as acusações de trair a Pátria, conspirando contra a sua independencia, de entrar em operações financeiras com as miras e os lucros dos aventureiros, ou de prosperarmos na vida privada à custa de expedientes vis. E uma parte da imprensa franqueou as suas colunas a certas infamias com tanto mais solicitude, quanto, na quasi totalidade provinham de um suposto emigrado e correligionario nosso, na presunção inadmissivel de que esta circunstancia dava autoridade ao acusador e legitimidade à publicação dos seus requisitórios. Com efeito, e prescindindo até do passado do homunculo, havia nos seus ataques tanto de manifestamente gratuito e na sua conduta politica temanha duplicidade e inconsequencia, por tal forma no seu delirio difamatório transparecia o odio e a sanha cobarde de quem se julga tripudiando a salvo sobre um cadaver, que, só poi si, esta baixesa repulsiva lhe devera ter roubado, já não dizemos a solidariedade de todos os republicanos e espiritos equanimes, mas, sequer, a complacencia dos nossos inimigos politicos mais obcecados.

Não foi assim ; e, como remate lógico, uma que outra voz, sobresaltada com os efeitos da campanha, aconselhou-nos de longe a responder. Seja. Pois se ha homens, na verdade, que se deixem abalar por uma campanha tão manifestamente caluniadora, não recusemos nós às suas debilidades de caracter ou de entendimento, que podem ser momentaneas, a atenção compreensiva que se negou à coerencia e à integridade duma vida inteira.

E, se hoje nos resolvemos a responder isoladamente e sem mandato alheio, não só às acusações que se fizeram apenas contra nós, mas às que envolveram tambem amigos nossos, é pelos direitos e deveres do mais visado. Destruindo alem daquelas, e por maneira eloquente, as calunias que em maior numero nos foram assacadas pessoalmente, oferecemos aos leitores um estalão para aquilatar da procedencia das demais.

Qual, em resumo, a acusação lançada contra nós e os nossos companheiros? Haver realisado um emprestimo com um financeiro espanhol, à sombra de cujo nome e com cujo auxilio se adquiriram armas, supostamente destinadas a auxiliar a eclosão dum movimento em Portugal, mas com o secreto e inconfessado fim de as traspassar aos socialistas espanhois — operação duplamente beneficiosa para os acusados, que se locupletaram com as comissões do credor e do comprador.

Aqui chegados, antecipemo-nos a prevenir os *gourmets* do escandalo que não esperem de nós, por forma alguma, as retumbantes revelações na espécie, que os direitos ou as exigencias da defeza lhes podiam prometer. O que no estado atual do problema politico em Portugal e na Espanha podemos opor a estas acusações não é muito ; e, ainda assim, tememos que seja em demasia.

Não obstante, medidas todas as responsabilidades e ponderada a oportunidade de o fazer, categoricamente declaramos :

I. — Todas as nossas actividades politicas no extrangeiro obedeceram sempre a um unico e mesmo objectivo. continuamente ditadas pelo sentido da coherencia e da lealdade conjuntas com os principios e os homens.

II. — Repelimos — e vexa-nos faze-lo — a espécie infamissima que nos atribue comissões ou lucros pessoais, e estamos absolutamente seguros de que todos os individuos ou colectividades extrangeiras que trataram comnosco assuntos de caracter politico, fôsse qual fôsse o seu objectivo e substancia, hão-de garantir, além da nossa fidelidade aos deveres de portugueses e do fervoroso devotamento à causa que defendemos, a nossa isenção pessoal.

III. — Todas as noticias sobre êste caso enviadas aos jornais são, quer por ignorancia duns, quer por desfiguração premeditada doutros, falsas ou precarias. E, quando chegar a hora em que, sem damno para outros e elevados interesses a defender em Portugal e a respeitar em Espanha, os factos se possam esclarecer, então se verá que nesta maquiavélica mascarada as responsabilidades dos actos infamantes ou não, que se tenham praticado, se destribuem entre nacionais e extrangeiros por forma bem diferente daquela que a imprensa tem apregoado.

IV. — Emquanto êsse momento não chega, o mais alto dever e o mais penoso sacrificio dos acusados é calar. O brio dos que defendem uma Causa pode levar a essa espécie rara de altruismo : suportar a acusação injusta, dispondo dos meios para confundir o acusador.

Áquelas acusações misturou-se tambem, declarada ou implicita, a de trairmos a Patria e conspirarmos contra a sua independencia.

As preocupações medulares da nossa obra de escritor durante os ultimos anos dão-nos, porventura, nêste caso, a vantagem de poder patentear com mais eloquencia a absurdez da acusação. Nunca em nossa espirito o universalismo das aspirações politicas prejudicou o interesse pelos problemas nacionais e o amor da Patria, como parte predilecta da Humanidade.

Inimigos de todos os nacionalismos estreitos e agressivos, feriu-nos sempre o sentimento da injustiça clamorosa dos extrangeiros para com os portugueses, obscurecendo ou negando a parte imensa que tiveram na obra da civilisação universal. E aquêles que conhecem os nossos trabalhos não ignoram com quanta pertinacia nos hemos empenhado e empenhamos em estudar, enaltecer e divulgar essa colaboração — tarefa tanto mais grata ao nosso espirito, quanto aquela obra nacional se nos apresenta profundamente impregnada de sentido universalista nos objectivos ou nos resultados. Nas precarissimas condições duma vida cortada de sobresaltos de toda a espécie, privados de estabilidade espiritual e material, tão necessaria ao trabalho intelectual, sem qualquer estimulo ou apoio alheio, não deixámos de divulgar em varias linguas o resultado dos nossos estudos, nem de proseguir com afinco as investigações respectivas, invertendo nelas com frequencia os magros recursos proprios, quando em casos tais é de habito recebe-los do Estado, interessado em promove-las.

Como consequencia, algumas das nossas reinvidicações começam a ganhar direito de cidade nas obras dos historiadores extrangeiros ; e não ha dois anos que, durante um curso realizado na Universidade de Sevilha a convite do *Centro de Estudos da Historia de América* tinhamos a satisfação de ver que algumas das nossas mais ousadas reinvindicações eram aceites por distintos historiadores e estudiosos espanhois, que seguiram

1525

as lições respectivas. E, mau grado essa orientação rasgadamente reinvindicatoria, conhecida nos meios cultos espanhois, e à qual, a não ter fundamento, havia de rarear o ambiente, eramos ha poucos mezes convidados pelo Museu Naval de Madrid, a fazer nas suas salas, no comêço do ano proximo de 1935, um curso sobre os *Descobrimentos dos Portugueses*, com a condição aceite, de que as lições seriam editadas e publicadas por aquela instituição oficial, que honra a Espanha.

Pormenor eloquente: como sucede muitas vezes com as obras de reinvindicação histórica, a nossa afecta certas afirmações consagradas pelo tempo e que outros povos anexaram ha muito ao seu patrimonio nacional; e acontece que, por aquêle motivo, alguns historiadores italianos lançam sobre nós a acusação explicita ou implicita, em suas ácidas diatribes, de excesso e cegueira nacionalista.

Em Portugal, em compensação, brindam-nos com a acusação publica de traidor à Patria.

Para mais, os nossos acusadores concretisaram certos factos tendentes a demonstrar que prosperámos à custa das comissões recibidas de emprestimos e negociatas de armas. Segundo certo articulista, com êsse dinheiro pagaramos as dividas; segundo outro, haviamos instalado uma «faustosa residencia em Madrid». E deu-se egualmente a entender que a nossa conduta como presidente da Comissão de assistencia aos emigrados de Madrid estava longe de ser correcta. Vencendo a natural repugnancia em prestar contas publicas sobre assuntos desta espécie, categoricamente declaramos:

I. — Temos vivido no extrangeiro principalmente à custa do nosso trabalho e do patrimonio herdado que nos vimos forçados a alienar. Durante êstes ultimos sete anos hemos trabalhado para dez casas editoras, portuguesas, francesas e espanholas; escrevemos atualmente e ha cêrca de dois anos conjuntamente para trez dessas emprezas; e realizámos cursos pagos nas universidades de Madrid, Santiago de Compostela e de Sevilha. Apesar disto, é certo, que tivemos que recorrer ainda ao crédito junto de pessôas de familia ou amigas, nenhuma das quais poderia confirmar a noticia de havermos saldado qualquer dessas dividas.

II. — Redondamente falso é equalmente o que se disse sobre a casa que habitavamos na *Calle de Ayala*. Bem pelo contrário, fomos dentre os emigrados que viveram durante anos em Madrid com as familias respectivas, um dos poucos a quem, apesar dos reiterados esforços nêsse sentido, a estreiteza de recursos nunca permitiu montar vivenda. A parte dum andar que habitavamos na *Calle de Ayala* era alugada com mobilia, e esta mais do que modesta. E é bem de ver que, se alguma vez houvessemos disposto de recursos bastantes, não deixariamos de montar casa, o que diminuiria em muito o esfôrço mensal no pagamento do aluguer.

III. — Quanto ao caso da Comissão de Assistencia aos emigrados de Madrid da qual, durante mezes, e a prementes instancias de amigos, fômos presidente, tudo o que se afirmou o repelimos por infame. Dissolvida aquela Comissão por iniciativa propria, o seu tesoureiro prestou contas em Assembleia Geral de emigrados, a qual, por unanimidade, aprovou um voto de agradecimento aos respectivos membros. Pelo que nos diz respeito pessoalmente, afirmamos que nunca, em periodo algum da nossa vida, fizemos conjuntamente tantos sacrificios morais e materiais para honrar aquela função de que nos haviam investido.

IV. — Um facto dado como prova e exemplo da maneira arbitraria e deshonesta como dirigimos essa obra de assistencia e por que pretende atingir tambem a honra dum amigo nosso, marece mais demorada referencia. «Para exemplo basta dizer-se, escreveu-se, que um dia o senhor Luis de Tapia mostrou ao ilustre pintor Guilherme Filipe um recibo em que constava que Jaime de Morais recebera para alugar um *chalet* uns milhares de pesetas, que constituiam o fundo da Comissão de Assistencia aos republicanos espanhois emigrados nos ultimos anos da monarquia. En compensação dezenas de emigrados passavam dias sem comer, mas o senhor Morais tinha que viver num *chalet* com calefacção e radio ...»

Trata-se, na verdade, dum caso tipico, e que servirá para aquilatar dos processos de formação das infamias contra nós lançadas e os nossos amigos. Com efeito, existiu uma Comissão de auxilio aos emigrados espanhois, em tempos da monarquia, da qual faziam parte D. Luis de Tapia, assim como o ilustre médico e escritor D. Gregorio Marañon. Havia essa comissão resolvido aplicar os fundos que restavam a auxiliar os emigrados politicos de varias nações, refugiados em Espanha. Conhecedores dêsse facto, conseguimos que a maior parte da quantia ainda existente revertesse por fracções até à soma de varios milhares de pesetas, para a Comissão de assistencia aos emigrados portugueses.

Secedeu que o Dr. Jaime de Morais teve durante mezes um filho em perigo de morte, atacado de doença grave. De combinação com o médico assistente, pedimos ao Dr. Marañon para examinar o filho daquêle nosso amigo. Depois de aceder com pronta gentileza, comunicaram-nos os dois médicos ser indispensavel, como primeira condição para tentar a cura, buscar outra casa ao doente, pois aquela em que vivia estava longe de reunir as condições higiénicas indispensaveis. Aos dois respondi que, por certo, ao pai do enfermo seria impossivel, dadas as dificuldades da sua vida de emigrado, resolver êsse problema com a necessaria prontidão; e ao Dr. Marañon roguei que, com seu alto prestigio, procurasse conseguir um logar para o doente em hospital adequado. Passados dias, o ilustre médico fazia-me saber que êle com alguns amigos tinham resolvido tratar do caso e procurar para o enfermo a vivenda necessaria nos arredores de Madrid. Dessa escôlha encarregou-se o clinico assistente, que não só elegeu o logar e a casa, mas deu os primeiros passos junto do proprietario para o seu aluguer. O Dr. Marañon resolvera que as despezas dêste, por alguns meses, se fizessem à custa do fundo da Comissão, à qual tanto êle como D. Luis de Tapia pertenciam. O pai do doente, a quem não era licito recusar êste oferecimento, aliás delicadamente feito em nome da solidariedade profissional, assinou para aquêle fim um recibo de mil e quinhentas pesetas, quantia esta que, com efeito, lhe foi entregue por D. Luis de Tapia. Acrescente-se que, a esta data, já essa Comissão terminara, havia meses, com os auxilios que tão generosamente e durante algum tempo, prestara áquela de que tinhamos sido presidente. Ai fica a historia do famoso *chalet* do Dr. Jaime de Morais o qual, para cúmulo de falsidades, nunca teve calefacção nem radio, e a verdade tão facil em tudo de verificar sobre êste caso que, aliás, tanto honra aquêles dois médicos espanhois.

Supomos haver dito o bastante para inutilizar tanto as calunias lançadas sobre nós e os nossos companheiros, como aquelas que em maior numero nos visaram pessoalmente. Desafiamos os nossos detratores a que oponham provas às afirmações categóricas que ai deixamos.

Quanto ao resto, à parte politica propriamente dita, não podemos dizer mais, nem nos parece necessário. Nisto, de «crimes politicos» o mais prudente é relegar à historia o juizo definitivo. E nem nos faltaria a coragem para nos contentarmos com uma espécie de *veridictum*, que tantas vezes não aproveita mais que à memoria do acusado.

Com efeito, a adesão profunda a um ideal faz-se para além das circunstanscias mais ou menos favoraveis do tempo; e ha épocas na historia tão perturbadas que certos principios vivem apenas pela fé obstinada dum numero limitado de crentes. A êsses, e por isso mesmo, cabe a missão de afirma los a todo o custo. E são êles tambem os primeiros a pagar em sofrimento, em solidão amarga, em negação de fariseus, o preço das defecções e extravios colectivos. Em nosso conceito, merecer e suportar sem desfalecimentos esta espécie de ostracismo constitue precisamente uma das mais perfeitas afirmações da dignidade humana.

Dez. de 1934 JAIME CORTESÃO.

P. S. — Este documento foi enviado à Comissão de Censura, começando pelas seguintes palavras:

«Por se tratar dum caso de legitima defesa da honra pessoal, esperamos que o governo português não se oponha, por intermédio da Censura, à publicação do que segue».

Quisemos assim elevar a decisão do caso a um organismo superior, com maior compreensão das suas responsabilidades, para não perder a minima probabilidade de obter a publicação respectiva. Apesar disto essa publicação foi negada, não a qualquer parte, mas à totalidade destas declarações.

Deixamos o comentario às consciencias rectas; e a essas pedimos o favor de difundir o mais possivel êste documento.

J. C.

Rep. 12.8V.35

Armando:

9-4-1935

Com carradas de razão terás extranhado o meu silencio e perguntado quais as suas causas. Ai vão. A par duma grave crise moral, isolamento, doença da Saudade, prisão do Antonio, etc, uma extranha aventura do espirito. Depois de tantos anos em que a fonte da inspiração poetica, quasi me secara, de subito caí em transe de produção, tão activo, tão intenso e absorvente que ha uns tres meses de nada mais cuidar, a não ser, claro, as obrigações literárias do ganha-pão. Não te escrevi, como a quasi ninguem, a não ser tambem em correspondencia de mais estricta obrigações familiar.

A uma pergunta haveria respondido, se as condições daí não tivessem mudado: à que diz respeito ao teu auxilio aos meus trabalhos. Entretanto, em parte, por influencia minha, resolvia-se continuar aí a entregar subsidios a algumas pessoas, entre as quais, a ti. E eu escolhia dos meus trabalhos de historia para continuar a trabalhar, aqueles que não necessitavam de investigação. Tinham desaparecido as duas razões que poderiam apressar a resposta.

Quanto, ao futuro, por agora não sei, se terei de prescindir de trabalhos que demandem longa investigação, tanto me é necessario restringir o meu orçamento. Para mais estou com grandes receios de que um dos

1557

editores espanhois em fique a dever uma quantia bastante grande.

E a proposito, julgaei que tinha aqui comigo o volume dos Ensaios sobre a Estatistica das p. p. no Ultramar, de Lopes de Lima, referente à Guiné e Cabo Verde. Depois de muito procurar, e em vão, disse-me a Carolina que tu, antes della encaixotar os livros, retiraste os que te pertenciam, como era de teu direito. Sucede, porém, que, em para a redacção do ultimo capitulo que tenho de entregar em poucos dias para a Hist. de Portugal, contava com esse vol. Faz-me uma falta enorme. Agradecia-te, se podesses enviar-mo com a maior urgencia, em nome da Carolina e sem o meu apelido.

Leio num número da Seara N., que por acaso aqui me chegou, que vai sair o teu trabalho sobre cartografia, ainda este mez. Tenho o maior interesse em le-lo. E se mo enviasses este mez, aproveitar-me-hia e cita-lo-hia ainda ~~[illegible]~~ em capitulo da Hist. que tenho de acrescentar.

Peço-te o maior segredo sobre a producção poetica. Vou tentar publica-la com pseudonimo, unica maneira, segundo creio de imprimir-se, se ainda assim a censura permitir.

E tu que fazes agora? Com os melhores desejos de saude para ti e todos os teus abraça-te o teu irmão ~~[illegible]~~ amigo.

P.S. Direcção pedida:
Alexandre de Seabra
Temple University
Box 223
Philadelphia, PA.

Rep. 27.

21-4-1935

Armando.

Mil agradecimentos pela tua carta e pelos esforços que empregaste em satisfazeres o meu pedido. Felizmente o Damião Peres, que tinha a maior urgencia no meu original, deu-me, à ultima hora, mais um mez de prazo. Isto me permitirá aproveitar pelo Lopes de Lima mais algum tempo e poder aproveitar ainda do teu trabalho, na parte relativa ao periodo que estou tratando. Mas peço-te que de toda a maneira possas completar-me o vol. do L. Lima. É-me indispensavel. Trata-se da historia da administração colonial, ainda que resumida, de 1640 a 1817. Não deixo, como vês, apenas uma citação. Preciso de estudar o vol. indispensavelmente ramo da historia. Ainda que menos necessário, também me seria muito util ter algum trabalho sobre Macau, nesse periodo. O que tenho aqui é insignificante. Se puderes também completar-me algo sobre o assunto, muito te agradecerei.

Espero ansiosamente o teu trabalho, que lerei com a maior atenção. Podes contar com uma opinião sincera e fraterna. Nem outra te poderia dar.

Agora um outro pedido. Na Biblioteca do Escorial existe um manuscrito portuguez, que no Catalogo tem a cota C III. 22 e o seguinte titulo:

1555

Livro de sonetos e octavas de diversos auctores. De 1598.
Pedia-te para mandares fazer fotocopia das seguintes poesias:

Carta. Guanhei senhora tanto em querernos (fols 10 r. – 11 r.)

Carta Neste deserto vino desterrado (fols 11 v. – 12 r.)

Outra carta. Parti-me do meu bem, triste partida! (fols 12 r – 14 v.)

Carta Tres vos escreuj s[e]nnora (fols. 44 r. – 45 v.)

Claro que te enviarei o dinheiro para toda a despesa, incluindo a viagem ao Escorial, se tiveres de ali ir.

Razão do meu interesse, absolutamente secreta: creio que 2 ou 3 destas cartas são de Camões e ineditas. A primeira é dele e impressa. Estou em correspondencia com um especialista no caso, em Portugal, e se fôr, como eu suponho, publicariamos algo sôbre o caso.

Se necessitamos do dinheiro adeantado para as despesas, dize. Como podes compreender, tenho grande interesse muito.

Infelizmente o caso da Saúde é pesar do que parecia. Terá que ir para altitude em Portugal. Estou vendo com o S. Silva se arranjo coisa compativel com a minha situação. Creio que sim. O Antonio continúa preso, por imposição da Policia de Informação.

Parece-me excelente o teu projecto de ir trabalhar pa. Londres. Se assim fores passarias por aqui. E, como nessa altura devo ter casa, passarias aqui uns dias. Espero me informes sobre o caso.

A melhor saude aos Teus! Abraço-te o teu irmão

[illegible]

[illegible]

Rep. 7. V. 35

Armando:

2 maio 1935

Mil agradecimentos pela satisfação que dente e estás dando aos meus pedidos. Recebi, com efeito, o vol. do Lopes Lima. Peço-te para agradeceres, em meu nome e com os meus afectuosos cumprimentos, à tua Mulher.

Segue a carta que dirijo para o Marinho. Ha tempos, o Novais fez-lhe apresentar o Camilo e Mulher, como meus parentes, para efeitos de consulta. Não lhes levou nada e foi muito atencioso. Com efeito só agora o soube e por isso só agora agradeço.

A Carolina deve passar por aí muito brevemente para acompanhar a Saudade a Portugal. Creio que irá para o Caramulo. Felizmente tenho uns 6 contos a receber neste momento da Hist.ª de Portugal, pois tenho trabalhado sem descanço.

Agora uma informação só para ti. Devo partir no domingo próximo para Paris, onde vou fazer uma tentativa com o meu companheiro, junto duma personalidade com quem estamos muito ligados e que podes calcular quem seja, para ver se conseguimos renovar os fundos daí, que, como sabes, estão exgotados. Além de tudo o mais, temos deveres imperiosos de assistencia aos presos. Se conseguirmos alguma coisa em termos, eu procurarei, quanto possivel, que se atenda ao teu caso.

1556

Aproveitarei a ocasião para trabalhar ali na B. Nacional, de que estou muito necessitado, como podes calcular. Se tiveres os documentos do Escorial prontos, peço-te mos envies para ali dirigidos a J. Z. - Hotel ~~Capitão~~ Acropole, boulev. Saint. Germain e a nota das tuas despesas.

Repito: peço-te sobre esta viagem segredo absoluto. Camilo e Cesar sabem, mas melhor será não lhes dizer nada. Conto demorar em Paris, pouco mais ou menos, uns 10 dias.

Estou neste momento fazendo esforços em Portugal para arranjar editor para um livro, e caso o consiga, irei utilizar muito o teu trabalho. Se conseguir, te direi o que é. Espero notícias tuas em Paris. Se duli duzeres algo, dize.

Abraços-te o teu irmão mt. amigo.

Resp. 10. V. 35

Armando:

Paris

7-V-1935

A direcção que te enviei, por erro do informador, era insuficiente. Peço-te que escrevas para

Acropolis Hotel
160, boul. St Germain
Paris (VI)

Por certo não me demoro aqui menos de dez dias. Gostaria muito de aqui receber o teu livro, pois poderia aproveitar de qualquer referencia bibliografica que aí colhesse. Mas será quasi impossivel, muito mais se confiaste esse encargo ao Camara Reis.

Acabo de chegar e por emquanto tenho apenas sono. Abraço-te o teu irmão ~~T.~~ amig-

1554

Armando:

Rec. 14. V. 35

Paris
Acropolis Hotel
160, boulev. St Germain

11. V. 1935

Recebi a tua carta ontem e hoje as fotocopias, algumas das quais, por sinal, quasi ilegíveis. Não conheço o folheto de que me falas e gostava, claro, de ver-lo. Peço-te que mo envies.

Não envio hoje o vale com as pentas, porque me parece raro envia-las para a posta restante. Será isso regular? Não terás outro endereço? Responde e na volta do correio seguirão.

Tratarei do teu caso, como dizias. O Le Gentil fez comprar-vendas em varias revistas sobre assuntos portugueses. Com certeza te faria uma boa notícia; e eu estou nas melhores relações com ele. Se quizeres gastar o ex., dize, que tratarei tambem por aí.

A Nacional só abre no dia 13. Mas como ~~que~~ tenho a bibl. da Sorbonne às minhas ordens (até trago livros para casa) estou mto. fatigado; e por isso escrevo pouco.

Abraça-te o teu imm. mto. amigo,

1553

Rg. 22. V. 35

Armando:

Recebi hoje a tua carta e folheto com os programas da tua obra. Mil agradecimentos.

O La Roncière tem estado fóra, mas amanhã devo falar com ele. Quanto ao Le Gentil, o seu nome todo e direcção é

George Le Gentil
1, rua Monticelli (XIVe)
Paris.

Segue hoje o vale de correio e amanhã ou depois seguirá o livro de Le Gentil, que tenho muito gosto em oferecer-te.

Bem poderá ser esse projecto de que falas. A dificuldade está no editor. Espero pelo teu livro, para ver o que tem e o que lhe falta. Eu por aqui também encontrei ainda umas coisas em matéria de cartografia, ainda que assuntos para estudar à la longue.

Por hoje mais nada. Bem vos escreverei mais. Um abraço [illegible].

1552

Rep. 4. VI. 35

Armando:

Biarritz
1. VI. 1935

Não extranhes o meu silencio. Os ultimos dias de Paris passei-os na cama com grippe, com cujos restos vim para aqui, muito fraco e combalido.
Para mais, em plena doença, recebi um telegrama do G. de M., anunciando-me que os dois acabavamos de ser expulsos de França, donde deveriamos sair num prazo de 12 dias, hoje aumentado de 3.
Temos, pois, de vair de França no dia 9 do corrente e daqui no dia 7, se não derem resultado as demarches que varios amigos meus, escritores e prof. da Sorbonne, fazem em nosso favor.
Tremendissima espiga, depois das enormes despesas feitas com a ida da Sandonne para o Caramulo, onde já está fazendo o pneumotorax!
Vai realizar-se em Paris um Congresso internacional de escritores, cujo Comité me convidara a assistir; e eu está-se interessando pela revogação do estupido mandato.
Não obstante tudo isto, não me esqueci do teu caso. O Le Gentil ocupar-se-ha largamente da tua obra no Bulletin Hispanique; o La Rouciè-

1551

com quem falei largamente, no Bulletin de Géographie, mas dentro dum ano!

Aconselha-te, todavia, a enviar a tua obra às duas pessôas indicadas na nota junta, recomendando-te do nome dele. Disse-me que lhes falaria. No entanto, na ocasião de lhe enviar a obra, seria bom lembrar-lhe esta promessa, que me fez.

Tambem comprei o ex. da Litter. Portugaise, que ainda hoje não segue, porque estou tão arrazado que para escrever esta carta, o tive que fazer por 3 vezes.

Se tivermos que sair, iremos para Bruxelas. Conheces ali alguem. Que me possa ser util?

Abraça-te o teu irmão amigo

J.

P.S. A saúde um pouco melhor. E a tua gente? Armando:

2. VII. 1935 Rep. 7. VII.

BIBLIOTECA GERAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Obrigado pela tua carta. Ainda não sei nada de definitivo sobre a minha situação, embora as impressões actuais sejam más.

Recebi ontem carta do Sr. Gentil, dizendo-me que tinha recebido os dois volumes do teu livro, pedindo-me para te transmitir os seus agradecimentos e prometendo escrever um compte-rendu para o Bulletin Hispanique, onde sairá, "por certo", no número do I de janeiro próximo. Antecipava já as suas boas impressões.

De Portugal nada sei. No Congresso dos Escritores para a Defesa da Cultura tive certo êxito pessoal. Fiquei com muitas relações, algumas das quais espero me sejam provistosas.

1550

Confidencialissimo: Ha aqui um consul, o de Rouen, Anatoxy, que tem passado recentemente passaportes aos emigrados que os dirijam. Mas ha que paga-los, porque ele não recebe nada do Estado. Queres que tente um para ti? Se assim for, manda os retratos e o dinheiro - 180 francos. Infelizmente estou por tal forma ~~[illegible]~~ exgotado com as despezas de Portugal e daqui, que não me é possivel adeantar o dinheiro. Assim envies as coisas a tempo, porque estão a fazer-lhe uma sindicancia ou coisa parecida. Creio que o Camilo tambem necessita. Claro: são passaportes para todos os paizes. Peço-te que o procures imediatamente e lhe transmitas isto mesmo que te digo, e que breve lhe escreverei.

Quanto aos papeis peço-te egualmente que fales com ele. Ele deve estar em condições de arranjar alguem que os guarde. Escreve e dize como vão os teus trabalhos e quando segues pa Londres. Um abraço do teu [illegible]

Rep. 25 - VII

Armando:

24. VII. 35

Recebi antem a tua carta, a que só hoje respondo, porque só hoje tenho resposta à tua pergunta, que obtive aqui por intermédio dum amigo, que a foi perguntar ao Zé Domingues, patrão político do nosso homem.

O Anahory foi demitido ha trez dias, ou antes recebeu essa notícia nessa data. Ao que parece ainda se demora uns dias em Rouen. Para não perder tempo, pois, eis o que te aconselho: dirige-te directamente a

Isaac Anahory
Consul du P.
Rouen

1545

valendo-te do meu nome, se o
não conheces, e pedindo-lhe que
te passe um passaporte nas condi-
ções que desejares e com antedata.
Creio que to fará, atendendo
ao caso, que pintarás
com as cores levemente carregadas.
Ele já não tem que perder...
Mas é necessario não perder um
momento.

Recebi enfim ha dois dias
os dois formulaveis vol. da Car-
tografia. Começo agora a ler.
Apenas terminar, direi da
minha justiça.

Eu tive prolongação do sursis até
15 de agosto. Espero que conti-
nuem a prolongar. E desejo
bem que escapes breve dessa bor-
rasca.

Eu trabalhando quanto posso.
Da saudade, más noticias...
Não recebi a tua carta de Bou-
logne.

Continua a dar as tuas noti-
cias. Um abraço do teu
irmão — T. amigo

Vieira

Armando:

6. XI. 1935 Resp. 1º +1

O meu silencio não se filia nas causas que supões. É uma consequencia do meu drama. Forçado, sem o menor auxilio, a arrancar da pena o indispensavel para manter-me aqui com a Carolina, e em Portugal os tres filhos, dois na Universidade e um no Sanatorio é tarefa que exgota, oprime e enche de angustia. Os editores pagam, quando querem ou podem, o que mais complica a situação.

Dentro deste terrivel mecanismo, que me ocupa todo o tempo, ainda não acabei a leitura total da tua obra, — e esse tem sido o motivo do meu silencio, pois era meu desejo fazer-te um compte rendu total das minhas impressões. Li o primeiro volume de uma assentada, numa rapida aberta das minhas preocupações. O segundo, que encetei, não terminei. Posso, não obstante, dar-te desde já e sumariamente as primeiras impressões colhidas. O resto ficará para mais tarde, por carta ou conversa, se aqui vieres.

Tomé Pires

O teu livro é uma obra notavel pelo enorme trabalho que supõe e pela benemerencia do esforço. Constitue hoje um excelente instrumento de trabalho indispensavel para quantos se ocupem do assunto. Tem uma soma formidavel de dados, quer novos, quer dispersos e mal conhecidos, permitindo rever o tema em bases muito diferentes.

Os dois defeitos principais de que sofre, a meu ver são: 1º. excesso de analise, em detrimento da sintese; massa enorme de factos e documentos por elaborar; 2º. o senso critico, mau grado a tua boa vontade, nem sempre está à altura do grande esforço realisado. Pecas, com frequen-

1546

cia, por nacionalismo. Estou sem completo desacordo com o capitulo sobre Colombo. Partes de bases falsas. Tambem pouco creio que a chamada carta de Colombo seja portuguesa. Suponho até que tu estás pouco convencido disso. Divirjo egualmente da data que lhe assinas.

E eis por agora. Em conversa ou com tempo te direi e indicarei muita cousa. Tomei notas e tenho coisas a indicar-te.

– Lastimo sinceramente a tua situação. Por pouco brilhante, não será inferior à minha. E bem gostaria, como calculas, ver-te por aqui algum tempo.

Imagina que, além de tudo, o caso da Laudade complicou-se. Tem que fazer uma operação, por operadores extrangeiro, e não sei como paga-la. Aliás, neste momento tenho apenas trabalho para uns 3 mezes. Terminei os Descobrimentos precolombinos dos portuguezes e entou agora a contar com a Historia do Brasil, os dois trabalhos para a casa Salvat, de Barcelona.

Essa edição da Cronica da Guiné seria, com efeito, de interesse. Falaste-me em tempos duma colaboração para o Geographical Journal. Eu mesmo cheguei a fixar o assunto: Novos dados sobre o problema do descobrimento precolombino da America. Ser-me-hia facil fazê-lo agora... em portuguez. Já não será possivel?

– De Portugal anuncios dum golpe próximo dado por um grupo de generais, entre os quais o próprio Passos e Sousa. Tambem não creio. Ha outra tentativa, mas demorada, genero front populaire secreto. Ha talvez que esperar a possivel falencia do Mussolini. E ha o problema das nossas colonias. É positivo que se pensa atirar uma parte como um osso à fome e à ferocidade alemã, se não à propria Italia.

E a tua situação de emigrado politico aí? Eu tenho a minha regulada até 15 de fevereiro. Depois veremos. Escreve. Abraça-te o teu irmão muito amigo.

[illegible]

Pn. 19 Armando:

17. XI. 1935

Comecemos pelo caso da tua instalação e orçamento em Paris. A tua preocupação de ficar junto da Biblioteca Nacional não é pratica. Esta é no centro da cidade, onde tudo é mais caro. Creio que o melhor será ficares no Bairro Latino, onde tens duas excelentes bibliotecas a de Sta Geneviève e a da Sorbonne, alem doutras. E dali em 10 minutos por autobus ou metro estás na Nacional. No Quartier Latin, rue de l'École de Médecine, ha um Hotel de St Pierre, conhecido dos bolseiros portuguezes, de quem tenho estas informações, onde podes ter instalação decente por 300 ou 400 fr. por mez. Quanto à comida, isso varia muito, conforme o estaurante e o menu. Na propria B. Nacional, ha um pequeno restaurante para os leitores e funcionários, onde podes comer um almoço modesto, mas sofrivel por c. 10 fr. Isso mesmo e mais barato tens no Bairro Latino. Essa é uma das comodidades de ali ficares. Eu já ali almoçei ou jantei por 6 fr. e até menos! Se te servir esta solução, dize para eu dar os passos necessários.

- Quanto aos teus achados no British, bom é. Compensação a tantos dissabores. Pena tenho eu de não poder tambem ir lá fazer algumas investigações. Quanto ao carta da Etiopia, cuidado! Eu conheço de ha muito uma carta da Etiopia do sec. 17, que está publicada em mais que um livro. É o resultado de mais de 30 anos de trabalhos dos jesuitas, que ali estiveram até 1636. É um pouco mais antiga do que supões. Conhecem-

1549

-se os seus autores. A que descobriste não poderá ir muito longe desta. É certo que são coisas muito pouco conhecidas. Descobriu o que acabo de dizer-te? Se assim for, poderei ir aos meus verbetes e dar-te. Lei as indicações que tenho.

— Quanto ao artigo para o Geogr. J. desapontou-me o preço que anunciaste. Uma libra por 1000 palavras é muito mal pago. Sujeito a desconto, ainda peor. Contava, aliás, dizer-te que no caso de o traduzirem, devia ter uma percentagem. Mas assim hesito. Tinha ficado com a ideia, pelo que me havia dito em Madrid, que pagavam 1 £. por pag. da revista. Essa, tem cerca de 550 palavras. Tenho aqui um numero e fizo calculo. Poderia fazer um artigo, cheio de substancia. Dar documentos inéditos? Por esse preço? Envio-te ainda assim um ligeiro sumario. Poderia dar o artigo nos começos do próximo mez. Mas desejava, por minha parte, saber com mais segurança quanto pagam e quando. Esta ultima questão não tem para mim menor importancia, como compreendes. Extensão, seria melhor fixarem-na eles, na certeza de que, perante esse sumario, o artigo tem que ser longo.

— Bem pago seria essa edição da Cr. da Guiné que projectas. Por mais compendiosa que fosse, o preço era bastante remunerador. Sobre isso tenho muita coisa nova. Mas, como não passa ainda de projecto, não vale a pena falarmos.

— Agora um pedido: Em tempos o Pentage referiu-se a uma passagem dum ~~[illegible]~~ escritor inglez que em 1527 afirmava que o Brasil fôra descoberto pelos portuguezes antes da celebração do tratado de Tordesilhas. Estudei esse trecho, que me parecem ter mais importancia ainda que aquela que Pentage lhe atribuiu. Mas como se trata de in-

gles antigo, e eu até no moderno sou fraco, pedia-te para me enviares a tradução respectiva, revista por alguem de competencia, se a tua não chegar para os arcaismos.

O trecho aguido vem em

Hakluyt (R.) Divers voyages touching the discovery of America and the islands, London, 1850 Nessa edição vem The Booke made by the right worshipful Master Robert Thorne, in the yeere 1527... O passo que me interessa está em pag. 45 a 47 e começa: Also, it should see me, that... e acaba:

... the Cardes made by the Portingales, save those they have falsified of late purposely.,

O brigaiava-mer, se me enviasses isto com certa urgencia.

E se por aí se publicar trabalho que interessa os meus trabalhos, não deixes de avisar-me.

— De Portugal, nada de novo ou de interessante.

Abraços-te o teu irmão — t.º amigo.

P.S. Tamanho de artigo, cerca de 12 pag. ?

Rec. 23. XI. 35
Rep. 1. 1. 36

Armando:

Recebido a tua carta com a noticia sobre a resolução da Sociedade de Geografia, o mil agradecimentos pelos teus esforços e boa vontade. Escrever neste momento um artigo longo sobre o assunto, sem a certeza de ser publicado, não me convem. Necessito absolutamente dum certo numero minimo de francos e é-me dificil, neste momento, distrair tempo e esforço, para tarefa de proveito incerto. E bem necessitava de trabalhos deste genero, pois trabalhando para um unico editor, o fatigo com as remissas constantes de original e saques respectivos.

— O Reparaz, que tem uma encomenda dum trabalho sobre a Abissinia, deseja muito adquirir o livro de Charles F. Rey — The romance of the Portuguese in Abissinia ... 1490-1633, London, H.F. & Witherley, 1929. Escrevem para um livreiro de ai, que lhe disse estar esgotada a obra. Pediu-me para ver se encontrava aqui. Nos alfarrabista, a que fui, nem conheciam. O homem tem uma grande pressa de obter o livro. Não lhe poderias tu conseguir um exemplar, ainda quando não fosse senão emprestado? Tinha grande interesse em lhe ser agradavel por motivos, que adeante exponho. Podes, se assim o entendes, escrever-lhe directamente se alguma coisa conseguires. Nota: o maior interesse dele é adquirir o livro. Direcção. G. de R. Y.r Bruch, 170 - Barcelona. E a proposito: peço-te que me digas quanto pode custar em francos o livro do Pretage — The Port. Pioneers.

1548

— Aquele teu amigo, — Frazão de Vasconcelos, prometeu-me em tempos 50 ex. da separata do meu artigo do Arquivo Histórico da Marinha. Mandou-me, segundo creio, metade, e nada mais. Acontece que o Rodrigues Migueis que está em Nova York me escreve pedindo um exemplar para um escritor americano, que deseja ocupar-se do assunto, e me promete em troca alguns trabalhos, que me interessam. Como compreendes, o caso não é para depurar. Rogo-te, pois, escrevas ao Fr. de V. pedindo-lhe com grande empenho, para enviar um ex. da separata ou do num. respectivo do Arquivo a/ Dr. J. R. Migueis

C/O S. 1. P. A

93 - Nassau St. New York City

E, se fosse possível, enviar-me alguns ex. da separata, agradecia. O Arquivo parou?

— A saúde foi operada no dia 14, no Caramulo, por um operador de Barcelona. A operação correu bem, e as notícias até agora são boas. O Santos Silva, que foi do Porto, de propósito assistir à operação, finda ela telegrafou-me palavras animadoras. Ainda não sei quanto tenho que pagar, mas o Reparaz, que falou varias vezes sobre o assunto com o operador, e sponte sua, obteve dele a promessa dum preço mínimo e a pagar, quando me for possível. O rapaz portou-se mto bem. Por aqui, de saúde regularmente. Mas, quand même inquietos pela pequena. E dos teus que notícias tens?

Abraça-te o teu irmão mto amigo

P.S. Ainda, quanto ao artigo: não desisto de o fazer e de to enviar, se me deres algumas precisões sobre a possibilidade e o favor publicar.

Arq. 13.

Armando:

11. 1. 1936

Recebi a tua carta do dia e o postal de ontem. Respondeu ponto por ponto.

Quanto ao meu artigo. Nunca me respondeste a uma questão essencial. Depois de entregue e, se o aceitam, quando pagam? Vivo por tal forma, ao jour le jour, que me é quasi impossível trocar o certo pelo duvidoso. Acresce que redigir em francês me leva muito mais tempo. Se fosse possível, fazê-lo traduzir do português, procuraria uma aberta e falo-lhia, apenas, me fosse possível. Mil agradecimentos pelos teus esforços.

— Quanto ao Fr. de Vasc., com quem quasi não tenho relações, nada recebi até agora.

— Muito gostei de saber que tens aí livres do Boxer para mim. Do pouco que conheço deu-me a impressão de trabalhador concencioso. E oxalá obtenhas o do Tentage.

— A saúde está em plena convalescença. O caso por enquanto não corre mal. Mas imagina que o malandro do operador, depois de afirmar ao Reparos que eu não tinha que preocupar-me com pagamento, dada a minha situação de exilado e o facto de ser colega, chegou ao Caramulo e pez-se pagar de 3 mil escudos, creio que o mesmo que recebeu por cada um dos restantes 8 operados! O director do Sanatório é amigo íntimo do Salazar e situacionista ferrenho. E eu, sem dinheiro para pagar! Tomara poder pagar em dia a mensalidade da estadia.

1547

— Tenho interesse em ler esse artigo de que falas. Mandarei o que poder para Portugal. Chegarão ou não... Tu és maior e vacinado. Mas, como irmão permito-me fazer-te uma observação: não te convem aproximar-te muito do C. Leal. Tem um nome tal que a sua companhia, segundo meio, não pode beneficiar ninguem. Mas tambem é possivel que me engane.

Sinceramente te felicito por esse subsidio que conseguiste. Foi uma verdadeira sorte. Ignorava completamente a existencia de tal instituição. Não seria possivel que eu, em condições semelhantes às tuas, beneficiasse dessa Providencia? Neste momento tenho trabalho para pouco mais que um mez. Depois?!?!

— Quanto a Portugal secretissimamente, só para ti: Está-se tentando uma grande organisação genero Front Populaire. Recebo noticias bastante animadoras. Por enquanto um pouco caotico. Mas trabalha-se a serio. Recebo noticias directas, da melhor fonte, mas em cifra tão apertada que me escapa 50%. Sem optimismos excessivos, o meu scepticismo diminue. Irei avisando do que souber. E aqui falaremos. Creio, aliás, que é necessário contar com a evolução exterior, a que estou muito atento.

— Muito obrigado pelo que fizeste no caso do Pay. Creio que o moço não demorará a paga.

Abraça-te o teu irmão mt.

amigo.

Resp. 18.1

Armando

16.1.1936

Obrigado pela tua carta e impressos juntos do Academic Assistance Council, que ontem recebi. Não respondi imediatamente como é de meu interesse, pela necessidade de terminar ontem um pequeno trabalho. Estudados os papeis com atenção, ocorrem-me algumas duvidas que passo a expor-te, para que me ilucides, pois naturalmente possuem melhores elementos de informação.

I. Dos papeis não consta que a participação numa revolução impeça a concessão do grant. Como o sabes? É um ponto capital por causa da escolha dos informadores. Pergunta o Council a estes por essa especie de actividade? Nesse caso tinha que restringir o numero deles às pessoas a quem podesse pedir discrição.

II. Neste ultimo caso poderia indicar como seguros: ai, Boxer (segundo creio); aqui, Prof. Le Gentil; em Espanha, prof. Ballesteros, ou Americo de Castro, ou J.e M.a Ots Capdequi, director do Instituto Hispano Americano da Universidade de Sevilha, onde leccionei; em Portugal = Damião Peres, Hernani Cidade, David Lopes, J. de Carvalho. Aqui poderia tambem indicar o La Roncière. Foi sempre m.to gentil comigo. Considera-me um sabio! Mas é muito reaccionario. . Tenho tambem o Gabriel Ferrand. Mas teria que ir visita-lo; e ele está muito velho, e não sei quando responderia.

1543

A mesma duvida tenho do Roncière. Todos os outros considero gente fixe. Em vista do panorama d'aí peço-te me digas quais os nomes que melhor te parecem. É pena o que dizes do Prestage, pois nos seus livros mostra viva consideração por mim. Creio, todavia, que um nome de cada um dos 4 países bastará.
Devo dizer-te ainda o seguinte: No verão do ano passado houve aqui um "Congresso Internacional de Escritores para a Defesa da Cultura" no qual eu tomei parte como delegado dos escritores portugueses. Daí saiu a Associação com o mesmo título. Eu, como secretario do bureau portugues, pertenço ao bureau central de Paris. Por esse motivo podia aí mecher grandes nomes literários, como A. Huxley, Forster, etc. E aqui nomes, como o André Gide. Mas é tudo gente muito de esquerda. Convirá?

III. Quanto às perguntas do questionario. É necessario apontar quanto ganhava como director da B. N.? Tenho vergonha, pelo paiz, de o dizer. Quanto às religiões e ao "read, speak, write English" suponho que não é necessario responder.

– Voltando ainda à Associação Internacional dos Escritores, se a concessão do grant te parece duvidosa, e a intervenção duma dessas grandes figuras literárias inglesas eficazes, não me seria difícil provoca-la.

– Quanto ao artigo, na primeira alberta, escreve-lo-hei: Peço-te resposta pronta.

Abraça-te o teu irmão m.to amigo.

Armando:

Rep. 1. 2. 36

23. 1. 1936

Obrigado pelos teus segundos informes, conforme aos quais redigi os informes, que enviei ha 3 dias — do que já me acusaram recepção!

Entendi de meu dever escrever ao Boxer agradecendo-lhe o gentil oferecimento que te fizera, e enviando-lhe copia do meu curriculum vitae, lista de obras, e dum certificado da Universidade de Sevilha. Tambem te envio este ultimo. Se por acaso Mr. Adams, não conhecesse espanhol, pedia-te o favor de lho traduzires.

Desejava que me informasses, se te é possivel, da data aproximada em que o Quintanilha entrou em relações com o Ac. As. C. e, por intermedio de quem. Suponho que tenha sido por favor do prof. P. Rivet, mas gostava de averigua-lo. E le já foi assistido? E com que soma?

O Reparaz cumpriu?

De Portugal não tive mais noticias. Vem às revoadas. Em tendo mais direi.

Abraça-te o teu irmão mto. amigo

P.S. A. Lopes já está em Madrid com a tenhura.

1544

[signature]

Copia

UNIVERSIDAD DE SEVILLA

Centro de Estudios
de
HISTORIA DE AMERICA

Sr. Don Jaime Cortesao

Tengo el honor de poner en su conocimiento que en la sesión celebrada el dia 23 de los corrientes por la Junta de Patronato del Centro de Estudios de Historia de América , se tomó el acuerdo siguiente :

Oído por la Junta el informe del Sr. Director técnico del Centro sobre el éxito con que se ha venido desarrollando el Curso monografico explicado por el eminente historiador portugués Don Jaime Contesao debido a la alta calidad cientifica del contenido de sus lecciones, acordó que constase en Acta la satisfaccion de la Junta y que el Sr. Director técnico del Centro notificase por Oficio este acuerdo al Sr. Cortesao.

Sevilla , 24 de Enero de 1933.

El Catedrático-director técnico

José Maria Ots

2.12 | 1V

Armando:

3. IIII. 1936

Recebidas as tuas duas cartas com os informes respectivos, que muito agradeço. Transmiti o teu pedido ao Dublin, que prometeu mandar recado ao fotografo. A minha conferencia correu, ao que parece, bastante bem. Varios historiadores falaram no fim, e entre eles o la Roncière, que se referiu ao teu trabalho com louvor. A tudo os respondi com felicidade. Envio-te hoje pelo correio provas dos dois artigos do Archeion sobre o teu livro, - que pedi ao Mieli, para te enviar.

1538

Quanto aos livros, quando tiver dinheiro talvez pegue do Nansen. E tenho uma tal necessidade do livro dos Shillingtons e Chapman, que te peço encarecidamente busques saber se o editor ainda tem exemplares, — o que será provavel.

Soube que o Comite de As. Ac. tem em tramite processos para assistir o Abel Salazar e Rodrigues Lapa. Estes, pelo menos. Quanto a mim, nada por emquanto. Abraça-te o irmão [illegible] amigo

[illegible]

PORTUCALENSE EDITORA LTD.
BARCELOS

Barcelos, Junho de 1936.

Ex.mo Snr.

Dentro de poucos meses, a PORTUCALENSE EDITORA, LTD. publicará um novo trabalho do eminente historiador Dr. Jaime Cortezão, nome bem conhecido de tôdas as pessoas cultas de Portugal. A nova obra do Dr. Jaime Cortezão intitula-se **Portugal na História da Civilização**, e do seu alto merecimento científico e patriótico poderá fàcilmente julgar-se pelo sumário adiante publicado.

Desta obra far-se-á uma tiragem especial de cento e cinqüenta exemplares em papel Mellotex, numerados e rubricados pelo Autor. O preço de cada um dêstes exemplares é de 100$00.

Se V. Ex.a desejar que lhe reservemos algum exemplar desta tiragem especial, rogamos o obséquio de nos enviar o talão que vai junto a esta carta, devidamente preenchido e acompanhado da importância dos referidos 100$00.

De V. Ex.a

Mt.o At.os Ven.res e Obg.dos

PORTUCALENSE EDITORA, LTD.

1539

PLANO DO LIVRO

PORTUGAL NA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

PRÓLOGO

Conceito de civilização; método de trabalho; limites do assunto

I PARTE

ORIGENS E FUNÇÃO MARÍTIMAS DE PORTUGAL

CAPÍTULO I — **Formação de Portugal como Estado de economia marítima.**

CAPÍTULO II — **Conhecimentos geográficos e civilizações humanas ao findar a Idade-Média** (O Islam, o Oriente, a África negra e os ameríndios; os problemas técnicos, levantados pelo comércio cosmopolita; o franciscanismo — mística de expansão).

CAPÍTULO III — **O Infante D. Henrique e D. João II, organizadores dos grandes descobrimentos geográficos** (aperfeiçoamento e criação das técnicas navais: construção naval, astro-náutica, hidrografia, cartografia e meteorologia).

CAPÍTULO IV — **O Tratado de Tordesilhas e a parte dos portugueses no descobrimento da América.**

CAPÍTULO V — **Os portugueses no Índico e no Pacífico. O problema do descobrimento da Austrália pelos portugueses.**

II PARTE

OS PORTUGUESES MESTRES DAS TÉCNICAS NAVAIS

CAPÍTULO I — **O monopólio do Estado e a revolta dos navegantes** (A política do segrêdo geográfico e técnico; a oposição entre os interêsses do Estado e os da ciência; o paradoxo de Duarte Pacheco e D. João de Castro; o *Esmeraldo de Situ Orbis*, considerado como texto criptográfico; a solução dos «traidores»).

CAPÍTULO II — **Magalhães e a colaboração dos portugueses na expansão dos espanhóis** (João Dias de Solis, os Faleiros, Estêvão Gomes, Diogo Ribeiro, Rodrigues Cabrilho, Gonçalo da Costa, etc.; os descobrimentos de Pedro Fernandes Queiroz no Pacífico; etc.

CAPÍTULO III — **João Afonso e a colaboração dos portugueses na expansão dos franceses** (com documentos inéditos que provam a nacionalidade portuguesa do cosmógrafo, que introduziu a ciência náutica na França).

CAPÍTULO IV — **Linschoten e a colaboração dos portugueses na expansão dos holandeses e ingleses.**

III PARTE

EXPANSÃO GEOGRÁFICA NO INTERIOR DOS CONTINENTES

CAPÍTULO I — **A obra das missões na África, Ásia e América** (A Companhia de Jesus — instrumento de expansão e conservação; as relações dos jesuítas, seus trabalhos cartográficos e estudos de línguas indígenas; os dominicanos na África, Ásia e Oceania; os Carmelitas na Amazónia).

CAPÍTULO II — **Viagens de exploração no interior da África** (prioridade portuguesa na exploração do Sudão central, da Abissínia e dos grandes planaltos nos séculos XV e XVI; Duarte Lopes e o descobrimento das origens do Nilo, do curso do Congo e do planalto do interior; os jesuítas na Abissínia; as viagens de Jerónimo Lobo no Nilo; a cartografia do interior da África nos séculos XVI e XVII; Paulo Rodrigues e a exploração de Madagascar; etc.

CAPÍTULO III — **Explorações no interior da Ásia** (Bento de Góis e a exploração dos planaltos centrais da Ásia; António de Andrade e o descobrimento do Tibet e das fontes do Ganges: as explorações de Estêvão Cacela, João Cabral, Manuel Dias e Francisco de Azevedo no Tibet; etc.).

CAPÍTULO IV — **As explorações no interior da América** (integração territorial do Brasil desde Pero Lopes de Sousa e Pedro Teixeira a Manuel Felix de Lima).

IV PARTE

FUNÇÃO UNIVERSALISTA DOS PORTUGUESES

CAPÍTULO I — **Portugal — nação de quatro continentes e de quatro raças** (tolerância étnica e mestiçagem; sentido da espécie humana; comparação com os outros povos colonizadores; a conclusão de Hegel).

CAPÍTULO II — **Conseqüências económicas e políticas dos descobrimentos portugueses** (a expansão portuguesa na formação do sistema capitalista moderno, na hegemonia política da Europa, e na origem da civilização oceânica; as instituïções coloniais portuguesas, gérmen da colonização moderna).

CAPÍTULO III — **Inter-penetração de civilizações** (o que os portugueses transmitiram aos povos de África, Ásia e América; o que receberam deles e transmitiram aos europeus).

CAPÍTULO IV — **Ciência, arte e literatura de expansão** (contribuïção para os progressos da geografia universal, da história extra-europeia, das ciências naturais, da etnografia e da medicina tropical; o Renascimento e o Humanismo em Portugal).

CAPÍTULO V — A expansão dos portugueses na formação do espírito moderno e na unificação da história.

Apêndice documental e bibliografia

O livro constará de cêrca de 400 páginas em 8.º grande e será acompanhado de documentos inéditos, de reprodução de cartas, itinerários de viagens, retratos, mapas com os descobrimentos dos Portugueses, e com a nomenclatura geográfica de origem portuguesa em todo o mundo.

£ 5.5.0 em 25.V.36
e portal avindo

Armando:

22.V.1936

Recebi a tua 2ª. carta ao Salazar, que achei bem, ainda que o estilo da 1ª, salvo os reparos que então fiz, me parecesse mais castigado. Extranhei apenas que não fizesses referencia às declarações do Lloyd George — que entende que para calar a Alemanha se lhe devem dar colonias portuguesas. Já enviei quasi todos os ex. para Portugal.

Junto envio um cheque, que o meu editor de Barcelona me enviou — ultimo producto do meu trabalho para ele! — mas em libras e que aqui me não quizeram pagar. Quer dizer, enviaram-no para aí a pagamento, mas que antes de 12 dias não estaria aqui o dinheiro. 12 dias para mim é muito, pois já comecei novo trabalho, mas ainda não nubi nada. E, como me disseram que o meio mais rapido seria fazê-le toucher por pessoa amiga em Londres, peço-te o favor de o receberes e me enviares para aqui o dinheiro, em francos ou libras, deduzida a importancia das despesas que fizeres.

De Portugal não tenho noticias de interesse. A Ynoite continúa presa, e ha apenas a esperança... de a porem na fronteira.

Estou transformando a minha conferencia em artigo para ta enviar brevemente. Um abraço do teu irmão ent. amigo

[illegible]

1537

629 — 163 §

7 70.000 [illegible]

7 18.000

1.488.

"Tudo está em tal estado de [illegible]" [illegible] "[illegible] [illegible] [illegible] real..."

[illegible] Vg. [illegible] P.º [illegible]

Renda de Goa — 571.780 x.

=

1 x = 300 [illegible]

85916 : 775

775000 | 85916

775 | 86
87 8

25.775 | 86
857 299
835
61

Armando:

7. VI. 1936

Muito obrigado pelo trabalho que tivente com o cheque, que recebi, conforme anunciante. Desejava que me informasses sobre o que passo a expor-te.

Do dia 19 ao dia 23 deste mez realisa-se aí, em Londres, uma reunião do Bureau da Associação Internacional dos Escritores para assentar no plano duma Enciclopedia Internacional das Artes e das Letras. Fui convidado para tomar parte na reunião, e pagam-me as viagens. Tenho, por todas as razões grande empenho em ir.

1536

Mas não sei ainda o que me dão para a viagem e pedia-te para me informares da despesa que eu poderei fazer aí, em 5 ou 6 dias de estadia: — albergue, alimentação e transportes. Não terei muito tempo para passear, pois o programa dos trabalhos é um pouco carregado. Albergue e alimentação para emigrado. Necessitarei desse calculo para confrontar com o dinheiro recebido. É certo que tambem aí podem destinar alojamentos para nós. Mas só nas vesperas recebeu programa completo e dinheiro. Outra dificuldade é a do passaporte, que ainda não sei como resolver. Do que tinha terminou o prazo.

Estarás disposto a guiar-me aí um pouco?

— No dia 18 do mez passado devia ter arbentado uma revolução em Portugal, confiada por R. de Carvalho e com o concurso de muita gente da situação. À ultima hora, na vespera, o chefe (?) depois duma discussão com um oficial e o anuncio dum empenho que sobreveio, mas, ao que parece, de pequena importancia, raspou-se para a Espanha, com indignação geral. Trabalham para por a maquina de pé com novo chefe, que procuram. São noticias seguras.

A Yndite continúa na mesma situação.
E tu, apesar ser abrangido pela amnistia?

Abraça-te o teu irmão
Vt.º amigo

[illegible]

Rec. Resp. 9. VII. 36 Armando:

7. VII. 1936

Uma nova complicação vem apressar a minha partida para Madrid, mas em pessimas condições. A Juditinha fugiu do hospital, onde estava preza! E naturalmente procurará alcançar a Espanha. A inscrição da edição especial do meu novo livro é mais demorada do que pensava, mau grado o seu interesse. Junto envio um ex. do prospecto, para avaliares. Estou-me preparando para partir d'aqui no dia 12, mas irei quasi sem vintem.

Nestas condições peço-te que me digas na volta

1535

do correio se tens alguma esperança de fazer publicar com brevidade o meu artigo. Muito necessitava de sabê-lo, para deitar contar à vida.

Podes lembrar-me o nome d'alguem em Lisbôa que podesse colocar alguns ex. da edição especial do livro?

Abraça-te o teu irmão [illegible].

[illegible]

(P.S.) Vão juntos esses selos que daí trouxe a mim mesmo.

12 . VII . 1936

Armando:

Recebi hoje de manhã a tua carta com a notícia sobre a publicação do artigo, que me deu prazer e te agradeço muito. Pena é que demorem o pagamento, pois ha muito não tenho tão grande necessidade de dinheiro.

Por este mesmo correio escrevo ao Pontage, agradecendo, não obstante partir dentro de 2 horas para Madrid. Ainda não sei para onde vou, mas, se necessita-

1534

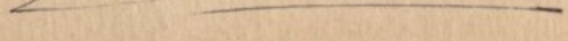
nes de me dizer alguma coisa com urgen-
cia, podes escrever-me ao cuidado de
J. de Castro — Rios Rosas, 4, 4º Ext. D. Madrid

Direcção do Mieli (A.)

Hotel de Nevers
12, rue Colbert (2º)

De Madrid escrevi. Um abraço de
[illegible]

[illegible]



Armando:

Madrid - Pension Rialto, Piy Margall, 22, 3º A

14 de Set. de 1936

É a terceira vez que te escrevo sobre o mesmo assunto, e estranharia o teu silencio, se não estivesse certo de que pelo menos da segunda vez a censura embargou a minha carta.

Dizia-te eu em carta anterior que, cortadas as comunicações com Portugal, e, por consequencia, sem de ali haver recebido até hoje dinheiro algum do meu livro, a minha situação financeira era pessima. Com o decorrer do tempo tornou-se asfixiante. Pedia-te para que procurasses receber o dinheiro do meu artigo no Geographical Journal. ~~[illegible]~~ Calculo que, volvidos mais de 2 mezes e meio sobre a sua entrega, não seja dificil recebê-lo. Se fosse, peço-te egualmente que procures interessar no caso o Snr Edgard Prestage, pois a minha situação tor-

1560

non-se verdadeiramente aflictiva, como poder calcular.

Como posso ter necessidade de sair de Madrid e até de Espanha, peço-te envies o dinheiro em francos para o sogro do G. de Reparaz:

Mr. A. Chambord

95, Av. du Parc-de-Lescure

Bordeaux, — a quem dirás que o faces com o consentimento do genro. Este senhor enviará depois o dinheiro em pesetas para o Reparaz. Rogo-te que ponhas nisto a maior brevidade, pois, dia a dia, a minha situação se complica.

Envio junto duas cartas — uma para os meus filhos e outra para o D. Perez, — que peço envies para D. Joaquina de Abreu, r. dos Vanzeleres, 107. Do dinheiro a receber deduz os gastos com este encargo. Eu, confiante. Abraça-te o teu irmão — to. amigo.

J. Dim

Dr. 17
Dp. 19.
id. 4. XII.

Armando:

11. XI. 1936

Residencia hispano americana
rambla de Cataluña, 13, 2°
Barcelona.

A minha situação, ao saber dos acontecimentos, tem sido tão incerta e angustiosa, que não tenho tido ânimo de escrever-te, tanto mais que receava dar-te uma direcção, que, passados dias, não corresponderia à minha morada.

Felizmente os acontecimentos começam a fixar-se — tudo leva a crer que rebentarão de vez. Mais do que nunca tenho confiança na vitória, ainda que nada se possa prever quanto à duração da luta.

Aqui nas diferentes frentes há mais de 2:000 companheiros nossos combatendo, e muitos em lugares de

1596

mando e de importancia.
Em Madrid continuam ainda J. de Morais, cujos 3 filhos estão combatendo naquela frente, o C.te Pio, o Ultra, o Anakory, etc. Ha dias foi alliferido com duas balas o Menezes. Estado delicado.
Aqui está o Alexandrino no Estado Maior do Exercito da Catalunha, o Cesar, o Moura Pinto, — isto para falar-te apenas dos conhecidos.
Estamos organisando a União dos Antifascistas portugueses, que já tem existencia oficial. Sobre este assunto e outros trabalhos nossos, teria muito que dizer-te, mas, como podes compreender, não posso fazê-lo por este meio.
Recebi em devido tempo o cheque que fizeste favor de enviar-me com as 8 libras. Mil agradecimentos. Como ficas

48

aí com a faca e o queijo na mão, na devida ocasião recobrareis o que te pertence. Recebi egualmente por intermedio do Reparar duas cartas tuas — as unicas, que me chegaram ás mãos — e os 2 recortes do Times e do Noticias. Bom foi, ainda que tarde a publicação naquele; e excelente no segundo e nos demais jornais portuguezes, onde, ao que me dizem, foi tambem publicado. Apezar dos insultos e dos comentarios de costume, estamos informados que o documento causou bôa impressão.
Do mais que souber sobre este assunto, não deixes de comunicar-me.
Eu se os acontecimentos daqui entrarem, como espero, em caminho de melhoria, escreverei com mais frequen-

cia.

Considero tão grave a situação de Portugal, que neste momento começo a estudar a forma de fazer sair dali os filhos.

O meu trabalho, em meio de tão grandes solavancos, segue sonceiramente. E o teu?

Se o nosso amigo C.tão Boyer já tiver publicado um artigo que ai me anuncion sobre cartas e regimentos portugueses no Japão, dize-lhe que lhe peço não se esqueça, segundo o prometido, de mo enviar. Apresenta-lhe a ele e à S.ª X. Margarida Corte-Real os meus cumprimentos.

Os nossos afectuosos cumprimentos a tua Mulher. Abraça-te o teu irmão m.to amigo

[illegible]

Armando:

24. XII. 1936

Começarei por fazer votos por que o Novo Ano te corra feliz e próspero. Já seria tempo.

Junto envio um pedido e nota, redigida pelo Dr. J. de M., mas que ele te faz em nome de todos os que aqui estamos. Organisamos a União dos portuguezes antifascistas, residentes em Espanha, a meja direcção pertenço. Em Francez estão fazendo o mesmo. Alguns amigos nossos estão egualmente promovendo a publicação dum manifesto a assinar pelos d'aqui e os de Paris, ou seja por toda a emigração. Já redigi um projecto de manifesto, nesse sentido, e que seguiu para Paris.

As minhas impressões sobre a situação d'aqui vão melhorando. Quanto ao nosso paiz partilho os teus cuidados. Vamos a ver se a tentativa de esforços comuns dá resultado. De lá veem noticias, que parecem animado-

ras.

Quanto à minha separata peço-te que fiques com um ex., ofereças outros em meu nome ao E. Prestage e Boxer, e a mais alguem, que te pareça e me envies os restantes.

Pelo que respeita ao dinheiro, faz como se te afigurar melhor para os meus interesses; e envias o que fôr para Mr. Chambord.

Temo que na tradução te equivocasses, na substituição da designação dum mapa. Fiquei com essa impressão duma carta tua, que me escrevente para Paris, mas que eu vou tenho buscado entre os meus papeis.

O tenente-coronel Pio, que esteve gravemente ferido vai melhorando. O mesmo acontece ao tenente Menezes, ferido com quatro balas. O Pio esteve em risco de ~~[illegible]~~ ser amputada uma perna.

Lembranças afectuosas ao capitão Boxer e a Mlle Corte-Real.

Abraça-te o teu irmão — A. o amigo.

3.I.1937

Armando:

Resp. 9.II.37 (com [illegible])
23.II.37 (com mem. [illegible])

Recebidos os numeros do G. Journal e as separatas do meu artigo, assim como as tuas cartas de 26 e 28 do mez passado, com alguns recortes de jornais.

Obrigado pelo teu esforço em relação ao artigo e as massadas respectivas, que avalio. Infelizmente escaparam duas gralhas importantes, pelo menos.

A pag. 32, linha 43 a seguir a south-west falta: "and the north-west".

A pag. 41, linha 36, onde está: "In other words", deve ler-se: "On the other hand".

Esta ultima errata compromete inteiramente o sentido, pois no ~~sentido~~ trecho se trata de dois caminhos para a India: o do Cabo da Bôa Esperança e o da passagem do nordeste.

Poder-se-hiam ainda fazer as emendas respectivas na revista e alguns exemplares, como o do Instage?

1569

Infelizmente os últimos maços de jornais que enviaste não me chegaram às mãos. Coisas da guerra! Chegaram, sim, as duas cartas com os recortes que vinham dentro. E esses foram imediatamente radiados para Portugal, com os devidos comentarios. Os recortes do dia 28 do Times e D. Teleg., com largo comentario meu, são hoje radiados por 2 das 3 estações de que dispomos. Quanto ao manifesto, estamos dispostos a escreve-lo, mas quando haja informes definitivos, que tu proprio não tens e pediste para Lisboa. Não conhecemos aqui os termos do desmentido do Salazar, - coisa mto importante. Por outro lado, é necessario conhecer egualmente o sentido das propostas do Ribentrop aí.

De toda a forma te pedimos que

estejas o mais atento possivel e nos informes de tudo. Quanto aos maços de jornais, dizem-me nos Correios que melhor será manda-los, reduzidos às folhas mais importantes em largos subscritos abertos. E para mais segurança pedimos-te que os dirijas em meu nome, mas acrescentando

al cuidado de

D. Rafael Andres Lopes

Secretario del Administrador principal de Correos

~~junto semel~~ Creio, todavia, que os recortes mais importantes será conveniente manda-los como até agora por carta. Ficamos sem saber o que dizem os jornais de Londres sobre as bombas de Lisboa. Tão pouco de ti recebi nada, o que extranhei! Ter-se-hia extraviado carta?

junto remeto o teu carnet da U. P. A. Preço do carnet 5 p.as, quota mensal mínima, 1 p.a Breve seguirá tambem a credencial de delegado.

Abraça-te o teu irmão

— T.e amigo —

Resp. 21.1.37

Armando:

14.I.1937

O teu esforço está sendo justamente apreciado; e como resposta e agradecimento seguem as folhas juntas, a que pouco tenho que acrescentar. Por agora apenas isto: esperamos com relativa brevidade um delegado de Portugal. Por isso poderemos então aquizar melhor do que ali se passa e das possibilidades duma acção.

Julgo que já te respondi ao caso do Alexandrino. Com efeito, o filho foi aprisionado pelos rebeldes e fusilado. Nessa altura já tinha o porto de capitão e dizem todos que se havia portado sempre com bravura. Existe até na frente o batalhão Henrique Alexandrino.

Dos feridos as notícias conti-

1595

F2.1.12

mecam a ser bôas.

Peço-te que, com a possibilidade me respondas ao seguinte:

Porventura, a Mª Luiza Moura Pinto, por causa das perseguições, que sofre em Portugal, tenha que emigrar para lá, indo viver para casa duma familia ingleza, amiga, que habita uma pequena cidade nas cercanias de Liverpool. Trata-se duma familia da pequena burgueria. Quanto seria de razão dar a essa familia, como compensação pela alimentação?

Peço-te me respondas com a possivel brevidade.

O meu artigo sempre sai este mez?

+ Carolina agradece e retribui as tuas lembranças.

Abraça-te o teu irmão

+ o amigo -

Armando:

Barc.
22. IV. 1937

Recebi ultimamente, por intermédio de D. Andres e do dono da pensão, as tuas queixas sobre o meu silencio e o teu pedido de notícias.

Ainda que já não escreva ha certo tempo, o meu silencio está longe de ser tão prolongado. Por certo se perdeu alguma carta minha, o que não me espanta. Tambem ha certo tempo algumas das minhas cartas não chegam a Portugal; e da correspondencia do p. de Morais perde-se uma grande parte entre a França e o ponto de destino.

Ainda não conseguimos esclarecer

1529

esse mistério, embora de algo sus-
peitemos. A fuga deve ser em
França.
Esta espera que te chegue, pois,
seguirá de avião e irei eu próprio
entrega-la a D. Andrés. E
a propósito: os dois livros que me
anunciaste sobre Espanha e Por-
tugal nunca me chegaram às
mãos. Se os enviaste registados, con-
vinha inclusivamente que reclamasses, pois D. Andrés tinha
interesse em saber que reportas
te davam, por supôr que a cul-
pa não é dos correios espanhois.
Razão do meu silencio: politica
e poesia. Principalmente, esta.
Veio-me a inspiração sobre temas
de guerra: alguns amigos inci-
taram-me a escrever; e quando

caio nesse estado, fico completa-
mente impossibilitado de qual-
quer outra actividade. Aproveito
um momento de intervalo para
escrever-te.
A saúde, à excepção duma gripe,
que me massou durante uns 10 dias
não tem sido má. Tambem a poli-
tica me teve arredado d'aqui e
absorvido durante alguns dias.
Estamos neste momento em ma
grande actividade; e surgiram na
nossa frente hipóteses muito
interessantes. Se chegam a con-
cretar-se, teremos que falar-se
vermo-nos.
Tambem, segundo creio, ha possibili-
dades sérias dum entendimento com
Paris. Quand même...

Eu continúo aqui com a Carolina, mas quero ver se as pequenas vem juntar-se-me, pois tenho más notícias de ambas, quanto à segurança e à saúde.

Cáfico esperando a resposta ao meu artigo do G. Journal. E, por certo, responderei, se valer a pena.

Interessou-me muito o teu artigo. A seu tempo faria alguns reparos.

Esse meu amigo, que esteve aqui ha tempo contigo, já voltou ao seu paiz com novas ordens e novos meios. Mas a sociedade comercial, a que pertence, pensa em mais altos projectos.

Como vou fechar a lira à chave (et pour cause...) prometo escrever agora com mais assiduidade. Quanto à jornais, conviria muito que enviassas aqueles que interessassem mais directamente ao caso português e o mais importante sobre Espanha. Aproveitam muito. Abraça-te o teu irmão muito amigo.

[illegible]

Ces thèmes, s'ils sont abordés par plusieurs auteurs, susciteront d'utiles confrontations et constitueront une manière de chroniques permanentes dans plusieurs fascicules consécutifs des ARCHIVES. Il va de soi que la revue elle-même ne prend pas position sur le fond; elle entend demeurer une tribune libre.

Les manuscrits très courts qui me parviendraient AVANT LE 15 MAI prochain sont presque assurés de paraître dès le 2ème n° de 1955 (avril-juin).

Faut-il vous dire que toutes vos critiques et suggestions concernant les ARCHIVES seront accueillies avec reconnaissance ?

Dans l'espoir de vous lire bientôt, je vous prie d'agréer, mon cher Collègue, l'expression de mes sentiments de haute considération. Mes très respectueux hommages à Madame Cortesão,

J. Pelseneer

Le dernier Isis (March 1955, pp. 59-61) contient un compte rendu de Júlio Gonçalves: Filosofia da História Marítima Portuguesa. Si c'est important, pouvez-vous m'en envoyer un compte rendu pour le 10 mai?
S'il y a de jeunes génies (en histoire des sciences) au Portugal, à qui je puisse demander de courts articles, voulez-vous me donner leurs noms et adresses? J'attends aussi de vous quelque chose pour mes Notes et Informations, s.v. PORTUGAL (et BRÉSIL).

JP

P.S. : Voulez-vous avoir l'obligeance de noter ma nouvelle adresse : 76 avenue des Grenadiers, Ixelles-Bruxelles, Belgique, qui est celle à laquelle doit parvenir tout ce qui concerne la rédaction des ARCHIVES (manuscrits, ouvrages pour comptes rendus, notes et informations, etc.) ?

1480

Rec. Rep. | 5. VI. 37 | [illegible]

Bar.

31. V. 1937

Armando:

No meu regresso de ~~Barcelona~~ Valencia onde estive com J. de M. cerca de 3 semanas, vim encontrar a tua carta de 22. Agradeço o envio do artigo de Lorne e a copia da parte da carta do Sr. C.

Apenas tive umas horas de tranquilidade (cada vez mais difíceis de obter) responderei solvimente. Mas provavelmente sei o portador da resposta.

Responderei agora ao teu questionário:

A morte do A. C., sob o ponto de vista politico ou antes da eficiencia revolucionária, está longe de re-

1480

presentar uma perda sensível. Creio que terá compensações ani-ficadoras.

— Fidelino está preso, sim, ha mes meses, mas ainda não foi fusilado. Espião, muito protegido. Carlos Saraga creio que foi preso e já está solto.

— "Muito me admiro de que V. não consigam ..." dizes na tua carta. Já está assente em princípio. Resultado da viagem que refiro. Volto ali com o meu homónimo dentro de 4 dias para fixar modalidades e limites. Esta parte é rigorosissimamente secreta.

Como consequencia, por meados do mez que vem devemos ir a Paris e a Londres, por vários motivos. Ai interessa-nos entrar em contacto com elementos simpatisantes, mas, em especial, do Labour P. Contamos comtigo para nos auxiliar nessa missão. Desejamos esclarecer esses meios sobre o nosso problema e promover certo esclarecimento na imprensa. Diz imediatamente o que se te oferecer sobre o assunto.

— Não recebi o postal a que te refiro.

— J. de M. pede-me para te avisar do seguinte: a correspondencia dele que deverias enviar via Perpignan, passa a enviá-la ao cuidado da mesma pessoa, que enviar a minha e para aqui. E por hoje mais nada.

Abraços [illegible]

[illegible]

Armando:

17. IX. 1937

Algumas breves palavras para te sossegar. Estive em Paris, na intenção de ir a Londres. Mas circunstancias especiais de passaporte, que não posso explicar-te por carta e a convicção de que o momento não era oportuno para a viagem fizeram-mos, ao J. de M. e a mim, desistir da viagem. Acresce que estive sempre à espera de que ali chegassem a saudade e a Ynoite, vindas de Portugal. Só a primeira chegou, mas, devido a uma viagem tormentosa, com o seu precario estado de saúde tão agravado, que a aflição de a ver assim me tirou animo para tudo. Eis a explicação de não te haver escrito a prevenir da minha estada ali.

Um resultado pratico deu a nossa ida a Paris. Como ali coincidimos com

1528

delegados da F. P. P., vindos de Lisboa, celebramos varias reuniões com os elementos de Paris e estabeleceram-se as bases dum acordo. Se as não conheces ainda, enviar-tas-hei, hei que este facto é de um grande alcance para o futuro.

Chegados aqui, tão preocupado tenho estado com a saude da Saudade, que continúa a ser precario, que de mais nada tenho tratado.

Sobre a minha resposta ao meu opositor do J. J. e outros assuntos muito breve conto escrever.

Eu de saude bem.

Dos teus tens noticias?

Abraça-te o teu irmão

T. Amigo

[illegible]

B. Armando. Resp. 3.XI.

21.X.1937

Está em Southampton um compatriota nosso, um difundido, regressado com informações, por insuficiência de documentação. É pessoa que pertence à F.P.P., em nome da qual vem em missão à Europa, e a conversar connosco. Merece, por consequência, todo o nosso apoio. Ainda ainda que, se fosse reconduzido para Portugal, procedimento de que foi ameaçado, isso poderia equivaler a perder a vida, em meio de torturas.

Conhecedores destes factos, eu, Morais e M.S. fizemos aqui as demarches necessárias e foi enviado um telegrama à Luiz Prieto (filho do ministro), o qual está aí na Embaixada, concebido nos seguintes termos, pouco mais ou menos: "Pessoa amiga e da nossa confiança - Armando Cortesão, deve procurar-te. Atende-o." Em nome do Morais e M. Pinto, peço-te procures aquele senhor, que te explicará o caso e te

1527

esforços junto do Embaixador, para que este obtenha o beneplácito do nosso compatriota, sob a protecção de Espanha, fazendo o necessário para que ele possa seguir viagem para França.

Julgo-te com isto aqui dito-te. Se te for necessário, invocarás esta carta junto do Snr Luiz Prieto. Resolvem-se deixar à iniciativa da Embaixada o procedimento respectivo, que por certo dependerá de circunstancias locais que aqui te desconhecem.

Deves procurar-te o meu amigo A. das Neves, pessôa de toda a minha confiança, que aí te está ocupando deste assunto.

Breve te escreverei sobre outro assunto: uma revista, em português, que aqui vou dirigir e para a qual necessitarei da tua colaboração.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Diniz Cortesão

Rs. 19.4

Armando

23-10-1934

Não respondi à tua carta, que veio por mão própria, porque o assunto essencial, que nela se versava, já àquela data fôra resolvido. Isto é, já se havia dito para Madrid que te entregassem a quantia costumada. Porventura, te não foi entregue? Carta-me a crer. Parece-me que as tuas aflições nessa matéria se não referem a tal carencia.

Quanto ao resto, a disposição do meu companheiro é de que continuem a receber; e apenas faremos depender essa quantão do voto de M. P., que contamos não se oponha. Pelo Alonso e C. seguirão instruções nesse sentido. Seguirão por eles, se chegarem a aparecer aqui. Até à hora que te escrevo — 6 da noite — não apareceram. Ficaram retidos por quantão burocrática em S. Sebastião; mas temos aparenças de que possam chegar hoje aqui.

E, se acaso não viessem, seguiriam as instruções

1559

pelo correio.

Quanto a V. vou escrever-lhe... por humanidade. Pobre dela! C'est la vie...
Eu cá estou trabalhando tambem nas minhas coisas; e quiçá breve tenha que falar-te dum projecto meu de trabalho.
E tu?

Não recebi o número da revista, a que te referes. E é pena. Gostaria de ve-lo. Por essa amostra estou a tremer pela sorte dum livro, que minha Mulher me enviou pelo correio.

Sempre que te seja possivel dá noticias daí. Eu por enquanto pouco posso dizer, que não sejam noticias pessoais.

Os meus cumprimentos a Mte S.

Abraça-te o teu irmão

[illegible]

P.S. Alonso e companheiro chegaram. O primeiro levará dentro de 2 ou 3 dias instruções precisas sobre o teu caso.

Só me foi entregue em 8.VI.38

GENERALITAT DE CATALUNYA
COMISSARIAT DE PROPAGANDA

Armando

18. II. 1938

Tenho a honra de apresentar-te o senhor D. José Maria Baptista Rocca, delegado do Governo da Generalidade de Cataluña, que vai a Londres tratar de assuntos, que interessam à nossa Causa comum.

O Senhor Baptista Rocca, personalidade das mais eminentes da Catalunha é tambem um excelente amigo nosso, e que se interessa muito, como poderá dizer-te, pelos nossos assuntos. Peço-te lhe prestes aí todos os serviços que poderes. Moura Pinto e J. de Morais, que te enviam um abraço, acompanham-me neste pedido.

Interessa-nos muito, como o senhor Rocca te dirá, possuir certos informes de aí, que te rogo nos transmitas se os alcançares.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

Jaime Cortesão

1526

16, r. Louis Blanc
Levallois-Perret (Seine)

Armando

3. V. 39

Rep. 7. V. 39

Li ontem, emprestado pelo Deulin, o teu ultimo (segundo meio) trabalho, a proposito do cartografo Antonio Pereira, que achei muito interessante. Deajava muito possui-lo, assim como os outros teus ultimos trabalhos, que desconheço completamente. Em troca, posso enviar-te uma interessante nota, que julgo desconheces, sobre Diogo Gomes Homem e um cartografo, que suponho desconhecido.

Ha uns 5 ou 6 meses, escrevi-te de Barcelona, fazendo egual pedido e promessa. Não respondeste. Provavelmente não ou beria a carta.

1521

Aqui chegado, estava esperando regularisar a minha situação e fixar morada, para te anunciar o facto. Como a incerteza se eternisa, aí vão as minhas notícias.

Estou ainda na situação de expulso de França. Fiz um pedido de anulação dessa medida; mas estão, dizem, fazendo um inquérito e nada respondem. Como, por outro lado, não tenho passaporte e me negam no Consulado, corro o risco de ser puro e posto na fronteira, como já aconteceu a J. de M. Mas esse tinha sobre mim a vantagem de ter podido conseguir um passaporte, - felicidade que não me ocorreu.

Entretanto estou trabalhando afanosamente no meu livro Portugal na história da Humanidade, de que já tenho uma bôa parte impressa. É por causa desse trabalho que desejaria ter as tuas últimas produções. É pena não estares mais perto, pois desejaria ler-te certo sensacional capítulo, fundado sobre uma cartas do sec. XV.

De Portugal chegam-me notícias de grande alarme e receio da guerra e certos rumores sobre medidas amnistiatórias. Também te chegou?

Afectuosas recomendações da Carolina e da Judite. Abraça-te o teu irmão [illegible]

[illegible]

Armando:

9. v. 39

Resp. 18. v. 39

Recebi ontem, à tarde, a tua carta de 7. que muito agradeço e à qual começo a responder. Não recebi ainda os teus trabalhos e os folhetos a que te referes, mas desde já agradeço o envio. Claro que me interessam muitos os dois volumes do Nansen. Envia-mos, e dize quanto custaram para enviar-te o preço respectivo.

E aí vai o prometido. Se te falei em Diogo, foi engano. O caso é mais interessante: trata-se de Lopo. E verás que o documento auxilia a compreender certos fenómenos de divulgação.

Quando em Julho de 36 entrei em Espanha, alguns dias antes de começar a guerra, estive trabalhando no Arquivo de Simancas. Entre outras coisas, encontrei ali uma série de documentos, comunicações de embaixadores e agentes castelhanos em Lisbôa, algumas em cifra, acompanhadas da respectiva tradução são todas ou quais todas de 1523. Delas se conclui uma traição de tomo: Diogo Lopez de Sequeira estava ao serviço de Espanha, por conta de quem agenciava outras traições, entre elas, a do cosmografo Simão Fernandes, o qual por sua vez agenciava a de Lopo Homem. Tudo sobre o problema de Maluco. O informe que segue na outra pagina é, como verás, dum grande interesse.

Quem será o "Negro"?

Abraça-te o teu irmão e tu amigo. [illegible]

A 29 de agosto de 1523, o embaixador de Castela em Lisbôa escrevia a Carlos V:

"Al estrologo (S. Fernandes) he hablado lo que V. Mag.de mando su intencio y servicio al arm.o mayor de Castilla para q̃ lo diga.... el trabaja todo lo posible por estar muy bien informado de todo lo mas q̃ pueda. ha enviado a Lisboa a ver se le querrã hazer una carta cartera de toda la navegacion porque se acaba esta semana ará un libro. El q̃ haze la del Rey de Portugal se llama Llope ome. Este y uno negro residen en Lisboa y tienen mandamiento q̃ no hagan carta para nadie sino para El Rey pero algunas

1520

veces atreuerse a precio y cõ seguridad aunque es muy dificultoso. Trabajarcha todo lo posible de auerse. y sino en el libro dizẽ q̃ lo podra dar a entender muy bien aunque cõ mas trabajo suyo.,,

Trecho solto, que segundo tradução duma cifra.

Armando:

16. v. 39

Rp. 18. v. 39

Recebi e agradeço o teu livro e folhetos. Muito sinceramente te felicito. Fizeste um enorme progresso: no estilo e na segurança do juízo crítico. A edição da Carta das Novas, é, no género, modelar. Lê-la deu-me, por todos os motivos, vivo prazer. Veio auxiliar-me a resolver pequenos problemas históricos. O mesmo digo sobre o estudo da carta do A. Pereira. O 3º é uma promessa, que desejaria ver pronto realisada. Interessa-me vivamente.

Tenho razão para ver que a edição da Carta das Novas foi propesi-

1517

tadamente destruida, como aven-
tas.
Com efeito, o trabalho do Gago
C.º é muito infeliz. Tambem
mete lêr, que entre esmondo,
um ocupo do problema da Aus-
tralia. Espanta-me, todavia,
essa data de 1522.
Quanto à carta do seculo XV
era conversa para longas horas.
Ou leitura, se aqui estivesses.
Se eu ai podesse ir, ler-te hia essa
parte do meu trabalho. E iria,
se houvesse quem me desse, de-
pois de ai estar, um passaporte.
Tens relações pessoais com o F. H.?
Eu escrevi-lhe, e ele disse-me que
se eu ai estivesse, o faria. Mas
tenho quando vivi de fazer tão
grande despesa em vão.
Abraços. te o teu irmão
T.º amigo. [illegible]

Rep. 15. VI. 39

Cortado Atlas

Afrique NN * Armando:

23. V. 39 Archives Nationales, R. des Francsbourgeois, 36. 1er mé

BIBLIOTECA GERAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Recebi a tua carta de 18 e com ela a tua preciosa oferta, que muito agradeço. O livro do Nansen é cheio de pequenas coisas de muito interesse.

Não partilho o teu capticismo sobre os deslises de Lopo Homem. O texto é bastante claro a esse propósito. Sobre Diogo Lopes Sequeira são várias cartas do embaixador que o atestam. Oferecem-se reiteradamente para passar ao serviço de Carlos V.; dizia que "Maluco es de S. Mag. cõ mas de ciento y ochenta leguas. asy q̃ vee q̃ otras partes donde esta la pimienta son de S. Mag., etc.; e quando foi nomeado para a conferencia de Badajoz foi logo comunica-lo ao embaixador caste-

1518

Chano.

E já que estamos com a mão na massa, vou dar-te uma interessante novidade. Por uma indicação que tive do Marcel Destombes, em conversa sobre certo atlas de João Teixeira, consegui comprovar que nele existem quais todas, com excepção de 2 ou 3, as cartas portuguesas do Atlas D'Ablancourt, o qual conhecia d'aqui.

Trata-se de

"Livro da descripção de toda a costa de Africa e ilhas que a esta parte pertencem com todos os Portos e Bahias e Baixos e mais particularidades q̃ à minha notícia chegarão.

Feito por João Teixeira Albernaz cosmographo dos Reinos de Portugal por Sua Magestade que Deos guarde o Anno de 1665."

O atlas é composto de ~~cincoenta~~ trinta cartas, contando com alguns planos de cidades e fortalezas. A grande maioria das cartas de D'Ablancourt está lá exactissimamente. É o que sucede com as cartas parciais do Mar Vermelho, que ali aparecem tal qual e na mesmíssima disposição. Falta-lhe a carta geral de Africa, tal como vem em Ablancourt, mas tem outras em compensação.

É um notável monumento cartográfico.

E a propósito: Quando estive aí, o Boxer mostrou-me uma carta japoneza, cópia de outra portuguesa, sobre a qual fizera um estudo, que estava para publicar. Forneci-lhe, na ocasião,

varios informes lá-dessus. O estudo interessava-me no mais alto grau. Caso tenha sido publicado, desejaria possui-lo e rogava-te mo comprasses. Enviar-te-hei nesse caso o importe na volta do correio.

Escuso de dizer-te que me tens aqui ao teu dispor para essa especie ou outra de serviços.

Cá fico esperando com grande interesse os teus novos trabalhos. Tambem gostaria de ler-te o que escrevi sobre a tal carta quatrocentista. Mas só a ventura de obter um passaporte me poderia aí levar. Pena é que as tuas relações com o Horta sejam tão precárias neste momento.

Só agora pela tua carta, compreendio que tua Mulher estava aí. Dá-lhe as nossas afectuosas lembranças. Abraça-te o teu irmão
[illegible]to amigo [illegible]

Armando:

R. 15.VI.31

14.VI.

Como entre as muitas virtudes que te ornam esplende a pontualidade nas respostas epistolares; e, apenas recebida a tua ultima e os 2 vol. do Nansen, te respondi e agradeci largamente, começo a temer não tenhas recebido esta epistola.

Nela te falava de varias cousas, entre elas dos originais do Atlas do D'Ablancourt e te pedia para me obteres certo estudo do Boxer.

Não recebeste? Se assim foi, peço-te me digas, para re-

1519

petir, tanto quanto seja possível.

As nossas afectuosas recomenda-
ções a tua Mulher.

Abraço. Te o teu irmão
— T. amigo

Rep. 2. VI 39

Armando:

29. VI. 39

Deploro que tenhas sido forçado a partir para Londres, sem haver completado o teu descanço em Wimereux.

Parecem-me excelente que me falasses com franqueza e te queixasses do meu silêncio sobre o teu livro. Não se trata precisamente de "recusa em responder à questão do livro de L. de Lima". O teu livro ficou em Madrid, com algumas centenas de livros, muitos dos quais preciosos, quando de ali saí, cheio de esperança de volver em breve. Tenho feito esforços por ver se encontrava amigo espanhol que, por meio das suas relações, me soubesse se os livros, que foram descidos a uma cave,

1516

existem ainda ou não. Um houve que escreveu. Até agora, ao que parece, em vão. As comunicações deste género com a Espanha não são faceis. Esperava, pois, resposta que me elucidasse para ta dar. Acresce que, na vinda de Barcelona para aqui, não só tive que abandonar naquela cidade muitos livros, mas no caminho, com as terríveis dificuldades que deparamos, me ficou uma mala com alguns dos meus livros mais preciosos, que por isto mesmo havia reunido à parte.

Perante estas e tão grandes perdas, o caso do teu volume tinha perdido um pouco em perspectiva. Egoismo natural de quem compara uma desgraça maior com outra mais pequena. E creio que esta explicação, entre irmãos, tem valor. Mal tenha resposta, ta darei.

— Desconhecia a existencia desse sor Lopes da Silva. Deve ser amigo do Lança, que em tempos me prometeu tentar essa historia do passaporte, mas não me disse como. Perguntar-lhe-hei:

Não seria possivel obter esse volume das Transactions of The Japan Society?

— Os teus capitulos para a Historia de Expansão já saíram? Tenho grande interesse em le-los, tanto mais que são assuntos, que estudei um pouco.

Recebi ha dias convite do Hernani para colaborar. Mas creio que vai ser dificil.

Não te respondi ha mais tempo,

porque, com o horrível tempo que aqui tem feito, estive uma semana inutilizado.

Afectuosas lembranças nossas para tua Mulher (Ainda aí não tens o teu pequeno?) e para ti um abraço de teu irmão mt. amigo

[illegible]

"Villa Angello"
rue Saraspe,
BIARRITZ.

Le 26 Sept. 39.

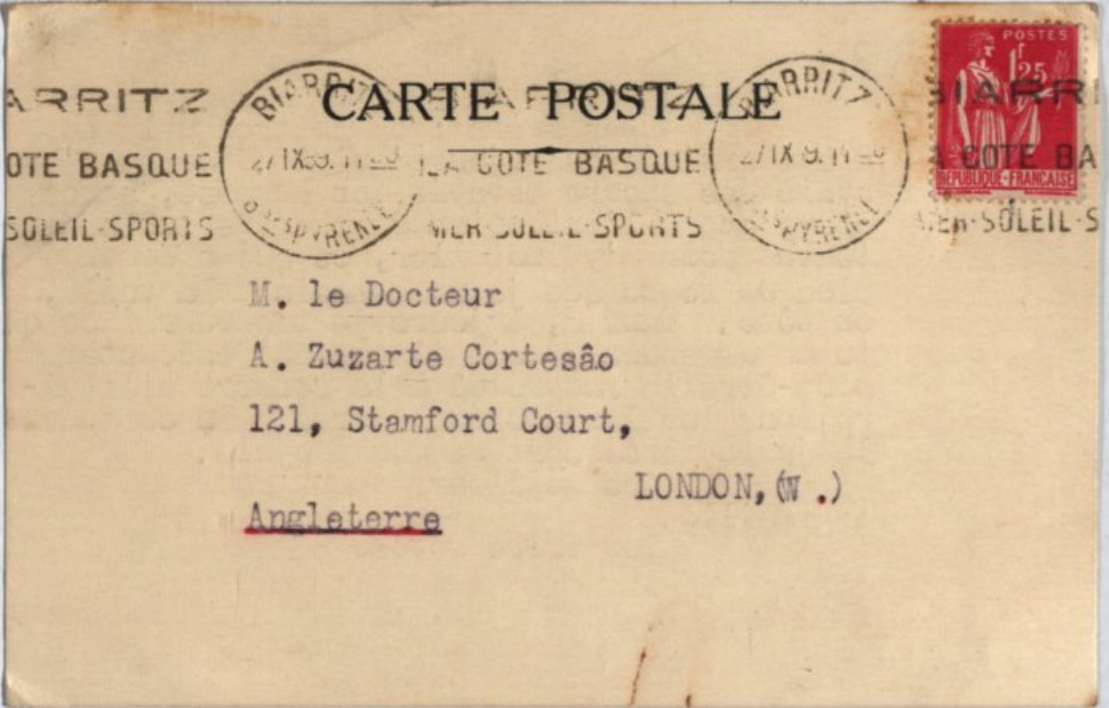
Cher Frère : ta lettre du 18 ne m'est arrivée qu'aujourd'hui 26. Je ne t'avais pas encore envoyé mon adresse, parce que j'avais l'intention de chercher un appartement pour m'y installer, ce qui a demandé plus de temps que je ne pensais. La voilà, en tête. Dans 3, 4 jours je t'enverrai ce q. tu me demandes ; mais il te faut escompter peut-être le retard dû à la censure militaire pour les langues étrangères. En ce moment là je te ferai part de mes projets.

Nos meilleurs voeux pour toi et ta famille.

Ton frère dévoué

Daniel Castelnau

1515



CARTE POSTALE

M. le Docteur

A. Zuzarte Cortesão

121, Stamford Court,

LONDON, (W.)

Angleterre

"Villa Angello",
Rue Saraspe,
BIARRITZ

30 / Sept. /39.

Cher Frère :

Comme je t'avais promis, je t'envois ci-joint les deux articles en portugais, que tu m'as demandés pour les buts officiels de propagande anglaise pro-Alliés.

C'est avec plaisir que je le fais et je te remercie vivement d'avoir eu une telle idée. Les autorités anglaises ont-elles connaissance de ma collaboration personnelle, ou ce fait reste de ta seule connaissance ?

Malgré toute ma bonne volonté, je crains que mon effort soit rendu difficile pour les raisons suivantes :

1°-La poste exigera probablement des délais énormes pour faire arriver mes articles en Angleterre, ce qui peut souvent ôter l'actualité à mes commentaires. C'est pour cette raison que je t'envoie deux articles sur des questions de principes. D'ailleurs si ça doit continuer il me faudrait des instructions plus précises, si possible.

2°-Ma situation en France continue à être très précaire, malgré mes convictions purement démocratiques et ma qualité d'ancien combattant, engagé volontaire pendant la guerre de 14 pour combattre aux côtés de la France. Je fais donc tous les efforts pour me rendre au Brésil, où Camilo m'offre pendant quelque temps sa maison à Bahia et des amis me cherchent et me promettent du travail. Je dois te dire que si j'avais les moyens financiers indispensables, je serais déjà parti avec ma famille. Ce problème est d'ailleurs le seul, mais le plus grave, sans solution.

3°-Je crains aussi qu'il ne soit difficile de m'envoyer quelque somme de Londres, à moins que tu ne comptes avec l'acquiescence des autorités britanniques.

En admettant que mes articles plaisent à qui de droit, quelle extension pourrait prendre cette collaboration ?

Nous, les emigrés portugais en France, cherchons à nous mettre d'accord sur une déclaration à envoyer au Portugal, affirmant une politique d'appui total à l'Angleterre et à la France et le désir de l'Union nationale pour la mener à bout.

Qu'en penses-tu ? Si tu as des renseignements sur la situation portugaise je te prie de me

1510

les envoyer. Accuse-moi reception de otte lettre et des articles aussitôt que tu les auras reçus.

Nos salutations affectueuses à ta famille.

Ton frère et ami reconnaissant A.

2 / Oct/ / 39.

Cher Frère :

Comme j'avais la main à la pâte et que j'ai eu une petite idée, dont l'opportunité pourrait s'affaiblir avec le temps, j'ai écrit un nouvel article.

Je te l'envoie ci-joint, pour que tu en profites s'il te semble utile. C'est le troisième de la série de propagande anglaise, en portugais, pour la Cause des Alliés.

Plût aux cieux que celle-ci t'arrive plus vite que celle que tu m'as envoyée.

J'attends de tes nouvelles .

Ton frère et Ami

Jaime Cortesão

1514

25 / Oct. / 39.

Cher Frère,

Je réponds à ta lettre du 15. Je me réjouis de savoir que mes articles plaisent.

J'envoie ci-joint le 4e. et le 5e. articles de la propagande anglaise en portugais:

Un pour le Portugal et un autre pour le Brésil.

A ce qu'il me semble, on voudrait des articles qui servent en même temps pour les deux pays. Mes il y a des fondements spécifiques de la politique pour le Portugal et le Brésil et je crois qu'il convient de les exploîter séparément.

J'avais l'intention de t'en envoyer un autre, qui pourrait servir pour les deux. C'est ce qui vous plaira le mieux ? Je pense cependant que ce sera dénoncer, si on les publie simultanément dans les deux pays, l'origine inspiratrice. Comme je suis aujourd'hui malade, j'ai dû différer la rédaction du troisième article (6e.), que je ferais incessamment.

Je préfère travailler ainsi, pour me consacrer dans les intervalles à mes études historiques. Si je t'envoie prochaînement cet article là, je resterai, pour suivre tes instructions, sans en écrire d'autres pendant dix ou quinze jours.

J'aimerais naturellement avoir toujours des indications sur le jugement porté sur mes articles et des directives pour la continuation.

Aussitôt que tu pourras, je te prie d'envoyer la somme indiquée adressée à une banque de Biarritz, et au nom de CAROLINA FERREIRA ZUZARTE CORTESÃO.

Tu connaîtras probablement déjà la déclaration des émigrés républicains portugais. Elle est signée exclusivement par le Président Machado. Je n'engagerais jamais ta signature sans demande préalable de ton consentement.

Salutations affectueuses pour ta famille,

Ton frère et ami,

J Dias

1512

27 / Oct/ 39.

Cher Frère,

Je n'ai reçu ta lettre du 18 qu'aujourd'hui et au moment de terminer le 3e article de cette nouvelle série. Je te l'envoie quand même. Et puisque ta lettre a tardé tellement, je ne crois pas que l'inconvénient soit énorme.

Tu feras ce que tu crois le mieux.

Je te remercie bien pour l'envoi des 1.000 frs., que je n'ai pas encore reçu et du paquet des brochures de Boxer, qui m'est arrivé aussi aujourd'hui. Je vais lui écrire à Hong-Kong.

Pour la suite des articles j'attends donc tes nouvelles instructions.

J'aimerais bien savoir dans quels journaux sont publiés mes articles. J'avais l'intention, à cause de ce travail de faire l'abonnement d'un journal à Lisbonne, mais il conviendrait pour toutes les raisons que ce soit celui-là.

Nos salutations affectueuses pour ta famille.

Ton frère et ami

Louis

1513

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
126, rue Edith Cavell
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Le 5 may 1955

Mon cher Ami,

Je vous remercie bien vivement de votre lettre du 28 février; j'aurais été parfaitement heureux d'avoir de vos nouvelles, si je n'avais dû apprendre que vous êtes souffrant; veuillez agréer mes voeux les meilleurs et les plus sincères pour votre complet rétablissement.

Mr. Antoine De Smet, bibliothécaire-adjoint a^c la Bibliothèque Royale, où il est a^c la tête du service des cartes, qui a fait le c. r. de votre livre, m'a qu'une analogie de nom avec mon ex-beau-père Mr. Georges Smets, ancien recteur de l'université, membre de l'Acad. r. de Belgique. J'ai vu hier Mr. Emile Janssens, prof. d'hist. de la géogr. a^c l'univ., qui m'a dit n'avoir pas reçu encore l'épreuve du c. r. qu'il a envoyé, a^c mon intervention, a^c Isis; mais I. B. Cohen m'a écrit que le c. r. était accepté.

J'espère que quand vos Port. Monum. Carto. seront le jour, il y aura un exemplaire pour les

1477

Archives ; je puis vous promettre d'ailleurs que si la responsabilité de la revue m'incombe à ce moment, le reviewer (désigné confidentiellement par vous) aura toute la place nécessaire pour son c.r., qui pourrait d'ailleurs, s'il le faut, devenir un article.

Ceci m'amène à vous demander vos conseils. A la demande de Taton, désigné par L. de Broglie, Président de l'UIHS, comme secrétaire-général a.i. de l'UIHS, et de Koyré, je suis allé il y a 3 semaines à Paris, à propos des Archives. Il y aura bientôt une réunion du Conseil de l'UIHS, à laquelle je serai convoqué. Bodenheimer viendra en même temps en Europe. En attendant, je dois faire marcher les Archives. M'encouragez-vous dans ce sens ? Puis-je accepter ces responsabilités ? Vos conseils, critiques et suggestions me seront infiniment précieux.

Mes très respectueux hommages, je vous prie, à Madame Cortesão. Avec mes meilleurs souhaits pour votre santé, veuillez agréer, mon cher Ami, mes sentiments très amicaux,

Jean Pelseneer

12/Nov./39.

Villa Angello,
rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

En effet j'ai reçu, il y a environ une semaine les 6 Es. que tu m'avais annoncées, et qui ont fait 1.054 frs.

Conformément à tes désirs, j'enverrai un autre article jusqu'à la fin du mois. Heureusement ta lettre est arrivée ici cette fois en quatre jours. Cela me fait espérer une plus grande régularité dans notre correspondance.

Je te remercie vivement de tes intentions sur les deux brochures qu'on t'a demandé. Je suis prêt à collaborer avec toi comme tu préfères. Tu me demandes, (si je suis d'accord) mes points de vue sur le sujet. A mon avis, il faut savoir tout d'abord si les deux brochures portent oui ou non les noms des auteurs. La responsabilité et le plan changent suivant les deux hypothèses. Aussitôt que tu soi fixé sur ce particulier (au cas où l'on confirme la demande), je te prie de me le communiquer et je t'enverrai tout de suite les plans respectifs pour harmoniser nos idées. D'ailleurs j'ai ici tous ou presque tous les éléments qui concerne l'histoire du Portugal ; au contraire, bien peu sur celle de l'Angleterre.

Ne pourrait-on m'envoyer par les services de propagande des renseignements qui puissent m'aider dans mes travaux ?

Nos affectueuses salutations pour toi et ta Famille

Ton Frère et ami

1477

1t.XII.39

Cher Frère,

Cher J'ai reçu tes deux lettres du 10 et une du 8, et les 5 articles

5 articles. J'espère que tu auras déjà reçu ~~£12~~ £2.10 que je t'ai envoyé depuis longtemps par l'intermédiaire de ma banque.

Ces articles ne sont pas du même standard que les autres envoyés auparavant (quoique je comprends tes difficultés pour écrire objectivement). Le meilleur c'est "A Inglaterra e a Quinta Arma". Celui sur Beethoven contient assez de propagande allemande... Je ne sais pas encore l'opinion du Ministère des Informations. Le livre de Rauschning a été publié ici déjà il y a deux ou trois semaines. Il faut plus de attention à la revision des articles après qu'ils ont été tapés. "Vila Livre" par "Cidade Livre", "oude" par "pôde", etc, et plusieurs typing mistakes.

J'ai demandé au M. des Informations qu'on te envoye quelques documantations. Onm'a dit qu'il te sera envoyé hier même les "White Papers" et quelques articles de propagande en anglais, pour que tu aies une idée. Mais ce n'est pas pratique de t'envoyer d'autres publications de propagande. Mais on m'a dit que tu dois aller au Consulat Anglais à Biarritz et tu trouveras là tout ce qu'il te faudra. Ça va sans dire que tu peux attaquer Hitler, Staline, etc., (il faut même les attaquer) mais avec nécéssairs dignité et décence. D'ailleurs je sais que tu ne saurais pas écrire d'autre façon. Ne te préocupes pas avec la signature des articles. Tu peux les signe si tu veux, ou quand tu veux, mais il ne vaut pas la peine. J'ai écrit déjà une trentaine d'articles originaux (et quelques-uns ont été assez intéressants pour êtres traduits en plusieurs langues) et jamais j'ai signé un seul, de plus de 3.000 mots -"L'Esprit de la Public School Anglaise"; et j'ai signé 'Pedro Nunes'. Je n'ai jamais vu un seul publié, mais je sais qu'ils l'ont été. Ce qu'il faut est travailler pou la bonne Cause et gagner pour le "bread with butter".

Lorsque j'aurais/ des nouvelles definitives du M.of Information je t'enverrais un modêle pourque à la fin du mois tu envoies le compte -une liste avec les noms des articles, le numero de mots et la datte de livraison de chaqu'un. Ils metteront les prix et je vais faire tout le possible pourque l'argent te soit envoyé directement. Tu seras payé £2.2. par mille mots, ce que n'est pas trop mauvais pour France, et sans avoir à payer 7/6 dans la livre, comme il m'arrive à moi...

B.Machado et d'autres ont des grandes illusions! La realité c'est qu'ici personne prête la moindre importance à ce que pensent ou disent une demi douzaine d'émigrés portugais. J'ai eu assez de travail, et même de enses, et embêter des amis, à cause de la message que j'ai délivré à la Reuter, et rien a été publié. On crois ici que S. est un homme extraordinaire et ils l'aime; d'ailleur ils ont assez de complications pour vouloir eêtre dans des meilleurs termes avec ceux qui ne les gênent pas trop. Il suffira de te dire qui si je n'étais pas un émigré j'aurais ici maintenant une très bonne situation. C'est un terrible handicap, quoique je suis un democrate et liberal et je suis dans un pays democrate et liberal.

1499

Pourtant j'ai enormément du travail; mais je pourrais être beaucoup plus utile à la Cause des Alliés si je pouvais être utilisé à fond. Mais rien fait changer mes idées, et suis toujours aussi intransigent avec cette canaille de là-bas comme j'étais il y a déjà 8 ans et avant. (fasciste)

Je n'ai pas le temps de m'occuper de tout de que B.Machado demande. Je te prie de m'excuser le meilleur possible.

Un ami du Consulat ici m'a dit qu'ils ont reçu, au Cons lat, une circulaire de L., disant que les émigrés pouvaient s'inscrire. Je ne me suis pas inscrit et je ne pense pas à le faire. Pour le moment je n'ai pas d'autre envie que de dire à S.& Cie, le mot de Cambronne.

Quand tu sauras quelqués resultats de la message de B.M., s'il en aura jamais, dites le moi, s'il te plaît.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille et pour toi.

Ton frère et ami

P.S. Bonjour, Mademoiselle ma Nièce! Je suis content de vous savoir naviguant dans la glorieuse(mais bien pauvre) voie des lettres, glorieuse poursuivie par d'autres membres de la famille. Je n'ai publié sur T. ires que le petit mémoire que j'ai présenté au Congrès d'Amsterdam. Je pense que vous le connaissez; si non je pas vous l'envoyer. J'ai un grand travail en preparation sur le MS., qui devait commencer à être publié au commencement de l'année proxainne, mais à cause de la guerre tout est suspendu.. Si j'avais le temps, ou s'il était très pressant, je pourrais vous envoyer quelques indication bibliographiques essentielles pour l'étude de T. ires.

Merci pour l'"abraço" que je retourne avec plaisir

8/ XII / 39.

Villa Angello
Rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

J'ai reçu avec grand plaisir ta lettre parce qu'elle m'apportait une occasion de travailler avec une plus grande intensité pour la Cause des Alliés.

Je te remercie beaucoup pour tes efforts pour me trouver du travail et pour qu'on me le paye convenablement. Et je fais des voeux pour que le prix n'en soit pas réduit.

Je ne t'ai pas répondu immédiatement, parce qu'au moment de recevoir ta lettre, je terminais un petit volume d'une centaines de pages, le premier d'une série, en réponse aux critiques de Duarte Leite sur mes travaux historiques. Et je voulais aussi t'envoyer en même temps de nouveaux articles de propagande de l'Angleterre et de la France.

J'envois ci-joint, deux de ces articles. Demain ou après - demain j'en enverrai deux autres. Et dans une semaine ou deux, quelques autres encore. Malheureusement je suis ce mois-ci débordé de travail littéraire.

J'ai un besoin pressant de savoir si je puis attaquer franchement Hitler et le gouvernement allemand, Staline et le gouvernement russe et je te prie de me le dire aussitôt que tu pourras. Je t'ai demandé dans une de mes dernières lettres si on ne pouvait pas m'envoyer des publications de propagande anglaise. J'insiste là-dessus : il me serait fort profitable, par exemple, de recevoir : les livres blancs anglais, des statistiques de caractère économique sur l'Angleterre et l'Empire Britannique, etc.

D'une façon générale tous mes articles peuvent être signés de mon nom ou avec le pseudonyme João de Lisbôa, selon les besoins de la censure. A toi et au chef responsable d'en décider.

Tu ne m'as pas dit non plus si on a accepté les deux derniers articles que je t'ai envoyés. Dans le cas affirmatif, je te prie de me faire remettre de suite, si possible, la somme correspondante. A propos, je dois te dire qu'il y a ici des banques anglaises : Lloyd & National Provincial Foreign Bank; Barclay's Bank, etc.

Le Président Machado me prie de te demander de lui envoyer une liste des principaux ministres, avec leurs tendances politiques, des différents gouvernements anglais, depuis la Grande Guerre jusqu'à la date. Il aurait aussi un grand intérêt à lire un article publié par le "Times" contenant des références, à ce qu'il parait désagréables, au sujet des gouvernements républicains antérieurs à Salazar. Il t'envoit ses amitiés. Son adresse est : HOTEL PENSION EMILIA, av. Gambétta - Biarritz.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille et pour toi

Ton frère et ami

P.S. - Bonjour, M. mon Oncle. Je profite de mon rôle de sécrétaire pour vous demander quelque chose. Je prépare une thèse en lettres "L'exotisme dans la litt. portug. du XVIe s." et j'aurais, à cause de cela, grand intérêt à lire votre travail sur le Mss. de Tomé Pires au sujet du Voyage en Chine ; l'avez-vous publié ?

En ce cas, serai-je une nièce trop

1502

abusive si je vous demandais de me l'envoyer ?

Merci d'avance et excusez-moi, oui ? Avec un "abraço"

10 / XII / 39.

Villa Angello,
Rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint, encore un autre article, le 5e de cette nouvelle série dela propagande anglaise en portugais.

Il fallait exploîter tout de suite le sujet. Je l'ai écrit à destination du Portugal, mais de sorte qu'il puisse servir aussi pour le Brésil. C'est pour cela qu'il est signé João de Lisbôa.

Il faudrait aussi le faire publier rapidement, parce qu'il y aura sûrement d'autres à vouloir exploîter le même sujet.

Malheureusement je suis très loin ; je ne puis donc faire le commentaire des faits au jour le jour. Cela restreint beaucoup mes possibilités d'écrire. Comme sujtes je n'ai vraiment que les côtés philosophiques de la guerre. En effet le film de la guerre, quant à ses accidents ne comporte pas les longs délais entre la rédaction e t le publication au Brésil. Voilà pourquoi je te demande encore de ne pas oublier de m'envoyer tous les éléments possibles de la propagande anglaise, qui puissent m'être utiles.

Nos souvenirs pour ta Famille,

Ton frère et ami

1500

10/ XII/ 39.

Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint encore deux articles pour la propagande anglaise en portugais. Probablement je t'en enverrai encore un autre demain ou après-demain.

Puisque dorénavant mes articles publiés au Brésil seront signés, je t'avertis que j'ai l'intention de dire à mes amis que j'écris ces articles pour une agence anglaise de publicité, qui les distribue là-bas. C'est la seule explication raisonnable, basée sur une donnée courante, et vraisemblable.

M. le Président Machado me prie encore de te demander si tu es au courant de ce qui s'est passé officiellement au sujet de son document : il voudrait savoir si le Gouvernement anglais en a pris connaissance et il te demande de lui envoyer un exemplaire de la traduction, si tu en possèdes une copie.

Comme tu pourras t'en rendre compte, dans un de mes articles - Beethoven - je termine avec un quatrain du compositeur et je donne avec la traduction l'original en allemand. C'est un souci d'honnêteté, peut-être excessif. Naturellement on peut supprimer le texte allemand, si on le croit préférable.

Nos souvenirs pour ta Famille ,

Ton frère et ami

Lucien

1501

16 / XII / 39.

Villa Angello,
rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

de La propagande Anglaise. Je t'envoie encore deux articles, le 6e et 7e de cette nouvelle série. Il faut profiter de l'actualité des sujets.

Il y a quelque temps, on m'avait dit que le service postal par avion avec l'Angleterre, ne fonctionnait pas encore ; On me dit qu'il fonctionne à présent. Je vais donc essayer de t'envoyer cette lettre par avion et je te prie de me dire combien de temps elle a pris pour te parvenir, et de faire de même, c'est à dire de me répondre par avion à mes dernières lettres, si le service aérien existe.

Des deux articles que je t'envoie aujourd'hui, l'un d'eux est signé de mon nom, l'autre de mon pseudonyme. Mais si on le croit utile, on pourra signer les deux de mon nom.

M. le Président Machado, toujours chato, et ignorant les longs retards de la correspondance en ce moment, insiste sur la réponse à ses demandes. Il m'a dit que le nº du "Times" en question, celui qui contenait des allusions désagréables, à son point de vue, sur la politique portugaise, était du 17 Nov. Il voudrait aussi, si c'était possible, celui qui a publié une lettre de B. Shaw où il justifiait Hitler, quoiqu'il le trouve inconcevable.

Nous envoyons tous des souvenirs affectueux pour toi et ta Famille.

Ton frère et ami

L Duarte

1498

20 / XII / 1939.

Villa Angello,
rue Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint le 8e article de cette nouvelle série pour la propagande anglaise en portugais. A propos, je dois te faire une remarque. Comme tu verras, le sujet de celui-ci, c'est la personnalité d'Hitler. Je n'ose pas dire làdessus tout ce que je pense et m'exprimer tout à mon aise, parce qu'on m'a dit qu'au Brésil on ne laissait pas publier des attaques violentes contre les chefs de Gouvernement. C'est la deuxième fois qu'en parlant d'Hitler j'ai dû, à cause de cela, adoucir le style.

J'ai reçu hier à la Société Générale, après avis préalable, la somme en francs correspondante à 2 £ et 1/2. J'ai conclu que cela devait venir de ta part, quoique je n'aie reçu, jusqu'à présent, aucune lettre de toi à ce sujet.

Nous tous vous envoyons, à toi et à ta Famille, les meilleurs voeux d'un Heureux Noël et de Bonne Année.

Malheureusement j'ai reçu hier d'assez mauvaises nouvelles de notre Soeur. On me dit qu'elle a de nouveau besoin de partir pour le Caramulo et qu'elle n'attend pour cela, qu'une amélioration d'un état assez délicat.

Il est probable qu'Antonio vienne passer ici les vacances, avec nous. S'il apporte des nouvelles intéressantes de notre pays, je te les transmettrai.

Ton frère et ami

1497

Pont 6

Le 2 Janvier 1940

Villa Angello,
r. Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

J'ai reçu tes lettres avec tes remarques sur mes articles, dont je prendrai note dorénavant. Je commence à comprendre le type d'articles désirés.

J'envoie ci-joint, le 1er article de ce mois - "Uma revolução na Inglaterra" - et la note des articles que je t'ai envoyés pendant le mois dernier. J'ai mis un nombre approximatif de mots pour chacun des articles, parce que je ne savais pas qu'il fallait les compter exactement. Je ne conserve que le brouillon des articles, mais je le modifie beaucoup d'habitude en dictant. Pour les articles qui suivront je prendrai note du nombre exact de mots.

Je te prie de remettre ces feuilles le plus vite possible car cela me gênerai d'attendre longtemps.

J'ai reçu une aimable lettre de M. Wise qui accompagnait les deux premiers livres blancs anglais et quelques articles qu'il a fait traduire en portugais. Je vais lui répondre ces jours-ci.

Comme je l'espérais, Antonio est venu passer les vacances avec nous. Il me dit que les oppositions politiques là-bas, sont, à cause de la guerre, très affaiblies. A ce qu'il semble, la déclaration du présid. Machado a produit en général une bonne impression. On parle beaucoup d'une amnistie, probablement partielle, ayant comme prétexte la commémoration du xxbi-centenaire qu'on va célébrer là-bas.

Je te remercie pour tes voeux de Bonne Année. Ma Famille se recommande très affectueusement.

Ton frère et ami

Laïm

Cher Oncle : Merci pour vos aimables mots et votre sollicitude. Mon Père possède votre petit mémoire au Congrès d'Amsterdam et je l'ai déjà lu. Je regrette que la parution de votre grand commentaire et publication du Mss. soit retardée, car il m'a semblé que l'oeuvre de Tomé Pires doit avoir un certain intérêt littéraire. C'est le seul qui m'intéresse en ce moment et pas du tout l'historique, puisque le sujet de ma thèse est exclusivement littéraire (Exotisme de la litt. port. du XVIe s.) Comme je ne dois présenter ma thèse que fins Février ou au début de Mars, peut-être auriez vous publié votre ouvrage jusques là. Quant aux indications bibliographiques dont vous me parlez je ne voudrais pas tout d'abord abuser de votre temps et ensuite je ne sais si elles pourraient m'être utiles en ce moment, car j'envisage la litt. port. exotique comme collective et je m'occuperait peu des auteurs en particulier. J'ai reçu un mot de mon ami Edº Lisi il y a peu de temps. Le petit Armand II est-il beau et fort ? Je l'espère et l'embrasse ainsi que son Papa

Votre nièce

1496

10. I. 40

V. Angello,
r. Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Ci-joint le 2e article de ce mois pour la propagande anglaise en portugais.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille.

Ton frère et ami

Daime

1495

Rep. 29.1.40.

22 - I - 1940.

Villa Angello,
R. Saraspe,
Biarritz.

Cher Frère,

Le jour où j'ai reçu ta dernière carte postale, j'avais déjà en mains depuis deux jours le chèque £. 16. 16. Mille fois merci pour tes bons offices.

C'est assez bien; mais quand tu penses que la vie ici est bien meilleur marché qu'en Angleterre, tu fais erreur. Partout, comme c'est naturel, la vie a augmenté avec la guerre. Et ça ne fait que commencer.

Au point de vue de la valeur de mes articles, je crois entrevoir un changement d'orientation entre le 1er et le 2e chef des services. Mais je tâcherai, comme il convient, de restreindre le côté littéraire de mes travaux. Dans tous les cas, je déplore qu'on ne me donne pas des directives plus concrètes, ce que d'ailleurs j'ai demandé à M. Wise. J'aimerais connaître quels sont les sujets de propagande les plus désirables.

Ci-joint je t'envoie deux articles, le 3e et le 4e de ce mois. L'un d'eux - A beligerância moral do Vaticano - a été rédigé en vue de l'opinion catholique du Brésil, que je sais très importante. Le 2e. - A crise Hore Belisha, - sur un cas d'actualité, j'ai eu peur, comme toujours, en des circonstances semblables, qu'il perde son opportunité.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille,

Ton frère et ami

1454

Resp. 4.II.40

27.I.1940

Cher Frère,

J'ai reçu hier une lettre de M. Wise, accompagnat les renseignements statistiques que je lui avais demandés.

Après quelques mots aimables sur mon article "O Império britânico como fôrça moral",(very good), il me demande courtoisement de donner un style un peu plus léger à ma collaboration. Il finit par me dire qu'il pourra accepter "approximately four articles„ par mois . J'aimerais bien connaître le sens exact du mot "approximately". On peut envisager un peu plus que les quatre ou non ?

Comme tu m'avais dit récemment que je pourrais envoyer de 6 à 8 articles par mois, j'avais déjà rédigé deux autres articles; aussi je te les envoie ci-joint. Ce sont le 5e et le 6e de ce mois : "A Inglaterra e a França"; "Acôrdo anglo-francês e acôrdo germano-russo".

En même temps je t'envoie la liste de ~~six~~ articles. Tu verras si c'est possible qu'on les accepte.

Nos souvenirs amicaux pour ta Famille,

Ton frère et ami

1493

Rép. mail 19.II.40

15.II.1940
Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint les trois premiers articles de la propagande anglaise en portugais, de ce mois. J'ai l'intention d'envoyer un ou deux articles en plus du nombre indiqué par M. Wise, pour parer d'ailleurs à l'hypothèse de ce qu'ils ne soient pas tous acceptés.

Ce que je demandais ce n'était aucunement des sujets d'articles, mais des directives générales. Par ex: Serait-il utile que j'écrive parfois, comme si j'étais un citoyen brésilien, résidant au Brésil ?

Comme j'ai l'intention d'envoyer prochainement encore deux ou trois articles, dis-moi aussitôt que tu pourras, par avion si possible, si tu crois que je doive écrire à M. Wise pour lui expliquer pourquoi je surpasse le nombre d'articles demandé.

Ne t'étonne pas de l'orthographe de mes articles. Je l'ai tout à fait barbarisée avec les réformes sucessives de ces derniers temps et dont je suis assez ignorant. Mais je vais faire venir un "Prontuario" et un Diccionnaire actualisés pour me mettre à la page. Aie donc patience et continue à défricher la brousse.

Des nouvelles récentes du Portugal m'annonce[nt] un accroissement des sympathies envers les Alliés. On me dit aussi qu'il y a un mécontentement énorme contre Salazar à cause des sommes formidables d'argent gaspillées avec les fêtes de l'indépendance, que l'on appelle "As festas da Senhora da Agonia".

Nos souvenirs amicaux pour Toi et ta Famille,

ton frère et ami

Jaime

P.S. J'ai signé un des articles, tout simplement comme hommage personnel à l'Angleterre. Mais, si on le préfère, on peut la supprimer. Je n'ai pas encore reçu rien de Faro.

1492

17. II . 1940
Biarritz.

Cher Frère,

Je te réponds cette fois avec quelque retard parce que j'ai été ces temps derniers complétement absorté par des travaux historiques. J'ai été très sensible et je te remercie beaucoup pour tes efforts en vue de me faire payer quelques articles à un prix plus élevé. Mais je te prie de me dire si la qualité a eu quelque influence sur l'augmentation. Dans le cas affirmatif, j'aimerais aussi savoir quels ont été les articles les mieux payés, car cela me servirait d'indication.

Je te remercie aussi pour l'envoi du petit Prontuario. Je vais tâcher d'être un bon élève. J'ai reçu aussi et je te remercie pour l'envoi du tirage spécial de tes articles de l'Historia da Expansão". Je les connaissais déjà. Tu as fait de grands progrès. J'ai quelque chose à te dire là-dessus, que je réserve pour une prochaine lettre.

Ci-joint je t'envoie le 1er article de ce mois-ci, de propagande anglaise en portugais : "Imperialismo e demografia". Dans deux jours j'en enverrai un autre et les derniers à la fin du mois.

As-tu reçu ma lettre à propos de la traduction du livre "Man and Metals"?

Camilo m'écrit au sujet d'une affaire qui peut être intéressante. Il s'agit de l'exportation de cristaux brésiliens de diverses sortes, très recherchés à cause de leurs nombreuses application dans les industries de guerre, surtout pour la fabrication de lentilles. Il existe aussi à Bahia certains carbonates, uniques au monde dans le genre, également très employés dans les industries en rapport avec la guerre. Il me dit avoir la plus grande facilité pour mobiliser au profit des Alliés ces marchandises. Et se montre, naturellement, disposé à partager les gains possibles de l'affaire avec l'intermédiaire en Europe. Comme tu comprendras, dans la situation où je suis, je ne puis rien faire à ce sujet. Quelle est ton opinion là-dessus ?

Nos affectueux souvenirs pour ta Famille,

Ton frère et ami

P. S. J'ai signé l'article, parce qu'il implique autorité d'historien. Mais si on le préfère, on peut supprimer la signature.

1489

27 . II . 1940.

Biarritz.

Cher Frère,

Je t'envoie ci-joint deux articles pour la propagande anglaise en portugais. J'ai reçu la carte postale, où tu m'accuses la réception des trois derniers ; et je désiste en conséquence d'écrire à M. Wise sur le nombre des articles que j'envoie ce mois-ci. Si cela te parait nécessaire tu lui diras que le surplus d'articles c'est pour parer l'hypothèse de la non-acceptation d'un quelconque de ces articles.

Ci-joint aussi la liste des articles de ce mois.

Je vais te demander maintenant un service qui pourrait m'être d'une grande utilité. Une maison éditoriale du Brésil la "Cia Editora Nacional", de S. Paulo, avec laquelle je suis en relations, me charge de faire la traduction d'un ouvrage anglais "Man and Metals" de T. A Rickard, à la condition que j'obtienne la permission et des droits convenables de traduction.

Mais je ne connais du livre que la traduction française. Je ne connais pas même le nom de la maison éditoriale anglaise. Tu me rendrais donc un grand service si tu pouvais faire les démarches en mon nom auprès de l'éditeur ou de l'auteur. Ou, le cas échéant, me donner l'adresse de l'un ou de l'autre. Nonobstant il y a une chose que seule une troisième personne peut faire: expliquer la catégorie du traducteur. Si tu faisais cette démarche, il te faudrait souligner le fait que cette traduction portugaise ne peut pas porter préjudice commercial de qu'à la traduction française, et non pas à l'original, étant donné que l'anglais est très peu lu au Brésil.

Comme on me paie passablement ces traductions de ce genre

1491

ce travail pourrait peut-être m'aider à trouver la solution pécuniaire de mon départ au Brésil.

Je te remercie pour les nouvelles que tu m'as envoyées sur la situation là-bas, lesquelles d'ailleurs me sont confirmées continuellement par d'autres sources.

Nos souvenirs affectueux pour ta Famille,

Ton frère et ami

21 - III - 1940
Biarritz.

Cher Frère,

En même temps que ta carte postale, je recevais en effet le chèque du Ministry of Information, lequel confirmait tes suppositions sur le payemente de mes articles. Ce fut naturellement une agréable surprise; et je te suis très reconnaissant pour la part que tu y aies pris. Je vais aussi écrire à M. Wise, cette fois en portugais, en lui présentant mes remerciements.

Je t'envoie ci-joint deux autres articles de la propagande anglaise en portugais. Il y a trois jours je t'en ai envoyé un autre.

Je trouve très bien la solution que tu m'indiques quant à la traduction de "Man and Metals" et je t'envoie la lettre pour la librairie , en te remerciant d'avance pour tes bons offices. Tu as raison : le livre est trop grand. Mais j'ai grand besoin d'appointements extraordinaires pour les frais du voyage de trois ou quatre personnes de famille pour le Brésil.

Albert Kammerer, dont tu connais très bien le nom, et avec lequel je suis en très bons rapports, vient de m'écrire en me demandant d'être auprès de toi l'intermédiaire de la demande suivante : Il a grand besoin de ton ouvrage sur la cartographie portugaise (les 2 vols), d'autant plus qu'il publie en ce moment les derniers volumes de son travail monumental "La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie depuis l'Antiquité" qu'il se ferait un plaisir de t'offrir. Je connais très bien cette dernière partie de l'ouvrage, parce que j'ai revu beaucoup de ces épreuves. Elle est tout à fait consacrée à l'ex-

1490

pansion des portugais en Orient et elle contient la reproduction de beaucoup de cartes portugaises, dont quelques unes inédites. J'aurais d'ailleurs plaisir à être agréable à M. Kammerer. Est-ce que tu pourrais lui envoyer ton livre ?

Je réserve les observations assez longues sur les travaux que tu m'as envoyés, pour une autre lettre.

Le prochain fasc. de l'Histoire de l'Expansion contiendra aussi un article à moi, que je t'enverrai, en séparata.

Nos affectueux souvenirs pour ta Famille,

Ton frère et ami

L. Dias

Correspondência científica dirigida a João Jacinto de Magalhaes (1769 - 1789). Contribuição para o seu Epistolário, edited with an introduction by JOAQUIM DE CARVALHO. Offprint of Revista da Faculdade de Ciências da Univerisdade de Coimbra, Vol.XX. Coimbra, 1952.

Dr. Joaquim de Carvalho, Professor of the History of Philosophy at Coimbra University since 1919 and member of the International Academy for the History of Science since 1934 has now added one more important work to the long list of his publications. This is part of the valuable series "Inedita ac rediuiua - Subsídios para a História da Filosofia e da Ciência em Portugal", edited by himself. João Jacinto de Magalhães, b.1722, was a learned friar of Santa Cruz at Coimbra when Gabriel de Bory, a French naval officer and astronomer, came to the nearby town of Aveiro to observe the solar eclipse of 26 Oct. 1753. They became friends and de Bory wrote later showing the highest regard for Magalhães as a scientist. Perhaps between 1756 and 1758 Magalhães decided to emigrate, "résolu à ne plus vivre que sous un gouvernement où la liberté personelle soit à l'abri du despotisme ministériel", in his own words. After travelling through Europe he remained some time in Paris where sponsored by de Bory, he was elected a member of the Academie des Sciences. In 1764 he went to England where he lived at Islington, 12 Nevil Court, Fetter Lane, until his death on February 7, 1790, at the age of 68. On his arrival in London he soon became known and respected in scientific circles, and in 1774 was elected a fellow of the Royal Society.

Magalhães, or Magellan as he was called in England, though very learned in science in general, was above all a great physicist and optician, and became an expert consultant to the contemporary astronomers and other scientists and technicians in many countries. This can be seen from the 64 letters now published, some of them for the first time, addressed to him by some of the great names in the world of science of his time, from Portugal, England, France, Germany, Italy, Sweden, the United States, Holland, Austria, Russia and Spain. The writers of these letters were, among others, Monteiro da Rocha, Assumpção Velho, Vulliamy, Thomas Henry, Sir George Shuckburg, Jerome Allen, Charles Messier, Montucla, de Bourriot, De Lalande, de Guémadene, Vicq d'Azir, Jeaurat, Levêque, Duque de la Rochefourcauld, Anisson-Duperron Jean-Baptiste Leroy, Bochart de Saron, Bingré, Chevalier de Chateaubourg, Comte Mercy-Argenteau, Méchain, Comte de Cassini, Lavoisier, Marquis de Turgot, Hoffman, Comte Benyowski, Comte de Bruhl, Von Wolf, Franz Carl Achard, Karl König, Bernoulli, Count von Platen-Hallermund, Herrenschneider, Volta, Landriani, Boscovich, Radagni, Dell-Ricco, Von Engestrom, Ed. Pigott, Van Marum, Housz, Euler, Rumovsky, and Espinosa y Tello.

"J.H. Magellan" left one work in English (3 editions) and six in French, all but one published in London, between 1755 and 1780.

With the publication of these letters, with numerous footnotes and a large and extremely interesting Introduction, Prof. Joaquim de Carvalho has rendered a remarkable service to the history of science in the second half of the eighteenth century. No less noteworthy and valuable are the two other publications of his series Inedita ac rediuiua: I - Fr. Antonio de Beja, Contra o Juizo dos Astrólogos, 1943, and II - John Locke, Ensaio philosophico sobre o entendimento humano, 1950 To appear soon: IV - Pedro Nunes, Defensão do tratado da rumação das pomas para a arte de navegar, a very important, unknown and unpublished

1484

work by the great sixteenth-century cosmographer and mathematician, to be followed shortly afterwards by V - António de Gouveia, De conclusionibus.

Joaquim de Carvalho is indeed not only an egregious Professor of the History of Philosophy but also a worthy historian of science.

1485

Armando Cortesão.

25 / III / 1940.

Biarritz.

Cher Frère,

Ci-joint deux autres articles, le 4e et le 5e de ce mois, de la propagande anglaise en portugais.

Começarei hoje as minhas considerações sôbre o teu último trabalho. Sera sôbre o primeiro cap., "O descobrimento da Australasia e a questão das Molucas". São muito interessantes as tuas constatações entre a viagem de Pero da Covilhã, a cartografia internacional da época e o tratado de Tordesilhas. Tenho razões para supôr que já o Infante D. Henrique teve grandes luzes sôbre a geografia oriental, que lhe teriam sido fornecidas por algum ou alguns judeus peninsulares, que êle enviou ali em viagem indagadora. Estou convencido que a carta levada por Afº de Paiva e Covilhã era baseada principalmente sôbre o mapamundi de Fra Mauro. Este teve, como suponho mostrar num trabalho que espero enviar-te brevemente, uma grande importância na orientação dos descobrimentos no reinado de D. João III. Aceito a tua tèse de que Pero da Covilhã tivesse enviado a D. João II uma carta mais ou menos semelhante à de Fra Mauro, acrescentada das correcções e adendas por êle averiguadas durante a sua viagem às costas do Malabar. Mas suponho que êle permaneceu com o mapamundi que levara de Portugal e transportou consigo para a Abissinia. Sôbre êste particular é possivel que te haja escapado o cap. XXI da Crónica do D. João II de Ruy de Pina. Dêle se conclui que um dos objectivos dos dois viajantes era elucidar o Preste João do alcance dos descobrimentos portugueses ao longo da costa de Africa sôbre um mapamundi, para poder conectar directamente os portugueses com os abissinios, conforme a concepção de Fra Mauro.

Viagem de Bartolomeu Dias, por mar e, de Pero da Covilhã, por terra, pertencem ao mesmo plano. Assim se explica que o primeiro lançasse certos negros e negras na costa para levarem ao Preste a noticia dos descobrimentos portugueses.

Sôbre tôda a matéria com que abres êsse cap. julgo ter alcançado tambem algumas precisões que vão ao encontro das tuas. O resto ficará para a próxima.

Comecei esta carta em francês, mas distraidamente passei a ditar em português. Espero que não tenhas esquecido o idioma materno e tanto mais que êle pode voltar a ser-te muito necessário. Correm por aqui insistentes noticias, sôbre uma amnistia "ampla", com motivo do duplo centenario. É certo que estas notícias estão em contradição com o ultimo discurso do Estadista. Dou-tas sob reserva, como se diz nos jornais.

As nossas afectuosas lembranças para os Teus e um grande abraço do teu

irmão muito amigo

P. S. Se parecer conveniente que o artigo sobre Ruy Barbosa seja assinado, à vontade ...

1484

19 - Abril - 1940.
Biarritz.

Armando,

A tua ultima carta trouxe-me um grande desgôsto : o saber que tinhas vendido a casa que foi dos nossos Pais e que tinhas sido obrigado a isso. Quem é então o proprietario actual ?

Há cêrca de 10 dias recebi carta do Sr. Wise dizendo-me que apreciara muito os meus últimos artigos e pedindo-me para lhes dar como tema principal a certeza da vitoria e fazer alguns demonstrando que a vitoria da Inglaterra seria a de Portugal. Comecei pelos segundos. Como a guerra atravessa uma fase de intensa renovação, pareceu-me preferivel deixar que os acontecimentos se precisassem mais para escrever os primeiros.

São pois três artigos em volta das relações entre Portugal e a aliança inglesa, nos seus aspectos actuais, que hoje envio, e que peço entregues ao Sr. Wise. A êste escreverei tambem amanhã agradecendo as suas indicações e bôas palavras e comunicando-lhe o que acabo de te dizer. Breve seguirão os restantes.

Falemos agora dos trabalhos históricos recíprocos. Com efeito, nêstes ultimos anos, não tenho publicado trabalho de que pudesse enviar-te separata. Tenho actualmente três grandes livros no prelo, o que já ha muito te comuniquei : dois na Espanha e que já havia terminado antes da guerra, sôbre descobrimentos pre-colombinos e historia do Brasil ; outro em Portugal que ainda não terminei, "Portugal na Historia da Humanidade", e cuja publicação se arrasta, mercê da miséria financeira das editoriais portuguesas.

Passemos à separata que me enviaste. Já te falei um pouco da parte que se refere ao tratado de Tordesilhas. Quanto à restante não ha dúvida que dás grandes precisões sôbre base documental nova quanto à China, Macau e Japão. E tambem extremamente provavel o que afirmas quanto ao descobrimento da Australia. Devo no entanto fazer-te as seguintes observações. Não tenho aqui todos os fasciculos da minha colaboração na Historia de Portugal, pois me ficaram desgarrados numa ravina pirenaica. Mas creio ter já afirmado sôbre o descobrimento da China naquêle trabalho os factos, cuja prioridade atribues a ti ou ao Keil. Não estou de acôrdo com a literalidade absoluta que observas na transcrição dos textos antigos, plausivel apenas numa edição critica ou numa obra de pura erudição.

Quanto ao descobrimento da Australia, suponho que além das viagens a que aludes à busca da Ilha do Ouro, já anteriormente referidas por Gabriel Ferrand, os portugueses tiveram conhecimento por indigenas da existência de terras continentais ao sul de Banda. E teria sido util que li-

1485

gasses as tuas afirmaçôes quanto à cartografia de Dieppe com as revelaçôes contidas nas obras de Jean Alphonse. Quanto ao descobrimento das ilhas de Sequeira, tambem eu ja chegara a conclusões parecidas às tuas, pela leitura de Galvão. Ponho apenas duvidas quanto à identificação com as de Palau. Não serão de preferência as ilhas das Velas de S. Tomé, a que se refere o tratado de Saragoça, melhor situadas no arquipélago das Carolinas ? Estranho que não tenhas falado no descobrimento de Jorge de Menezes. Por mim não creio que nem o anterior nem êste sejam obra do acaso, mas ao contrário suponho-os relacionados com o diferendo com Castela por causa dos limites. Porventura se ligue tambem a essas explorações na direcção do nordeste e do sudeste a viagem de Martim Afonso de Melo Juzarte.

Reconheço, não obstante, que te seria muito dificil senão impossivel falar de todos êsses problemas dentro do acanhado espaço que por certo te foi impôsto, como a mim sucedeu.

Interessantissimas são as revelacões que fazes sôbre a Summa Oriental de Tomé Pires e os espantosos desenhos que reproduzes do cartografo Rodrigues. Que pena não poderes publicar tudo imediatamente. Teria o mais vivo interêsse em conhecê-lo.

E para terminar algumas noticias interessantes. Constam tôdas duma carta do J. de Ms., antes de ontem recebida. Nunca te referi o primeiro dêsses factos, porque êle me pediu segrêdo absoluto sôbre isso. Receava que a divulgação o prejudicasse. Trata-se do seguinte : há cêrca de 2 meses dois dos filhos do J.deM., um dos quais o Oscar, na companhia da mulher e do filho, embarcaram a caminho do Rio num vapor brasileiro. Ao tocar em Lisbôa os rapazes foram presos. Note-se que um dêles é desertor e os dois por ter combatido em Espanha tinham perdido a nacionalidade, por real decreto. Houve, pois, as maiores inquietações sôbre a sua sorte. Ora, há menos duma semana, foram soltos; deram-lhes novos passaportes; e deixaram-nos seguir para o Brasil. Outro irmão, o mais novo, igualmente combatente em Esp., acaba de obter no consulado de Paris o visto da caderneta militar, o que equivale ao reconhecimento da nacionalidade. Tendo preguntado ao consul se poderia regressar a Portugal, êste respondeu, ao contrario das suas afirmaçôes anteriores, que breve seria concedida uma amnistia e então podia regressar. Não sei até que ponto êstes factos te podem interessar, mas êles denunciam, por certo, um comêço de transformação nas orientações do govêrno português.

Pede-me o Bern° para te preguntar se tu recebeste uma carta sua.

Afectuosas lembranças nossas a todos os teus.

Um abraço do teu irmão muito amigo

E. Dias

ACADEMIE INTERNATIONALE
D'HISTOIRE des SCIENCES
12, rue Colbert
PARIS

PARIS, le 25 Août 1954

Cher et très honoré Confrère,

La deuxième guerre mondiale et les circonstances actuelles n'ont pas permis la publication d'une édition nouvelle de l'Annuaire de notre Académie. Le dernier Annuaire paru date de 1936. Le secrétariat de notre Compagnie a préparé les textes pour un nouvel Annuaire, qui doit paraître au début de l'année 1955. Nous désirons y insérer des renseignements les plus complets et les plus exacts possibles. C'est pourquoi, nous vous prions de bien vouloir complèter le formulaire ci-joint et le renvoyer au secrétariat de l'Académie Internationale d'Histoire des Sciences, 12 rue Colbert Paris II.

En vous remerciant, je vous prie, Cher et très honoré Confrère, d'agréer l'expression de ma haute considération.

Le Secrétaire perpétuel
P. SERGESCU

Cartographie
Carte des Nerves
T. Pierre
Nautical Chart

1487

25 - IV - 1940

Biarritz.

Dep. 30.

Querido Irmão,

Seguem com esta carta mais três artigos da propaganda inglesa em português, e êstes sôbre o segundo dos temas que me foi enviado pelo Sr. Wise.

Só hoje recebi o documento de pagamento dos artigos do passado mês. Por êle vejo que aceitaram quatro. Não sei, pois, se êstes excederão o contingente possivel. Mas assim será mais facil a escôlha e, se todos forem aproveitaveis, poderá algum passar para o próximo mês.

Devo a-propósito dizer-te que acabo de sofrer uma pêrda gravissima entre as pessôas cuja amizade me tem sido mais eficaz. Morreu hà pouco tempo em S. Paulo o Ricardo Severo, que no Brasil me buscava trabalho e defendia interêsses. Por intermédio dêle arranjara a tradução de Rickard e outros trabalhos. Temo bem que tudo ou grande parte vá por água abaixo.

De Portugal por agora não tenho mais novas.

As nossas afectuosas lembranças para os Teus.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

[signature]

P.S. Já depois desta escrita fui a um banco inglez, com o documento de pagamento, daí enviado. Fizeram-me todas as dificuldades, por ser pagamento a um mez. Só a intervenção dum empregado conhecido, a custo, resolveu o caso. Nunca mais de falaram nesse projecto de publicação de folhetos? É pena. Escrevendo os artigos anteriores, vi que a Aliança Inglesa era assunto a explorar. [signature]

1487

ANTONIO BALLESTEROS BERETA: Génesis del Descubrimiento.
JAIME CORTESÃO: Los Portugueses. Salvat Editores, S.A. Barcelona, 1947
765 pp. xii p., 447 illustr. 43 plates.

This Vol.III of the series Historia de América y de los Pueblos Americanos, edited by A Ballesteros, is composed of two parts as mentioned in the title.

Prof. Ballesteros divided his Genesis of the /geographical/ Discoveries into five chapters, to wit: I - Geography of the ancient world, II - The end of one age and beginning of another, III - The discovery of America by the Vikings, IV - Prester John of the Indies, V - The dawn of the discoveries.

A work of popularisation with a great amount of information and profusely illustrated, this is of little value to scholars. Although a long bibliography appears at the end of each chapter, there is not a single footnote giving a reference or source. Besides it would be too risky to use anything written in this part of the book without previous checking, so numerous are the errors, mistakes and groundless assertions. Just one example picked at random: the famous legend in the Pizigani map of 1367, which until some years ago was supposed to contain the word "Antilia", is given as belonging to a "Ptolemy addressed to Pope Urban I". It was Pedro de Medina who first referred to this "Ptolemy" in his Libro de Grandezas y cosas memorables de España, published in Seville in 1548. The legend to which he refers is the same that appears in Ruysch's world-map of 1508, which has nothing to do with that in Pizigani's. It is now well established that the mysterious word in the Pizigani map is not "Antilia" but "Arcules", referring to the temple of Hercules.

Prof. J. Cortesão divided his part of the book into five chapters as follows: I - Causes of the Geographical expansion of the Portuguese, II - The policy of secrecy in the maritime expansion, III - Conditions of sailing ship navigation in the Atlantic, IV - The discoveries in the times of Prince Henry and Afonso V, V - The voyages westwards under the government of John II; many important documents are printed in an Appendix. The text is supported by numerous notes and precise bibliographical references.

The book has a table of contents but no index whatever, which in a vast work like this is much to be regretted.

1486

Armando Cortesão

Armando:

17 · V · 40

Junto seguem dois artigos para a propaganda inglesa em português. Agora, sim, que comece a ser difícil escrever sobre os acontecimentos, por tal forma eles galopam. Estou muito inquieto, como podes calcular. Breve escrever-te mais a vagar.

Recomendações afectuosas nossas para o teu: Abraça-te-te
imo mt. amigo

[illegible]

1486

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

R. 11.IX.53

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
126, rue Edith Cavell
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Le 2 septembre 1953

Mon cher Ami,

Si je ne vous ai pas tout de suite remercié de votre charmante lettre du 31 juillet, à laquelle j'ai été extrêmement sensible, c'est que non seulement je voulais vous laisser le temps de revenir, mais que, aussi, je pensais que mon mot de réponse serait arrêté quelque part par la grève française. Quelle n'a pas été ma satisfaction d'apprendre, par des fidèles de Jérusalem rencontrés ici au congrès international de philosophie, que vous m'aviez finalement pas participé aux travaux de nos Collègues. Quels que soient vos motifs, je n'ai pas besoin de vous dire combien je le regrette pour l'histoire des sciences. Nos vues ont toujours été si proches des miennes que nous aurions, je crois, la même politique dans le domaine qui

1482

nous est cher, et je déplore que mes idées n'aient
peut-être, en fin de compte, pas été défendues.

Pour en revenir à votre lettre, si j'ai été
heureux d'avoir de vos nouvelles — et malheureux
de vous savoir incommodé par la chaleur —, vous
ne me deviez aucune justification, et je re-
connais une fois de plus vos scrupules et votre
tact.

Je ne sais quand j'irai vous voir ; je re-
tournerai peut-être l'an prochain en Espagne,
et alors j'irai évidemment faire chez vous ;
mais la Sicile, que je ne connais pas, a la
priorité, car je désire voir des temples grecs (je ne
connais que Paestum) avant de mourir.

J'espère que tous les chers vôtres sont en
parfaite santé ; mes respectueux hommages, je
vous prie, à Madame Cortesão. Croyez-moi,
cher Ami, votre toujours dévoué,

V. Segalen

Armando:

22. V. 40

Seguem juntos mais dois artigos da propaganda ingleza em portuguez. Conto enviar ainda mais dois brevemente.

Até hoje, e contra o costume ainda não recebi nada d'aí. O que não extranho, dadas as excepcionalissimas circunstâncias.

Apesar de muito inquieto, mantenho intacta a confiança na vitória dos Aliados.

Um abraço de teu inteiro amigo

[illegible]

1482

ACADÉMIE INTERNATIONALE D'HISTOIRE DES SCIENCES

12, Rue Colbert — PARIS-II

PRÉSIDENT
J. A. VOLLGRAFF
Roodborststr 17, Leiden

VICE - PRÉSIDENTS
F. S. BODENHEIMER
Hebrew University, Jérusalem
A. CORTESAO
12, Rue Galilée, Paris
Dr E. WICKERSHEIMER
41, Rue du Barrage, Schiltigheim (Bas-Rhin)

Secrétaire Perpétuel
P. SERGESCU
7, Rue Daubenton Paris-Ve

Rep. le 11.IX.53

Paris le 4 Septembre 1953

Mon Fer cher Ami

De retour à Paris depuis quelques jours, j'ai dû soigner ma santé. En effet, j'ai été très malade à la fin de mon séjour en Israël. Finalement, je me suis évanoui et j'ai dû garder le lit pendant 48 heures avant de revenir à moi-même. Je ne suis pas encore complètement rétabli.

Nous avons été tous extrêmement attristés par votre décision brusque de quitter le congrès. Vraiment, c'est un très grand dommage, parce qu'il n'y a eu qu'un malentendu et personne n'a pensé vous offenser. Au contraire. Tout le monde a parlé avec respect de vous, dans le discours de la séance d'ouverture du Congrès on a parlé longuement de vous, en disant que c'est grâce à vous que notre Académie a été ressuscitée après la guerre. On a également parlé de vous et de la gratitude que nous vous devons, dans la séance de clôture du Congrès et aussi dans l'Assemblée générale de l'Académie. C'est dommage que vous n'étiez pas là pour entendre les éloges qu'on vous a faits.

D'autre part, si votre communication n'était pas imprimée au programme c'est qu'elle est arrivée trop tard. Ce fut le cas aussi pour plusieurs autres Communications. Mais tout a été rétabli par des suppléments au programme. Il ne faut pas voir dans cela un oubli ou une mauvaise volonté de la part de Bodenheimer. Il a fait imprimer le programme au fur et à mesure qu'il avait la certitude de la présence effective des congressistes. Or, il n'a su qu'au dernier moment que vous viendriez.

Votre départ a fait une grande impression au congrès et a attristé tout le monde. La presse d'Israël s'en est emparé et il y a eu plusieurs articles de journaux à cause de votre départ, en accusant le Comité du Congrès de ne pas avoir organisé convenablement l'accueil des congressistes.

1483

ACADÉMIE INTERNATIONALE D'HISTOIRE DES SCIENCES
12, Rue Colbert — PARIS-IIe

Je dois présenter avant le 1er octobre à l'UNESCO les quittances pour la distribution des frais de voyage offerts par l'UNESCO. C'est pourquoi je vous prie beaucoup de signer le reçu ci-joint et de me le renvoyer. Je tiens à vous mettre "présent" à l'Assemblée générale de l'Académie, et non pas au Congrès. Autrement, j'aurai des histoires avec l'UNESCO.

Nous espérons que vous avez fait un bon voyage et que vous vous trouvez en bonne santé. Nous souhaitons vivement avoir l'occasion de vous revoir bientôt et de parler longuement avec vous. Hélas, les circonstances ont fait que cela a été impossible cette fois-ci.

Le Congrès de 1956 aura lieu en Italie, mais la ville n'est pas encore fixée: Milano ou Florence.

Les nouveaux vice-présidents de l'Académie sont: R. J. Forbes, J. F. Fulton et J. Millas-Vallicrosa.

Ma femme vous prie d'accepter son souvenir le meilleur.

Veuillez agréer, bien cher Ami, l'expression de mes sentiments toujours très fidèles, très reconnaissants et très cordialement dévoués.

P. Sergescu

27-V-1940.
Biarritz.

Armando,

Seguem mais dois artigos da propaganda inglesa em português, e com êles a lista dos honorários. Até hoje ainda não recebi a nota do mês passado.

Amanhã responderei ao Sr. Wise a carta dêle recentemente recebida.

As nossas afectuosas recomendações aos Teus.

Um abraço do teu irmão muito amigo

1483

ARCHIVES INTERNATIONALES D'HISTOIRE DES SCIENCES
Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

Le rédacteur en chef
JEAN PELSENEER
76, avenue des Grenadiers
Ixelles-Bruxelles
Belgique

Le 16 avril 1955

Mon cher Collègue ~~et~~ cher Ami,

Le Conseil de l'Union Internationale d'Histoire des Sciences, réuni à Paris, sous la présidence de Mr. Louis de Broglie, le 30 mars 1955, m'a fait l'honneur de me charger d'assurer, en tant que rédacteur en chef, la marche des ARCHIVES, dans l'attente de désignations définitives qui auront lieu dans quelque temps, et au plus tard à l'occasion du Huitième Congrès International d'Histoire des Sciences (Florence, 3-10 septembre 1956).

Autorisez-moi à vous dire que j'attache le plus grand prix à votre savante et précieuse collaboration; je serais particulièrement heureux de recevoir de vous une contribution originale sous forme d'article. Je désire préciser qu'en raison des difficultés financières que connaît l'Union, et qu'afin d'augmenter la variété de la revue, seuls des articles courts (n'excédant pas 8 pages d'impression; manuscrit dactylographié) et de préférence, non illustrés, seront acceptés; il ne sera fait d'exception qu'en faveur des membres correspondants récemment élus à l'Académie Internationale d'Histoire des Sciences, dont le texte tiendra lieu en quelque sorte de discours de réception, ainsi que pour les manuscrits contenant des inédits d'auteurs de tout premier plan. Je me permets aussi d'attirer votre attention sur l'intérêt qu'il y a, dans une revue internationale, et en vue du progrès de notre discipline, à traiter des thèmes de caractère général, tels que;

1) Découragement, échec, abandon et impuissance chez le savant de génie;

2) Pensée vécue et risque intellectuel (l'homme qui joue son être);

3) Les mots légendaires, plus vrais que l'histoire;

4) Politique de l'Histoire des Sciences (sur ce dernier thème, vous trouverez deux articles substantiels et très brefs :3 pages chacun, dans notre n°30, qui sera incessamment distribué).

1200
1479

./..

P.C. 12

POSTAL CENSORSHIP.

J.B.

Enclosure mentioned 1 article

was missing when the letter was opened. Before making enquiries of the Post Office, please ascertain definitely from the sender of the letter whether the article in question was actually enclosed. If so, the sender should make enquiry of the Postal Administration of the country in which the letter was posted, mentioning that the enclosure was missing when the letter reached the British Censor. The cover of the letter, and, if possible, such of its contents as were received, should accompany any communication to the Postal Administration.

No compensation is given for the loss of the contents of a letter for or from a foreign country, unless the letter was insured (not merely registered) with the Post Office.

1479

8 - VI - 1940.
Biarritz.

Querido Irmão :

Junto seguem mais dois artigos da propaganda inglesa em português.

Rogo-te o obséquio de observares ao Sr. Wise que um dêles, "O novo direito penal do Reich", foi escrito sob dados recolhidos nos "Extraits communiqués de presse étrangère", que todos os dias recebo, enviados pela Presid. do Ministério francês. Estes em questão constam do boletim do dia 5 onde vem reproduzida por extenso tôda a ordenança, a que me refiro, com alguns comentários, entre os quais os do jornal suisso, a que me refiro.

No último do mês passado recebi a quantia, que em carta me fôra anunciada pelo Sr. Wise. Rogo-te que lho comuniques com os meus agradecimentos.

A semana passada estive eu em cólicas por Londres e por ti. Agora... Guardo, não obstante, intacta a minha confiança. O que digo no outro dos artigos hoje enviados exprime sinceramente o que penso.

Sabes naturalmente que no dia 3 do corrente saiu um decreto de amnistia em Portugal. Já o li. Mas é cheio de tantos alçapões jurídicos, que não é facil saber a quem abrange. Só investigações pessoais poderão dilucidar cada problema. Não sei ainda.

As nossas afectuosas lembranças para os Teus e para ti.

Abraça-te o teu irmão muito amigo

P.S.- Ao contrario do que me dizes na tua ultima carta, sôbre os artigos para Portugal, depreendo da ultima carta de M. Wise que êle deseja que em geral todos os meus artigos possam servir para Portugal e para "a América latina". Ou não sera assim ?

1479

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
126, rue Edith Cavell
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Le 7 mars 1955

Mon cher Ami,

Quand je vous ai écrit il y a deux jours, je croyais que vous connaissiez la mort de Langsdorf (20 ou 21 décembre). Je reçois votre nouvelle lettre, et nos lettres viennent donc de se croiser.

Il me semble – et je l'ai dit à Bodenheimer; c'est aussi l'avis de Forbes – que Taton ferait un admirable secrétaire-général de l'UIHS, et que pour le poste de secrétaire-perpétuel de l'Académie, pour lequel un parisien est désirable, Koyré est indiqué. Celui-ci croit que la direction des Archives me revient (c'est son expression). Et je vous demandais précisément, il y a deux jours, si vous croyez que, même temporairement, je puis risquer ma chance? J'ai un plan, une politique, très précis pour la revue, dont il faut relever le niveau des articles, mais que augmenter le nombre de pages. Depuis quelque temps, j'avais remarqué que l'on citait les Archives dans pour les C.R. que pour les articles. Je voudrais en faire, en hist. des sci., l'équivalent du Journ. of Hist. of ideas. Trop d'excellents auteurs, n'ont

1478

jamais été sollicités par Sergescu, par exemple tous les nouveaux membres correspondants de l'Acad., à qui il faut demander un texte qui serait en quelque sorte leur discours de réception à l'Acad. (Davantage d'articles, très brefs, de façon à augmenter la variété (en dosant sujets, langues, nationalités).

Je suis évidemment un amant éperdu de la liberté, mais je sussurerais à mes auteurs 2 ou 3 thèmes, valables par exemple deux ans, en sorte qu'il y aurait des chroniques permanentes si l'on m'envoie, disons, 4 articles par an sur ces thèmes; l'un d'eux étant : la politique de la recherche en hist. des sci. (la revue évidemment ne proposant aucune politique, et se bornant à être une tribune libre). J'ai déjà 2 articles très courts (3 pp. chacun) sur ce sujet, et l'on verra qu'il y a quelque chose de changé sans que je songe le moins du monde à tout bouleverser. Pour les articles dûs à des auteurs non membres de notre Acad., il faudra, pour qu'ils soient publiés, le rapport confidentiel favorable d'1, 2 ou 3 commissaires choisis parmi les membres de l'Académie (en ce moment : 41 effectifs et 83 correspondants, ce qui peut paraître beaucoup, mais je ne trouve pas parmi eux un seul historien de la géologie par exemple).

Voilà quelques-uns des aspects de mes projets. (Je passe sur des détails techniques) C'est maintenant, cher Ami, que nos conversations si familières et si franches seraient particulièrement utiles. Dites-moi ce que vous pensez de tout cela, et dites-le à Taton; presque tout ceci a été discuté avec lui et Koyré il y a 3 semaines, à Paris. — Le 1er no de 1955 s'ouvrira par deux articles sur Sergescu, par Bodenheimer (présidt. de l'Acad.) et Montel (de l'Institut), illustre mathématicien et ami intime de Sergescu.

Bien cordialement à vous

J. Pelseneer

Resp. 23.VII. – Carvalho –
31.VII. – Jaime (Parnaíba)

Ex.mo Senhor Dr. A.
Cortesão:

Como já lhe escrevi duas cartas sobre o mesmo assunto, sem até hoje haver obtido resposta, e temo que essas cartas, devido às grandes dificuldades nas comunicações, não tenham chegado ao seu destino, vou repetir o que tenho dito e experimentar enviar esta por avião.
O que, em resumo, desejava saber é se a agencia comercial, de que V. Ex.cia faz parte, continuaria a necessitar dos meus serviços, e em

1478

em condições e, de no caso de eu ir para o Brasil, eles lhe seriam egualmente uteis.

Em cartas anteriores pedia o V. Ex.ª também o obsequio de receber, em meu nome, o dinheiro das minhas comissões e fazer o favor de o enviar para em Coimbra. Do para a rua Elias Garcia, 103, 4.º, E. Era grande favor fazer-lo com a brevidade possivel, pois estou buscando os meios de ir para o Brasil e esta garantia poderia auxiliar-me.

V. Ex.ª sabe naturalmente que sou irmão, ao regressar de França, foi preso na fronteira, assim como sua tolvinha. Ao que me dizem, continuam ambos na mesma situação; o primeiro em Penicha, a segunda em Lisboa. Se V. Ex.ª quizer escrever-lhe, não terá mais que dirigir-lhe a carta para a Fortaleza de Peniche. Ao que me dizem, ele está em condições relativamente humanas, pois lhe permitem trabalhar num gabinete separado.

As minhas afectuosas recomendações para todos os seus.

Amigo muito grato

J. de Abreu

Fª. de Peniche
14. VIII. 40

Querido Irmão

Respondo hoje e agradeço a tua carta de 31 do mez passado, a qual, apesar da via aérea, me chegou com 6 dias sobre a data.

Começarei por te falar do acontecimento pungente, que acaba de nos enlutar. Provavelmente saberás a estas horas que a nossa Irmã faleceu no dia 11, às 5 da madrugada, no Sanatório do Caramulo e em consequencia duma operação. De longe, conhecendo o seu estado de extremo enfraquecimento, fui contrário à intervenção cirurgica, tão depredadora que exigiu a ablação de quatro costelas. Extenuada pela doença, aguentou o choque da operação penosissima, durante cerca de duas semanas, em condições de sofrimento indizivel. Aos médicos que lhe prolongaram os padecimentos com estimulantes, em doses máximas, pediu repetidamente que a deixassem morrer depressa.

Estes pormenores soube-os pelo Casimiro, no dia do enterro. E, se tós comunico, sabendo que sofrerás com eles, é porque entendo que as dores, como as alegrias de família, constituem património comum e inalienavel.

Sabes a preferência de sensibilidade que nos uniu à Judite e a mim, enquanto solteiros. Casados, essa amizade não amorteceu. Sabes o carinho e veneração que Ela nos mereceu sempre a todos, graças à sua quasi santidade. Separados pelos 14 anos do meu exilio, ambos ansiavamos rever-nos. Ainda nos últimos dias da sua doença mo dizia. O desenlace desta situação: Ela, morta no Sanatório, eu, a ferros, depois de tantas amarguras, podes calcular que espécie de golpe brutalíssimo foi para mim, por mais acostumado que esteja aos insultos da fortuna.

Alguns amigos buscaram-me um alivio. Fui autorisado a ir assistir ao enterro. Lá parti de automovel com o Ângelo e o Pedro de Almeida, mas já não conseguimos mais que alcançar o féretro dentro do cemitério de S. João. Aí assisti à inumação na campa, onde já repousam os nossos Pais e a outra Irmã.

Lá estavam Tio Joaquim, Joo, e demais familiares e amigos da terra e de Coimbra. Estive um momento com o Casimiro, os nossos sobrinhos, Tio Joaquim e Joo em tua casa, onde nos foram saudar muitas pessoas conhecidas, movidos
1523 de piedade e simpatia, - sentimentos partilhados pelo

povinho da terra, que se aglomerou rapidamente e em número, em frente da casa, para me saudar, por forma tão espontânea, que me comoveu.

Fui acompanhado, é claro, por um guarda. Mas a escolha recaiu, provavelmente com intenção, em pessoa que se desempenhou da sua missão por forma humana e discreta. Saído às 7 da manhã da Fortaleza, regressada às 11 da noite à caserna, onde habito, com mais 34 homens, companhia, como podes calcular, pouco agradável em semelhante conjuntura. Perguntas-me as condições e com que fundamento fui posto nesta situação. Esta começou na própria fronteira desde que cheguei a sorte compartilhada pelos irmãos Pope e ten. cor. Aragão, pois viajavamos no mesmo comboio. O A. Pope foi solto, passados 2 ou 3 dias; outros, como o Cesar de Almeida, nem presos. Perante esta variedade de tratamento é muito difícil dizer. Se o fundamento do que me acontece, tanto mais quanto até hoje nem fui ouvido, nem inculpado. Conheces, aliás, a minha atitude e a dos demais republicanos exilados em França nos últimos tempos. Chegam-me aos ouvidos ruídos de acusações, — umas absurdas, outras gratuitas e calumniosas. Suspeito que certos biltres tenham comprado a liberdade ou o desafôgo material, a preço de falsas denuncias, que me envolvam, a serem verdadeiros aqueles ruídos.

A verdade é que a idade, a saúde precária, a educação e a categoria (se é que tenho alguma...) multiplicam as penalidades da minha situação. Não vale a pena descer a pormenores. Digo-te apenas aquele, que representa refúgio e compensação: foi-me concedido poder trabalhar umas cinco horas no dia em local apartado e adequado. Embora pouco, e ainda que os meus trabalhos exijam, como sabes, instrumental abundante, impossível de reunir aqui, já é alguma coisa.

Agradeço os teus esforços junto da Livraria Wise, para que paguem prontamente os meus trabalhos. Se quando esta aí chegar, ainda o não houverem feito, peço-te lembrar a conveniencia de o fazerem por avião. De contrário, não se sabe quando chega. Vejo que o meu último ensaio sobre a Doutrina de Monröe, enviado de França, não chegou aí. Reconheço que é difícil continuar a trabalhar para revistas inglezas, em parte porque a informação da imprensa portuguesa é precária. E a propósito: sempre que te seja possível, envia-me d'aí, dirigidos para mim, revistas ou jornais inglezas, cuja leitura te pareça util.

Sobre a situação internacional partilho as tuas convicções e receios, muito mais em relação à Pátria. Tambem receio por ti.

Afectuosas lembranças aos Teus. Abraça-te o teu irmão

[illegible] amigo

[illegible]

Querido Armando:

BIBLIOTECA GERAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

14. IX. 40

Recebi, ha cerca duma semana, o cheque remetido pela livraria Wise e agradeço muito os teus esforços junto daquele senhor. Não agradeci imediatamente, porque entretanto fui transferido para Lisboa e, aqui chegado, caí gravemente doente com enfermidade de caracter hepático, cujo diagnóstico se está precisando neste momento por meio de análise de sangue e radiografias.

Para remate eu e Judite, como aliás várias pessôas vindas de França, recebemos ontem notificação e ordem de sair de Portugal para país, à nossa escolha, dentro de 30 dias; e "passado este prazo o caso não tenha abandonado o território nacional o Governo resolverá sobre o destino a dar-lhe" - ameaça de sentido transparente.

Mau grado as dificuldades de vária ordem, principalmente financeiras, vou tentar, dentro daquele prazo, seguir com a família para o Brasil. Pedia-te, pois, encarecidamente para averiguares se, chegado ao Brasil, a livraria teria interesse interesse em receber trabalhos meus. Tenho possibilidade em escrever em jornais e revistas e fazer conferencias, mas desejava ampliar o mais possível a minha base de trabalho.

Esta seguirá por avião e pedia-te resposta, o mais pronta possível, pela mesma via.

Sigo com a maior ansiedade e confiança os acontecimentos; mas temo por ti e pelos Teus, a quem me recomendo muito afectuosamente. Dá-me as tuas notícias para casa do Casimiro.

Abraça-te o teu [illegible] muito [illegible] grato

[illegible]

1522

Rio, 11 - I - 1941.
Caixa Postal 1921.

Querido Armando,

Como deves saber, estou no Rio de Janeiro ha pouco mais de 2 meses, em companhia da Carolina e da Judith.

Antes de partir de Portugal, escrevi-te a tempo de receber resposta, uma carta em q. te participava a minha partida e te comunicava q. aqui estaria igualmente ao dispôr do sr. Wise. Não recebi até ao momento da partida resposta alguma. Ter-se-ia extraviado carta minha ou tua ? Seja como fôr, desejo, por todos os motivos estar em comunicação contigo.

Primeiramente desejarei saber noticias tuas e da Familia. Constou-me em Portugal q., devido a causas de guerra havias mudado de alojamento. Como ignoro a tua nova direcção, escrevo para a B.B.C. E espero q. me respondas brevemente.

De entrada, adoeci com uma forte gripe, o q. me prejudicou em meus trabalhos. Não obstante, já fiz algumas conferências pagas em S. Paulo e Santos. Devo voltar a S. Paulo nos fins do proximo mês para ali dar ainda algumas conferências nas mesmas condições. Não me faltam, aliás, convites para realizar conferências gratuitas, e brevemente devo realizar uma aqui, no Rio, a convite da Associação Brasileira da Imprensa, grande potentado brasileiro, e na sua sède. Tenho, por outro lado convite para escrever nalgumas revistas e jornais, o q. já comecei a fazer. Tambem ja tive oferta dum dos melhores editores brasileiros para editar alguns dos meus livros em preparação.

Devo dizer-te, não obstante, q., ao contrario do q. esperava, tanto livros como artigos são, por forma geral, muito mal pagos. Nestas condições estou encontrando dificulda-

1524

des com q. não contava e, ainda nem sequer me instalei definitivamente. Por êsse motivo dou a direcção da caixa postal do Fausto.

Devo informar-te q. estou aqui nas melhores relações com osrepresentantes do govêrno português. Acontece até q. o embaixador mandou um dos seus secretarios cumprimentar-me, a quando a minha chegada. Retribui os cumprimentos e estamos hoje em boas relações. Suponho até q. êle recebeu instruções oficiais para me tratar com a devida consideração. Do consul tenho recebido igualmente as maiores provas de deferência. Em Santos aminha conferência no Club Português foi presidida pelo consul.

Renovo os meus oferecimentos ao Sr. Wise. Não existe aqui qualquer organismo delegado, com o qual pudesse pôr-me em contacto ?

Deve estar a estas horas impresso em Portugal um pequeno volume ou brochura com as duas tèses q. apresentei ao Congresso Historico do Mundo Por tuguês. Apenas aqui receber alguns espécimes, enviar-te-ei um. E tu continuas trabalhando em cartologia ? Disse-me ha dias o Caio de Melo Franco, num almôço q. me foi oferecido em S. Paulo, q. tu descobriras e possuias uma carta do Américo Vespucio. Noticiax igual me pareceu depreender duma conversa com o Visconde de Carnaxide, q. o soubera do Stefan Zweig, q. aqui está igualmente. E verdade ? Publicaste alguma coisa sôbre o assunto ? Interessava-me muito sabê-lo.

Carolina e Judith acompanham-me nas minhas lembranças afectuosas para os teus e para ti.

Abraça-te o teu irmão muito amigo e grato

Jaime Cortesão

Archives Internationales d'Histoire des Sciences

Revue trimestrielle honorée d'une subvention de l'UNESCO

LE REDACTEUR EN CHEF
JEAN PELSENEER
126, rue Edith Cavell
UCCLE-BRUXELLES
Belgique

Dr. 17.

Le 10 septembre 1954

Mon cher Ami,

Je suis heureux de vous dire que je viens de recevoir de Mme. Em. Janssens un long c.R. de votre livre et que j'ai immédiatement faite suivre a^{c} l'adresse de Cohen, le directeur d'Isis, a^{c} qui j'avais déjà écrit a^{c} ce propos le mois dernier.

Le texte de Janssens est regrettable, dans ses grandes lignes, au c.R. de De Smet, qui paraîtra dans le prochain n^{o} de Archives.

Avez-vous lu que le charmant Hodson, directeur du budget d^{u} l'Unesco, a été tué dans la récente catastrophe aérienne de Sharon?

Mes très respectueux hommages, je vous prie, a^{c} Madame Costeşão. Croyez-moi, cher Ami,
votre très cordialement dévoué

J. Pelseneer

Avez-vous remarqué le petit texte de Putman dans notre n° 27, pp. 195-197?

1475

Lisboa, 18 de Novembro de 1959

Querido Armando:

Recebi a tua carta antes de ontem à tarde, mas como me era indispensável entregar ontem um original para a imprensa, isto é, o texto do XV fascículo e rever as terceiras provas do anterior, que ia entrar na máquina, estes trabalhos ocuparam-me o dia e a tarde. Respondo hoje. Mas pouco posso dizer-te com a brevidade que desejas. Ser-me-ia necessário para contestar cabalmente um longo trabalho de buscas e referenciações.

Em minha opinião, os vestígios das cartas de marear portuguesas dos séculos XIV e XV têm que buscar-se principalmente nas cartas estrangeiras, que as copiaram ou lhes sofreram a influência. Disso tens bom exemplo na Carta de Marear de 1424 que tu publicaste. Mas havia um século que os genoveses ensinavam em Portugal a arte de marear do Mediterrâneo e, ppr consequência, com a bússola e a carta. As expedições, como a de Safim, com que eles iniciaram a sua acção em Portugal, já exigiam carta de marear. Ocupei-me disto na minha obra, em curso de publicação. Suponho que a primeira referência a cartas de marear portuguesas se encontra na Carta de privilégio concedida por D. Afonso V a 22 de Outubro de 1443 ao Infante D. Henrique, que tens plena e seguramente na lembrança. Aí se diz que ele, Infante, mandou fazer das novas terras carta de marear, bem diferente das cartas de marear e mapa-mundo anteriores, onde aquelas terras "estavam debuxadas a prazer dos homens" . Há igualmente as referências de Azurara nos capítulos IX e LXXVIII, onde se referem cartas de marear no plural.

Duma época mais avançada recordo a referência do P^e^ Francisco Álvares no capítulo CIII da Verdadeira Informação, onde, por sua boca, Pero da Covilhã informa que ao partir para a sua grande viagem lhe deram "uma carta de marear tirada de mapa-mundo", na qual colaboraram, ao que parece, o Bispo de Viseu, mestre Rodrigo e mestre Moisés.

Recordo igualmente o que se lê no Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer, publicado por Basílio de Vasconcelos, em edição da Imprensa da Universidade de Coimbra, 1932. Em fins de 1494, o viajante alemão visitou os Paços do Castelo em Lisboa e afirma: "Vi também uma enorme e bem feita carta cosmográfica dourada; tinha catorze palmos de diâmetro" (págs. 22). Muitos maiores vestígios e traçados aparecem, ~~como disse~~, nas cartas estrangeiras, como disse. Seria necessário estudar todos esses decalques na cartografia estrangeira, sobretudo na italiana e na catalã, começando pela carta de 1424 e seguindo pelas de André Bianco, Benincasa, etc. Sob este aspecto, particular atenção mereceriam a correspondência de Toscanelli e, antes disso, as legendas do mapa de Fra Mauro, que se referem também a cartas de marear portuguesas.

Naturalmente a carta publicada pelo Foutoura da Costa é o resumo duma in-

1475

infinidade de cartas portuguesas anteriores.

Valentim Fernandes e Duarte Pacheco oferecem também alguns dados para a solução deste problema.

Tudo isto tu sabes e, se to recordo, é apenas para te mostrar a boa vontade em acudir ao teu apelo. Se entretanto e nos dias mais próximos me ocorrer qualquer coisa de interesse, comunicarei.

Mas permito-me dar-te uma sugestão: em vez dum trabalho de fichas, suponho mais interessante fazer um levantamento das influencias indiscutiveis da cartografia portuguesa nas cartas estrangeiras do sec. XVI. Embora rápido. Seria mais científico e mais nodo.

Grande abraço nosso

[illegible]

HOTEL VERNET

25, Rue Vernet

PARIS, 26 de Janeiro de 1934

Meu caro Cabrita

Sem resposta sua às minhas ultimas cartas,(uma ainda de Madrid e outra d'aqui),em que lhe preguntava quando chegarão seus sogros a Paris,venho hoje transmitir-lhe um pedido urgentissimo,que me foi feito pela Direcção do jornal "A Verdade".

Vai ser publicado e espalhado o nº 9 em que são narradas algumas das atrocidades cometidas pela ditadura. Esse nº abre com uma"declaração prèvia" do Snr. Dr. Bernardino Machado e vai ser espalhado pelo mundo inteiro em suas ediçõs francêsa e inglêsa? Produzirà uma grande impressão.

E' preciso que o meu amigo prepare as suas coisas para o seguinte:

(a) - Logo que receba um pacote contendo varios pequenos pacotes jà rotulados com endereços para Portugal,queira fazer o favor de estampilhar estes pequenos pacotes e pô-los no correio em Anvers e Bruxelas;

(b) - Diga-me se poderà tambem mandar para Lisboa,num dos seus navios,por intermedio de um oficial de sua confiança mais um ou mais pacotes de numeros da "Verdade",com o pêso total de 15 Kgs?,e se esse oficial serà capaz de passar discretamente esse ou esses pacotes pela alfandega de Lisboa sem os deixar abrir,afim de os entregar intactos a pessoa que lhe serà indicada.

(c) - Mandar fazer envelopes à maquina para todos os deputados e senadores belgas,dentro de cada um dos quais se meterà um nº da "Verdade" em francês. (Deve ter ai facilidade de conhecer os seus endereços pessoais).

(d) - Averiguar se serà possivel fazer inserir gratuitamente num ou mais jornais belgas quaisquer referencias ao nº excepcional da "Verdade" e a transcrição de algum dos seus artigos.

Tudo isto è muito urgente e importante para todos nós. Responda-me depressa. A sua intervenção e a dos que o auxiliarem serà guardada por nós como secreta e confidencial. Todas as despêsas que tiver de fazer,serão devidamente reembolsadas.

Com muitos cumprimentos abraço-o como

Seu mtº ded° amº

HÔTEL VERNET
25, Rue Vernet
PARIS,

TÉLÉPHONE:
ÉLYSÉES 72-34 / 49-24 / 49-09 / 49-10

ADRESSE TÉLÉGRAPHIQUE:
VERNETOTEL - PARIS

PERCEPIED FRÈRES, PROPR.

21/ Março/27

Meu Caro Amigo,

Recebi hoje a sua carta por intermédio das suas cunhadas, que aqui vieram vêr-me e estão otimas.

Não lhe tenho escrito por falta de portador.

Ainda não chegaram os amigos de Madrid, mas esperâmo-los por estes dias.

Vá-me dando notícias sempre que tiver portador de confiança.

D'aqui nada posso dizer-lhe de importante.

Oxalá que o seu caso se resolva sem estorvos.

Creia-me sempre

Mto Seu dedo amigo

A. C.

1468

Penhas Douradas (Serra da Estrela) / 31/agosto/1925

Rec. (3.IX Resp.) 925

Meu Amigo e Sr. Armando Cortesão

Tenho recebido os seus recortes, que espero me envie d'ora avante para Genève — Hotel Résidence — onde vou hospedar-me, e para onde parto depois d'amanhã.

Sobretudo agradeço-lhe as provas do magnífico artigo, que o Sr. General Freire d'Andrade vai publicar no próximo n.º do Boletim, e que só por esse motivo convinha ser distribuido logo nos primeiros dias de Setembro, conseguindo (depois) o meu Amigo que aquele artigo seja citado e transcrito, ao menos em parte, em toda a imprensa portuguêsa que o mereça.

Com relação ao assunto da sua carta de 28 do corrente, bem sabe que

estou fóra da actividade partidária e que não faço escondidamente o que não quero fazer às claras. Todavia o seu caso apresenta-se em tais condições, que eu vou pessoalmente chamar a atenção d'alguem de pêso para ele, afim de que o meu amigo não seja prejudicado nem embaraçado na sua pretensão, que me parece não só justa, mas muito oportuna na hora actual.

Desejando-lhe todas as prosperidades, assino-me

Seu am.o dev.o e at.o

A. Afonso Costa.

P.S. Não sei se encontrarei em Genève os textos dos diplomas fundamentais sobre trabalho dos indígenas: dec.o n.o 951, de 14 outubro 1914, — portarias provinciais d'Angola n.o 91, de 18 abril 1918, n.o 306 de 13 dez. 1918, — decreto n.o 40 do Alto Com.o d'Angola (ou n.o 41?) de 1921, — e Port.a provincial n.o 4, de 16 de janeiro 1925. — Podia fazer-me a fineza de mandar expedir estes diplomas para Genève imediatamente? Desculpe a maçada e aceite os meus agradecimentos. A. A. Costa

COMPANHIA PORTUGUEZA RADIO MARCONI

198 CARIMBO

RADIO DIRECTA 18 JUN 1930 LISBOA

RECEBIDO ..... HORA 22 37 POR .....

Via Radio Directa

N.º

ESTAÇÃO DE ORIGEM N.º DE PALAVRAS

22 a 8

T. C. DOS TEL. DE LISBOA 18 JUN 30 1ª SECÇÃO

88198

421

FYPFL 2200

128 PARIS 22 18 2050 +

ARMANDO CORTEZAO RUA PRATA 34 LISBONNE +

PARABENS AFETUOSOS DE TODOS NOS DESEJAMOS MAE E FILHOS

MAXIMAS FELICIDADES PROCURACAO SEGUE AMANHA +

AFFONSO COSTA +

Rx. 3. XI.

HÔTEL VERNET
25, Rue Vernet
PARIS

TÉLÉPHONE
BALZAC 16-70
4 Lignes groupées

ADRESSE TELEGRAPHIQUE
VERNETOTEL - PARIS

PERCEPIED FRÈRES, PROPR

30 / outubro 1933

Meu caro Armando,

Recebi as suas cartas de 20 e 28 e o excelente nº 6 da "Verdade". Não me chegou às mãos, vindo de si, senão um outro número deste magnífico jornal (com as suas iniciais a lápis) que é a melhor publicação que até hoje se tem feito contra a ditadura. Em Espanha, no mês de Setembro, mostraram-me 2 (outros) números da "Verdade". Veja se me pode mandar todos os nºs (1 a 5) anteriores ao que hoje recebi. E se possível dois exemplares de cada número, melhor seria, porque eu faria circular um deles, guardando o outro no meu arquivo político.

Já sabia, com efeito, que o Armando se via obrigado a Komisiar-se. Oxalá seja por pouco tempo. Estimo que tenha consigo sua Esposa, (a Com.ª) Quem mt.º me recomendo, e o meu afilhado, que peço beije muito por mim.

Não tenho agora tempo para escrever o artigo que me pede para o nº 7; mas enviar-lho-ei brevemente. E o Salazar não perderá pela demora. Talvez o meu artigo

1588

deva sair primeiro sem assinatura, como se fosse da redacção, a vêr se o homem, que já respondeu uma vez à "Verdade", cái na asneira de vir à puxada; pois, nesse caso, eu farei depois uma réplica assinada, que o deixará sem péle... nem osso.

Dei o seu recado ao meu Sebastião, que é sempre o mesmo seu bom amigo e que prometeu escrever-lhe rapidamente.

Quanto às dissenções, que o meu amigo justamente lastima, só lhe direi que nunca as provoquei, nem as agravei quando os outros as provocaram. Oxalá que todos tivessem a completa isenção de que eu tenho dado inequivocas provas! Eu até esqueci, ou procedi como se tivesse esquecido, as violencias e infâmias, que sofri no tempo do Sidónio, e nem assim encontrei nos outros o desejo de união e solidariedade absoluta, ao menos durante a luta contra a ditadura, que sempre tenho preconisado e... lialmente praticado!

Um apertado abraço do
Seu mto amigo,
Affonso Costa

Hotel Vernet, 5 / fevereiro / 34.

PERCEPIED FRÈRES
SOCIÉTÉ À RESPONSABILITÉ LIMITÉE
CAPITAL : 100.000 FR
25, RUE VERNET
PARIS-8e
R. C. SEINE 212.537 B

Meu caro Armando

Recebi as suas cartas de 2 e 3 do corrente e confirmo o envio e oferta da "Aguda" e a minha carta de 3.

É lastimavel que tivessem escapado erros de composição na edição francêsa. Dos 100 exemplares corrigidos que me mandou e que devo receber, juntamente com 1.260 não corrigidos, ou esta tarde, ou amanhã, dirigirei alguns a certos homens politicos, ministros e parlamentares, para os quais juntarei à "Verdade" uma pequena carta minha, manuscrita. Outros irão para os principais jornais, alguns tambem acompanhados de cartas. Vou entregar aos Drs. Lopo Carqueira e J. Dr. dos Santos as cartas que para eles me envia. Este ultimo, sobretudo, poderá talvez conseguir referencias à "Verdade" ou mesmo alguma tradução em certos jornais avançados.

Estimo que faça tambem uma distribuição na Inglaterra. Mande-me 1 ou 2 exemplares da edição em inglês. É curioso que o seu cartão de lembranças para o Salazar "parta de Genebra.

Quanto à distribuição no Brazil, que nos interessa sobremaneira, fez muito bem em mandar para lá as Zincogravuras para que o Nº especial da "Verdade" possa ser

11

lá reproduzido. Espero que se não tenha esquecido do "Centro Republicano Dr. Affonso Costa" Praça Tiradentes, 46, 1.º andar. Estou certo de que o Centro não deixará de se referir ao nº especial da "Verdade" e de transcrever alguns dos seus artigos no proximo nº do seu "Boletim". Mando-lhe amanhã um exemplar do ~~seu~~ "Boletim" de Dezembro. (Afinal mando-lh'o hoje)

Quanto às despesas feitas e a fazer aqui com estampilhas e envelopes, ainda não posso apresentar-lhe uma nota precisa. Até agora gastei com a expedição dos pacotes que foram p.ª Portugal 49 frs, 80, e com os primeiros 1.000 envelopes (de grande formato e bôa qualidade) 110 francos. Temos de contar com 600 frs., pelo menos, para a expedição de 1.300 nºs em cartas fechadas, a 0,50 cada uma. (E é por ter a edição francesa só 8 pags, pois as 10 pesam mais de 20 grs.) Não poderei dar menos de 300 ou 400 frs. de gratificação à dactilografa que faz todos os envelopes, vai procurar varias moradas (sobretudo de Centros e outras agremiações), etc. Total até agora gasto e previsto:— de 1.100 a 1.200 e tal francos.

Veja se é muito pesado para as suas disponibilidades, pois ainda estaremos a tempo de mandar as cartas não fechadas e como "imprimé", pois nesse caso só pagará cada uma, creio eu, 15 centimos. Executaremos, está claro, as destinadas às personalidades mais simples, mas sempre se poderá fazer assim uma economia de 350 a 400 frs. Responda-me, pois, na volta do correio. Seu mt.º amº Affonso Costa

COPIA

Antuerpia, I de fevereiro de I934

Meu Ex° Amigo

' Em meu poder as presadas cartas de V. Exa. de 25 do p. pd°., bem como as ali referidas,- de Madrid e d'ai - às quais nâo respondi logo, por estar sempre a contar com a proxima vinda de V. Exa. aqui.

Em 29 do p. pd°. recebi carta do Armando C;, assim como os pacotes a que se refère e que nesse mesmo dia seguiram seu destino.

Tambem poderei mandar por um ou mais vapores os pacotes de I5 kilos,- sendo no entanto preferivel desembarca-los no Porto, pois ha ali maior facilidade.

Assim que receber a ediçâo em francês, imediatamente a distribuirei pelos Ministros, senadores e demais autoridades oficiais de maior relêvo.

Envià-la-ei tambem aos jornais belgas e conto que alguns lhe farâo referencia, tornando-se muito delicado para mim o procurar abertamente a sua ~~publicaçâe~~ publicidade, pois a legaçâo facilmente me descobriria.

O que, no entanto, nâo impede que eu faça com o maior prazer, e dentro do possivel, tudo o que esteja ao meu alcance a bem da causa.

.....
.....

Fico aguardando as bôas noticias de V. Exa. e subscrevo-me com toda a consideraçâo e estima

De V. Exa

Amigo Mt° Grt° e Ded°

(a) J. Vinhas Cabrita

11

Paris, 13. Fevereiro. 1934

Meu caro Armando Cortesão

Recebi a sua carta de 9 e cá espero os 100 exemplares da edição portuguesa da Verdade, que muita falta me fazem.

Lastimo as demoras que se produziram na chegada dos pacotes à Suissa e à Inglaterra. Para a outra vez será preciso registá-los, o que, em pacotes com o maximo do peso, não aumenta cá muito a despesa.

Quando houver conveniencia dúma nova grande distribuição em França, faremos imprimir aqui essa edição, que pouco mais cara ficará do que aí, e poderemos então distribui-la como jornal, isto é, por pouco dinheiro.

Os n.os aqui distribuidos pesavam (sem envelope), mais de 20 grs., de sorte que cada um dos fechados como carta pagou 75 cent.s e cada um dos

1589

que seguiram como "Imprimé" custou 20 centimos (até 15 cmos seria preciso pesarem menos de 20 grs. —).

Mandarei a conta da despesa total mto brevemente.

Hoje envio-lhe esse "Original" do Salazar e do Alfredo de Magalhães para o proximo nº da Verdade.

Trata-se da reunião da U. N. realizada em fins de Novº ou principios de dezº, à porta fechada, e de que alguma coisa tinha já transpirado. Talvez aí possa averiguar-se a sua data exacta.

Este relato foi-me mandado por pessoa de toda a confiança, que o copiou da respectiva acta, tal qual ela foi redigida.

Pelo que me diz respeito, a Verdade poderá intimar Salazar a citar os nomes dos meus amigos que ele afirmou, falsamente, terem pedido à Censura que não permitisse a publicação da mª entrevista, com receio da sua resposta!!!!... Mas então porque é que não apresenta agora mesmo essa resposta?! Ainda viria a

tempo de ou lhe replicar e de afinal saber o povo português que é ele, Salazar, e quem não respeita nunca a verdade, nem nas contas publicas, nem no que diz ou escreve. Mtos [illegible]

HOTEL VERNET

25, Rue Vernet

PARIS,- I° março I934

Meu caro Armando Cortezão

Logo que recebi a sua carta de I5 de fevereiro, escrevi confidencialmente ao unico português residente na Suissa que poderia arranjar as coisas com o tal couple de Genebra. E' um empregado da Legação, que me deve e ao Dr. Bernardino Machado os maiores favores. Respondeu-me, cheio de confusão e em linguagem figurada que, dada a natureza das encomendas que foram perdidas no correio da Suissa ou roubadas pelos proprios destinatarios, lhe era impossivel ocupar-se, mesmo indirectamente (como eu lhe pedira), da descoberta ou do reembolso dessas mercadorias sem correr o risco de perder o seu logar e de ser condenado, mesmo como ausente, numa grave pena...

Que quer que eu responda? Que quer que eu faça? Foi pena que o meu amigo confiasse nessa gente, que atè talvez tenha denunciado o caso, pela carta daquele secretario de legação, percebi perfeitamente que tudo è là jà conhecido!...

Fez o meu amigo qualquer tentativa pela sua parte? dirigiu-se aos correios suissos na sua qualidade de expedidor? Ser-lhe-ha facil obter ai uma declaração do Comissario de Policia de que è o sr. A. Zuzarte e habita no 53, Ayala, com a qual poderà fazer a sua reclamação contra a nâo entrega dos pacotes, solicitando a sua devolução à procedencia.

Os exemplares que me mandou foram todos distribuidos pelos parlamentares, ministros, presidentes, embaixadores e legações, liga dos direitos do homem, maçonaria e jornais de Paris e da provincia.

O Dr. Lago Cerqueira e eu fizemos muitas tentativas junto de varios jornais para se referirem à Verdade todos queriam dinheiro e avultado! Nâo começavam a pedir abaixo de IO mil francos! E diziam que nâo podiam neste momento ocupar-se de questões internas d'outros paiz quando tanto estão sofrendo com elas no seu.

Vai junta a conta das despesas, indicando a participação que nela tomo, graças à qual o meu amigo só terà de me mandar 663francos e vinte centimos.

Com muitos cumprimentos de todos os meus, abraço-o como seu

Am° mt° ded°

Affonso Costa.

15

Rep. 31

HÔTEL VERNET
25, Rue Vernet
PARIS

TÉLÉPHONE
BALZAC 16-70
4 Lignes groupées

ADRESSE TÉLEGRAPHIQUE
VERNETOTEL - PARIS

PERCEPIED FRÈRES, PROPR.

26. Março. 34

Meu caro Armando,

Recebi o nº especial (9) da "Verdade" dentro do curioso envelope "Secretariado, etc.", em que foi aí distribuído.

Os homens da ditadura teem dado uma sorte de mil diabos com a publicação d'este nº especial.

Viu a carta aberta, que um tal Morna publicou na Voz e em que o dr. Bernardino é atacado por haver escrito o artigo de apresentação?

É preciso continuar a combater a ditadura e, sobretudo, o Salazar, pela imprensa clandestina.

O odio ao Salazar é cada vez maior, segundo me disse hoje um amigo vindo de Portugal.

Vá-me dando notícias dos trabalhos revolucionarios, ou outros, de

C.F.I.P. PARIS

1574

que aí tenha conhecimento. Dadas as nossas relações, estranho que nunca me tenha dito coisa alguma a este respeito. Se fôr preciso, ponha nas suas informações nota confidencial e elas serão só para mim. O que é preciso, é que se procure e encontre uma fórmula de trabalho solidario. Mas sem informações, é impossivel procurar e encontrar essa fórmula. E vai-se perdendo tempo, energias, dinheiro e companheiros em esforços isolados ou separados talvez apenas por causa de equívocos.

Creia-me sempre seu mto. dedicado amigo

Afonso Costa

seu trabalho, que é uma nova contribuição sua para o descredito e a futura (ai de nós!) derrocada da ditadura. Mas desejo ver no original esse seu artigo. Mande-me, pois, um nº do Leviatan, mas registado. Com os correios da Espanha nenhum livro escapa d'outra fórma. Os carteiros da Repª de Gil Robles querem instruir-se ... à custa alheia!

Dê-me, tambem, explicações juridicas àcerca do processo que lhe foi movido. É um processo d'imprensa? Quem o move? Em que tramite se em contra? Ha mandados de captura contra si, passados pelo juiz desse processo ... d'imprensa?!! É isso possivel?! Já tem advogado? Como pensa proceder para evitar o processo, ou nele se defender?

Dê-nos noticias de sua Esposa e do meu afilhado, de quem não nos fala!

E com cumpt.ºs de minha mulher e do Seb. (que vai ocupar-se da sua agenda), creia-me sempre seu corret.º e am.º ded.º, Affonso Costa

Dr. 18.1º 35

HÔTEL VERNET
25, Rue Vernet
PARIS

TÉLÉPHONE
BALZAC 16-70
4 Lignes groupées

ADRESSE TÉLÉGRAPHIQUE:
VERNETOTEL - PARIS

PERCEPIED FRÈRES, PROPR.

23. Dezembro. 34

Meu caro Amigo,

Recebi a sua carta de 20 e 21. Ha dias recebi, registado, o nº do Leviatan, que guardarei cuidadosamente.

O seu artigo está muito bem feito, é contundente e mesmo violento, mas não me parece que, por si só, pudesse autorizar, em condições normais, a sua prisão preventiva. Se a policia e a justiça o procuram aí com tanto frenesi, é porque o julgam envolvido em coisas de armamento ou conspiratórias, ou em condições de, pelas suas declarações, lhes dar qualquer indicação util.

Tome, pois, cuidado. Ouça o seu advogado e siga os conselhos d'ele. O meu conselho de Correligionario e amigo seria este: afastar-se por algum tempo da Espanha, passando para a França. Mas poderá o meu amº fazê-lo? A ida da Comadre e do meu afilhado aí parece-me perigosa neste momento. Se essa policia tivesse alguma habilidade, já Você estaria preso.

Falarei hoje mesmo ao Sebastião, recomendando-lhe que trate da sua Agenda e lhe diga o estado da liquidação da "Cotongue".

Os folhetos que aí recebeu e de que me chegaram Tambem aqui alguns exemplares, estão otimos. Não sei quem possa ser o autor. Se fosse vivo o Perpétuo da Cruz, atribuir-lh'os-ia. Cumptos de todos os meus e um abraço do seu amº e corrº mº dd, A. Costas

1466

CENTRO REPUBLICANO PORTUGUÊS
DR. AFONSO COSTA
PRAÇA TIRADENTES, 45 - 1.º
RIO DE JANEIRO
Toda a cor...
á Caixa Postal 3011 – Rio de Janeiro.

Exmo.Snr.Dr.Armando Cortesão
Ayala,76 - ótico - Esqdo.
MADRID

Ilustre correlegionário.

Cordeais sadaçoẽs.

Graças á honrosa colaboração com que V.Exa.se tem dignado distinguir este Centro,a Directoria teve facilitada,sobremaneira,a sua missão de bem orientar a opinião republicana,de incutir fé nos espíritos propensos á descrença,de despertar o sentimento patriótico que nos une a todos num amplexo de espiritualidade e edealismo e de poder informar,com segurança,a nova orientação que,indubitavelmente,terá que ser seguida por aqueles que amanhã assumirem as responsabilidades do Poder dentro da Constituição Republicana.

É,pois,esta Colectividade,devedora a V.Exa.de inumeras provas de consideração e cordeal afecto,e assim,a sua Directoria,ao terminar o seu mandato,quer deixar aqui exarada a expressão máxima do seu mais vivo reconhecimento pela cooperação que por V.Exa. lhe foi prestada,que tão brilhante foi e cujos efeitos foram dicisivos para o prestígio desta Casa e salutares para a confiança no Futuro da nossa Pátria.

Reiterando-lhe os protestos da nossa mais elevada consideração e estima,aceite V.Exa.as saudaçoẽs deste Centro,e as minhas pessoais com os melhores votos de

SAUDE e FRATERNIDADE

António Leite da Costa

Vice-Presidente

P.S.Já depois desta escrita recebemos a de V.Exa.,de 26 de Junho findo,que agradecemos e ficamos scientes do seu conteudo.

Secretaria do Centro,14 de Julho de 1934

1067

P.e o D.or Cortesão

Lx.a 20-X-933 Rs. 11.XI.33.

Fontoura da Costa

Meu prezado amigo

M.to me penalisa o succedido, creia. Quando o teremos agora em Portugal?! Que aborrecimento! E todos os nossos amigos, com quem tenho falado, igualmente estão pesarosos.

Na sessão de abertura da Escola Naval, o almirante Tito de Morais fez-lhe uma referência m.to elogiosa (e justa, aliás), que causou sensação entre a assis-

1572

tência, na qual se contava o Ministro da Marinha...
Alguns jornais deram nota dessa referência: "Diário de Lisboa", "Vz", etc.
O "Diário de Notícias" nada disse. O relato foi feito pelo J. C.
Mtº me obsequiava informando-me se seu Exmo Irmão recebeu as duas remessas de separatas e outras causas que lhe enviei, p., em caso contrário, eu reclamar, pois enviei tudo registado.
Por sua Esposa tenho tido notícias suas. Mtos cumprimentos, assim como p. o n. di. J. C. Amigo mt. grato e adm. sincer
S. Alva

Orense 13 Jan.º 34

Ex.mo Snr. Dr. Armando Cortezão

Tendo recebido a carta de V. E. devo dizer que não ponho objeção alguma ao acrescento ao artigo, do que quiz ter a amabilidade de me prevenir, entendendo tambem que se deve egualmente fazer essa referencia, que si por esquecimento não fiz, tanto mais que tambem são do meu conhecimento alguns casos desses; e é absolutamente justa a nota final, e necessaria, pois com efeito essa menção ainda viria vexar mais as senhoras que tal sofreram.

1578

Muito agradeço os pesames que me envia.
Com a maior consideração rogo me creia

De V. Ex.ª

Att.º Ven.ª e am.º m.º Ob.º

Nuno Cruz

Ex.mo Senhor

A. Juzarte

Ayala - 76 - Atico - Izq.do

Madrid

Espanha

CORREO TELEG.
CORREO
19 MAR 34
GUARDA

40 ff 00

14

De
A. da Costa Fonseca
R. do Tesouro
Guarda
Portugal

2º DEPARTO

ADMON PRAL CARTERIA 20 MAR 4 5T

Junto envio a quantia de 40$00 para ajudar a publicação do nosso jornal "A V E R D A D E".

Em luctá até vencermos, sou um jovem republicano.

Viva a nossa República.

Londres, 10 de Novembro de 1945

Exmo. Snr. Director do "Diário de Lisboa":

Acabo de ler uma entrevista do Sr. Dr. Mário de Lima Alves no "Diário de Lisboa" de 6 do corrente a propósito do que, a meu respeito, foi publicado num jornal da manhã dêsse dia. Pedi ao redactor da United Press que me entrevistou cópia da entrevista que lhe concedi e tal qual foi telegrafada. Junto-a aqui, e por ela se verá que a versão publicada pelo referido jornal não corresponde ao que foi telegrafado pela U. P. De resto a entrevista melhor se poderia chamar uma conversa que tive com êste jornalista, como com vários outros que me procuraram quando do grande interêsse aqui despertado pela reünião democrática de 8 de Outubro. Por isso algumas das minhas afirmações, ao ser telegrafadas, se prestaram a interpretações que podem não corresponder ao que eu realmente disse. Por exemplo, quando me foi preguntado: "Quem é o leader do movimento anti-fascista?", respondi: "Não faço idéia, e não há razão para supor que êle seja conhecido do público, embora eu pessoalmente conheça várias personalidades que trabalham pelo regresso de Portugal à Democracia, cautelosamente, claro está, por causa da polícia política". À pregunta: "Mas quem é o leader da oposição oficial?" respondi que não sabia de nenhum em especial, mas quem presidira à reünião do dia 8 fôra o Dr. Barbosa de Magalhães, e apontei o "Diário de Lisboa" de 15, que recebera umas horas antes com a brilhante entrevista do Dr. Mário de Castro, a quem considero como um dos representantes da mentalidade da nova geração. Isto na redacção telegráfica da U.P. aparece assim (tradução literal): "êle (entrevistado disse que) conhecia apenas poucos leaders conselho anti-fascista porque maioria trabalhava incógnito para escapará acção polícia política stop leaders oposição oficial portuguesa eram doutor Barbosa de Magalhães homem mais cinqüenta (anos) antigo ministro estrangeiros que presidiu grande meeting oposição segunda feira última e doutor

50

Mário de Castro advogado representando jovem geração democrática stop havia razão crer que real chefe oposição não era conhecido do público (was in background)". Isto difere consideravelmente do que apareceu publicado no referido jornal da manhã.

Um ponto da entrevista desejo rectificar: Eu nunca disse que era "delegado" do Conselho Nacional de Unidade Anti-Fascista", mas sim que tivera com êle contacto. Pelas cópias juntas das entrevistas que na mesma ocasião concedi à Reuter e à Agence de Presse se pode ver que jamais me atribuí tal qualidade de "delegado" de coisa alguma, nem tão pouco nomeei quaisquer chefes, primários ou secundários.

Pela publicação desta me confesso,

De V.Exa.,

Atento Venerador e Obrigado,

ass) Armando Cortesão

Conheço os vossos escriptos sobretudo os que costumam aparecer na Seara; e seria para mim honra e prazer conhece-lo pessoalmente. Como conto passar todo este ano em Inglaterra alimento a esperança de que uma oportunidade se proporcione.

Sem outro assunto, queira V. Ex.ª receber as saudades do compatriota e admirador

Manoel Moreira Jacob

TEL. 73010, 73018, 73019
APART. DE CORREOS 210

Declaro ter recebido do Ex.mo Snr. Armando Cortesão, por indicação do Com.te Prestes Salgueiro, 850 (oitocentos e cincoenta) pesetas por conta das diferentes despezas para a viagem de Paris a Lisbôa. O Ex.mo Snr. A. Cortesão disse-me que tinha recebido mais 110 (cento e dez) pesetas para outras despezas ligadas a esta viagem.

Madrid 14 Novembro 1933

Armando Agathão Jaime

P.S. É o primeiro auxílio monetário desde que estou no exílio.

Afonso.

MADRID
HOTEL NACIONAL
PASEO DEL PRADO
DIR. TEL. NACIONATEL

1575

Orléans Palace Hotel - 187 - Boulevard Brune
Paris 31 - outubro 1933

Confidencial

A S.mo Senhor

Dr. Armando Cortesão

Apresso-me a acusar o recebimento da carta de V. Ex.cia e a enviar-lhe os meus agradecimentos por ter tido a gentileza de me confirmar as indicações que o nosso comum Amigo Com.te Prestes Salgueiro me transmitira na sua carta de 27 do corrente.

Suponho que V. Ex.cia está em ligação directa e segura com este nosso Amigo e, por isto, solicito-lhe o obsequio de comunicar ao Prestes Salgueiro que recebi as suas cartas, de Vigo e Madrid, e, juntamente a do Ten.te Cor.el Ribeiro de Carvalho. Os poucos minutos de que disponho para escrever esta e correr à Gare d'Orsay afim de a fazer seguir pelo primeiro comboio forçam-me a lacònicamente expôr o essencial, que V. Ex.cia fará o favor de transmitir a P. S.e e R.do C.

a) Apreciei e ponderei devidamente a carta do R. C. Dada a falta de tempo limito-

1576

me a dizer-lhe: Tendo mudado o pessoal da Marinha a minha intervenção perdeu a eficacia que teria ha anos. Se, porem, o R. de C., verificando os elementos de luta, mantiver o mesmo juizo a meu respeito isto é, sobre a utilidade e vantagem da minha "opinião" e "acção" - farei todo o possivel para lhe dar a "unica resposta" que me pede - "a minha presença no momento proprio"

b) Mas, dadas as especiais circunstancias da minha situação e, ainda, de acôrdo com o espirito da carta do R. C. - rógo que não me obriguem a partir sem estarem asseguradas as possibilidades de que a hora do combate à ditadura soará em breves dias. A minha ausencia não póde ser longa.

c) Confio a Elles e a V. Ex.cia o cuidado dos transportes, passagem da fronteira, casas em Lisbôa e agente de ligação. É com o maior desgosto e contrariedade que sou forçado, desta vez, pela delicada situação em que me encontro, a aguardar os fundos para as viagens.

Agradecendo a V. Ex.cia antecipadamente, o trabalho que voi ter, subscrevo-me com alta consideração

De V. Ex.cia am.e att.o e Ven.or e obrig.o

Armando Agathão Lança

20 - Novembro 1933

Recebi 24
Resp. 25

Meu Sr. Meu Amigo:

As condições que constituiram a resposta que dei, por intermédio de V. Exª a um caloroso convite - não foram escutadas. Nunca eu devia ter partido d'aí sem ter a certeza absoluta da sua execução. Os insistentes telegramas de V. Exª não correspondiam nem à verificação das minhas condições, nem à real situação aqui existente. Apenas os serviços do Heitor e d'um companheiro deste, feitos com a maior dedicação, correram bem. Só o tempo esteve pavoroso. Mas... depois tudo faltou. Tudo! Mesmo o carro que um seu amigo prometera, por conta para o Heitor, formalmente. Nem carro, nem casa, nem roda, d'aqui, nos deram, nem indicaram. Por acaso chegamos ao ponto de destino depois de 2 noites perdidas. Mas onde recolher-nos?
Como sabe (tendo cometido a leviandade, imperdoavel em quem tem a minha experiencia, de entrar sem ter a certeza de que tudo estava assegurado) contava com as facilidades de que o meu companheiro de viagem dizia dispôr. Mas, ai-las! tudo lhe faltou!
Nada tinha! Por iniciativa propria e por meio acaso consegui onde dormir na primeira

1602

noite. A situação esteve seria como lhe poderei contar.
O nosso comum amigo V. S. disse-me que eu não devia ter saído d'vi sem comunicação d'elle. Moralidade: sem o fôrno estar bem quente não deve haver presso de lhe meter o pão dentro...
Conto-lhe isto, apenas, por calcular que tenho interesse em saber como a viagem se fez.
Tambem o informo de que após a minha chegada tive conhecimento de que já aqui se sabia que V. Ex.ª me tinha entregue "certa quantia" para as despezas da viagem! Deixo o comentario à sensibilidade de V. Ex.ª Ha na verdade coisas que eu não consigo compreender.
— Sobre a solução do problema que mais nos interessa ainda não tenho, por não me terem fornecido os indispensaveis elementos de estudo, idéas assentes.
Assunto do nosso almoço: Peço-lhe o obsequio de transmitir aos nossos dois amigos — que, até este momento, não o pude tratar directamente com as primeiras figuras por não as ter visto, mas que abordando-o com os seus secretarios — um destes me garantiu, contando-me "detalhes", que tinham chegado a um acôrdo. Será verdade? Desejo-o, sinceramente, pelo espirito, pelo sentimento e pela acção. Com os meus agradecimentos pelas atenções que V. Ex.ª foi me dispensou subscrevo-me a maior consideração de V. Ex.ª em at. obr.

A. Castro

Paris 5-Janeiro 1934

Dep. 9.1.34

Ex.mo Senhor Armando Cortesão
Agosto 53 - 2º
Madrid

Meu Ex.mo Amigo:

Acuso a recepção da carta, cartão e das provas para o numero especial de "A Verdade" que V. Ex.cia me enviou.

Pelo que se refere à "Declaração prévia" para que V. Ex.cia pede a minha assinatura devo dizer-lhe que em principio concordo com tal idéa e que, por isso, nenhuma duvida tenho em a subscrever.

No entanto permita-me V. Ex.cia preguntar-lhe qual foi o criterio que presidiu à escolha dos nomes que figuram como seus signatarios.

Pelo simples enumerado delles eu não pósso discernir com claresa qual elle tenha sido.

Tendo sido sempre, sinceramente, por uma leal união entre os emigrados, deportados e todos os outros adversarios da ditadura não pósso deixar de chamar a atenção de V. Ex.cia para que com este documento não se dê uma impressão de divisões ou de castas entre os elementos dessa numerosa

1579

falange anti-dictatorial.

Por isso, julgo que ella deveria ser assignada pelo maior numero possivel de emigrados desde que não haja qualquer razão de ordem moral, que os desconheça, e que logicamente exclua alguns ou alguns delles.

Não querendo, por involuntario esquecimento, ferir susceptibilidades de ninguem - não citarei nomes, mas V. Ex.cia, sem o menor esforço, lançando a sua vista, mesmo só, pelo campo dos emigrados em Estrangeiro encontrará muitos que não é comprehensivel que não tenham sido convidados a subscrever este documento.

Frizando-se, como se frisou, que os signatarios vivem todos no exilio e não sendo a "declaração" assignada pelo maior numero possivel de exilados poder-se-ha dar a impressão de que aquelles que a não assignam não fazem por com ella não concordarem, o que poderá ser explorado pela ditadura contra os seus adversarios, ou que tiveram medo de a subscrever, o que, certamente, representaria um injusto juizo a respeito de taes exilados.

Além deste reparo sugerido pela leitura

tadura. Julgo impolitico dar a impressão que entre a quadrilha dictatorial haja um sector importante ou uma grande parte que tenham imposto essa ausurpação ou que se sentisse illudido pelo facto d'elle não ser geral, e, por isso, eu supprimiria os qualificativos "importante" e "grande" que se empregam nesta parte da declaração.

Finalmente, na 4ª pagina, pelo que respeita á redacção do meu termo assignatura deverá ella ser feito do seguinte modo:

Comandante Armando Agathão Lança,
antigo deputado e antigo governador civil de Lisbôa.

Não ha a particula de, mas falta um h depois do t e um v sobre o "ao" em Agathão.

* * *

Li muito á pressa as provas do artigo que me mandou, pois, infelizmente, tenho tido e continuo a ter muito que fazer. Ainda assim, por isso fugidia leitura tive ensejo de notar alguns erros de typographia. Assim no artigo inti-

do "declaração prévia" ha no sua redacção
umas passagens que me parece haver
vantagem em modificar ligeiramente.

Assim, por exemplo, no fim da pagina 2
quando se diz: "..... ignora, por ventu-
ra, ella mesma no sua grande maioria....
....." acharia preferivel que se dis-
sésse: "..... poderá, por ventura,
até este momento, alegar, ella mesma
na sua grande maioria, ignorancia da
natureza e da gravidade dos crimes que
está defendendo."

Como V. Ex.cia vê pela redacção que eu
proponho sublinha-se que não mais será
licito o nenhum agente civil ou mili-
tar da ditadura alegar ignorancia de tais
crimes após esta nossa solemne e perem-
toria declaração.

Ainda, na 3ª pagina, noto que a "declaração"
atribue, entre outras causas, a concessão
da amnistia á imposição dum sector im-
portante da ditadura, como afirma que
a exclusão, dessa amnistia, dum certo
numero de emigrados iludiu uma gran-
de parte dos proprios defensores da di-

tulado "A deportação de Timor" no fundo da 2ª pagina está a palavra "interinamente" em italico, que eu julgo deve ser "inteiramente"; no alto da 3ª pagina está a palavra "pensas" em vez de "pessôos" e no fim do artigo está a palavra "Mainor" por "Maior".

Na 2ª pagina do artigo intitulado "No regimen das Deportações" está Ilha da Terceira. Eu diria Ilha Terceira, e não Ilha da Terceira, se seu Ilustre Irmão não me demonstrar o contrario.

Na 5ª pagina do mesmo artigo o tipografo espanhol que fez a composição deixou passar "intestinales" por "intestinais".

O artigo "Vitimas Sangrentas" está admiravel. Os meus cumprimentos ao Dr. Nuno Cruz

Ouvi, no minha ultimo estado em Lisbôa, relatar que tambem senhoras tinham sido mal tratadas nas prisões. Uma d'ellas parece que é da familia do falecido deputado e velho republicano Nunes Loureiro. Se o caso é verdadeiro uma referencia completaria o artigo "Vitimas Sangrentas".

Sem tempo para mais subscreno-

me com toda a estima e amis-
deração

De V. Exc.ia

Am.º at.º e obg.º

Armando Agathão Sanches

ORLÉANS PALACE HOTEL
185-187, BOULEVARD BRUNE
PARIS (14E)
DERNIER CONFORT
ASCENSEURS
TÉLÉPH. VAUGIRARD 10-61
— 10-62

PARIS, LE 17-2 1934

BIBLIOTECA GERAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Meu Ex.mo e Prezado Amigo

Apresento-lhe as minhas sinceras desculpas por só hoje lhe ocupar a recepção de "A Verdade" e lhe enviar, com os meus agradecimentos, felicitações entusiastas pelo resultado do seu enorme trabalho.

Porque não quiz o Dr. Af. Costa subscrever a "Declaração prévia"?

1591

- É muito difficil (para
quem não tem voltas rela-
ções politicas, nem dinhei-
ro para, pelos menos, oferecer
bons almoços) conseguir
a publicação nos jornais
franceses de artigos sobre
causas que não os interessam.
Estou, porem, tentando ver
se obtenho algumas referen-
cias. Tenho já 2 "rendez-vous"
prometidos para a proxi-
ma 4ª feira.
Não deixaria aqui
seu 3 mão relações para

quem me enviasse
uma apresentação?
Com a minha bôa
vontade póde contar
inteiramente.
É lamentavel que pes-
soas que tão voltas
situações politicas desem-
penharam - não tenham
cultivado aqui relações
interessantes nos meios
politicos e jornalisticos.
Só Magalhães Lima o
fez, nos tempos do pro-

pagando republicana,
com o seu dinheiro
e o "charme" do seu
brilhante espirito.
Informo-lo-hei do
que consegui.
As coisas aqui não teem
corrido bem para o pres-
tigio do Republico.
Pas de chance!
Com os meus respei-
tos para seu Vm. [illegible]
creia na estima e consi-
deração do que é
[illegible] obg. o [illegible]
Armando Aga Rodrigues

GREAT BARDFIELD 86.

MANOR COTTAGE,
LITTLE BARDFIELD,
BRAINTREE, ESSEX.

8. 9. 45.

Dear Mr Cortesao,

I have just returned from Scandinavia, to find your letter of August 14th. I do not expect to be in London until Sept 14th. Perhaps you would call me up after that. (Fulham 2444)

Yours sincerely,

H.J. Laski

68

Arq. 22.IX.35

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50

LA CORUÑA
29-VIII-935

Meu Ex.mo e Presado Amigo

Recebi e muito agradeço a sua carta de 10 do corrente. A resposta é um pouco tardia, mas V. Ex.ª desculpar-me-á por certo em atenção a que o facto é devido não a menos consideração, mas a uma série de desastres pessoais, sem esquecer o desastre geral de mais um adiamento da magna empresa que a todos nós, os republicanos, nos traz preocupados. O que vale é que o sebastianismo ingénito da raça nos ampara contra todas as desilusões...

Lamento os vexames por que o fizeram passar em Inglaterra a crimi-nosa má fé da ditadura portuguesa e a cumplicidade benévola do conservantismo inglês. Tenho, porém, esperança de que os políticos britânicos que deram a mão às ditaduras europeias porque imaginavam salvar assim a organização social burguesa, hão-de reconhecer que as autocracias condu-zem em linha recta à guerra e hão-de por isso emendar a mão. Este fenómeno há-de acelerar-se certamente depois da realização das próximas eleições.

O seu artigo sairá no próximo número de outubro, se a Censu-

1664

ra, como creio, o não cortar. Serão entregues a Sua Ex.ma Esposa, minha senhora, os 50 exemplares duma separata dêsse artigo. Dei ordem para lhe mandarem para Inglaterra a "Vida Contemporânea". Não sei se lhe disse que a Censura não me deixa colaborar na Revista com artigos assinados, de modo que passei a escrever com o pseudónimo de Salvado de Carvalho, que era o nome de meu avô materno.

Regozija-me a idea de que possa aproveitar a sua estadia em Londres para investigações que o habilitem a fazer trabalhos, honrosos para a intelectualidade portuguesa.

Espero o favor do envio do artigo sôbre política internacional em que me fala na sua carta. A "Vida Contemporânea" sentir-se-á muito honrada em inseri-lo.

Desejo-lhe as maiores felicidades.

Com a maior estima e consideração, me subscrevo

de V. Ex.ª

am.º m.to at.º e of.º

Cunha Leal

Recp. 23. VI. 35

Recolheu-o como um dos mais, [illegible] o maior valor q. a Republica deja nos [illegible]. Quem acha poda hoje polarizar os valores republicanos dispersos. Por isso lhe [illegible] o meu apoio, [illegible] q. [illegible] a minha actividade, [illegible] tencione fica no [illegible], como no passado, à margem da

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50
LA CORUÑA

17-VI-935

Meu Ex.mo Amigo

política partidária. O livro é [illegible] de [illegible] [illegible], e que já [illegible].

BIBLIOTECA GERAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Acuso a recepção da sua presada carta de 14 do corrente.

Agradeço-lhe muito a gentileza afectuosa das palavras com que me distingue e que atribuo, em grande parte, a um espírito de camaradagem republicana, que, infelizmente, não é moéda corrente nos arraiais em que nos achamos incorporados.

Vejo que o meu Ex.mo Amigo tem sôbre as coisas portuguesas uma opinião ainda mais pessimista do que a minha. Observando-as com imparcialidade, para o quê, naturalmente, tenho de fazer um certo esfôrço, verifico que, a-pesar-de todo o alarido das festas com que o César português procura distrair o seu povo, nunca a ditadura foi mais impopular em Portugal. A falta de solução para o problema dos vinhos e do trigo, conjugada com o excesso da carga tributária, deminúe de tal maneira o poder aquisitivo da nação que esta sente hoje nitidamente que está sendo vítima dum miserável "bluff".

¿Porque se não revolta então? Em primeiro lugar porque, se

1671

perdeu inteiramente a fé na ditadura, também não tem uma fé por aí além nos homens representativos da República, corroídos por divisões intestinas, quando não inertes e abúlicos; em segundo lugar, porque o exército teme pela situação material dos seus componentes no dia de amanhã. Em todo o caso, o Exército ódeia o Salazar e êle próprio se sente solicitado por fôrças contraditórias. Se nós conseguirmos, pois, improvisar um núcleo de ataque, a indecisão geral far-nos-á triunfar. ¿Conseguiremos, porém, criá-lo? "That ist the question".

Felicito-o pelo trabalho sôbre cartografia que publicou, pois, embora o não tenha ainda lido, ouvi-lhe a tal respeito uma conferência que me permite fazer uma idea do seu valor. O exemplar que faz o favor de me destinar, obsequiar-me-á remetendo-o pelo correio para aqui.

Dou-lhe ainda sinceros parabens pelo encargo, recebido pelo meu Ex.mo Amigo, da Academia Espanhola.

Desejo-lhe saúde e felicidades.

Com a maior estima e consideração, me subscrevo de V. Ex.ª am.º m.to at.º e obr.º Cunha Leal

Rg. 4. VII. 3

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50
LA CORUÑA
26-VI-935

Meu Exmo e Presado Amigo

Creia que a sua carta de 23 do corrente me sensibilizou profundamente. Não sou criatura que ande por êsse mundo de Cristo à procura ansiosa do louvor alheio. Mas confesso, sem falsos pudores, que me não é indiferente a consideração de pessoas que, como V. Sxª, estimo pelo seu carácter e prezo pela sua inteligência. Muito obrigado, pois, mais ainda do que pelas suas palavras tão gentis, pelo oferecimento da sua cooperação que eu sei valiosa e decidida.

E, para começar, desde já lhe venho fazer o pedido da sua colaboração para a "Vida Contemporânea" sôbre matéria que seja viável em face duma censura apostada a fazer calar aquela voz discordante. Seria favor enviar-me qualquer estudo, quanto mais extenso, melhor, guardando, porém, V. Sxª cópia para a hipótese dum extravio postal. Poderei contar com isso?

Logo que receba a sua publicação sôbre cartografia acusarei imediatamente a sua recepção.

1670

De Lisboa não tenho recebido notícias políticas por isso que as pessoas que tinham cifra comigo se encontram prêsas.

Desejo-lhe as maiores felicidades.

Com a maior estima e consideração, me subscrevo

de V. Sx.ª

admirador e

am.º m.to at.º e obg.do

Cunha Leal

P.S. A revista tem secções económica e financeira, cultural, de política internacional e literária. Há minha, portanto, por onde talhar um artigo

C. L.

Rep. 4

BIBLIOTECA GERAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50
LA CORUÑA

3-VII-935-

Meu Ex.mo e Prezado Amigo

Duas palavras apenas para, em especial, acusar a recepção dos seus dois volumes sôbre "Cartografia e Cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI" e para lhe agradecer a gentileza da sua oferta.

Vou lê-lo com atenção, certo como estou antecipadamente de que dessa leitura colherei bastos ensinamentos.

Insisto também no meu pedido de que colabore na "Vida Contemporânea". Faço-lhe a advertência de que a Censura está tão brava que cortou seis artigos meus, uns após outros enviados para o n.º de Agosto da Revista.

Desejo-lhe as maiores felicidades.

Com a maior consideração e estima me subscrevo

de V. Ex.ª

am.º m.to at.º e obg.º

Cunha Leal

1669

BIBLIOTECA CENTRAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50
LA CORUÑA

6-VII-935

Rp. 9'

Meu Ex.mo e Presado Amigo

Acuso a recepção de 4 de julho, hontem recebida.

Acompanhava-a um magnífico artigo para a "Vida Contemporânea", de que gostei muito. Fico-lhe extremamente reconhecido pela prontidão com que acedeu ao meu pedido e faço votos por que continue a dar-me o prazer e a honra da sua colaboração.

Enviei hoje o artigo para Lisboa com a recomendação de que tomem o maior cuidado com a sua revisão. Outro-sim pedi que tirassem em separata 50 exemplares do mesmo artigo. Aguardo que V. Ex.ª me diga a quem na devida oportunidade deva mandá-los entregar.

Não estranho o procedimento havido pelo consul português para comigo a propósito do visto do seu passaporte para Inglaterra. A ditadura provinciana que nos governa há-de ter sempre essas pequenezes de farmácia de vilória de terceira categoria. Oxalá que tudo se resolva pela melhor forma.

1668

Desejo-lhe as maiores felicidades.

Com os protestos da minha maior estima e consideração, subscrevo-me

de V. Ex.ª

am.º m.to at.º cr.º

Cunha Leal

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50
LA CORUÑA
29-IX-935

Resp. 6.XI.35

Meu Ex.mo e Presado Amigo

Recebi e agradeço a sua carta de 22 do corrente.

O artigo de V. Ex.ª sai na revista de 1 de outubro, devendo ser-lhe enviado, bem como os números seguintes, para o que já dei para Lisboa as instruções necessárias. Pregunta V. Ex.ª se deve alguma coisa pela separata. Escusado será dizer-lhe que nada deve e que, pelo contrário, somos nós quem lhe está obrigado pelo magnífico artigo com que valorizou a nossa revista.

Lamento muito que nos não possa honrar com artigos de carácter internacional pelas razões expostas na sua carta. Se, porém, quisesse ter a gentileza de me enviar qualquer estudo sôbre o assunto que entendesse, ficar-lhe-ia muito reconhecido.

Em Portugal continua o processo de decomposição da ditadura e agora sob uma forma mais acelerada. É lastimável que os republicanos, não tenham uma organização eficiente, porque assim estamos limitados a ser espectadores interessados.

1665

Desejo-me as maiores felicidades.

Dê-me sempre o prazer das suas notícias.

Com a maior consideração e estima, me subscrevo

de V. Sr.

am.º m.to at.º e obr.º

Rep. [illegible] 19. XI.

[illegible] V. 5

BIBLIOTECA GERAL - FACULDADE DE CIÊNCIAS

HOTEL MAJESTIC

SEVILLA-~~BADAJOZ~~
13-XI-935
TELEFONEMAS } MAJESTIC
TELEGRAMAS }

Meu Ex.mo e Presado Amigo

A sua carta de 6 do corrente só hontem me chegou às mãos por isso que teve de ser remetida da Corunha para Sevilha onde desde o comêço do mês me encontro instalado no Hotel Majestic. Tive de transferir-me para aqui por isso que a persistência da humidade galega me estava enferrujando as articulações cuja elasticidade e bom funcionamento preciso de garantir, dada a possibilidade de que o futuro venha a ser para mim ainda mais movimentado do que o presente. Aqui me tem, portanto, o meu Ex.mo Amigo à sua inteira disposição.

Dei ordem em devida altura para Lisboa para lhe enviarem todos os números da "Vida Contemporânea" a partir daquele em que se publicou o seu artigo. Reiterei essa ordem de viva voz ao Casanovas quando êle me foi visitar à Corunha. Assim se tem feito, de modo que, se lhe não chegam às mãos as revistas, devemos acusar disso a censura postal que é tão minuciosa que até deteve o último anuário es-

1672

Estatístico publicado pela Sociedade das Nações, a-pesar-de minha mulher o ter registado. Creio que o facto se deve a êsse anuário mais uma vez ~~regis-~~ acusar, ao que me dizem, um "deficit" nas contas salazarianas.

De Lisboa falam-me numa rápida decomposição da ditadura. Será assim? Nesse ponto, os factos falam mais alto do que as opiniões. Mas desde essa decomposição até ao nosso triunfo, quanto tempo não decorrerá ainda? Essa é a questão.

Para que o seu artigo sôbre política internacional, que desde já lhe agradeço com muito reconhecimento pelo brilho que com certeza vai dar à "Vida Contemporânea", possa ser publicado no número de janeiro, é necessário que me chegue às mãos até 5 de dezembro. Aguardo-o com ansiedade.

Muito lhe agradeço as afectuosas e generosas palavras de apreço que me dirige e que eu me esforçarei por merecer na medida do possível, se o futuro ainda me reservar um papel na vida política portuguesa.

Desejo-lhe e a Sua Ex.ma Família as maiores felicidades.

Com a maior consideração e estima me subscrevo de V. Ex.ª

Ant.º m.to at.º e obr.º Cunha Leal

HOTEL MAJESTIC
SEVILLA-BADAJOZ
TELEFONEMAS
TELEGRAMAS MAJESTIC

Lisboa 14. XII. 35

Meu Ex.mo e Presado Amigo

Acabo de receber o seu artigo, acompanhado duma carta com data de 3 do corrente. Anteriormente havia recebido de V. Ex.ª dois bilhetes postais a que respondo conjuntamente.

Li o artigo e gostei, felicitando-o por êle sinceramente. Desde que escrevi o meu livro "Portugal e Inglaterra", destinado a fazer saber a esta última que nós desejávamos e tínhamos interêsse em ser aliados da Inglaterra, mas não em ser o Domínio mais submisso da Communidade Britânica, passaram-se um facto da mais alta Transcendência — a atitude britânica no caso ítalo-etíope que amarra a grande nação similar à Sociedade das Nações e a força no futuro a ser o campeão do direito no campo internacional. Portanto, os têrmos em que se apresenta o problema luso-britânico varia

1666

ram sensivelmente. Repito: acho magnífico o seu artigo e faço votos por que as inteligências cavalares da Censura não vejam onde reside para êles o perigo da sua publicação.

Logo que recebi o seu primeiro bilhete, escrevi a minha Mulher para ser ela, em pessoa, a solicitar do Casanovas o envio registado das Revistas. Se as não tiver recebido, avise-me para eu lhas enviar directamente daqui, visto possuir um exemplar de tôdas as que foram publicadas nos últimos meses.

Outro sim escrevi hoje mesmo a minha Mulher para que lhe sejam enviados 8 exemplares da Revista de Janeiro em que virá inserido o seu artigo.

De Portugal nem-me também baforadas ... de esperança.

Desejo-lhe saúde e felicidades.

Agradecendo-lhe efusivamente, subscrevo-me com a mais alta estima e consideração,

de V. Ex.ª

am.º m.to at.º e obg.do

Cunha Leal

Meu Exmo e Presado Amigo

Hotel Majestic,

Sevilha,

aos 21-XII-935

Recebi e muito agradeço a sua presada carta.

Chegou hontem aqui a minha família, afim de passar comigo as férias do Natal. Trouxe-me a desagradável notícia de que o seu artigo fôra integralmente cortado. Mandei guardar as provas tipográficas censuradas, para documentação futura — minha e sua. Esta atitude da Censura para com a Revista é verdadeiramente insuportável: em primeiro lugar — e isso é o menos — occasiona-nos prejuízos materiais de consideração; em segundo lugar — e isso é o mais — priva-nos de apresentar aos leitores trabalhos de valor, "verbi gratia" o do meu Exmo Amigo. Que se lhe há-de fazer, porém?

1667

Vejo que felizmente a opinião pública inglesa forçou o governo conservador a retificar uma atitude que estava causando a mais desagradável impressão a todas as consciências democráticas do mundo.

De Portugal chegam-me notícias de que a ditadura perdeu tôda a consistência. O pior é que a oposição republicana, por falta de organização, não tem sabido sacar proveito dessa circunstância. E, no entretanto, nós, as vítimas da ditadura, vamos passando horas de trágica agonia.

Desejo-lhe as maiores felicidades.

Com a mais alta estima e consideração, me subscrevo

de V. Ex.ª

am.º m.to at.º e obg.º

Aurelio Vaz

Doc. 13.

Meu Exmo Presado Amigo

Sevilha aos 8-1-936

Recebi a sua carta de 31 do mês passado. Esteve aqui ante-hontem uma das pessoas interessadas na publicação da "Vida Contemporânea". Aproveitei a oportunidade para tratar do caso do seu artigo censurado. Asseveram-me êle que, segundo as instruções da Censura, a publicação de um artigo cortado importa a cessação da Revista e a prisão dos seus redactores. Esta gente, como vê, sabe defender-se.

Vejo-me, pois, na impossibilidade de promover a publicação do seu artigo, enquanto as coisas não variarem em Portugal.

Afirmam-me, cada vez com mais insistência, que a situação está perfeitamente desan-

ticulada, mas a nossa fôrça de ataque continua a afigurar-se-me insignificante.

Desejo-lhe saúde e um ano de 1936 repleto de felicidades.

Com a maior consideração e estima me subscrevo

de V. Ex.ª

Am.º m.to at.º e of.º

[illegible]

Resp. 7.2.36

Meu Prezado Amigo

Sevilha 29-1-936

A ligeira demora em responder à sua prezada carta de 13 justifica-se pela neurastenia em que me fiz mergulhar a retirada da minha família para Portugal e um consecutivo ataque de reumatismo que só agora começa a ceder.

De Portugal chegam-me notícias agradáveis no tocante à evolução da Causa republicana. Essas notícias encontram-me, porém, ligeiramente céptico. No fundo de todos nós existe, porém, um teimoso sebastianista. E, por isso, me surpreendo, em momentos de devaneio, a esperar, a pesar de tudo.

Acho muito bem o que me diz acêrca do envio para Portugal de cópias dactilografadas do seu artigo, acompanhadas da carta que lembra escrever ao Salazar.

A publicação da Sociedade das Nações a que aludo na sua carta é o "Anuário Estatístico" para 1934-35. A páginas 280 encontra-se o seguinte resumo da situação orçamental portuguesa

	anos	Receitas	Despesas	Diferências
Portuguesa	1932/33 Cl.*	1953,2	1.957,2	−4,0
	1933/34 Cl.	2015,0	2.086,9	−71,9
	1934/35 E.	1.916,1	2.176,1	−260,0

Cl.* Contas fechadas, resultados provisórios. E. previsões orçamentais.

A unidade é o milhar de contos.

Como vê, a gente da Sociedade das Nações não se afasta sensivelmente dos meus cálculos.

Dê-me sempre o prazer das suas notícias.

Desejo-lhe saúde e felicidades.

Com a maior estima e consideração me subscrevo

de V. Ex.ª

am.º m.to at.º e obr.º

Cunha Leal

Rio 27.2.

EMBAIXADA DO BRASIL

Londres, 25 de Fevereiro de 1939.

Exm: Sr. Armando Cortezão,

Sabendo que V.Ex. é autor de uma trabalho que me interessa muito possuir sôbre a Cartografia portuguesa e tendo sido informado por um amigo do meu antecessor Mello Franco, que V.Ex. dirige a irradiação portuguesa do B.B.C., tomo a liberdade de lhe escrever para perguntar-lhe onde poderia conseguir a sua obra.

Talvez lhe interesse saber que, visitando às pressas a biblioteca Huntington, em California, fiz fotografar todos os mapas (do Brasil) do seculo XVI que lá se encontram. Essas fotos eu as tenho comigo e terei o maior prazer em lh'as mostrar.

Com os agradecimentos antecipados
do cr. at. e ad.

J. de Sousa Leão

312

Envio-lhe o folheto que prometera.
Vai cheio de gralhas: feito numa noite
e composto e impresso e revisto em
2 outras, assim vei-o á Luz.
Mas o seu espirito esclarecido, os notará.
Depois me dirá do seu parecer.

Peço-lhe que apresente os
meus respeitos a sua Ex.ma Esposa.

Manda-lhe um abraço

o

Almerindo Jessa:

HOTEL DEL TECLA
DE
RAFAEL RODRIGUEZ

CALEFACCION CENTRAL

HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES

RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA

TELÉFONO 49

LA GUARDIA 14 de Janeiro de 1935
(Pontevedra)

Meu Prezado Amigo e Illustre Correligionário:

Desculpe-me a demora da resposta, mas aguardava uma pessoa que fôsse portadora, com a carta, do livro que teve a bondade de empresstar a minha filha Elzira. Como fiz o projecto de ir para Madrid, ela tencionava entregar-lho aí, apresentando pessoalmente os seus agradecimentos, que, por meu intermedio, agora lhe exprime. Foi com o maior proveito que leu a preciosa "Divulgação Musical" de D. Ema Camara Reys. E' vai remeter o volume pelo correio aos meus netos, que lho levarão a sua casa. Os dois rapazes, por causa da fatigante distancia a que a "Residencia" ficava das aulas, tiveram de mudar para casa do meu antigo amigo, professor Pedro Blanco, Hortaleza 81.

Eu estava ansioso pelas suas noticias directas, porque apenas sabia pelos meus netos que continuava nessa cidade, de saúde. Que me diz

39

do Jaime? Penso com profundo pezar nos desgostos e contrariedades que terá sofrido.

De Portugal não recebi ultimamente informações animadoras. Mas tambem não são para desesperar. Tudo depende, a meu vêr, do que, desde a primeira hora, se devia ter feito, a mais estreita organização das fôrças republicanas. Sem isso, nada. E lamento devéras que, para levantar os animos de muitos dos dirigentes adormecidos, não lhe fosse possivel continuar "A Verdade", de tão valorosa acção combativa. A proposito, tive uma carta do excelente republicano, meu antigo amigo, Candido Nazareth, que, para recobrar a liberdade, se viu forçado a pagar à policia uma multa duns 17.000$00, que eram tudo o que durante a sua longa vida de trabalho conseguira amealhar com a mais rigorosa economia. Que bandidos! Êle está projectando ir até ao Brasil...

Tem adeantado muito os seus magnificos trabalhos, não é assim? A sua publicação será um relevantissimo serviço não só à nação, mas tambem à Re-

HOTEL DEL TECLA
DE
RAFAEL RODRIGUEZ
CALEFACCION CENTRAL
HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES
RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA
TELÉFONO 49

LA GUARDIA de de 193
(Pontevedra)

publica. Ela felismente tem nomes que a honram. E, para a nossa vitória ser certa, por mais que esta dolorosa crise se prolongue, basta olhar para o miseravel elenco da farçada ditatorial. Não ha lá uma figura de realce civico perante o país.

Sua Esposa ainda aí está? Queira apresentar-lhe os nossos mais dedicados cumprimentos. Todos aqui os recordamos muito saudosamente. Beijos ao Armandinho. E creia-me sempre cordialmente

Todo seu

Bernardino Machado

CARTA

ao

Ex.mo Senhor Ramsay Mac-donald, Primeiro Ministro de Inglaterra.

Dirigindo-me neste momento a V. Ex.cia, cumpro um rigoroso dever, ao qual, menos do que ninguem, pode faltar o cidadão português, chéfe do governo, quando a nação declarou espontaneamente a sua solidariedade, custasse o que custasse, com as democracias aliadas, que, como chéfe do Estado, presidiu á sua beligerancia contra a ditadura dos imperios centrais. Estes nobres titulos de Portugal, que tão honrosa responsabilidade impuseram aos homens publicos então seus dirigentes, ditam-lhes tambem a obrigação indeclinavel de longe mesmo da patria, no exilio, os não deixarem esquecer e violar.

A Conferencia da paz, tão benemerita da humanidade, praticou um erro extremamente lamentavel, causa original das mais funestas perturbações sociais. Deu á Sociedade das nações, que creou para segurança da victoria do direito das gentes, um estatuto oligarquico, dividindo as nações vencedoras em duas categorias e outorgando ás *potencias principais*, por mercê duma nova investidura divina, a perpetuidade governativa na Secção permanente do Conselho da Sociedade. Assim sobreviveu o fermento do imperialismo, que tão arduamente havia sido combatido em quatro dolorosissimos anos de lutas sangrentas. Desfecho paradoxal, inverosimil: dir-se-ia o triunfo final não do direito mas da fôrça. Esse golpe ao principio igualitario da eleição feriu profundamente a republicanização internacional. E foi um incitamento á reacção nacionalista. Quasi logo, o que acontece sempre entre oligarcas rivais, os laços das grandes potencias afrouxavam, rompiam-se, desertando [illegible] para fóra da Sociedade, como se não tivessem recebido de milhões de mortos na hecatombe da terrivel peleja o sagrado mandato de se manterem indissoluvelmente unidas para a sustentação inquebrantavel da paz do mundo. E o virus do desvairado nacionalismo lavrou contagiosamente com o corolario fatal do desenvolvimento do espirito militarista, constructor de ditaduras. Era, latente, o estado de guerra geral.

Havia defeitos, injustiças, no Tratado da paz? Dentro da propria Sociedade das nações livremente constituida encontrariam correctivo e reparação. Chamar-se-iam para o seio da grande asembleia parlamentar os vencidos, para que levantassem a voz na defesa das suas queixas e contestações, exercitando-se na disciplina republicana internacional. A razão acaba sempre por preponderar na controversia leal das ideias. E o recurso ás armas desaparece. Em vez disso, porem, as principais potencias vencedoras, enfraquecidas pela sua desagregação, buscaram o congraçamento, a concordia, que só ás inspirações e ditamens da justiça é dado estabelecer e firmar, na complacencia das dadivas sempre perigosas do favoritismo, concedendo ao governo da Alemanha não só o lugar que lhe era licito obter no areopago internacional, mas, para que se dignasse tomar parte nêle. um posto supremo de comando na Secção permanente do Conselho. Tornara-se a nação alemã um modelo de democracia? Não! divisava-se ja então o declinio da Constituição de Weimar e da Social-democracia. A concessão foi-lhe feita gratuitamente, a titulo de grande potencia. E, desde que, contra a letra expressa do Tratado da paz, que até lhe infligira o labeu da incapacidade para o governo das colonias, ela era irmanada moralmente com as potencias vencedoras, sem que tivesse dado prova cabal da sua sincéra conversão ao respeito da soberania dos povos, reconhecia-se solenemente que não lhe cabiam culpas e responsabilidades no desencadeamento da grande guerra, cumprindo portanto restituir-lhe os dominios metropolitanos e coloniais de que havia sido desapossada. Já mesmo pagara reparações demais. Eis como de Stresemann se chegou a Hitler.

¿E agora, depois das vãs visitas entre os ministros de Estado da França e Inglaterra e da Alemanha, a de V. Ex.cia a Roma, quando o ditador italiano, ensoberbecido pela vertiginosa ascensão hitleriana ao poder, proclama a supremacia mundial do fascismo? E para quê? Para, sem ter aso sequer de iniciar a sua generosa interferencia conciliadora, «receber logo á entrada das mãos do Duce um pequeno documento sobre a cooperação entre as quatro nações, França, Inglaterra, Alemanha e Italia, cujos *pormenores*, caso o plano nêle formulado se adopte para apoio imediato da paz, o governo inglês elaborará». E' certo que V. Ex.cia afiança que «a cooperação projectada deve realizar-se dentro do quadro da Sociedade das nações» e promete «aos pequenos Estados que, de cada vez que os seus interesses forem postos em jogo, serão consultados». Mas não estão já os governos da Alemanha e da Italia representados na Sociedade das nações, onde, a despeito do seu encarniçamento contra as liberdades publicas, ocupam indevidamente postos permanentes de predominio? Espera-se, oferecendo-lhes ainda mais, que êles transijam? Por que prêço e á custa de quem? E vai atribuir-se a arbitragem dos intereses das pequenas potencias a um quatorvirato, metade do qual sofre duma hiperestesia nacionalista, que as afronta com a campanha febril das suas ameaças invasoras? O povo português, posso afirmá-lo, protesta, mais do que nunca nesta crise, contra o tratamento de potencia de interesses particulares irrogado a uma nação de inolvidaveis serviços á civilização que, em fraternização com os aliados desde a hora angustiosa da abertura das hostilidades, entrou denodadamente nas linhas de batalha no lance ardente dos maiores perigos, assinalando nobremente o seu acendrado amor á causa do direito. Perante êle tôdas as nações são iguais. E, para o assegurar, consolidando a paz do mundo, ha que implantar a sua bandeira na acrópole da Sociedade das nações, democratizando-a. Só assim.

Aceite, Senhor Primeiro Ministro, com a expressão da confiança que me é grato testemunhar-lhe no alto significado anti-imperialista que o prestigio do seu nome imprime ao governo a que dignamente preside, a homenagem sincera de tôda a minha consideração.

La Guardia (Pontevedra) 28 de Março de 1933.

BERNARDINO MACHADO.

1593

Imp. de Vicente de V. Táboas. — La Guardia

HOTEL DEL TECLA

- DE -

RAFAEL RODRIGUEZ

HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES

RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA

SIEMPRE MARISCOS

TELEFONO 49

LA GUARDIA 9 de Novembro de 1933
(Pontevedra)

Meu Ilustre Correligionário:

Muito obrigado pelo nº 7 de "A Verdade", que devéras apreciei, sobretudo os artigos flagrantemente objectivos. Ser-me-ha extremamente grata a reprodução da minha ultima folha volante. O acôrdo entre os dois governos ditatorial português e constitucional inglês, tão revoltante logo em si mesmo, representa uma veniaga sem nome contra os interesses vitais da nossa marinha mercante. E, como terá visto, ninguem ainda deu a esse respeito uma palavra em Portugal. Suponho que haverá mot d'ordre da censura, mesmo por um que ø grande numero de exemplares da minha folha volante, que mandei em carta fechada pelo correio, não chegou ao seu destino. Vejo que tem conseguido fazer a destribuição de "A Verdade", pelo que devéras me congratulo, porque até hoje, ha sete anos de ostracismo, ainda não tinha sido possivel organizar serviço

1586

algum, nem o da assistencia, para a defesa republicana.

Reputo da maior importancia o numero que me anuncia com o libelo das atrocidades ditatoriais, não tanto para levantar a indignação dentro do nosso país, onde elas são geralmente conhecidas, mas cá fóra, onde ainda até agora não se formou um forte movimento de opinião que as condenasse, como estão sendo condenadas as do governo hitlareano. Estou certo de que logo aí jornais, como o "El Liberal", onde escreve com o seu grande coração o Roberto Castrovido, nosso amigo, não deixarão de acompanhar a sua campanha. E, até por isso, estimo devéras saber que o processo contra o Rēparaz não teve seguimento, e foi um ótimo serviço o que seu irmão, por intermedio do actual ministro da justiça, prestou nesse sentido. O numero de "A Verdade", que projecta publicar, podia converter-se num manifesto aos Parlamentos estranjeiros e á Assembleia da Sociedade das Nações, documento que, a meu vêr, devia ser assinado. Eu nada poderei acrescentar ás informações e factos que sem duvida tem coligido, mas estou inteiramente ao seu dispor para me associar a esse patriotico protesto.

Rgo. para definitiva e t.ª Rol
28. XII

HOTEL DEL TECLA
- DE -
RAFAEL RODRIGUEZ
HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES
RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA
SIEMPRE MARISCOS
TELEFONO 49

LA GUARDIA 25 de Dezembro de 1933
(Pontevedra)

Meu Prezado Correligionário e Amigo:

Muito obrigado pelo nº 8 de "A Verdade". Magnifico!

E devéras agradeço tambem a inserção das minhas palavras da "Hora decisiva."

Amanhã devolverei o artigo do "Martiriológio Republicano", que fez o favôr de me comunicar.

Acho muito bem a declaração prévia, que da melhor vontade subscreverei. Talvez se pudesse aditar: No fim da primeira alinea: "A propria correspondencia particular é violada nas Repartições do correio." No fim da terceira alinea, depois de suprimem-se trbunais-"e castigam-se os magistrados que as ditam." Na ultima alinea, depois das palavras- factos abominaveis- "que uma facção reaccionaria, essencialmente clerical, usurpadora do poder, vem ha sete anos praticando barbaramente,,(eliminando-se o resto).

1582

Na penultima alinea, eu suprimiria, depois das palavras, -categorias e crenças- a palavra-"politicas". São tão leves modificações que me custa quasi a suscitar.

Com muito gosto vou escrever ao dr. Afonso Costa.

Com as mais afectuosas lembranças a seu ilustre Irmão, envio-lhe e a todos os Seus os melhores votos de Ano Bom. Cordialmente

Todo seu

Bernardino Machado

Não conviria aludir na declaração previa á mentira financeira, acentuando a miseria economica?

Rec. 11
Resp. 11, envio [illegible]

HOTEL DEL TECLA
- DE -
RAFAEL RODRIGUEZ
HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES
CALEFACCION CENTRAL
RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA
TELEFONO 49

LA GUARDIA 9 de Janeiro de 1934
(Pontevedra)

Muito Prezado Correligionário:

O coronel Ribeiro de Carvalho deseja continuar a manter o seu criterio de inibição politica, tanto de organização como de propaganda politica, concentrando a sua acção exclusivamente no campo militar. E por isso não pode subscrever a Declaração previa.

Espero por boas noticias da sua saúde. Dedicados cumprimentos a seu ilustre Irmão. E aceite tambem os do

Todo seu

Bernardino Machado

1583

Rz. 8. 3. 34

HOTEL DEL TECLA

- DE -

RAFAEL RODRIGUEZ

HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES

CALEFACCION CENTRAL

RESTAURANT

EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA

TELEFONO 49

LA GUARDIA 2 de Março de 1934
(Pontevedra)

Meu Prezado Amigo e Ilustre Correligionário:

Acabo de receber a sua estimada carta, que muito agradeço. Do coração desejo que se ache já completamente restabelecido.

As pessoas que se alvoroçam tanto com a sua magnifica campanha, não são justas nem me parece que sirvam, como devem, a nossa causa.

O que nos tem evidentemente atrazado o desenlace vitorioso da luta com a ditadura, é exátamente esse tristissimo estado de alma de republicanos que, decerto pelos seus méritos, conquistaram postos elevados, mas, até por os ocuparem, contraiam obrigações a que não podem faltar sem desdoiro. O seu belo exemplo era para lhes levantar o animo e não para lhes redobrar temor, já de si tão condenaveis. Felismente que, pelas informações que tenho, a massa repu-

1585

blicana deu todo o apreço ao valoroso esforço de "A Verdade", e é com ela que sobretudo temos de contar. Muitos dos nossos chamados dirigentes assistem ao espétaculo tremendo do assalto ditatorial com a futil sensibilidade com que leem o noticiario dos jornais. Assim se entreteem. E é por isso que vão surgindo defecções que indignam. Escuso de lhe nomear os desertores. Alguns contudo chegam a causar repugnancia não só pela covarde traição mas até pela escolastica teologica com que tentam mistificar. E viu a noticia da oferta solene dum exemplar de luxo do In memoriam do nosso grande Teofilo Braga ao ditador Carmona? E' estupendo. Não sei como alguns dos colaboradores tal consentiram.

Muito obrigado por ter juntado o seu ao meu interesse pelo nosso distinto correligionário dr. Santos Monteiro. Êle tambem recebeu um reforço mensal do grupo de emigrados á frente do qual está o Lapa. As dificuldades para a assistencia são cada dia maiores e não estranho nada quanto aí lhes deve ser pesada. Ha gente em Portugal que tem faltado a tôdas as promessas

HOTEL DEL TECLA
- DE -
RAFAEL RODRIGUEZ
HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES
CALEFACCION CENTRAL
RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA
TELEFONO 49

LA GUARDIA de de 193
(Pontevedra)

- falo de gente dinheirosa, alguns mesmo que pretendem passar por generosos auxiliares nossos! Até por mêdo ou pretextando-o pedem a terceira pessoa que nos apresente as suas desculpas de fôrça maior. Como nos livraremos não só dos atentados ditatoriais mas tambem da sordidez de tantos republicanos de ontem que hão-de querer sé-lo tambem amanhã?

Não compreendo os embaraços que a entrada de "A Verdade" na Suissa encontrou. Se os não resolver de pronto, peço-lhe que mos diga, porque talvez eu possa prestar a esse respeito algum serviço, embora um amigo, que lá vive, ha tempos já me não tenha escrito. Fico esperando pelo proximo numero 11, e muita pena me dá que lhe não sobrem alguns ainda que poucos exemplares do

nº 9 em português, Afinal fiquei apenas com um.

Com os melhores votos por todos os Seus, pedindo especiais lembranças a seu Irmão, aceite os protestos mais dedicados e gratos do

Todo seu

Bernardino Machado

Desejava saber quem são os emigrados que de nôvo para aí foram. E ha um republicano, ao que parece tambem exilado, que me escreve por vezes. Chama-se Americo Pereira Cerqueira. Conhece-o?

HOTEL DEL TECLA
— DE —
RAFAEL RODRIGUEZ
HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES
CALEFACCIÓN CENTRAL
RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA
TELÉFONO 49

Pr. 5

LA GUARDIA 3 de Junho de 1934
(PONTEVEDRA)

Meu Prezado Amigo e Ilustre Correlgionário:

Venho pedir-lhe uma explicação, que me pode provavelmente fornecer. Desejava saber precisamente quem foi que falou ao Gomes da Costa para êle assumir comando de fôrças na insurreição de Maio de 1926. Vi citados alguns nomes, como o do dr. Lopes de Oliveira (qual?), e ouvi dizer que o seu incitador fôra certo antigo jornalista colaborador do Machado Santos. Pode tambem informar-me da residencia do dr. Torres Garcia?

Muitas saüdades a seu Irmão, e, com os melhores votos para todos os Seus, creia-me cordialmente

Todo seu

Bernardino Machado

Tenho tido as mais angustiosas preocupações ha quasi um mês, com tres dos meus netos, filhos do meu filho Antonio, prêsos, não tendo até agora sido posto em liberdade um dêles, e com a gravissima doença, fe-

1594

fre tifoide duma das minhas netas, filha do meu filho Miguel.

A assembleia nacional da ditadura

Ha mais de oito anos que a ditadura, filha espuria da insurreição de 28 de Maio de 1926, usurpa o poder entre nós, e a tal ponto é irredutivel a sua incompatibilidade com a opinião, que—apezar de quanto tem feito para a prostrar pela violencia, ao mesmo tempo que pretende embaí-la covardemente com o perfido pregão do seu titulo de republicanismo, invocando hipocritamente, nas celebrações solenes dentro e fóra do país, a memoria sagrada, que profana, dos nossos combatentes mortos pela causa da liberdade— teme tanto a sua sentença condenatoria, que suprimiu de facto o direito de sufragio da nação. Já no plebiscito em que, sem a menor garantia do eleitor, foi impudentemente proclamado o seu actual Presidente da Republica e aprovado o seu Estado Novo, inventou o miserando estratagema inedito de contar a seu favor os inumeros votos abstencionistas. E o que virá a ser, sob a mesma despotica opressão da urna, a Assembleia Nacional em gestação, di-lo expressivamente, exautorando-a logo na origem, o decreto que regulamenta a eleição dos seus noventa membros. Basta lêr o artigo 9.°: «São ineligiveis para deputados os individuos que não façam declaração escrita, reconhecida por um notario, de que acatam os principios fundamentais da ordem estabelecida.» Candidatos contratádos por escritura publica para homologarem, como serventuarios, o que lhes for intimado pelo definidor dos **principios fundamentais da ordem estabelecida.** Para isso, «o chefe do governo se instalará num gabinete dentro do Congresso da Republica», vigilantemente. Até onde pode chegar o delirio da fatuidade ditatorial! Quem não corará do vilipendio de semelhante mandato? Só sectarios e transfugas. Na realidade, não haverá nem deputados nem Assembleia Nacional. Continuaremos sem lei, sem Constituição, em perpetuo regimen do arbitrio, que gera a tirania e a revolta.

Mas para que esta mistificação eleitoral, donde sairá a mistificação parlamentar, com o extremo rebaixamento da autoridade do principio representativo e portanto do poder? Para que a ditadura, revestida dum torpe simulacro de delegação popular, assuma, sem a menor legitimidade, a prerogativa de tratar normalmente com os governos estranjeiros, negociando sob a sua égide o grande emprestimo de salvação, que o Conselho da Sociedade das Nações em 1928 não quiz avalizar? Fiel á democracia portuguêsa, de cujos sentimentos creio ser verdadeiro interprete, venho protestar com a maior indignação contra tão ignominioso ludibrio. Certamente nenhuma democracia, irmã da nossa, lhe prestará a sua conivencia. Seria fraternizar com o despotismo. A crise que sobreveiu á guerra mundial, criminosamente agravada ainda entre nós pelos atrozes danos reaccionários, há-de ser nobremente vencida, como foram outras não menos amargas, pelo inquebrantavel civismo, jámais desmentido, do nosso altivo povo. O seu amor á liberdade e á independencia tem indestrutiveis raizes de oito seculos. Êle restaurará, com a Republica e a lei, a dignidade e o prestigio das nossas relações internacionais.

Bernardino Machado

LA GUARDIA, 8 de Dezembro 1934.

L'assemblée nationale de la dictature

Il y a plus de huit ans que la dictadure, fille bâtarde de l'insurrection du 28 mai 1926, a usurpé le pouvoir chez nous. Son incompatibilité avec le peuple est de plus en plus irréductible, en dépit de tout ce qu'elle a fait pour l'écraser par la violence, en même temps qu'elle a prétendu l'enjôler lâchement avec le cri perfide de son titre de républicanisme, invoquant hypocritement, dans des célébrations solennelles a l'intérieur et au dehors du pays, la mémoire sacrée, qu'elle profane, de nos combattants morts pour la cause de la liberté.

Aussi, la dictature craint tellement la sévère condamnation populaire, qu'elle a supprimé, en fait, le droit de suffrage de la nation. Elle avait déjà inventé le misérable stratagème de compter en sa faveur les innombrables abstentions a l'occasion du fameux plébiscite, grâce auquel, sans la moindre garantie de l'électeur, a été impudemment proclamé son actuel Président de la République et approuvé son Etat Nouveau (Estado Novo). Que deviendra, sous la même oppression despotique des urnes, l'Assemblée Nationale en gestation? Le décret, qui règle l'élection de ses 90 membres, le dit expressément, en amoindrissant des l'origine cette Assemblée. Il suffit de lire l'article 9: «Sont inéligibles comme députés les individus qui ne feront pas une déclaration écrite, reconnue par un notaire, comme quoi ils acceptent les principes fondamentaux de l'ordre établi». Candidats contractés par acte notarié pour homologuer, en qualité de serviteurs, ce qui leur sera prescrit par l'homme qui se prépare pour définir lui-même les PRINCIPES FONDAMENTAUX DE L'ORDRE ETABLI! A cette fin, en effet, «le Chef du Gouvernement s'installera (comme surveillant) dans un bureau du Congrès de la République». Jusqu'où peut atteindre le délire de la fatuité dictatoriale! Qui ne rougira pas de la situation méprisable d'un mandat semblable? Seulement les sectaires ou les transfuges. En réalité, il n'y aura ni députés, ni Assemblée Nationale. Nous continuerons sans loi, sans Constitution, dans un régime perpétuel d'arbitraire, qui engendre la tyrannie et la révolte.

Mais pourquoi cette mystification électorale, d'où sortira la mystification parlementaire avec l'extrême abaissement de l'autorité du principe représentatif et par conséquent du pouvoir? Sera-ce pour que la dictature, revêtue d'un ignoble simulacre de délégation populaire, puisse assumer, sans la moindre légitimité, la prérogative de traiter normalemet avec les gouvernements étrangers et arrive ainsi a négocier, sous cette égide, le grand EMPRUNT de SALUT, que le Conseil de la Société des Nations n'a pas voulu avaliser en 1928? Fidèle à la démocratie portugaise, des sentiments de laquelle je crois être le sincère interprete, je proteste, avec la plus profonde indignation, contre cette ignominieuse duperie. Certainemet aucune démocratie soeur de la nôtre ne lui prêtera son appui. Ce serait fraterniser avec le despotisme.

La crise qui a succédé à la guerre mondiale et qui a encore été aggravée chez nous par les atroces préjudices causés par les réactionnaires, sera noblement vaincue, comme l'ont été d'autres crises non moins pénibles, par l'inébranlable civisme, jamais démenti, de notre peuple si altier. Son amour de la liberté et de l'indépendance a des racines indestructibles de huit siècles. Il rétablira, avec la République et la loi, la dignité et le prestige do nos relations internationales.

(a) *Bernardino Machado*

LA GUARDIA (Espagne), le 8 décembre 1934.

41

A nação contra a ditadura

Perante a obra patriotica da Republica, que honrou as briosas tradições da nossa juventude academica, outorgando ás Universidades a prerogativa da sua autonomia, e cingiu de gloria o valôr dos nossos soldados, conduzindo-os á victoria do direito, como explicar a erupção da ditadura que entre nós usurpa o poder com um catedratico universitario e com um oficial general á sua frente? Só pela traição, que esses dois chefes reaccionários personificam, dentro das instituições nacionais que devem igualmente ser escolas modelares de educação varonil. Os precedentes de ambos são sabidos. Um, militar, é o prototipo da deslealdade. Tendo iludido a boa fé dum partido constitucional, que o elevou mesmo a ministro de Estado, logo após se revelava indigno de tão excessiva confiança na felonia com que oficialmente, como promotor de justiça do Tribunal de guerra na Sala do Risco, faltou a todos os seus deveres pela defesa da causa da Republica. O outro, professor, é um inimigo nato da razão. Prestando com igual sinceridade o seu preito ás instituições republicanas, como Deus o não fadasse para as discussões publicas, uma vez eleito deputado da nação, mal entrou ao Parlamento, a tribuna produziu-lhe tamanho susto que, sem detença, deitou pusilanimamente a fugir para o fôjo conspiratorio da sua catequese docente, donde nunca mais saiu até chegar a hora bemdita de ter por si os *tanks* blindados.

Nascida da traição, a ditadura todos os preceitos éticos tem postergado. Abolindo a Constituição e com ela as imunidades publicas, em perpetua declaração de estado de sitio, não ha torpeza e crueldade que á sua alienação moral repugne para montar a maquina sinistra da opressão governativa. Nunca, depois do miguelismo, sofremos catastrofe semelhante. A sua ofensiva tem sido ferina, implacavel. A grande massa republicana foi violentamente arremessada ao ostracismo, sem liberdade de comicio e de imprensa, com os seu partidos politicos imobilizados, as suas associações economicas coactas e as suas agremiações religiosas, catolicas liberais, protestantes e laicas, perseguidas odientamente. E quantos verdadeiros cidadãos militantes, desamparados de tôda a lei, presos sem a menor formalidade de processo, proscritos, mortificados até na sua familia, nos seus filhos e netos! A ditadura monarquica acoimava de anarquistas os republicanos para os deportar, esta ditadura anonima apoda-os de bolchevistas, comunistas, para os assaltar sumariamente a tiro. E sobre os escombros candentes das seculares regalias patrias, municipais, parlamentares, despedaçadas pela tormentosa ofensiva terrorista, ela quiz construir, escudada pela guarda pretoriana, baluartes seus de bandos gregais. Sem sombra de escrupulo, recrutou quantos desvalidos e impotentes de alma e de hombridade civica se lhe ofereceram ou se deixaram aliciar, minoria de velhos e novos parasitas, em profundo divorcio do espirito democratico, composta de falsos unionistas nacionais, falsos corporativistas e falsos congreganistas, faccionarios passivos, submissos, aos quais tudo tem entregado com mãos largas, privilegiadamente, empregos oficiais, receitas do tesoiro e beneficios cultuais, eximindo-os de qualquer sanção penal pelos desmandos e delitos ainda os mais graves contra os severos ditamens imperativos da lei. E' o proprio *deus ex-machina*, depositario e interprete dos papiros ditatoriais, senhor absoluto do erario, que lhes dá o exemplo licencioso dos atropelos, dos rancôres e da delapidação concussionaria, não só lançando a seu bel prazer, com a maior iniquidade, impostos exaustivos, mas ainda desbarantando-os venalmente, aos milhares de contos, com os seus favoritos e, na maxima impudencia, em exclusivo proveito proprio, com os fátuos reclamos panegeristas, dentro e fóra de fronteiras, dos seus mirabolantes sortilegios. Ele, o chefe do pais, como se denomina na edição francêsa das tiradas escolasticas das suas entrevistas, é incontestavelmente o maior criminoso, talvez mesmo mais hipocrita e mais cinico do que o outro. Aqui dá-se o inverso do tempo do rei D. Carlos: o presidente é que é o granadeiro da ordenança.

Com as suas formações servis, a ditadura, na louca veleidade de captar "a maioria da nação de indiferentes, republicanos afinal por viverem dentro duma Republica, aceitando as instituições", como o seu mentor aleivosamente a conceitua, propoz-se implantar radicalmente, mudando a nossa mentalidade, o Estado Novo, recortado dos figurinos exoticos mais afrontosos do genio da nossa personalidade historica. E, já depois de o promulgar, decretando a sua aprovação simulada num fraudulento plebiscito de piramidal originalidade funambulesca, vai agora forjar, com impenitente contumacia, a nova burla da eleição baptismal dos seus noventa cumplices, candidatos á Assembleia Nacional.

Mas que folha de serviços, em meio do desaforado rol das suas prevaricações, apresenta perante o sufragio? Que obra a sua, senão de ruinas? Moralmente, a mais dilacerante divisão da sociedade portuguêsa até ás nossas provincias ultramarinas e colonias no estranjeiro, onde ha já salazaristas ditatoriais como houve talassas franquistas, e até entre as novas gerações, em que ha já vanguardistas petulantes, tristemente comicos, de braço erguido á moda do fascismo, precocemente pervertidos na inconsciencia da propria mentira do seu apelido. Toda a vida publica poluida. O poder judicial, exautorado pelo poder executivo, que subtrae os réus ás sentenças dos magistrados, ou não as cumpre. Nos tribunais, por cima da apagada imagem da balança da justiça, inscrevem-se os apoftegmas descricionarios do *decalogo* do Estado Novo. A propria generosa prerogativa da clemencia social converteu-se numa capa imunda de amnistia ás impunidades. E que são os apregoados melhoramentos de estradas e de portos? Para que servem as comunicações materiais, se não ha comunicações espirituais, se a espionagem e a policia terrorista não deixam tratar de nada, qualquer reunião livre é vexada e proibida por suspeita de conspiração e toda a correspondencia do intercambio comercial e das relações de familia é violada e mesmo apreendida pela censura! Estradas e portos não servem senão quasi só para as manobras militaristas das tropas e dos barcos de guerra da ditadura em aparatosas demonstrações contra as franquias populares. Serviços á Nação, nenhum; só aos bandos ditatorias. São os eleitos.

E á reação externa, ah! isso é um nunca acabar de vilezas. Suprimindo a liberdade de opinião, os ditadores têm pretendido impôr-nos a opinião facticia lá de fóra, e não ha favor, por mais nocivo da nossa economia, para não falar do nosso decoro, que lhes custe prodigalizar aos potentados estranjeiros. Deram-lhes o melhor quinhão quer na partilha das aguas dos rios fronteiros da metropole, quer na partilha das terras limitrofes das colonias, e, sem que nada contivesse o ardor da sua subserviencia, não satisfeitos com estes lautos presentes arrancados ao nosso patrimonio territorial, deram-lhes tambem dinheiro na liquidação das contas da guerra mundial, pagando a uns demasiadamente caro os nossos debitos e abandonando de todo a outros quantiosos creditos de reparação. Então as suas boas graças aos protectores ingleses, que os condecoram oficialmente com cumprimentos diplomaticos e amenidades consulares, não têm têrmo. Concessões sobre concessões, basta lembrar em destaque o escandaloso bodo do açúcar de Moçambique, e até, na sua efusiva gratidão, não duvidaram alienar-lhes o nosso direito do diferencial de bandeira, ferindo profundamente, senão mesmo de morte, a nossa navegação e com ela o nosso poderio colonial, isto é, o Portugal maritimo, ferindo portanto profundamente a vida de Portugal, a sua missão e o seu destino. Que não darão, pois, amanhã em troca do suspirado emprestimo de salvação que maquinam neste lance com a mistificação electiva da Assembleia Nacional? Têm escravizado miseravelmente a nossa vida internacional. E não nos humilham com o jugo duma só suzerania. Outra ha que lhes fala mesmo fanaticamente ao coração. Que não têm feito devotamente ao Vaticano! Abriram de par em par as portas do pais á invasão jesuitica,

que tenta empolgar o nosso ensino, apoderando-se da sorte do nosso futuro. Já mesmo não falta uma Direcção Geral de Instrução Publica, com inspectores inquisitoriais, que afixam pelas paredes das escolas, entre os retratos dos dois pseudo-pró-homens dos nossos pecados, os mandamentos confessionais dos dogmas mais deformativos do espirito adolescente. E não só se nos foram, logo no advento ditatorial, pedaços dos antigos florões que nos restam da corôa do nosso padroado do Oriente, mas, com a abolição das missões laicas, abdicámos de facto do padroado das nossas proprias colonias, onde as missões catolicas sectarias se confundem com as da *Propaganda Fidei*. Não ouviram as profissões de fé filial rezadas plangentemente a Roma pontificia em todos os ostentatorios congressos da festival Exposição do nosso ainda grandioso ultramar, sem representação das suas populações nativas, deprimidas até em exibicionismos degradantes, para alarde das benemerencias ultramontanas do regime centralista do Acto Colonial? Não só foram bem significativos os seus quadros cenicos, que imaginariamos já paleozoicos, das luzidas visitas de beaterio arrebanhado pelo galopinagem dos pastores ditatoriais, mas não podia ser mais piamente inequivoco o insolente cortejo alegorico de encerramento com a longa procissão da fradaria pelas ruas da cidade liberal, que guarda religiosamente no seu seio o coração de Pedro 4.º, signatario do decreto que Joaquim Antonio de Aguiar referendou, dissolvendo as ordens clericais. Dir-se-ia que a Exposição não teve principalmente por fim senão demonstrar num grande jubileu pagão o enfeudamento do nosso Imperio ultramarino á suzerania da igreja catolica. A' reacção imperialista inglêsa sobretudo os bens temporais, á reacção ecumenica romana sobretudo os bens espirituais. Para preparar o grande atentado da Exposição Colonial ao nosso valoroso civismo tinha ido ao Porto o chefe do governo, em ar de visita cativante, sob a égide preventiva, em todo o caso, dos exercicios de campanha de Valongo, ladeado de policias, declarar pela voz do seu sub-secretario de Estado de Previdencia e Corporações, que ninguem, a não ser confessadamente ortodoxo, cantasse com os beneficios do esmoler Estado Novo. Ou não fosse o guardião provincial do dogma basilar do Sylabus, tantas vezes por ele veementemente enunciado: «A autoridade é incompativel com a liberdade». Reinado absoluto da teocracia até mesmo sobre a constituição da familia: só os catolicos praticantes serão reconhecidos cidadãos portuguêses. A excomunhão civil pesará sobre todos os outros crentes.

Não estará cheia a medida das afrontas reaccionárias da ditadura? Poderá ela ainda fabricar á força a fantasmagoria duma Assembleia Nacional, poderá inaugurar tambem pela força o conclave dos seus estupendos deputados? Mas que teatralidade jogralesca! Quem suportará tamanha vergonha? A explosão ha-de sobrevir fatalmentc. E a figura imortal de José Estevam, simbolo glorioso do nosso amor pela liberdade, voltará para o alto posto sagrado de atalaia dos direitos soberanos da nação em frente do parlamento português.

La Guardia, 10 de dezembro de 1934.

BERNARDINO MACHADO.

Imp. de Vicente de V. T. [illegible] La Guardia

HOTEL DEL TECLA
DE
RAFAEL RODRIGUEZ

CALEFACCION CENTRAL

HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES

RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA

TELÉFONO 49

LA GUARDIA 7 de Março de 1935
(Pontevedra)

Meu Prezado Amigo e Distinto Correligionário:

Muito obrigado pela sua estimada carta. Li com muito prazer o plano da sua obra. Oxalá em breve a leve a cabo. O prospecto, que distribuiu, deve ter provocado uma instante espectativa. E a publicação servirá muito oportunamente para demonstrar dentro e fóra do país onde estão os intelectuais.

Compreendo a sua impaciencia, e são bem justas as suas criticas a tantos dirigentes que deviam dar o exemplo austero da acção corajosa e energica contra a ditadura. Mas ha muito que infelismente se vinha operando esse decaimento patologico. E, por mais que isso represente um grande mal nos nossos arraiais neste momento em que precisavamos de mostrar ao país um estado maior unido e forte, contemos com as fôrças da grande massa da nação, donde, como sempre, hão-de ir saindo as suas figuras representativas. Nos ultimos

1620

tempos têm-se passado factos que se impõem à nossa atenção. Um, sem duvida muito importante, foi o almoço de intelectuais republicanos para a fundação dum Ateneo cultural. A direcção de Propaganda oficial da ditadura opoz-lhe um brodio dos sues intelectuais, que, depois dum discurso, verdadeiramente de manicomio, dum corifeu do Estado Nôvo, lente da Universidade de Coimbra, a quem se seguiu o energermen Neto, se encerrou com a aprovação unanime duma mensagem à Assembleia Nacional contra os intelectuais republicanos que haviam reclamado a abolição da censura. União intelectual com o mesmo baixo nivel da União Nacional. Por causa de novos impostos municipais na cidade do Porto travou-se lutra entre a Comissão administrativa do municipio e as Comissões unionistas, concilia e parroquiais. A Assembleia Nacional e a Camara Corporativa levaram a sua abjecção até ao ponto de tornar o diploma da Constituição ainda mais centralista do que a propria proposta do governo. E, para se verificar logo a fraquêsa moral do forte poder executivo, assistiu-se ao espectaculo da erupção de regiões vinhateiras do país, que vieram a Lisboa impor-se à Assem-

Monaco, 24/4/935

Meu Prezado Amigo:

Agradeço-lhe devéras o seu "Misterio de Colombo" publicado na "Revista Contemporanea". E' uma preciosa contribuição do seu admiravel labor historico, que honra Portugal e a nossa Republica. Felicito-o vivamente. Li-o logo, traduzido pela minha filha Elzira.

Confio em que a sua situação pessoal nesse meio nos captará as simpatias necessarias para lutarmos contra a propaganda aleivosa que a ditadura Carmona- Salazar faz mesmo nas nações onde, desde o grande conflito mundial, toda a solidariedade com a democracia portuguesa devia ser inquebrantavel.

Frequenta de-certo a Universidade dessa capital que tanto se tem dedicado às nossas letras. Está lá, creio, o professor Bentley, um amigo. Que impressão tem do sentimento geral inglês para connosco?

Desculpe-me/de não ter respondido imediatamente. Enviei-lhe de pronto, para dar sinal de mim, o Manifesto à Nação. Mas todo o tempo foi pouco, dias seguidos, para conversar com o nosso dr. Afonso Costa, que veiu aqui visitar-me.

Sabe que em Paris se fundou a Federação dos Emigrados portuguêses em França? A correspondencia para ela tem de ser dirigida ao dr. José Neves, antigo secretario da Universidade de Coimbra, R. Richer, 24, Paris. Não será possivel estender a sua acção à Inglaterra? Acham-se aí agora distintos correligionários, com quem lhe será sem duvida agradavel entender-se.

Os nossos melhores cumprimentos para os Seus. Não esquecemos as boas horas que amavelmente nos proporcionaram em La Guardia. Que infeliz

1630

tem sido aquela gente com a geurra civil! O Jaime? De aqui os acompanhámos de todo o coração nos transes por que passou com tamanha nobreza sua valorosa Sobrinha.

Com os mais dedicados votos por Todos, aceite os protestos muito afectuosos do

Todo seu

Bernardino Machado

Tenho uma carta daquela Senhora, da Havas, que encontrámos em La Guardia. Sabe o seu endereço?

ATLANTIC - HOTEL
TELEFONO 1309 - APARTADO 50
LA CORUÑA

22/9/935

M^u Pr^zado Amigo ^ Ilustr^ Corr^ligionário:

Estimei d^véras qu^ resolv^sse tôdas as dificuldad^s para pod^r aí d^dicar-s^ aos s^us trabalhos cosmograficos.

R^c^b^u uma fôlha volant^ qu^ publiqu^i com o titulo "O 28 d^ Maio ^ a traição ditatorial" ?

D^sculp^-m^ o m^u sil^ncio, mas tiv^ nos ultimos t^mpos tantas amarguras qu^ n^m pud^ desemp^nhar-m^ dos m^us d^v^r^s d^ corr^spondência com os m us amigos. Tenho estado m^smo doent^ com uma granda constipação, d^ qu^ ap^nas agora com^ço a livrar-m^.

T^m tido s^mpr^ boas noticias dos S^us? P^dimos muitos cumprim^nto para sua Esposa.

Eu tiv^ d^ sair d^ La Guardia, ond^ arrendára casa e tinha comigo n^stas férias filhos e netos. O gov^rno ^spanhol r^publicano, c^d^ndo às r^clamações da ditadura portugu^sa, convidou-m^ a afastar-m^ da front^ira

1620

Surpr^nd^u-m^ int^iram^nt^ ^sta solicitação. Vim d^ França para significar com a minha pr^s^nça aqui a solidari^dad^ da d^mocracia portugu^sa com a d^mocracia espanhola, ^stá claro, não po^ac^itar n^nhuma hospitalidad^ condicional. T^nciono por isso r^gr^ssar br^v^m^nt^ a Biarritz, logo qu^ ^st^ja compl^tam^nt^ r^stab^l^cido.

P^ço-lh^ qu^ ^ntr^tanto t^nha a bondad^ d^ ^scr^v^r-m^ para a Corunha.

O Jaim^? Consta-m^ qu^ o gov^rno franc^s v^iu afinal a p^rmitir-lh^ os s^us important^s ^studos em Paris.

Cr^ia-m^, com muito af^ctuosas l^mbranças,

cordialm^nt^

Todo s^u

Bernardino Machado

Rep. 27. VI. 30

Meu Prezado Amigo:

Agradeço-lhe, com todo o apreço, a 2ª carta ao Salazar, que está, como a 1ª, excelente. E agora, com a Conferência de Imprensa, terá assunto largo para o combate. Toda essa fantasmagoria o está desafiando.

Os Seus? E o Jaime? Imagine quanto terão sofrido com a brutal prisão de D. Judith. Que notícias tem d'ela? Com os nossos melhores votos por Vocês, aceite os protestos dedicados de

Vocês

Bernardino Machado

Madrid,
Calle Miguel Angel, 21
12-6-936

1624

Villa "La Résidence" Rue le Châtelier, 9, Paris (XVIIéme)

Paris, 31/1/938

Rg. 5. II. 38.

Meu Prezado Amigo:

Não tenho noticias suas directas, e venho pedir-lhas, desejando-lhe e aos Seus um felis Ano Novo. Por êste mesmo correio lhe envio um exemplar da Carta Aberta que escrevi ao embaixador de Inglaterra em Lisboa, como protesto ao discurso pronunciado por êle, do q. entregou as suas credenciais. Desejava mandar uns exemplares para o presidente e para o leader da oposição da Camara dos Comuns e mais dois para o primeiro ministro e para o ministro dos negocios estranjeiros. Podia ter o incomodo de fazer a entrega para haver a certeza de os receberem os destinatários? Estou procurando quem tenha o trabalho de traduzir o texto.

Visitou a Universidade portuguesa nêssa cidade? Ha lá um professor, que conhece muito bem Portugal, o dr. Bentley; é pessoa que prestou em Portugal serviços à Republica. O nosso problema colonial?

Saüdosamente creia-me
do
Seu dedicado e obg. amigo

Bernardino Machado

1628

Villa "La Résidence" Rue le Châtelier, 9, Paris (XVIIéme)

Paris 1/3/938

Meu Prezado Amigo:

Muito obrigado pela sua carta.

Só agora consegui a tradução da minha "Carta Aberta" em inglês. E vou manda-la às intituições que me indicou.

Alem da cadeira de português no King's College, ha aí uma pequena Universidade portuguesa, creio, onde professa, entre outros, o Prestage, ~~[illegible]~~ viuvo duma filha da D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Creio que é tambem nêsse centro de estudo que professa o dr. Bentley.

Junto uma entrevista que aqui fiz com um redactor da Havas. Não sei se seria aí publicada.

Desejando que tenha sempre as melhores noticias dos Seus, faço sincéros votos pela sua saúde. E creia-me sempre

to do
Seu muito at. e obg. amigo

Bernardino Machado

1621

Un Rédacteur de l'Agence Havas a demandá à Monsieur Bernardino Machado quelle est pour lui l'influence que la visita d'une Mission militaires au Portugal peut excercer sur les relations Luso-Britanniques, et l'ancien Président de la République portugaise lui a répondu:

"Pour évaluer cette influence, il faut à mon point de vue se souvenir que ce voyage de la Mission militaire britannique a été précédé par l'envoi d'une flotte de guerre anglaise qui s'est rendue récemment à Lisbonne témoigner au Portugal de l'amitité anglaise. Or, la dictature portugaise, qui a manqué profondément à tous devoirs internationaux aussi bien au sein de la Société des Nations, en contribuant à l'échec des sanctions contre l'Italie, q'au Comité de non-intervention de Londres, où elle est constamment intervenue en faveur des rebelles espagnols, a répondu à ce geste d'amitié du Gouvernement conservateur de la libre Angleterre par la présence dur le Tage d'une flotte allemande.

"Le Ministre de la Marine de la dictature portugaise a offert à cette occasion aux marins anglais et allemands un banquet à l'issue duquel il a salué non seulement les deux flottes anglaise et allemande, mais aussi la flotte italienne, en l'honneur de l'axe Berlin-Rome. Il oublia pourtant de saluer la flotte de la France, alliée de l'Angleterre. Et, au déjeuner d'adieu de la flotte allemande que le Contre-amiral Marlehall offrit à bord du "Deutschland" au Ministre de la Marine et au Haut Commandement de la Marine portugaise, une des principales personnalités de l'Amirauté portugaise fit l'apologie des régimes nationalistes et but à la prochaine victoire du géneral Franco.

"Voilá à mon sens qui situe les sentiments de la dictature portugaise à l'égard de la démocratie anglaise.

"Et, par ailleurs, au sujet de cet intérêt que l'Angleterre et l'Allemagne portent au même tempos à mon pays, qui s'est ainsi manifesté

1632

4/março/36

Meu prezado amigo

BIBLIOTECA GERAL - UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Recebida em devido tempo a sua de 15 do mês passado, que muito apreciei.

O seu artigo já seguiu há bastante tempo para Portugal por intermedio de Antonio Sergio. Pareceu-me que nele focou com intensidade e exactidão o delicado momento "colonial" que atravessamos e do qual, provavelmente, consequencias desagradaveis nos advisão. A formula para a espoliação deve ser a nova distribuição de "materias primas", se é que a atitude da Alemanha, prestes evidentemente a dar um salto de tigre — não se sabe ainda para onde — não forçar a processos mais drasticos e menos "sociedade das nações".

De Portugal tive um efeito noticias completas por J. de M. que por lá andou dois mezes e meio. Conclui que:

uma mudança é vivamente desejada, desde que alguem consiga que a Força Publica o

1627

realize. Olham com simpatia para quem o tentar levar a efeito, desde que a seguir restabeleça a liberdade de crítica dos actos publicos, predilecta actividade dos descontentes. Como a unica pessoa que julgam poderá chefiar o golpe anti-Salazar[a] é R. de Carvalho, continuam, sem impaciencias, aguardando que este leve a cabo o seu persistente trabalho, que já tem mais de cinco anos. Como de costume, de ha mezes se considera o golpe iminente. O principal protagonista, porem, ainda ontem se encontrava nesta cidade, sendo opinião geral (e tambem minha) que a nova tentativa de implantação da Republica esquerdista em Espanha (eleições do dia 16) prejudicou as possibilidades de modificação da politica portuguesa. Informações

(a) mais não julgam possivel.

de lá dizem-me, com efeito, que o acontecimento espanhol produziu regozijo nos meios anti-dictatoriaes e uma maior coesão entre os dictatoriaes, onde lavraram fundas dissidencias. Eu suponho que, se a vida das esquerdas, aqui, começar a lutar com grandes dificuldades, logo que abra o Parlamento, teremos em maio a classica tentativa annual em Portugal. Se a Republica aqui consegue singrar, tenho duvidas que em Portugal se tente seguer levar qualquer coisa a efeito. O Governo, aqui, constituiu-se debaixo de uma avassaladora corrente de opinião. As eleições foram um triumpho inverosimil. Mas o Governo tem contra ele: o Tumultuarismo, a Força Publica, os grandes potentados do dinheiro e a Igreja. São

quatro forças que custa muito enfraquecer e, sem isso, a Republica aqui está á mercê de um golpe de mão e de multiplos incidentes, emquanto não se modificar a pesada atmosfera conservadora da Europa. Até para a França, a recente intensificação do perigo alemão não está a dar razão á politica de Laval, tão antipatica a todos os democraticos? Veremos o que dão as proximas eleições francesas, mas não depende mais o futuro do que fizer a Alemanha, a Russia e do que se passar no extremo Oriente? No meio de tudo isto o nosso conflicto interno perde-se... na immensidade!

Consta que estão a chegar aqui A. Costa e J. D. Santos. Viagem de cumprimento ao novo governo espanhol? Aproximação de fronteira?... Abraça-o o

amigo ut dedi s. d.

A. Machado

Costa da Caparica, 29.8.42

Rg 15.XII.42

Meu querido Dr. Armando Cortesão:

Mil agradecimentos pelas boas palavras da sua carta. Folgo que tenha gostado do meu trabalhinho e muito mais pelo que me diz ser a sua predilecção. Ai, se nós pudessemos dizer sempre o que desejamos! Mas sabe bem debaixo de que pressões e contrariedades trabalhamos. Por um novo livrinho que lhe envio, por êste mesmo correio, ficará fazendo uma idéia clara. Que esfôrço, que subterfúgios para poder dizer alguma coisa.

Espero ansioso a sua nova carta como aliás tôdos. Sabe que têm feito um êxito enorme?! Não deixe sempre que puder de escrever. Olhe que da gente que daqui saiu o ser. é dos raríssimos que não

1691

tem perdido o contacto com o público — e o público nunca esquece uma atenção. Depois as suas crónicas são ainda notáveis não só pelo que dizem mas pelo modo como são feitas. Dir-se-ia que o Dr. A. Cortesão nunca foi outra coisa do que jornalista. Dê-nos, pois, sempre que possa, a alegria de o ler.

Espero ansioso êsse Natal prometido. Evidentemente que muito iremos ver, muito e bom. Depois aqui teremos também o nosso grande e espinhoso papel a desempenhar. E para isso todos contamos com a sua energia, a sua vontade e a sua alegria, a sua grande saúde moral, virtudes que quando não acompanhadas pela inteligência valem o mundo.

Se tiver um minuto de paciência diga-me depois duas palavrinhas sôbre êsse retrato do ANTERO que lhe mandei.

Deseja-lhe mil venturas e abraça-o com muita saudade o seu

Manuel Mendes

P. S.- Claro que nunca esquecerei a nossa visita à "National Gallery".

fino, êsse senhor Eça, para quem o quizer estudar a perceito. Será impossível encontrar, como homem, figura mais representativa da sociedade que êle atacou, como artista. Não calcula o que é. A vida dêsse homem parece uma síntese perfeita da obra. Há lá de tudo — os Gouvarinhos, os Acácios, os Pachecos, os Maias, os Egas, e até os Julianas, as que roubam cartas e fazem chantage. É um verdadeiro prodígio.

Mas estou só a falar-lhe de mim e dos meus fantasmas. Espero com a maior curiosidade a sua carta de Londres. Como lhe disse, elas dispertam aqui sempre viva curiosidade. Não deixe de as escrever, sempre que possa. São dos raros comentários inteligentes e vivos que a guerra tem dispertado na imprensa portuguesa. Tudo o resto, ou quási tudo, é de mover, querido Amigo. Causa náuseas a tacanhez desta gente. O que teremos um dia de fazer, mete medo. Precisamos de ganhar fôrças, de retemperar os ânimos, para nos deitarmos a tamanha empreza. Felizmente o mundo está a pôr-se um mimo. Que época extraordinária esta que vivemos. E, como os acontecimentos acompanham a marcha, vêm de Leste, esperemos que êste mundo se torne belo e grande e bom, como sempre o desejámos.

Se tiver um dia um minuto para me dar notícias suas, olhe que não as deita em saco rôto.

Desejo-lhe um Ano Novo muito feliz. Que as suas condições de vida melhorem e que as arrelias que me anuncia na sua carta desapareçam. Os meus respeitos para sua Exma Esposa.

Abraça-o o seu velho e dedicado amigo

Manoel Mendes

Meu querido Amigo:

Desculpe-me só hoje lhe escrever as palavras de agradecimento por tôdas as suas gentilezas. No mesmo dia da minha chegada o devia ter feito, mas a verdade é q tenho andado numa roda viva. Na embaixada passo horas de esfera. Não consegui falar ao Araquistain mas pus-me em contacto com o secretário, homem q me é dedicadíssimo. Falei-lhe no seu caso mas creio q a coisa deve ser tratada por espanhóis. Os nossos Amigos só creio q o poderão fazer com êxito.

1654

eu partirei à manhã ou depois o mais tardar. No regresso dar-lhe-hei as minhas notícias.

Reconheci d'ésrimo pela sua camaradagem e simpatia

abraça-o o seu dedicado

Manuel Mendes

Paris
17·II·37

meu querido Amigo: Perdoe-me só agora lhe escrever. Parto, finalmente, depois de à manhã, para Portugal. De Barcelona, onde me demorei quási um mês, não lhe escrevi, mas creio q̃ seu irmão o fêz. Falei-lhes do q̃ tinhamos combinado e creio q̃ a história do dinheiro se arranja. De futuro, ficou isso combinado, terei q̃ o massar com correspondência de Portugal, sôbre assuntos revolucionários. Peço o obsequio de a fazer seguir para o Jaime Morais, pondo no envelope êste endereço:

François Pérez.

1, rue Vallet, 2ème

Perpignan

France (P.O.)

1693

Dentro um envelope q̄ diga:

Pour le camarade J. Castro,
aux soins de Ribas

Barcelona

As minhas cartas chegarão aí
- Londres - só com o enve-
lope q̄ lhe é dirigido e ten-
do à cabeça o nome Castro.
Tudo correrá assim bem. De
Barcelona devem mandar
dinheiro para estas despezas
de correspondência e para
o mais q̄ combinarão com
o meu Amigo.
Outro assunto: aqui em Paris
funciona uma União dos
Portuguêses Anti-fascistas,
como a de Barcelona. Tem
já muitos agremiados. Ten-
cionam fazer, para a aber-
tura da Exposição, um fo-
lheto sôbre Portugal, largamente
informado. Ninguém melhor
q̄ o meu Amigo poderá fazer
a parte q̄ se refere a colónias.
Já lhes falei nisso. Vão-lhe
escrever. Em todo o caso
fixe esta direcção

Mr. Jose Neves
Rua Richer, 24 - 3º
Paris (9ème)

Creio q̄ as coisas em Portugal
estão tomando um bom caminho.
Não deixarei de lhe dar notícias.
O q̄ quizer, de lá, peça. Não
esqueça o combinado: assine
Carlos, eu assinarei Alberto.
Mais uma vez lhe agradeço
tôdas as suas gentilezas
e o q̄ me ajudou em Lon-
dres.

Levo para Portugal uma fé
inabalável nos dias bons
q̃ nos esperam. Em Espa-
nha creio q̃ se trabalha
bem. Isto entre nós.

Muitos abraços do seu
dedicado e grato

Manoel Mendes

Paris
4 de abril de 37

Lisboa 18 de Abril de 1931.

Excelentíssimo Senhor:

Recebi a carta de V. Ex.ª, de 14 do corrente.

Escreve-me V. Ex.ª como antigo colega: nessa qualidade respondo à sua carta, apresentando as minhas desculpas por o fazer brevemente.

Num momento tão grave para o nosso pobre país — deve V. Ex.ª saber que há muitos e bons portugueses que consideram a independência em perigo — não me parece que haja o direito de escrever as palavras que V. Ex.ª me manda. A ditadura tem a obrigação de defender o País e a República dos desordeiros que arruinaram o seu prestígio e que, depois de haverem patenteado a sua incapacidade para resolver os grandes problemas nacionais, fazem, por todos os modos, impedir que os outros os resolvam. Poderia a este respeito alongar-me em considerações. V. Ex.ª me perdoará que o não faça. Devo contudo dizer-lhe que não há uma só das apreciações contidas na carta de V. Ex.ª que mereça a minha concordância.

Se me desagrada o que alguns se têem praticado excessos, sinceramente os deploro. Mas a grandeza da causa de Portugal (que é também a da República) justifica todas as precauções. Só lastimo que uma pes-

747

com as reais qualidades de V. Ex.ª seja tida como inimiga de uma bandeira que era (ao lado da parte mais sã e culta de Portugal) respeitada e sagrada.

Será na verdade um caso triste se o titular a que alude vier encontrar V. Ex.ª na sua situação presente: mas a clara inteligência de V. Ex.ª tem de atribuir as responsabilidades do facto ós creadores que, esquecidos de todos os deveres, persistem em continuar a vida de ameaça que desconcertou e desgraçou Portugal.

Com a devida consideração, subscreve-se

De V. Ex.ª

Att.º Ven.º Obr.º

Armindo Monteiro

Excelente Senhor
Dr. Armando Cortezão.
Avenida da Republica 97
Lisboa

27th October 1939

My dear Dr. Morais,

I have received to day your letter dated October 19th, which I thank very much.

No need to say that I agree with the extract of the declaration signed by the President, as in your letter, and I ask you to transmit him my agreement as well as my greetings.

However, I must say, between us, that I am afraid that there is a rather big difference between Nazi and Soviet imperialisms, and that it is yet too soon to form a definite opinion on present and recent soviet policy.

There is no other Portuguese in this country, as far as I know, in my situation.

I know very little directly from P., but here they like S. very much; I have the impression that he does whatever he likes in internal and home matters, but in the big issues of international policy he has to follow the lead given by our old and good Ally. À bon entendeur...

Tell me please what else will happen with your demarches and negociations. I am always at your disposal.

Give my best regards to your Family and our friends in Paris.

Yours ever

1700

A. Cortesão

6.XII.1940

Meu caro Amigo,

Acabo de lhe enviar um telegrama dizendo para preparar listas de nomes, idades e profissões dos homens; acrescento agora que deve também ser indicado o campo, ou campos em que se encontram, e quaisquer outras indicações que julguem úteis. Não podendo ser em inglês, pode ser tudo em francês, mas extremamente conciso. Aqui detestam-se as palavras inúteis.

Logo que recebi a sua carta e lhe enviei o meu postal, pus-me em campo. Falei com várias pessoas e, de indicação em indicação, fui ter com um gentleman a quem assuntos dessa natureza dizem respeito. Foi uma sorte, pois trata-se duma pessoa amabilissima e encantadora com quem recentemente estive num almoço, tendo ficado ao seu lado. Recebeu-me o melhor possível, acha o pedido justissimo e vai ver o que é possível fazer. Quando souber alguma coisa me avisará e eu imediatamente lho comunicarei; mas é muito provável que demore. Diz êle que tudo o que se fizer para os hespanhois com muito mais razão deverá ser feito para os portugueses. Entretanto disse que seria conveniente organizar as referidas listas, e enviá-las para mim, que eu as entregarei, para poderem servir à primeira voz, caso seja preciso. De tudo o mais que houver e for preciso lhe direi.

As minhas demarches aqui não começaram mal; mas é bom não alimentar esperanças excessivas. O assunto é sério bastante para que, excusado será dizê-lo, eu faça todo o pouco que está ao meu alcance. Assim eu possa!

Um abraço para si e outro para o Lança, e qualquer outro amigo nosso que por aí estela, do seu Amigo certo e obrigado, e correligionário.

1703

1 de Dezembro de 1945

Minha Exma. Senhora:

Tive há dias o grande prazer de receber a carta de V.Exa. que muito agradeço. A demora que houve em ela chegar à minha mão deve-se ao facto de eu já há quatro anos ter saído da BBC.

Muito grato estou pela excelente idéia de traduzir e fazer circular os meus artigos na Tribune, e pêna foi V.Exa. não se ter lembrado de me enviar um exemplar dessa tradução, que muito gostaria ter no meu arquivo. Os meus cumprimentos e agradecimentos também às "duas ou três mulheres de boa-vontade" que fizeram as cópias à máquina.

Pelo correio ordinário envio um exemplar do último número de Political Quarterly, onde vem um longo artigo meu sôbre "Democracy and Fascism in Portugal", e outro de Iberia, revista que se publica em Paris sob a direcção do Dr. José Domingues dos Santos, em que vem um excelente artigo dêle e outra colaboração interessante. Peço a V.Exa. que mostre tudo isto ao maior número possível dos nossos correligionários.

Muitos interessantes os documentos cujas cópias me enviou. Quão grato é verificar êsse ardor democrático por todo o território português! Oxalá os frutos não tardem. Mas sabe-se lá quando será?

Com os meus respeitosos cumprimentos me subscrevo,

De V.Exa.

Criado Muito Obrigado,

31

48, xx

3nd September 1942,

F.A.Wise, Esq.,
Foreign Division,
Ministry of Information,
W.C.1.

Dear Mr. Wise,

I have the pleasure of sending herewith, for your enlightenment, a press proof of three letters in my defence, the publication of which in the Lisbon review "Seara Nova" was refused by the Portuguese Censorship.

Yours sincerely,

80

3nd.September 1942.

K. G. Grubb, Esq.,
Controller of Overseas Publicity,
Ministry of Information,
London, W.C.2.

Dear Mr. Grubb,

As the B.B.C., in fact, dispensed with my services on account of the attacks made against me in a Portuguese Government sponsored Lisbon newspaper, and the Ministry of Information interfered in the matter or at least was thoroughly acquainted with the subject, I hope you will allow me to send you a press proof of three letters in my defence the publication of which was refused by the Portuguese Censorship..

When I was dismissed from the B.B.C., on the 4th December 1941, I was told that "Mr.Kirpatrick had decided that the British Embassy in Lisbon would issue a note in my defence". On the 6th January I received a letter from the B.B.C. stating: "We have written a letter to the Embassy in Lisbon putting on record the facts as we know them"; and on the 15th January: "I hope that what we say to our Embassy may be helpful to your case, and if there is anything we can properly tell you we will most certainly do so".

As far as I know, however, the Embassy in Lisbon has not done anything else in my case beyond the steps which led to the termination of my contract with the B.B.C. I think, therefore, that the Embassy and the British authorities concerned may believe or at least be inclined to believe, the slanderous accusations against my honour made in the said paper. I wonder whether, in view of the position assumed by the Embassy towards me, you know of some "Cartas de Londres" I have published in the Lisbon review "Seara Nova". Although "Seara Nova", owing to its character as a literary review, has a limited circulation, mostly among the Portuguese intelligentsia, several of my "Cartas" heve been reproduced in the widely circulated popular weekly "Vida Mundial" and largely quoted by other papers, mainly in the Portuguese colonies. I am sending herewith copies of "Seara Nova" and "Vida Mundial", which I have available, with some of the "Cartas".

On May 26th 1941 I wrote to the Ministry of Information sending a copy of the first of these "Cartas de Londres", and said that "I would gladly follow any suggestions you might give me on special points and matters to be dealt with", and that I was prepared to write similar "Cartas" for Brazil and able to assure their publication in one of the first Rio newspapers, through my brother who lives there. I asked "if it would be possible to pay me five guineas for each Carta of about 1500-2000 words, this applying only in the case of the first letters being published".

On the 26th June I was told "that it has been decided that this Ministry cannot agree to make you any payment for these articles", and no interest whatsoever was shown by my suggestion.

As you can see I have been writing and publishing the "Cartas", sometimes going to 6000 words, of the value of which as propaganda you can judge for yourself. And you can be sure that I am very glad to render this little service to this country I love and which has given me its hospitality, in spite of everything that has happened.

Yours sincerely,

48 xx

28th September, 1942.

Dear Mr.Grubb,

Thank you very much for yours letters of September 8th and 23nd, and kind attention you gave to the subject.

In view of our personal acquaintance in the past, I hope you will allow me to explain that when I wrote to you I did not think at all of seeking that the Ministry of Information should use my services. I just wanted to clear up a situation extremely disagreable for me, and through which I felt badly and unfairly hurt.

Since the B.B.C. dispensed with my services, my position has been, and always will be, to do everything in the war effort that I am asked, without expecting anything in return. Some months ago the M.O.I. asked me to do a few translations, which I did. Some of them were paid for, a couple of them were not, but in either case I never asked for any payment.

Neither am I idle. As a matter of fact I am very occupied indeed, with my pen, in work more or less connected with the war effort. Besides, I joined long ago as a voluntary fire watcher, and presently I have the honour of serving in His Majesty's Forces, in a Home Guard Anti Aircraft Battery. I have always been the only "Free Portuguese" in this country, and now I am, I think, also the only "Fighting Portuguese". There is at least one Portuguese making the saying of "The Oldest Ally" true - a saying which unfortunately sounds rather ridiculous nowadays.

Yours very sincerely,

Kenneth G. Grubb, Esq.,
Ministry of Information,
W.C.1.

84

48 xxx

16th September, 1942.

Ref:No.C 8635/8/36.

Sir,

I acknowledge with thanks receipt of your letter of 11th September.

Although I was told that "Mr. Kirkpatrick had decided that the British Embassy in Lisbon would issue a note in my defence", and nothing of the sort was done, the only aim I had in view with my letter of 3nd September was to show the Foreign Office Officials who had to deal with my case, that the accusations made in the pro-German and anti-British paper Diário da Manhã against me, which led to the dismissal from the B.B.C. of the only "Free Portuguese" in this counstry, were utterly untrue and slanderous. I must say that neither am I suggesting that I would like to return to the B.B.C.

I would, of course, like the letters I sent you in press proof, blue-penciled by the Portuguese Censorship, to be published in my country; but I never had any idea that that might or ought to be done through the intervention of any foreign power. I know that all decent people in Portugal consider that it is an honour to be attacked by a pro-nazi paper, and I know too that most of those people regret any surrender to nazidom pressure in the form of a vicious attack on a proved friend of Britain, even such an inconsiderable one, just because he was serving her to the best of his ability.

I have the honour to be,
Sir,
Yours faithfully,

The Under-Secretary of State
Foreign Office,
S. W. 1.

82

Telegrams :
Blanketing, London

Telephone : City 1187
~~Chancery 8866, Ext.~~

POSTAL & TELEGRAPH CENSORSHIP DEPARTMENT
(Ministry of Information)
~~23-27, Brooke Street, Holborn,~~
~~London, E.C.1.~~ 5 Cheapside, E.C.2.

Your Ref :

Our Ref : 7593/192

19th February, 1942.

Dr. Armando Cortesao,
48, Stamford Court,
London, W.6.

Sir,

The attention of the Director of Postal and Telegraph Censorship has been drawn to a letter dated 6th December, 1941, addressed to you by Carmara Reys, Lisboa, written in Portuguese, extract from which reads as follows:-

"Pela presente communicamos a V.Ex que em virtude da entrega do Esc. 6.155$75 que nesta data fizemos a Exm Snr. D. Adelina Nunes, ficam liquidadas todas as vendas que fizemos da sua obra Cartografia e Cartografos ate 20 de Novembro ppº. Temos que agradecer e pedir desculpa das demoras que houve nas respectivas liquidacoes, mas como V. Ex muito bem sabe, isso deve-se unicamente ao facto das dificuldades que a n/Empresa tem sido obrigada a vencer.....etc".

In view of the possible bearing of the Defence Finance Regulations upon this communication, I am to request that you will be good enough to explain the matter to which it refers.

I am Sir,
Your obedient Servant,

E Clarke.

DEPUTY FINANCIAL ADVISER.

693

20th.February 1942

Deputy Financial Adviser,
The Postal and Telegraph Censorship Dept.,
5 Cheapside,
E.C.2.

Sir,

I aknowledge with thanks your letter of yesterday.

My friend Mr. Camara Reys is the Director-Manager of the Lisbon firm of publishers Seara Nova. They published in 1935 a book I wrote on the History of Portuguese Cartography, whose publication was financed by my sister-in-law D.Adelina Nunes, to the amount of about Esc.50,000$. They sold the book, but due to several difficulties they had not been able to reimburse that lady earlier. Only now they settled the account with this last payment of Esc.6,155$75.

Hoping that this explanation *be* clear enough,

I am Sir,

Your obedient Servant

48,

3nd. September 1942.

To His Majesty's Secretary of
State for Foreign Affairs,
Foreign Office,
Whitehall, S.W.1.

Sir,

When the British Broadcasting Corporation dispensed with my services on the 4th December 1941, on account of attacks made against me in a Portuguese Government sponsored Lisbon Newspaper, I was told that "Mr. Kirpatrick had decided that the British Embassy in Lisbon would issue a note in my defence".

In my letter of the 10th December to the Deputy Director of Staff Administration, B.B.C., I reminded him of this promise. In a letter of the 6th January the B.B.C. told me: "We have written a letter to the Embassy in Lisbon putting on record the facts as we know them"; and in another letter dated 15th January: "I hope that what we say to our Embassy may be helpful to your case, and if there is anything we can properly tell you we most certainly will do so". As far as I know, however, the Embassy in Lisbon has not done anything else in my case beyond the steps which led to the termination of my contract with the B.B.C. I think, therefore, that the Embassy and the British authorities concerned may believe, or at least be inclined to believe, the slanderous accusation against my honour made in the said paper.

In view of this I beg you to allow me to send you a press proof of three letters in my defence, the publication of which in the Lisbon review "Seara Nova" was refused by the Portuguese Censorship.

I wonder whether, in view of the position assumed by the Embassy towards me, the Foreign Office knows of some articles I have published in the same Lisbon review, three of which I send herewith. Although "Seara Nova", owing to its character as a literary review, has a limited circulation, mostly among the Portuguese Intelligentsia, several of my articles - as was the case with these three - have been reproduced in the widely circulated popular weekly "Vida Mundial" and largely quoted by other papers, mainly in the Portuguese colonies.

I have the honour, Sir, to be,
Yours faithfully,

Armando Cortesão
(Former General Agent for the Colonies, Lisbon;
Member of the Institut Colonial International;
G.O. of the Portuguese Order of Christ;
G.O. of the Order of Leopold of Belgium;
Fellow of the Royal Geographical Society;
Member of the London Center of the P.E.N. Club; etc.)

78

PERSONNELLE

27 février 1947

M. le Dr. CAMARA REYS
240, rua da Rosa
LISBONNE.

Mon cher Camara Reys,

Je vous remercie beaucoup pour vos lettres du 3 et 17 courant. Je viens seulement de recevoir la seconde. Par une lettre de Casimiro reçue ce matin, je vois que le General Norton de Matos et vous-même avez déjà parlé ensemble de la question de trouver un candidat portugais pour le Conseil des Tutelles de l'ONU. Je vois aussi que vous avez pensé au même nom, auquel j'avais songé en premier chef, et dont Ferreirinha ~~m'avait parlé~~. D'après ce que je sais actuellement du monde colonial portugais, je trouve aussi que c'est vraiment le candidat le plus indiqué. C'est dommage qu'il n'ait pas de diplôme d'études supérieures, cela l'eût beaucoup aidé, mais cela ne devrait pas être une difficulté insurmontable. Pourtant, comme la question presse, je suis très impatient d'avoir une réponse de Ferreirinha lui-même avec toutes les indications désirées. Je crois qu'il connaît l'anglais parfaitement, et j'espère qu'il est suffisamment fort en français.

c. à d.

L'autre candidat dont Casimiro m'a parlé dans sa dernière lettre, est absolument inacceptable, cela va sans dire. Je ne le proposerai jamais, bien que du point de vue technique, il eût été intéressant. C'est dommage qu'il y ait tant de gens qui n'ont d'autres convictions ou idéal que leur intérêt immédiat ; à mon avis, c'est un réactionnaire qui a fait semblant d'être démocrate et pour le progrès, seulement parce que cela lui était personnellement avantageux.

Je vais maintenant vous parler d'un autre sujet, aussi très important pour nous au point de vue national, mais il faut que je le fasse à titre tout à fait personnel pour des raisons que vous comprendrez très bien. Je vous prie donc d'agir avec beaucoup de tact : l'Unesco doit, dans un proche avenir accorder plusieurs bourses d'études dans le domaine des sciences, de l'éducation et de la culture. Je ne suis

....

ac/mk

667

pas tout à fait sûr de la façon dont pourront être reçues ici les demandes venues du Portugal, à cause de la malheureuse situation de notre pays dans le concert international. Pourtant cela vaut la peine d'être tenté, aussi j'aimerais que vous, avec le concours de quelques uns de nos amis qui sont pour le progrès, tels que Candeias, Graça, etc. choisissiez quelques noms d'étudiants de mérite réel ayant fini leurs études ou en train de les finir, et qui désireraient les approfondir ou se spécialiser dans n'importe quel domaine des connaissances humaines, mais surtout dans le domaine des sciences naturelles et exactes, sciences sociales, par exemple le génie, l'architecture, la chimie, la physique, la biologie, l'agriculture, la zoologie, la botanique, la phytologie, l'entomologie, l'architecture, etc... ainsi que la psychologie, l'archéologie, la philosophie, les arts, l'histoire des Sciences, etc.. Comme je vous l'ai dit, je souligne que je ne sais pas dans quelle mesure ces candidatures seront prises en considération par l'Unesco. Une grande partie de ces bourses d'études iront aux pays qui ont le plus souffert de la guerre ; mais je crois que cela vaut la peine pour le Portugal de tenter d'en obtenir. Même si nous n'obtenons rien pour le moment, nous aurons pris rang pour l'avenir.

Les candidats devront s'adresser au Directeur-Général de l'Unesco en donnant toutes les indications sur les études déjà accomplies, les titres qu'ils possèdent, en un mot, leur curriculum vitae. Les candidats peuvent s'adresser directement au Directeur-Général ou passer par l'intermédiaire de leur école universitaire ou institut. Dans le premier cas, vous comprenez parfaitement qu'il serait de la plus grande utilité qu'ils ajoutent à leur demande quelque document officiel sur le résultat de leurs études. J'aimerais que lorsqu'un candidat enverra sa candidature pour une bourse d'études, vous me le fassiez savoir en m'envoyant une copie de la lettre adressée au Directeur-Général pour que je puisse suivre l'affaire.

C'est réellement malheureux que le Portugal n'ait aucun contact officiel avec une organisation aussi importante que celle-ci, et parfois mon cœur se brise lorsque je vois tant d'opportunités qui seraient du plus grand intérêt pour notre pays, et qui passent sans que je puisse rien faire. Voilà pourquoi je vous parle de ces bourses d'études, mais je le fais absolument à titre privé et dans la conviction que j'agis dans l'intérêt de la communauté, car notre pays a aussi fait quelque chose pour l'humanité, sinon aujourd'hui, du moins dans le passé.

Dans l'attente de vous revoir,

A.Cortesão
48 Stamford Court
London, W.6

3. VII. 1941

Meu caro Dr.Câmara Reys
e prezado Amigo,

Recebi há dias a sua carta de 7 de Abril, que demorou tanto por vir por correio ordinário. Recebi também, e muito agradeço, os seus excelentes estudos sôbre Zola e o Eça, e tudo o mais que fez favor de me mandar. Excelente o volume dascartasdo Eça, e espero que não esqueça fazer com que me seja enviado o vol. do Dr.Duarte Leite que suponho me interessa por vários motivos.

Sim, as contas com a Seara teem sido assaz dolorosas, e houve um momento em que, devido à minha dificil situação, me senti desesperado. Mas que se lhe hade fazer! Estimo os esforços que o meu Amigo faz por ir entregando alguma coisa por conta a minha Cunhada, e... não posso deixar de admirar a tenacidade e coragem com que tem mantido aceso êsse belo facho da Seara. Na minha quotasinha de português estou-lhe bem grato por isso. Obra e esfôrço tão admiráveis como formidáveis, com as dificuldades conhecidas e nos tempos que vão correndo. Bem haja.

Desde que enviei a primeira das minhas "Cartas de Londres" ao Lagôa, nunca dêle recebi carta, apesar de várias vezes lhe ter escrito. Receio que alguma carta dêle não me tenha chegado às mãos; quem sabe, talvez tenha ficado retida na censura daí ou na daqui. É coisa que não deve deixar de ter-se em vista ao escrever para cá. De resto há tanta maneira de matar pulgas! Tudo se pode dizer com a devida cautela.

Nada sei sôbre a impressão que as Cartas aí têm causado, e em especial da opinião editorial da Seara. Qual é o tamanho mais conveniente? Com que intervalos? Dar-lhe alguma outra característica especial? Sôbre tudo isso gostaria de o ouvir, directamente ou por intermédio do Lagôa. Já recebi a Carta II, e lá vi os cortes da censura. Mesmo assim acho que não me tem tratado muito mal. Nunca julguei mesmo que seria tão pouco mal tratado! Mas acha que vale a pêna continuar a escrever estas Cartas? Às vezes fico na dúvida; não se isso será afinal uma maçada para a Seara e para os leitores.

Agora um pedido: Gostaria de receber sempre o número em que venha Carta por via aérea e mais cinco números por correio ordinário. Dos números de que me foram enviados 3 exemplares peço que me sejam enviados mais dois.

Teria a censura aí deixado publicar a minha Carta III, sem grandes cortes? Que coisa formidável foi a entrada da Rússia na guerra! Magnifico para a G.B. e magnifico para o resultado final, da organização futura. Suponho que os alemães qualquer dia tenham uma muito desagradável surpreza. E a situação da nossa terra, inimiga declarada da URSS e aliada da G.B. que por seu turno é hoje praticamente aliada da URSS. Que trapalhices.

Lembranças ao Manuel Mendes, de cuja visita a Londres tenho sempre as melhores recordações, e cuja prosa cá vou lendo de vez em quando.

Peço-lhe que aceite um abraço do seu admirador e amigo muito obrigado

709

A.Cortesão
48,Stamford Court
London, W.6.

20.XII.41

Meu querido Amigo,

Recebi ha dias uma carta da Seara, com a fatura da Enciclopédia, ~~exmmkxa~~ de 12 de Setembro, e outra sua de 30 do mesmo mês. Como não vieram por via aérea uma levou três meses e outra dois meses e meio a cá chegar. Muito agradeço o envio da Enciclopédia, que aliás ainda não recebi, e espero que de futuro me adquiram os outros volumes e mos envíem (caso haja comunicações...) ou então mos guardem aí (caso continuem a publicar-se...)

Foi ao News Chronicle e levei um nº. da Seara, explicando como estavam aí a utilizar coisas do jornal, propaganda, afinidades, etc. Muita simpatia e muitas palavras amáveis, que sim senhor mas que as dificuldades agora são imensas, etc., etc., e ficaram de dar-me a resposta. Vou lá de novo dentro em dias, e em último caso farei uma assinatura do jornal para a Seara. De resto não parece que haja muitas probabilidades de continuarem as comunicações estabelecidas. Mas enfim tentarei uma vezmais.

Agradeço também o envio do final da Carta de Londres que não pôde ser publicado. Parece que as Cartas de Londres não foram lá muito recebidas donde parecia natural que me ficassem gratos!!! Teriam irritado aí quaisquer altos indígenas, por ~~dmmar~~ de certo modo me tirarem da obscuridade a que me tinha votado (e se dela me tirei foi com o propósito de bem servir uma causa que me é tão querida - a causa anti-nazi e anti-fascista e por conseguinte pro-liberdade, que é afinal pelo que a Grã-Bretanha, URSS e E.U.A. estão combatendo). Isso, com a trapalhada timorense (para que não meti o mínimo prego ~~em~~ nem a mínima parcela de estopa), e a minha carta ao Presidente do Conselho, teria sido a causa principal do coharde e infame ataque que me foi feito pelo D.M. Queriam que eu não enviasse mais Cartas, e está-lhes a vontade feita; queriam que a BBC dispensasse os meus serviços (que bem utilizados preciosos poderiam ser, como começavam a ser), e têm a vontade feitíssima. Não podemos negar habilidade e saber do ofício aos sicários de Göbbels e Himmler, estejam êles onde estiverem!

Espero que o Casimiro lhe tenha ~~dito~~ transmitido o meu pedido de publicação da cópia que enviei à Adelina. Se o puder fazer, dê-lhe a apresentação e disposição que pareça mais conveniente. Muito grato lhe ficarei, mas não sei se isso puderá ser feito e se lhe convirá.

Não sei por quanto tempo aí estarão em tranquilidade, mas o meu Amigo sabe o que desde à muito penso sôbre as probabilidades de invasão quando isso convenha a terceiros. Mas enquanto o pau vai e vem... vamos a outro assunto: Que lhe parece se se vendessem a pêso umas centenas de exemplares da Cartografia, com a garantia de que seriam todos reduzidos a pasta de papel? Foi um dos vários defeitos do livro a tão elevada e disparatada tiragem! Diga-me o que lhe parece. Mas tenha paciência, escreva por correio aéreo.

Recebi já há muito tempo, com umas Searas, a "6ª.Lição do Curso de Redacção e Estilo", tendo escrito: "Com os cumprimentos de Rodrigues Lapa". Seria isto de facto para mim e teria vindo por engano? Seja como for li e gostei. Não seria possivel enviar-me o Curso completo? Achei interessantíssimo. Peço também o obséquio de dar ordem para me ser enviada uma obra de Afrânia Peixoto que me parece chamar-se "História do Brasil" e foi aí publicada (Lelos, salvo êrro) quando do Congresso do Mundo Português. Muito obrigado.

Cumprimentos afectuosos para todos os nossos amigos e um abraço

para si do amigo certo e grato

699

Camarin Dy

A.Cortesão
48 Stamford Court,
London, W.6.

1 de Janeiro de 1942

Meu querido Amigo,

Felicidade no Ano que hoje começa é o que desejo para si, sua Família e a todos os seareiros (sem esquecer o Lagôa e Manel Mendes). Espero que tenha recebido a minha carta de 20 do p.p. Deixe-me dizer-lhe que quando falei em vender umas centenas de exemplares da Cartografia a pêso, foi apenas com a idéia de não ter aí essa maçada a encher-lhe espaço... Quantas pragas lhe terão sido rogadas!

Aqui vai mais uma "Carta de Londres". Ainda êste mês conto enviar-lhe outra no mesmo género. Talvez o achem chocho, mas não me atrevo a falar na guerra e outros assuntos de certo agora mais interessantes, que abundam e davam excelente material para estas Cartas, pois as Cartas passadas, apesar de as ter escrito com tanto amor a Portugal como à Inglaterra, parece que irritaram certa secção indígena daí e, por reflexo aqui, muito contribuiram para as profundos dissabores que ultimamente me têm enegrecido a vida. Que página para as minhas Memórias, a escrever um dia! De resto talvez assim evite que a Censura aí as corte em parte ou... no todo, o que não é lá muito agradável.

Apesar da série de dissabores no ~~Oriente~~ Extremo Oriente, está-se caminhando cada vez mais firmemente na estrada da vitória. O que está sucedendo ~~xxxRúxxix~~ aos alemães na Rússia é qualquer coisa de maravilhosamente bom, é como um sonho delicioso tornado realidade e em que custa a acreditar! As consequências que isso tem para todos nós homens livres (ou melhor, amantes da liberdade), para mim para si, para todos os que detestam a tirania, são tremendas. Os malditos e infames boches começam a pagar pelos seus crimes, e com o seu castigo virá o castigo de todos os seus mais ou menos declarados amigos quislings.

Quanto às stacombicas hostes devem sentir-se agora mais apaziguadas e felizes, ~~xxxxxxxxxxxx~~ pois inclusive o pobre diabo do A.de Lavarabos foi tratado assaz grosseira e brutalmente, e com abominável ingratidão. O que vale é que não há bem que sempre dure.

Creio que já saberá que a BBC viu-se obrigada a dispensar os meus serviços. Ao mesmo tempo foi-me retirado o permis que tinha para fazer "auxiliary war service", que é como quem diz qualquer trabalho que interêsse ao govêrno; e como hoje todo o trabalho interessa ao govêrno vejo-me praticamente impossibilitado de ganhar a vida. Para tôda a parte que me viro, mesmo nas coisas que me parecem mais particulares, as primeiras impressões são as melhores; mas creio que quando depois procuram qualquer informação ou autorização, logo a mala pata se faz sentir. Espero porém que não seja impedido de escrever estas Cartas de propaganda britânica para a Seara, pois por elas não ganho um vintém. Até aqui estava dispensado da ordem imposta a muitos ~~xx~~ estrangeiros, de não poder sair de casa a certas horas da noite; mas agora também me foi cuidadosamente caçada essa dispensa. Enfim tenho de me considerar uma "war casualty" e levar tudo isto com paciência, esperando por melhores dias. E nada fará diminuir o meu amor à Inglaterra e ao povo inglês; se de alguma coisa tivesse de me vingar, a minha vingança seria continuar a escrever estas Cartas (e possivelmente outras no mesmo género) que afinal são a melhor propaganda inglesa e pelas quais ninguém me paga nada - o que me parece condição sine qua non para que as possa escrever.

702

Creio que lhe pedi em tempo o favor de me enviar uma boa e moderna gramática portuguesa, pela minha conta na Seara. Será possível? Desde já muito obrigado.

Um abraço para si e todos os amigos

P.S.Se puder mostre esta ao Casimiro.

A.Cortesão

48, xxx

8 de Fevereiro de 1942

Exmo. Snr. Gerente da Emprêsa de Publicidade
"Seara Nova" - Lisboa

Exmo. Senhor,

Acuso a recepção da carta de V.Exª. de 6 de Dezembro acompanhando o extracto da conta corrente, o que agradeço. Esta carta veio por correio ordinário e só me chegou à mão há 4 dias; a outra da mesma data, por avião, só a recebi ontem! Suponho que isto tenha sido devido a não terem marcado o envelope claramente, pois o "Correio Aéreo" no papel do ehvelope mal se distingue.

Muito estimo que as nossas contas estejam liquidadas e que minha cunhada tenha recebido o dinheiro que desembolsou para a publicação da obra. E já não é mau que uma obra desta natureza tenha dado para a despeza da publicação (mas quantas dezenas de contos mais não gastei eu em tempo dispendido, livros comprados, fotografias documentos copiados, etc., etc. durante os 4 anos que levei a escrevê-la!). Muito obrigado pelas explicações.

Concordo plenamente com o que me diz de reduzir o preço para 150$00 e 250$00, e com a comissão de 40%

Ainda não recebi os volumes da Enciclopédia, o que me preocupa. Os jornais deram notícia aqui de que as malas com correio ordinário, impressos, pacotes, etc. de Liboa para aqui, entre 21 de Outubro e 22 de Novembro, se perderam. A guia de remessa é datada de 12 de Setembro, mas receio bem que tivesse vindo exactamente nessa ocasião e se tenha perdido. Pedia o favor de mandar averiguar. Foi o seguro feito para a importância total de 1.200$00?

E quando me escrever peço o obséquio de marcar o envelope distintamente para "Correio Aéreo" ou "Por Avião".

Com tôda a consideração e estima me subscrevo,

De V.Exa.

Amgº. Mtº. Obgdº

Meu caro Câmara Reys,

Escrevi-lhe e mandei-lhe uma "Carta de Londres" no dia 1 de Janeiro, prometendo escrever outra "Carta". Mas afinal sem saber se essa foi recebida e publicada. Falta-me paciência para muita coisa. Quasi que só consigo agora absorver o espírito na preparação do livro para a Hakluyt Society, em que agora estou trabalhando activamente. E é porque nisso não ganho dinheiro, senão o govêrno português provavelmente punha em acção as embaixadas e eu em breve seria "dispensado" de continuar com êsse trabalho. E mesmo assim não sei. Se descobrem que rarissimos estrangeiros têm tido a honra de publicar livros pela Haluyt Society e eu sou o primeiro português a caminho dessa honra (embora a maior parte dos livros publicados pela Hak.Soc. sejam traduções de livros e tratem de feitos portugueses), é de crer que as chancelarias de novo gemam contra êste favotirismo concedido a um "inimigo" do formoso, admiravel, genial, supino, maravilhoso, benefico, suave, cristão, etc., etc. "Estado Novo". Vão-se os aneis mas fiquem os dedos, costumamos nós

696

48, xxx

1. vi. 42

Meu caro Câmara Reys,

Só hoje recebi por via aérea os dois exemplares da Seara com as Cartas. Tenho assuntos muito interessantes para tratar em pelo menos 4 Cartas e bem gostaria de as escrever sem demora - a questão é arranjar tempo. Mas vou ver se qualquer dia envio uma. Se eu pudesse vir disto, quão mais facil seria...
Não me recordo se já lhe agradeci o ter disposto o assunto do seguro da Enciclopedia conforme o desejo que eu formulara. Apreciei muito e parece que os meus rapazes não apreciaram menos.

Só agora também me mostraram a carta que no dia 27 lhe enviaram sôbre a publicação do tal livro para o govêrno polaco. Quando aqui se entrou em pormenores surgiu uma dificuldade, pois passou-lhes pela ideia que a Seara (Emprêsa) faria as despezas da publicação e depois o Govêrno polaco cobriria os seus prejuízos se os houvesse após um ano de venda... Disse-lhes logo que isso era inaceitável por vocês. Mas êles perferem que a publicação seja aí feita, pela questão da proximidade e por dever sermais barato que no Brasil. Contudo escreveram a várias empresas brasileiras. Por outro lado a ideia é que a vossa Empresa (ou mesmo a Tipografia,suponho eu, serviria) figure como editora, pois o nome do Govêrno polaco não aparecerá no caso. Resolveram pois escrever para daí indicarem as condições em que aceitarão fazer a publicação.

Pelo que sei do assunto parece-me que deviam responder mais ou menos na seguinte directriz (caso a publicação vos interesse): O custo será tanto, e o pagamento deverá ser feito - uma parte coma encomenda e o resto em "au fur et à mesure" (indicando as quantias). Os pagamentos deveriam ser feitos por intermédio dum banco aí, ou pela Legação da Polónia em Lisboa caso isso vos convenha. Conviria mandar amostras de papel para texto e gravuras, que são numerosas. É preciso contar também com a encadernação do livro. Se não tiverem facilidade em obter aí um exemplar, talvez não seja dificil examinar um na Legação da Polónia. A tradução não excederá o número de palavras do livro, antes pelo contrário; mas façam o cálculo pela edição inglesa. Parece-me negócio para vos interessar deveras, caso tenham possibilidade material de o executar. Peço que me enviem cópia da vossa resposta

Muito agradeceria que me enviassem um livro recentemente publicado por António da Câmara (salvo êrro) sôbre genética (ABC da Genética, ou coisa parecida).

Ex corde

691

A.Cortesao
48 Stamford Court
London, W.6.

15. vii.42

Meu caro Amigo,

Recebi ontem a sua de 7 com a cópia para "The Polyglot". Ontem mesmo falei com êles. Colhi a impressão de que ficaram de certo modo desapontados com a demora na resposta e com o facto da "Seara" não se poder encarregar da distribuição do livro no Brasil. Expliquei-lhes as circunstâncias, mas êles escreveram também para o Brasil e México e aguardam resposta antes de decidir, se é que decidem alguma coisa. Sugeri que podiam entregar aí o livro à Legação da Polónia, que o enviaria à Legação no Rio, mas o Ministério dos Estrangeiros Polaco aqui não deseja assim. É possivel que pensem em mandar imprimir o livro no Brasil ou México, mas não é impossivel que o orçamento que de lá recebam venha a ser tão alto que ainda optem por a Seara, apesar de tudo. Mas tenho pouca esperança. Do que houver direi.

Um amigo a quem emprestei as Searas com as minhas Cartas VIII e IX perdeu-as! Fiquei aborrecidissimo pois preciso muito delas. Não poderia fazer o favor de me enviar novos exemplares por avião, logo que esta receba?

Tambem só ontem recebi carta de minha Cunhada com a prova da Carta do Casimiro para si a meu respeito. Que pêna não me terem mandado uma dúzia de exemplares dessa prova juntamente com as minhas cartas para o D.M. Não creio que ainda tenham os graneis, mas se por acaso tivessem agradecia-lhe imenso que me enviassem 12 provas de cada, sendo 4 por via aérea. Isso para mim tinha um interesse enorme, pois o sr. não imagina a campanha que contra mim feita com fundamento nas infamias do D.M. e como eu sob vários aspectos aqui tenho dela sofrido. Não são só os nazis que têm Gestapo; e como sabe exige que todos os seus nacionais em paises estrangeiros actuem de acordo com ela. É uma rede de ódio e perseguição de que osmeus amigos não fazem ideia,e de que infelizmente nada lhe posso contar por causa da Censura. Lembrem-se de que sou o único "Português Livre" que ha na G.B., e se não fossem alguns amigos que tenho através dos meus trabalhos literários ou eruditos, já teria sido absolutamente esmagado e reduzido à fome. De resto eu sou osso duro de roer, e as minhas ambições são cada vez mais limitadas.

Em 11 enviei-lhe Carta de Londres XI. Em 28 escrevi longa carta ao Lagoa.

Lembranças a todos os camaradas e amigos.

Ex corde

689

PS.Pego favor dizer minha Cunhada recebi hoje Diario Noti-

5.xi.43

Meu caro Câmara Reys,

A par dos, ~~[illegible]~~ elogios ao presente regime político aí, agora furiosamente renovados em grande parte da grande imprensa periódica daqui e em muitos livros ~~agora aqui publicados~~ sôbre Portugal e coisas portuguesas, nunca se perde ocasião de se ser injusto para com o regime republicano anterior a 1926, indo-se por vezes à infâmia e calúnia. Claro está que isto é, em parte, resultado da poderosa obra de propaganda do S.P.N. que, embora custe rios de dinheiro ao país, dá pingues dividendos aos que ela se destina a beneficiar, enaltecendo as suas virtudes(?), escondendo os defeitos, e quanto aos republicanos e democratas fazendo precisamente o contrário.. Ninguém repara que tal obra de propaganda pessoal à custa dos dinheiros públicos nunca teria sido possível no tempo da antiga República, porque a Imprensa Livre, o Parlamento e a Opinião pública não o consintiriam. Mas infelizmente, desgraçadamente, a República nunca fez a sua própria proganda; não digo já das pessoas, mas da imensa obra ~~feita~~ realizada. Tudo isto é extremamente prejudicial para os republicanos e democratas portugueses quanto à opinião pública aqui, onde a opinião pública conta para alguma (embora não tanto como parece e se pretende fazer acreditar) coisa.
Sinto a necessidade de, no interêsse do nosso país e até da amizade anglo-lusa, escrever um ou mais artigos, e até possivelmente fazer uma ou mais conferências, "Em Defeza da Democracia Portuguesa". Faltam-me porém certos elementos quanto aos 15 anos de República, pois nunca foi oficialmente publicado um panfleto sequer apresentando o muito que se fez. Apenas ataques a tudo e a todos e quasi que exclusivamente crítica destrutiva! Que tristeza; se ao menos a lição aproveitasse para o futuro... Mas, como ia dizendo, faltam-me elemantos não só sôbre a obra feita, mas também sôbre revoluções e intentonas, especialmente monárquicas e outras reaccionárias. É que pouca gente aqui sabe que muitas das famosas "revoluções" vieram dos elemntos reaccionários contra a República.
Poderia ~~[illegible]~~ enviar-me qualquer livro ou folheto em que eu pudesse documentar-me sôbre revoluções, especialmente monárquicas e afins, e tudo o mais que lhe pareça me possa ajudar no propósito em vista? Ou se não puder, não haverá qualquer patriota que me queira fazer êsse favor ~~[illegible]~~ e servir a República e a Democracia? Conviria que isso me fôsse enviado por correio aéreo. Sendo coisa muito volumosa, poderia ao menos indicar-me os títulos a ver se eu aqui poderia encontrar no Museu Britânico. Isto é muito importante; vocês aí não imaginam as idéias que mesmo gente da esquerda xá aqui tem sôbre tudo isso. Pois se êles só sabem do que diz o S.P.N.!

Muito gostei dos seus artigos sôbre o saudoso Proença. Nêles há muita coisa que me serve para o f m em vista, em especial o programa d Seara, mostrando a sã reacção da Intelligentia.
E agora faça o favor de me acusar a recepção desta imediatamente, nu simples postal que seja. Deve compreender o interêsse que tenho em saber se chega ao seu destino.
O mundo de amanhã vai fatalmente ser diferente do que muita gente julga. É tremenda a luta que agora se está travando nos bastidores.
E sôbre isto nada mais digo do muito que gostaria de dizer.

687

21.viii.45

A.Cortesão
48 Stamford Court,
London, W.6.

Meu Caro Câmara Reys:

Perdoe a demora em responder à sua de 20 de Junho, mas tenho estado a recobrar da notícia que me deu dos srs. censores daí não deixaram publicar as minhas Cartas, e mesmo o artigo sôbre o velho e inocente Tomé Pires! Tive pêna dessas 5 Cartas, que não pouco esfôrço representam. Enfim, êles lá sabem. [illegible] Depois era quasi que a única maneira que tinha de comunicar com os meus amigos e compatriotas. Confesso que me faz certa diferença. Mas como isto de escrever é como o coçar - não se lhe pode resisitir - desatei a escrever para a Imprensa daqui, que não paga nada mal. Por êsse lado era caso para agradecer aos srs.censores... Em vez de falar da Inglaterra aos portugueses falo de Portugal aos ingleses. São danados os srs.censores! Agora é que êles poderão dizer "E qué o senhor não sabe o que êsse senhor tem feito". Nem êles saberão tudo, coitados.

Sempre foi publicado o folheto sôbre o Tomé Pires? Espero me envie um por via aérea, e mais uns dez por correio ordinário. Muito obrigado ao amigo Alex.Vieira, a quem de resto gostaria que fôsse pago o seu trabalho de revisão. Tenciona vender alguns exemplares do folheto, não é verdade? Peço lhe pague o que considerarem razoável.

Muito estimo se xxxxxx queira encarregar da venda do meu livro, como combinado. Infelizmente não estará pronto dos encadernadores antes de Novembro, apesar de já há três meses estar completamente pronto das minhas mãos e já impresso! Quando souber a data certa do aparecimento lhe direi, e logo serão enviados.

Só um mês depois de o grande Ley aqui ter chegado é que soube êle tinha qualquer coisa para mim. E isso porque, por acaso, encontrei a Rose Macauley no British Museum e ela me falou no caso. Ela então, a meu pedido, disse

ao Ley para me falar ao telefone. Mandou-me então a carta pelo correio mas pôs a direcção errada de modo que só ao fim duma semana a recebi, ontem. De resto, entrementes, êle veio cá a casa palestrar. A carta excelente, e será muito proveitosa. Muito obrigado.

Um abraço para todos os seareiros, e em especial para si do seu admirador e muito dedicado e grato amigo

4.11.46

Meu caro Câmara Reys:

Muito obrigado pelo seu postal de 3 de Janeiro, pelas erratas e pelos bem sucedidos esforços para a publicação das minhas duas cartas. Muito estimo que acabassem por ser publicadas, sobretudo na Seara, pois acertam vários pontos que careciam de ser acertados.

A demora com o meu livro tem sido verdadeiramente desesperante. Os encadernadores agora dizem que só para Março. Visitei-os há dias, aqui para os meus lados mas mais fora de Londres. É uma coisa imensa! Estas edições da Hakluyt não chegam a mil exemplares, e é um trabalho de nica, com a colagem de 40 e tal gravuras, mapas dobrados, etc. Mostraram-me lá a encadernação em curso de numerosos livros. A mais pequena edição era de 35.000 exemplares e algumas iam além de cem mil. Tudo, ou quasi, mecanizado e em série. Muito interessante, mas uma pequena edição como a do meu livro fica para trás. Mas vai ficar um belo livro, ainda que muito caro (mais de £3). Já lá combinei que para a Seara sejam enviados os 50 exemplares assim que estejam prontos.

Deve receber carta do meu amigo George Godwin, advogado e escritor, sôbre a publicação de um livro dêle (isto é, por êle escrito sôbre a Marconi e para a Marconi). Eu estou a tratar da tradução, ou antes adaptação, para português. Pediu-me êle ontem conselho sôbre a edição portuguesa (que aliás se destina principalmente ao Brasil) e eu, claro está, empurrei a coisa para a Seara. Querem trabalho absolutamente de 1ª qualidade, como eu sei que a Seara pode fazer, e pagam bem. Parece-me muito interessante.

678

No vosso orçamento devem contar com pagamento a um muito bom revisor das provas, e revisão cuidadosissima. Isto é muito importante e indispensável. Se chegarem a acôrdo (e não vejo razão para não chegarem e eu posso ajudar, pois me parece excelente operação para a Seara) deveriam receber o original português, dactilografado, lá para princípios de Abril.

Junto envio dois recortes que talvez contenham algo de interessante para "Factos e Documentos".

Minha Mulher agradece e retribui as lembranças e eu envio um abraço para todos os nossos camaradas e amigos, com um muito especial para si do seu

ex corde

16.iii.46

Meu caro Câmara Reys:

O meu postal de 7 deve ter-se cruzado com a sua carta para Mr.Godwin.

Ele ficou tão mal impressionado com o aspecto da carta, que me telefonou a dizer que uma emprêsa que assim escrevia para o estrangeiro sôbre um negócio de certa importância não podia ser grande coisa. Depois escreveu-me e enviou-me a sua carta e envelope. Vi a coisa por água abaixo, mas lá procurei justificar conforme pude e convidei-o para vir aqui a casa tomar chá e ver a minha Cartografia e outros livros produzidos pela Seara. Gostou tanto da visita que esteve cá até às 22 e 45. Ficou encantado com a Cartografia e outros trabalhos que lhe mostrei (tais como a História da Expansão Portuguesa no Mundo, etc.etc.), os quais embora não feitos pela Seara mostram do que as artes gráficas portuguesas são capazes. O caso é que, segundo hoje me disse pelo telefone, já lhe escreveu entrando em pormenores do negócio o que é mais de meio caminho andado para a encomenda. Mas que ideia foi a sua de sugerir que o pagamento podia ser-me feito aqui? Que é que eu fazia com o dinheiro, como é que o transferia para aí? Se uma casa como a Marconi tem dificuldades, o que direi eu! O melhor é insistir para que o pagamento seja feito aí pela própria Marconi de Lisboa.

Agora, meus Amigos, o que peço e recomendo instantemente é que façam trabalho absolutamente de primeira ordem, pois disso tomei a responsabilidade. E outros trabalhos depois decerto virão, quando a excelência dêsse primeiro for vista.

677

E no vosso orçamento não se esqueçam de entrar com revisão absolutamente cuidada. Eu, pelo meu lado, gostaria que alguem aí, que conheça bem português e especialmente termos técnicos de rádio e electrotécnica, lêsse primeiro o original e fizesse qualquer correcção ou modificação de termo técnico óbvias, ou me enviasse a sua sugestão quando houvesse dificuldade. Isto é um trabalho de certa importância e tem que se fazer obra absolutamente asseada, em todos os sentidos. Carrem tudo o que for preciso e justo, não esquecendo nada, e garantam que produzirão trabalho absolutamente de primeira ordem. Esta gente pode pagar, e não regaterá desde que se lhe garanta a possível perfeição, como eu sei que a Seara pode fazer.

O livro destina-se principalmente ao Brasil, por isso o tradutor escreve moças, quando em Portugal se escreveria raparigas; como sabe 'rapariga' no Brasil é sinónimo de 'pêga'...

Peço-lhe não tome à conta de impertinência o que vou dizer: a vossa carta vinha muito mal apresentada. O papel ordinário e o envelope ordinaríssimo, com aqueles horríveis anuncios; a direcção no envelope horrivelmente errada (oque demonstra ligeireza e desatenção); o inglês da carta ultra macarrónico (mas isso ainda era o menos); tudo pobremente dactilografado. É preciso arranjar - ao menos para o estrangeiro e casos dêstes - papel de carta elegante, sóbrio, de boa qualidade; dactilografar com perfeição; escrever em bom francês quando o não possam fazer em bom inglês. Bem sei que isto são pequenos nadas, mas que têm grande importância, sobretudo com ingleses. Desculpe esta sinceridade, mas falo como amigo e por julgá-lo indispensável. Quando escreverem não ponham "Mr." mas sim "George Godwin, Esq.,", e a direcção tal qual está no papel dêle.

"20, Old Buildings, Lincoln's Inn,
London, W.C.

16.iv.46

Meu caro Câmara Reys:

Enviei-lhe hoje, por uma senhora que depois de amanhã para aí segue de avião, um primeiro exemplar (2 vols) do meu livro sôbre Tomé Pires. Suponho que o venha a receber ainda primeiro que esta. 39 exemplares mais seguirão pelo correio ordinário, registados. Será bom tomar nota do número do registo de cada volume recebido, para verificar qualquer possível extravio e reclamar. De resto serão remetidos aos poucos, para evitar complicações.

Imagine que a Hakluyt Society tirou tão poucos exemplares (750 apenas) que depois de distribuídos aos 600 e tal sócios, etc., só uma duzia será posta à venda, a £3 - 3 - De modo que, segundo suponho, virá a haver grande procura do livro. Foi pensando nisso que eu consegui, com grande dificuldade, que me deixassem tirar mais êstes 50 exemplares para mim. De resto isso será também o único lucro que virei a ter no livro, que tanto trabalho me deu; e nem sequer tôdas as despesas que fiz com êle me pagaram. Eu é que tive de pagar a despeza extra com estes 50 exemplares (de que não poucos tenho que forçosamente oferecer). De modo que com a despeza do correio e embalagem, cada um dêstes 50 exemplares vem a custar-me cêrca de uma libra! Devo dizer que êstes exemplares são em melhor papel do que a tiragem ordinária; pode bem chamar-se um tiragem extraordinária. Parece-me pois que os dois volumes não se poderão aí vender por menos de 350 ou 400 escudos. Que lhe parece? se não achar isso viável, fixe o preço que lhe parecer mais razoável. Dado o elevado preço não se poderia

684

reduzir um pouco o desconto? Isto é apenas uma pregunta; de resto confio plenamente no seu critério e conhecimento do meio, aliado às circunstâncias especiais do caso.

Se alguem se mostrar melindrado por eu não oferecer exemplares, peço explique que êste livro representa para mim tremendo sacrifício em serviço do nome português, e que o único possível lucro que tiver será da venda dêstes exemplares.

Conforme lhe pedi, agradeceria entregassem mensalmente ao meu Eduardo Luís o produto líquido da venda; tenho de lhe enviar regularmente uma mesada, e isso facilitar-me-ia a vida.

E não estou lá muito seguro que aqui me não levantem dificuldades de exportação ou que aí tenha de pagar direitos.

Muito agradeço me diga o que sôbre tudo isto se lhe oferecer. E não deixe também de me dar notícias da Senhora que leva o primeiro exemplar.

Recomendações a todos os nossos amigos e um saudoso abraço do seu muito grato e dedicado

s/c 48 Stamford Court
London, W.6.
18.iv.46

Meu caro Câmara Reys:

Estive ontem com o Maggs que desejava eu lhe entregase todos os exemplares que tenho do meu livro, para êle se encarregar da venda, pois não há dúvida que vai haver grande procura e os exemplares para venda são tão poucos. Diz-me êle que vai vender cada exemplar a 4 ou 5 guinéus, com 25% de desconto para êle. De modo que os exemplares que envio à Seara não poderão ser vendidos a menos de Esc.400$00. De resto pode-los-ia vender todos aqui, imediatamente, talvez com mais proveito material. Por outro lado receio que aí achem o preço muito elevado. (Mas não se rale com isso, pois quanto mais tempo for passando mais raros serão os exemplares...) De modo que por agora enviarei apenas 20 exemplares à Seara. Mas, como prometi mais, não entregarei todos os que tenho ao Maggs, e se a Seara quiser mais enviar-vo-los-ei - pois procuro nunca faltar ao que prometo.

Como haveria dificuldades (exportação, câmbiais, etc) se os enviasse todos duma vez, vou enviar aos poucos; e talvez onderece alguns para a Ermelinda e Adelina, que depois os entregarão à Seara. Não deixem de tomar nota do registo de cada volume recebido (cada volume tem que ir em separado). Além do exemplar que hoje segue

674

em mão, já ontem seguiram mais dois pelo correio, dirigidos à Seara, e outros irão dum intervalos.
Fico aguardando as suas impressões sôbre isto tudo.
Ex corde

f) The period of harvest and availability of new crop supplies.

g) The maximum food use of other grains as wheat substitutes, notably corn, rye, barley and oats, moving in international trade (in accordance with the Committee's resolution adopted at its first 1946 meeting January 8th - 11th, 1946)

March, 1946

28.ix.46

Meu caro Câmara Reys:

Recebi há dias as provas e já as enviei, depois de corrigidas ao amigo Godwin. Mas V. dizia-me na sua carta de 28 de Agôsto que o trabalho ia então seguir ràpidamente. Vejo porém que se trata da "rapidez" do caracol... O Godwin está aborrecido com a demora, sobretudo depois de eu lhe ter transmitido a sua promessa, que o encheu de esperanças. Na verdade, pouco mais ou menos uma dúzia de páginas em um mês não é caso para regosijo.

Talvez já saiba que fui convidado para um importante lugar em UNESCO e que sigo para Paris no dia 1 de Outubro a tomar posse do meu novo cargo de funcionário internacional. Sublinhei o "convidado" porque de facto não dei passo algum nesse sentido, e o convite constituiu para mim grande surpreza. De facto, há muitos meses pediram de UNO para aqui que indicassem uma pessoa, nas minhas condições, para ser lá entregue da chefia duma secção da Division of Non-Self-Government Territories, que, segundo depois soube, teria a seu cargo assuntos referentes às colónias portuguesas e espanholas. O Fabian Colonial Bureau indicou o meu nome, e logo entrei em negociações com UNO. Estas estavam quasi concluídas quando recebi o convite de UNESCO. Pode imaginar a preplexidade em que me tenho encontrado, pois se o trabalho que tenho a fazer em UNESCO está muito dentro das minhas predilecções intelectuais, sinto que poderia prestar grandes serviços à nossa Pátria em UNO, um além de tudo o mais, como observador. Mas por outro lado também posso prestar importantes serviços em UNESCO, como imaginará. Sou amigo pessoal do Julian Huxley, Secretário Geral, e do Prof. Needham, Director da Divisão em que vou trabalhar. Só de Paris poderei dar pormenores do trabalho de que me vou encarregar, mas tenha a certeza que é muito importante e honroso para todos nós que o entreguem a um português, sobretudo nas presentes circunstâncias. O convite foi-me feito em cartas pessoais do Prof Needham (de Cambridge) e do próprio Dr. Huxley, nos termos mais cativantes e honrosos que possa imaginar, a ponto de me deixar quasi estupefacto! Acabei de optar por UNESCO, apesar de Nova York, ao saberem do convite de UNESCO, me terem oferecido maior salário, etc.

Claro está que, dada a minha nova qualidade de alto funcionário internacional, tenho de daqui para o futuro me abster de qualquer actividade política partidária. Mas o Câmara Reys e todos os nossos amigos devem saber onde o meu coração está e sempre estará. Nunca deixarei de ser "seareiro". De resto não me foi feita imposição alguma, muito antes pelo contrário, deixando o meu procedimento apenas ao meu critério e consciência. E nada me poderia obrigar mais.

Graças a uma "pequena complicação oficial" que aqui houve, tive de me dirigir oficialmente ao Consulado De Portugal aqui para obter um passaporte em regra. O Consul Geral, meu velho amigo Feliz Horta, deu-me sem dificuldade alguma, radiantemente. Do que com tudo isto se passou - e que é importante o saibam - contarei oportunamente ao Augusto Casimiro e êle lhe mostrará. Peço-lhe que agora mostre logo

672

esta carta ao Casimiro, a quem não posso escrever como desejava por absoluta falta de tempo - e a si não podia deixar de escrever por causa dos outros assuntos, e tudo o mais.

Peço que de futuro a Seara e qualquer correspondência me seja endereçada da seguinte maneira:

PERSONAL

Dr Armando Cortesão,
UNESCO,
19, Avenue Kleber, Paris 16e.

Note porém que lá para 10 voltarei aqui, por uns 15 dias, para arrumar as minhas coisas, e só então voltarei de vez para Paris. De modo que o melhor é enviar-me para aqui as provas Marconi até 20 de Outubro. E execelnte que mandassem o resto!

Quanto à colaboração que me pede para o Nº 1000 da Seara (grande Seara, quanto lhe deve a Democracia Portuguesa!), e ao seu Director!) Como deve calcular estou aflito com mil coisas a fazer. Mas vou ver se consigo alinhavar umas linhas, que lhe enviarei de Paris, sôbre "Politica Colonial Internacional". Se não mandar é porque de tudo me é impossível. Mas esforçar-me-ei, e se não puder avisa-lo-ei.

Peço me diga sem falta quem é o "João Fernandes" que tem escrito os brilhantes artigos coloniais na Seara. Talvez a êle seja útil que eu o conheça e que se ponha em contacto comigo. À bon entendeur...

Dê por mim um abraço a todos os nossos amigos, e para si um muito apertado e saudoso do velho e grato amigo

xxxxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxx

////////////////// Paris, 14.i.47

Câmara Reis

Meu querido Amigo:

Muito obrigado pela sua carta de 1 e pelo exemplar do livrito Marconi, que me parece excelente. Estou com curiosidade de saber a opinião do amigo Godwin, a quem escrevi inquerindo. Também recebi há dias o dicionário, que agradeço; preferia a edição em dois vols. separados, que suponho mais completa, mas talvez não haja agora.

Espero tenha recebido várias publicações da Unesco, que lhe enviei por meu sobrinho António (Av.Boa Vista,219, Pôrto) e, mais recentemente, pelo Dr.A.Adão da Silva, de Lisboa. Alguma outra coisa que me pareça mais importante enviarei, quando houver. Se souber de algo que lhe interesse especialmente,peça.

Agora um assunto <u>muito importante</u>:

É indispensável que a cultura portuguesa moderna seja aqui conhecida, para não sermos de todo esquecidos neste centro intelectual internacional, e para que, quando amanhã (sabe-se lá quando amanhã chegará!) Portugal entre para Unesco, aqui já haja alguma opinião decente a seu respeito. Todos os dias, a cada passo sinto essa necessidade. Trata-se duma questão de alto interesse nacional. O que peço, pois, é que a Seara faça o necessário para que todas as revistas e publicações portuguesas, que marquem o nosso grau de cultura, <u>me</u> sejam enviadas directamente para Unesco, que eu depois logo as farei seguir para os departamentos mais apropriados e circula
Nomes que me recordam: "Portugal e a Matemática", "Portugal e a Física", "Gazeta Matemática", "Gazeta de Filosofia", "Biblos" (não sei se êstes títulos de revistas são na verdade assim, mas é a idéia que me ficou), etc. Não só revistas de ciência como também de literatura, ou antes cultura literária. As direcções das revistas têm interesse próprio, mas sobretudo patriótico, nacional em enviá-las para aqui; e, como digo, o melhor, o mais prático, o mais efectivo, é enviá-las directament

671

em meu nome aqui para Unesco. Caso contrário arriscar-se-iam em ficar perdidas aí em algum canto.

Muito gostaria de para a Seara escrever uns artigos sobre Unesco - sôbre que há tanto de interessante a dizer-mas infelizmente falta-me o tempo. Claro que os artigos teriam de ser publicados sob pseudónimo.

Muito obrigado pelos seus desejos de Bom Ano Novo que do coração agradeço. Bem precisa a nossa terra que 1947 lhe seja mais propício!

Espero que tenha recebido a carta que de Londres lhe escrevi pelo Natal.

Com um abraço para todos os nosso amigos e outro para si, muito saudoso, do seu velho e grato amigo

18th April 1946

J.V.Rob, Esq.,
Foreign Office,
S.W.1.

Dear Sir,

This is to acknowledge your letter of 6th April, on behalf of Mr.Hector McNeil, Under-Secretary of State for Foreign Affairs, and to thank you for the explanation you have been good enough to give me.

The fact remains, however, that the Socialist Government of Democratic Great Britain refuses to allow a former Prime Minister of Portugal, who is also an accredited representative of the Portuguese Movement of Democratic Unity, to come to this country even on a short private visit. This cannot but hurt every Portuguese Democrat who comes to know of such a refusal.

I firmly believe in the need and mutual advantages of a complete understanding between our two countries, and as a friend of the British people I have always tried to foster friendship between Portuguese and British Democrats. So I sincerely hope that this heavy blow against Portuguese Democracy will not have disagreeable repercussions in the future.

Yours faithfully,

(A.Cortesão)

Copia / D. S. (illegible)
13.IV.46

62

3rd April, 1946.

SEGUNDA CARTA AO

SR. DR. ANTÓNIO OLIVEIRA SALAZAR

- A primeira carta que escrevi a V.Exª., com data de 14 de Janeiro p.p., chegou a Lisboa em 3 de Fevereiro. No dia 5 do mesmo mês publicavam os jornais uma nota oficiosa intitulada "Os orçamentos e contas publicas no Anuario da S.D.N.", em que V.Exª. começa por dizer: "1. Por estranho que pareça, dada a evidência dos factos, ainda aparecem de tempos a tempos os inimigos da actual situação politica a contestar o valor e a verdade da obra de regeneração financeira que em Portugal vem a operar-se desde 1928." Embora a "nota oficiosa" pareça ser evidente resposta à minha carta, nem uma palavra diz sôbre a gravidade extrema da nossa situação colonial por mim referida. Claro está que as suas declarações sôbre matéria colonial, no cómico parlamento por V.Exª. eleito, não passam de simples palavreado que deixa a impressão dum sujeito a gritar para afugentar o medo.

Mais recentemente o seu novo áulico e histórico republicano Sr. Major Velhinho Correa realizou uma conferência na Escola Central de Oficiais defendendo os pontos de vista de V.Exª., que se podem resumir no seguinte: os técnicos financeiros da S.D.N. não sabem fazer contas; V.Exª. e o Sr. Major V.C. é que sabem. Claro está que êste Sr. -certamente para não desagradar a V.Exª. e embora seja professor da Escola Superior Colonial- apenas no final da conferência faz ligeiras referências às nossas colónias. Esta conferência é duma rara infelicidade e, entre várias tristes coisas, o seu autor não se poupa a esforços para demonstrar que êle também é um génio financeiro, só comparável ao de V.Exª., assim como incompreendido génio de previsão só comparável ao do "verdadeiro Borda d'Água". Quem conheça a clássica bravura do Sr. Major V.C. -bem instalado na vida e à sombra protectora de V.Exª.- não poderá deixar de sorrir ao pensar nas agonias que êle, com tanto gôsto pelas contas, deve passar quando deita contas à vida e pense na possibilidade de vir um raio que lhe parta a sombra.

Termina a sua referida nota oficiosa por aconselhar aos seus "criticos": "mas vejam se estudam mais qualquer coisa, senão é uma vergonha para todos nós"; e o Sr. Major V.C., como um eco: "Toda esta questão dos numeros da Estatistica da S.D.N. deve ser, no fundo, uma questão levantada por quem não sabe, ou finge não saber, estatistica e finanças." O que aqueles ignorantões dos técnicos financeiros da S.D.N. têm que aprender com V.Exas., coitados! De resto julgam V.Exas. que só professores de finanças ou estatistica estão aptos a apreciar se um orçamento público fecha com deficit ou superavit. Por êsse critério só um arquitecto poderia dizer se há beleza e equilíbrio numa construção, só um músico poderia apreciar música, só um médico poderia dizer se um doente ficou melhor, pior ou mesmo faleceu após certo tratamento. Como poderia um governante, um chefe, apreciar a eficiência dos variados ramos da actividade humana em que tem de superintender se houvesse de ser especialista em cada um deles? Não. Há uma coisa chamada cultura geral que, aliada a uma regular dose de bom senso e inteligência, permite a qualquer mortal apreciar factos como êste: ver quem é que tem razão, se V.Exª. e o Sr. Major V.C. afirmando que os seus orçamentos apresentam superavit, ou os técnicos financeiros da S.D.N. negando-o.

Debate-se uma vez mais V.Exª. à procura da vã demonstração de que os empréstimos destinados a despezas extraordinárias devem ter o valor de receitas normais. Assim, quando as receitas dum país ou indivíduo são inferiores às suas despezas êle pede emprestada certa quantia e declara as suas contas fechadas com saldo positivo. Se a memória me não falha tem V.Exª. dito várias vezes que nas finanças dos Estados deve haver a mesma ordem que nas dos cidadãos. Ora, segundo o critério de tôda a gente, se um cidadão tem de rendimento 50 contos e gasta 45, tem um superavit de 5 contos; mas se além dos 45 contos de despeza normal precisa de comprar um automóvel ou uma mobília e para isso tiver de pedir emprestados 20 contos, o seu orçamento não fecha com o superavit de 25 contos mas sim com o deficit de 15. É êste o critério dos técnicos financeiros da S.D.N., para os orçamentos de todos os países, e é o de tôda a gente que não tenha interesses especiais ou vaidades a mascarar.

E é tal a vossa ância de tudo embrulhar e confundir, para tornar mais "transcendente" o problema, que para o orçamento de 1934-35 diz V.Exª. que o "Produto de emprestimos" é de 160 mil contos, e o Sr. Major V.C. afirma que o "Produto de emprestimos" é de 304 mil contos.

As administrações republicanas anteriores à Ditadura apresentavam os seus orçamentos quasi sempre com deficit, mas faziam-no honestamente, nem a opinião pública o consentiria doutro modo. Veio porém V.Exª. com

a sua sabedoria de Professor de Finanças e, mediante prévia supressão de qualquer possibilidade da opinião pública se manifestar, faz mirabolante reforma da Contabilidade que lhe permite transformar deficits de 260.000 contos em superavits de 1.500.

Falsidade nos orçamentos como falsidade em tudo o mais. Mas como poderia V.Exª. aguentar-se se em Portugal se pudesse livremente dizer a verdade? É como a tão apregoada "prosperidade nacional" sob a sua administração! Num excelente artigo publicado no último número do jornal Portugal Republicano, do Rio de Janeiro, sob a epígrafe "Situação bancária e comercial do País em 1925 e 1934. Comparações- Observações- Interpretaçõis e Conclusões", vem bem demonstrada, com cifras, o que é a actual "prosperidade" económica de Portugal. Ruinas, dificuldades por tôda a parte, coroadas por estes claros números: deficit da balança comercial em 1925 - 1.222.140 contos; idem em 1934 - 1.622.562 contos.

No entanto o resurgimento económico mundial é evidente.

Mas o mais grave é o que se passa com as nossas colónias, razão máxima da nossa importância internacional. É certo que elas apresentam orçamentos equilibrados, mas êsse fúnebre equilíbrio foi conseguido brutalmente, à custa da ruina, mizéria e atrofia da sua economia, exactamente quando elas, mais do que nunca, careciam do decidido e generoso apoio da Mãe-Pátria, que V.Exa . tem transformado em madrasta. Em face da evidência da gravidade da nossa situação internacional, como nação colonial, não se atreve V.Exa. a descer ao fundo da questão e responder ao que lhe disse na minha primeira carta, tendo de limitar-se a afirmações mais ou menos nefelibatas.

E a situação apenas é cada vez mais delicada. O Sr. Mussolini desonrou a assinatura da Itália em vários tratados e, desafiando todas as leis humanitárias e convenções internacionais, mandou cinicamente bombardear hospitais da Cruz Vermelha e atacar com gazes asfixiantes povoações indefezas. Ninguém tenha ilusões: o ditador italiano não gozará por muito tempo da sua "vitória" na Abissinia. Além da repulsa universal pela sua falta de escrúpulos -comum a todos os ditadores- há o perigo internacional do formidável exército negro que já se está começando a organizar na Abissinia sob a égide fascista. A Inglaterra nunca poderá consentir em semelhante calamidade, de que ela seria a primeira vitima. E como não pode ao mesmo tempo haver-se com o perigo nazi e o perigo fascista do Sr. Mussolini, procura neste momento arrumar a situação com o Sr. Hitlrer, amigavelmente, para depois liquidar aquele. A formidável vitória da Frente Popular francesa contra o fascismo muito a ajudará, E talvez a S.D.N. acabe por sair mais fortalecida desta grave crise.

Mas a Alemanha quere colónias, e tanto a Inglaterra como a França estão pouco resolvidas a ceder as que têm. Com o regresso da Alemanha ao organismo genebrino e em face das tremendas realidades da hora presente, nós não podemos ter ilusões. Tudo o que disse na minha primeira carta será amanhã amarga realidade: teremos de abrir as portas das nossas colónias à livre entrada de capitais e emigrantes alemães e outros. Tudo isto se passará sob a égide da S.D.N., e o resto é fácil de prever.

A imprensa mundial continua a ocupar-se largamente do assunto, e até o Aga-Kan ainda há dias proclamava nas colunas da página principal do Times a necessidade de várias regiões colonizáveis, como as de África, Austrália, etc., serem francamente abertas aos excessos populacionais da Alemanha, Itália, Japão, India, etc., a fim de resolver a crise mundial. A Austrália protestou imediatamente. Quanto à África... as zonas colonizáveis mais acessíveis são as de Moçambique e sobretudo as de Angola.

E o que tem feito V.Exª para de qualquer modo ir de encontro a estas ameaças? Continua esmagando e asfixiando o desenvolvimento económico das nossas colónias e dificulta por todos os meios que para lá se desenvolva a emigração nacional e consequente colonização, em vez de por todos os meios a fomentar ao máximo possível. Julga V.Exª. que é com o equilíbrio dos orçamentos que intensifica a nossa ocupação económica e demográfica de Angola e Moçambique, como convém aos mais altos interesses da Pátria? Sem uma crítica salutar aos seus actos, involto em nuvens de incenso queimado por uma imprensa e um bando de criaturas amorais, todos sugando por várias formas nos dinheiros da nação, V.Exª. não tem sequer consciência das tremendas responsabilidades que está assumindo para com Portugal. Mas elas lhe serão pedidas.

Ao mesmo tempo entregou a direcção dos negócios estrangeiros ao homem que, como ministro das colónias, foi o seu coveiro, e cá fora continua a sua macabra tarefa. Vão sendo conhecidas internacionalmente as suas habilidades, desde as "gaffes" de "toilette"(pelo menos aqui em Londres) e impertinentes e inconvenientes conversas ou discussões com o Sr. Litvinoff, até à famosa declaração, ou coisa parecida, no Daily Telegraph, em que disse, ou fez dizer, que antes da Ditadura Portugal nad

tinha feito pelas suas colónias. O estreito facciosismo político nem sequer o deixa ver a gravidade e perigo de tais "diplomáticas" referências.
E o bem pago Sr. Paulo Osório, como já não sabe o que mais hade dizer de Paris aos leitores do Diário de Notícias, em louvor das habilidades de S.Exª., vê-se obrigado, à falta de melhor, a deslumbrar os portugueses com as apreciações feitas no estrangeiro à impecabilidade da risca do cabelo do seu belo ministro dos estrangeiros. Admirável, na verdade!

Queixa-se V.Exª. de que "ainda aparecem os inimigos da actual situação política a contestar o valor e a verdade da sua obra". "Ainda"?! Ainda e sempre, Sr. Dr. Oliveira Salazar. Aqueles a quem V.Exª. chama "inimigos da actual situação politica" são os portugueses que se não sugeitaram nem podem sugeitar à sua obra de tirania, falsidade, favoritismo, rancor e ruina. Obra que tem acarretado o descalabro económico da nação, que tem trazido a fome e o desespero a tantos lares, a divisão cada vez mais profunda da família portuguesa, e que, se se lhe não acudir a tempo, conduzirá à perda total das nossas colónias.

Para que V.Exª. e a sua camarilha possam mandar e viver à larga, há muitos milhares de portugueses nas cadeias politicas, deportados, exilados, na mizéria ou nos cemitérios; ninguém em Portugal pode dizer o que sente e pensa desde que não esteja de acôrdo com V.Exª. Embora uma parte do país seja católica(sentimentos que nós respeitamos,como os de qualquer outra religião) V.Exª. sabe muito bem que a maioria dos portugueses é liberal e anti-clerical; não obstante Portugal está envadido por um bando negro de jesuitas, frades e freiras que se vão a senhoreando de todo o ensino e cada vez mais interferindo na vida nacional.

Dizem os seus panegiristas que V.Exª. é todo bondade e até lhe chamam o "ditador jurídico". Não obstante, como bom católico, V.Exª. ressuscitou os velhos processos da Inquisição, as suas prisões estão cheias de desgraçados cujo crime é não acreditarem na sua "bondade", o degredo e o exílio também estão bem povoados de vitimas suas; e os seus presos políticos são torturados horrivelmente e por vezes assassinados; e os seus serviços policiaes estão por vezes entregues a autênticos bandidos, cujas atrocidades -a que V.Exª. chama "safanões a tempo"- conhece, anima e recompensa; e V.Exa. intervem pessoalmente nestas sinistras manobras policiais, por vezes com tanto rancor, ferocidade e ódio pessoal que os próprios dirigentes dessa polícia só constrangidamente executam os suas ordens terminantes. Poderia citar vários dêstes casos de que tenho conhecimento certo, mas refiro um apenas: quando do banquete oferecido a Cunha Leal, foi V.Exª. quem, pessoalmente e contra a opinião dos dirigentes superiores da sua própria polícia, mandou aviltantemente prender e expulsar do país Cunha Leal, Domingos Pereira e Prestes Salgueiro, determinando expressamente que nem das Esposas os deixassem despedir.

V.Exa., como todos os ditadores, só pode viver usando dêstes processos. E os ditadores estão, cada vez mais, conquistando a repulsa de todos os povos civilizados. Estas falsidades, hipocrisias, crueldades e erros políticos e administrativos de tôda a ordem é que permitem apreciar a "bondade" e a "moralidade" de V.Exª. E se isto não basta, talvez se encontre algum significado mais no facto de V.Exª. duplicar os seus já chorudos vencimentos para cêrca de dez contos mensais, ao mesmo tempo que diminuia os da maioria do funcionalismo, que por vezes ganha apenas umas magras centenas de escudos com que tem de sustentar uma família, coisa que V.Exª. não tem. Não poderá até pensar-se que isto atinja os píncaros da desvergonha e falta de pudor?

Os Srs. Mussolini e Hitler conduziram os seus países a situações económicas e políticas tais que só uma aventura estrangeira lhes pode dar esperança de salvação. No seu delírio de poder pessoal, arruinam e por vezes até desonram os respectivos países, pondo em risco a paz mundial. As ditaduras são cada vez mais odiosas; as recentes vitórias das frentes populares em Espanha e França são bem eloquentes. Há pouco tempo ainda o pacato Sr. Macdonald, Lord Presidente do Conselho, declarava numa conferência pública que se fôsse possível instalar uma ditadura em Inglaterra, êle a combateria com unhas e dentes. E ainda no Sunday Times de hoje leio que o Bispo de Birmingham noutra conferencia ontem realizada, falando dos ditadores europeus, disse que "Under a dictator a country loses more than its liberty. It loses its reputation."
É possível que o Vaticano também assim pense, mas terá razões especiais para o não dizer,..

A ditadura do Sr. Mussolini conduzio aos horrores da guerra da Abissinia e, possivelmente, muito mais e muito pior ainda reservará à pobre Humanidade. A ditadura do Sr. Hitler, se não tiver de rebentar em breve, possuirá dentro de pouco tempo uma máquina militar tal e uma situação financeira tão difícil que fatalmente terá de atacar seja quem for. Quantos horrores e mortes isso tudo não representará?

No entantanto, a imprensa de V.Exª. continua atacando tão feroz como estupidamente os países que vivem em regimes de liberdade, onde tais loucuras ou crimes seriam impossiveis; e diz as maiores infâmias da República Espanhola, como se não fôsse humano e compreensível que tantos milhares de desgraçados, há pouco ainda a ferros da parte reacionária e clerical da Espanha, eles, os seus parentes e amigos, tendo agora vencido legal e lealmente nas urnas, se manifestem violentamente, por vezes, queimando umas tantas igrejas ou alfobres de parasitas chamados conventos, ou platonicamente levantando os punhos cerrados.

A hora é decidamente das esquerdas, embora ninguém pense em regressar às fórmulad ortodoxas do velho liberalismo. As ditaduras, que nos últimos anos têm pululado por êsse mundo fora como cogumelos venenosos, são o último estretor duma sociedade em decomposição, provadamente incapaz de resolver os gravissimos problemas que assoberbam a Humanidade. A Experiência Russa terá consequências incomparavelmente mais profundas para a organização das sociedades futuras do que teve a própria Revolução Francesa. Os Srs. Mussolini e Hitler, o imperialismo japonês e... até V.Exª e quejandos tiranetes, serão esmagados mais cedo ou mais tarde, e a evolução da grande familia humana caminhará normalmente para o objectivo de Igualdade e Fraternidade cuja chama nada faz apagar no coração e na alma de todos os homens justos.

V.Exª não se mete directamente em nenhuma aventura estrangeira porque não tem com que. Mas é pelo campo internacional que V.Exª. hade arrastar a desgraça de Portugal, se o continuarem a deixar. Os seus superavits são uma ficção, só os consegue com empréstimos, esmagando o povo com impostos, arruinando a economia nacional e privando as colónias de qualquer auxílio da Metrópole. V.Exa. tem asfixiado as nossas colónias regressando à absurda política de exploração, aproveitando tudo o que elas podem dar, pouco ou nada lhes restituindo. Tem assim preparado tudo para que o regime da porta-aberta, integral, nos possa mais facilmente ser imposto atravez a S.D.N., e a nossa resistência económica e demográfica - pois é absurdo pensar noutra com possiblidade de eficiência- não só não tenha aumentado como ainda tenha diminuido.

E V.E.xª., esquecido como Narciso a mirar-se na própria beleza, nada faz, pensa, sabe ou pode fazer para, com virilidade e inteligência, ir de encontro à gravidade da situação. A sua acanhada mentalidade, que tem de inteligente apenas o que nela há de jesuítico, nada mais é capaz de produzir que manigâncias equilibristas de orçamentos e reles maquinações de polícia secreta.

V.Exa., que tem sido o carrasco da Liberdade tão querida dos portugueses, está sendo o coveiro do nosso mais rico e sagrado património: as colónias.

Dois crimes que nenhum espírito livre, nenhum patriota português jamais lhe perdoará. A História o dirá.

Oh! antes mil vezes a mizéria material do exílio, por vezes trágica, que a mizeéria moral de pactuar com a criminosa e sinistra "actual situação política" de que V.Exª. é representante máximo.

Londres, 10 de Maio de 1936.

Armando Cortesão

A. Z. Cortesão

48 Stamford Court,
London, W.6.

14 de Agôsto de 1941

Excelentíssimo Senhor Doutor António Oliveira Salazar,
Chefe do Govêrno Português:

Desde há tempo já fiz tenção de escrever a V.Exª., em face do perigo em que Portugal de encontra, e a demora em fazê-lo é devida apenas ao muito que tenho pensado e repensado em passo para mim de tanta monta. Mas a intensificação dêsse perigo, de que não faltam claros sinais todos os dias, e dois factos especiais de que acabo de ter conhecimento obrigam-me a não demorar mais o cumprimento do que considero meu dever.

Dizem-me de Lisboa que a Censura cortou pelo menos uma das minhas últimas "Cartas de Londres", que a Seara Nova tem estado a publicar. Essa "Carta" foi escrita pouco depois da entrada da Rússia na guerra e referia-se em especial a declarações de Churchill e da Imprensa Britânica sôbre o caso. Não sei se V,Exª. terá sequer visto qualquer dessas "Cartas", nem me insurjo contra o procedimento da Censura que, provàvelmente, cumpre orientação superiormente marcada. Constituiu para mim grata surpreza mesmo ver que as primeiras "Cartas" foram publicadas com cortes relativamente insignificantes. O outro facto é a publicação da "Ordem de Serviço", de 10 de Junho, do "Pres. da Junta Central" da Legião Portuguesa, sobretudo quanto a certas mais fogosas passagens.

Se o exercício do poder habilita V.Exª. com conhecimentos que, naturalmente, não posso ter, o facto de eu viver em Londres, trabalhando em circunstâncias especiais e em contacto íntimo com tôdas as classes sociais do povo dêste país, cujas reacções sempre tenho observado e estudado, dão-me possibilidades também especiais de apreciar o carácter britânico. É certo que V.Exª. tem aqui um Embaixador que decerto o informará de muita coisa; mas isso não impede a possibilidade de o que aqui digo ser de utilidade. De resto exbaixadores vivem no meio de tal snobismo e tão absorvidos em funções sociais, que eu dúvido êles, pelo menos muitos dêles, se dêem bem conta das reacções do povo em geral. Devo dizer que, como prova de atenção que me parecia perfeitamente natural e correcta, tencionei mostrar esta carta ao Senhor Embaixador de Portugal em Londres, antes de a enviar a V.Exª. E assim solicitei a honra de ser recebido pelo Senhor Embaixador, mas S.Exª. recusou-se a receber-me.

Tenha V.Exª. a certeza de que é o povo britânico em geral, e não apenas as classes que nos passados anos o governaram, quem já hoje em grande parte decide, e amanhã em absoluto decidirá, a linha de conduta da Grã-Bretanha, tanto durante esta guerra como no que se lhe seguirá. E esta circunstância é de importância capital para nós portugueses.

1707

Procurei na minha "Carta III", publicada na Seara Nova, demonstrar que a Grã-Bretanha ganhará a guerra. Hoje, com a incapacidade alemã na frente oriental, em face da para muitos inesperada resistência russa, com as perdas enormes sofridas pelos alemães em homens e material de guerra, sobretudo em aeroplanos, a certeza da vitória britânica tornou-se absoluta. E o bloco formidável do Império Britânico, E.U.A. e Rússia que amanhã ditará a paz e decidirá da futura organização social e económica do mundo em geral. Só por acanhamento de espírito se poderá julgar que o "Comunismo" russo - êsse terrível papão que tem sido pretexto para tanto disparate e tanta violência - virá a dominar o mundo. Nêsse caso mais perigo poderia haver se as outras nações se esgotassem e a Rússia ficasse incólume; com a fôrça formidável que agora tem revelado, talvez lhe fôsse possível então, se quisesse, dominar pelo menos a Europa e Asia ou talvez mesmo o mundo inteiro. Assim, tal como estão as coisas, é de supor que a G.B. e os E.U.A. terão mais influência sôbre a Rússia do que esta sôbre a G.B. e os E.U.A. De resto, "Comunismo" é uma utopia - absurda, pelo simples facto de negar o direito à propriedade individual, que é um dos mais poderosos instintos humanos - e V.Exª. sabe tão bem como eu que na Rússia não há "Comunismo" senão em nome: o que lá existe é Socialismo do Estado, com a socialização dos meios de produção, que é afinal para o que todo o mundo está caminhando com velocidades várias. Tôdas as revoluções são acompanhadas de violências, que no caso russo foram excepcionalmente trágicas devido à também excepcional disparidade social que lá existia e ao estado em que aquela enorme e complexo país ficou após a Grande Guerra. Mas não têem sido as violências nazis pelo menos tão trágicas como as russas, com a agravante das circunstâncias serem totalmente diversas? Esta é a verdade com que Portugal deve estar preparado, pois, sejam quais forem as simpatias ou tendências pessoais de cada um, a realidade indica que a Rússia virá a contar-se entre as nações vencedoras, estreitamente ligada `G.B. e E.U.A. E é com realidades que têem de contar os governantes dos povos.

Mais tarde ou mais cedo, ao que tudo agora indica, provavelmente de braço dado com os espanhóis, os alemães invadirão Portugal. Bem sei que na atitude adoptada por Portugal na Guerra Civil espanhola V.Exª. foi directa ou indirectamente encorajado de onde menos natural seria que o fôsse. Muito terá a história a um dia escrever nêsse capítulo. Os três anos que vivi em Espanha convenceram-me, mais do que nunca, de quão certo é o ditado português: "De Espanha nem bom vento nem nom casamento". Mas as circunstâncias aqui mudaram e mais mudarão ainda. Franco está intimamente ligado a Hitler e Mussolini, e há indícios bastantes de que a Espanha, apesar dos favores recebidos, não hesitará em apunhalar Portugal pelas costas quando julgue que tal lhe convèm; Essa é a moral do Eixo, e a Espanha dêle faz hoje parte, cada vez mais declaradamente.

V.Exa. decerto estará convencido, em face do que tem acontecido por tôda a Europa, de que os alemães atacarão Portugal quando isso

lhes convier. É possível que então se repita 1807 e o Govêrno Português com o Senhor Presidente vão para as Ilhas ou Angola. Mas independentemente de tudo o mais que V.Exª. possa saber, eu sei como sôbre o caso pensa o povo britânico e o que por vezes transpira na Imprensa dêste país. Sei também, porque várias vezes o tenho verificado, que, apesar de altas declarações amáveis oficiais, muitos ingleses têem uma triste impressão dos portugueses na última guerra - e V.Exª. sabe tão bem como eu como isso em certos casos foi justificado. Mal nos irá, a nós portugueses, se dessentânea com a nossa velha amizade e aliança. Daí só bem nos virá, pois por muitas atenções e provas de lealdade que se dêem a Hitler e seus satélites, elas de nada valerão: Portugal será invadido na altura que aos alemães convier, e essa data não virá longe. Ora a G.B. é hoje aliada da Rússia e nós somos aliados da G.B. Com uma diferença porém, é que a Rússia combate pela mesma causa que a G.B. e nós procuramos mantermo-nos neutrais (e não têem faltado observações nêsse sentido na Imprensa daqui) - se é que neutralidade se pode chamar à publicação em todos, ou quasi todos, os jornais portugueses da referida "Ordem de Serviço" da Legião Portuguesa.

Para evitar uma atitude que poderá bem vir a ser-lhe extremamente desastrosa, Portugal tem de encarar a realidade: a) A G.B. os E.U.A. e a Rússia estão lutando pela mesma causa, de que sairão vencedores; b) Faça Portugal o que fizer será, quasi com certeza, invadido pela Alemanha, quando isso a esta convenha, e mal lhe irá se não se puser desde já, pelo menos moralmente, ao lado da sua secular amiga e Aliada. Em tôdas as minhas "Cartas de Londres" tenho procurado contribuir para preparar os espíritos aí para a realidade insofismável do que está para vir. Julgo ser preciso mostrar ao povo português, desorientado por propaganda própria, apaixonada e facciosa, que o perigo do "Comunismo" é um mito: que tanto Comunismo como Liberalismo-Capitalista, ambas inconvenientes e hoje provadamente falidos, nada mais serão dentro em breve do que fórmulas ou sistemas do passado. Quando escrevi essas "Cartas" só procurei servir a nossa Pátria, não desconhecendo que assim prestaria um serviço a V.Exª.

Antes de terminar desejo fazer uma declaração a V.Exª.. Em face do perigo em que a nossa Pátria hoje se encontra, nada mais me interessa que a sua salvação. De há muito pus de parte desentendimentos e agravos pessoais. Hoje sou apenas um português como outro qualquer que ame Portugal. De resto, os anos, as amarguras do exílio, o estudo e, sobretudo, a convivência íntima com a vida inglesa, tornaram-me infinitamente tolerante para com as idéias dos outros. E o facto de V.Exª. ser Chefe do Govêrno Português, que me levou a escrever-lhe esta carta, pois sei que V.Exª., e só V.Exª., é responsável pelo que a Portugal sucede e virá a suceder; por

èsse mesmo motivo declaro a V.Exª. que estou disposto a, dentro da colaboração luso-britânica, servir a Pátria, incondicionalmente e em tôdas as circunstâncias, em colaboração com as autoridades portuguesas.

Não tenho espécie alguma de ilusões sôbre a recepção que êste meu oferecimento terá. Mas, seja ela qual for e como o mundo não acaba amanhã, V.Exª. ficará mais uma vez prevenido e nada me privará da satisfação do dever cumprido.

Com a devida consideração me subscrevo,

De V.Exª.

Atento e Venerador

tamia, mas muito grave: que êle
tinha tido ~~[illegible]~~ mêdo ~~[illegible]~~ de se bater
em duelo com teu cunhado, R. D. Ry
d'Argenteau, que os testemunhas deste o obrigaram
a engolir tudo o que tinha dito, portan-
do-se de tal maneira que a sua
testemunha Comte. Espina, ficou incomodado
e arrependido de se ter metido no coro.
— Indiatamente desmenti isto, pois corbeia como
os partes se tinham passado, mas via-se
naturalmente no teu espírito continuar a
convicção de que meu cunhado era um
cobarde, assim como no espírito do
Victor Falcão. Separamo-nos em seguida
deste ~~V. Falcão~~ entrando os dois a pé para
casa. Logo à sahida do porticho [illegible]
te disse: "estás mal informado e
escusavas de me ter vexado
e ao meu cunhado [illegible] deante do Victor Falcão, de
tal maneira que me obrigas a escrever a
meu cunhado a contar-lhe tudo o que
se passou e êle depois fará o que entender."
Tu desmente qualquer coisa, como "mais não
tem importância" ou coisa parecida, e o
nosso passeio continuou sem mais
falarmos no assunto.
Devias ter reparado como ~~[illegible]~~ nos dias seguintes
andei aborrecido e desgostoso, só tendo mudado

pouco os dias mais [illegible] esta de meu cunhado
arrecadado-me o [illegible] dos [illegible] que ibi bavam
a sua bocca.
Não vale a pêna perder tempo a discutir
o parto de, sendo nós amigos, me vires
dizer, da maneira que o fizeste, deante
d'outrem, que o meu cunhado, meu
militar, é um covarde; pensa apenas
no que tu entrarias se tendo meu cunhado
militar, eu te fôsse dizer, deante de
alguem com que tu não tivesses a me-
nor intimidade que, êle era um cova-
de, sediciosa, [illegible], etc.
Não foi isso porém o que me levou a
escrever a meu cunhado; se de tal
me restasse qualquer resentimento, êle teria
desaparecido depois da leitura da primeira
parte da tua carta.
— Em hipótese alguma eu poderia
deixar de lhe ter escrito ~~[illegible]~~ sobre
o coro; apenas, se tu me tivesses
dito qualquer outra coisa ~~d'outra~~ quando
eu te disse que tu nos tinhas vexa-
do inutilmente e que me obrigavas
a escrever a meu cunhado contando-lhe
o que se passava, eu teria escrito

mentes temos. Como dizes pois que te "deixou perplexo o facto de não ter feito tu por certifo, antes de me abalançar a escrever a meu cabedo, a atenção de provocar a tua explicação"? Mas eu disse-te que ia escrever a meu cabedo e, depois disso, comilemos a paz cêna duma boa, e tu não me discute mais uma palavra sôbre o caso.

Dizes que meu passeio ulterior me tocante de novo no assunto, mas eu não ouvi ou fizeste-o de maneira tão velada que eu não percebi, pois não me mando de tal.

E como queria tu que eu provocasse, antes explicação depois, e de ~~feito por ti~~ tu, o meu cabedo amigo, me tenes feito na bocca da minha familia, e do que te disse logo de prisão? ~~[illegible]~~

As explicações que tu por vontem me desses não variam do teu espirito nem do V. Falcão a ideia de que o meu cabedo era um cobarde; poderiam quando muito mostrar-me que tu não tinhas tido o propósito de me agravar, do que de resto estiveste sempre convencido, embora, de facto, me tivesses ~~agravado~~ impedante: Prova cuspidos isto! ~~[illegible]~~

GRAND HÔTEL DE LONDRES
(SOCIÉTÉ ANONYME)
ANVERS

Adresse Télégraphique :
LONHOTEL-ANVERS
TÉLÉPHONE 259,69 (7 LIGNES)
Registre du Commerce d'Anvers
Nº 587

ANVERS, LE
58, AVENUE DE KEYSER

No meio de tudo ~~isto~~ o que tem espanhado, a meia coisa que resta de pé, é isto: tu, por estares mal informado, afirmaste de arte do Vice-Falcão que o meu cunhado Capitão Augusto Cuiciano, tinha cedido; e eu fiz o mesmo. Um transmitiu a ao Vice Falcão, com documentos, que tal não era verdade. Cumpri o meu dever de homem d'honra, e nada no mundo me impediria de o ter feito, embora os meios podem ter sido outros. Tu depois de veres os documentos referidos, tens a nobreza, como que eu sempre contei, de dizeres que te enganaste por estares mal informado.

Não tenho pois razão para deixar de continuar a ser o meu amigo que sempre foi, ~~e~~ nem tu tens razão para passares a considerar-me apenas como

GRAND HOTEL DE LONDRES
ANVERS

meu coração. Bate mais forte e mais
depressa até, para a mim, especialmente
explicando de parte a parte, sobre
para mim um dia bem mais
alguns bons para a nossa boa amizade
de nossa infância; e bom para mim um
dia e confiança. Adeus - à pressa
dou recados até bem - até breve
mido com os cobrados muitos
um ao outro.

Os bons amigos são bons amigos,
para
por os nos 40 ou 50 anos de vida, e
por isto dizem a dominar entre os
livros nossos velhos, e muito
por para responder a um: "Quando
a seu dois cobrados de Vila Nova",
com um - "estimo a ver os
meus amigos por muito tempo."

- Amanhã de manhã, pois te mando
tua, fala-te a hei como se até
dum dia para o outro nos tivéssemos
separado a nossa linda amizade,

e nós ambos temos o bom fato
de ser nós mesmos, sempre
Adeus. Dá-te mil beijos, para
outros para ti também muitos
beijos.

Teu amigo de toda a vida

Bey

P.S. Fica dando a sua
palavra por mim conforme.

A.Cortesão
48 Stamford Court,
London, W.6.

20.ii.1942

Exmo.Snr. Gerente da Emprêsa de Publicidade "Seara Nova",
Lisboa.

Exmo. Senhor,

Confirmo a minha de 8 do corrente. Depois de falar com R.W.Gibbon,Ltd. escrevi aos Correios daqui e tive a resposta que aqui junto, devidamente "countersigned" por aquela firma.

Tenho imensa pena dos livros se terem perdido no mar, mas espero que com o docymento junto V.Exa. possa receber a importancia do seguro.

Gostaria que me enviassem outro exemplar da Enciclopedia. Mas será isso facil e valerá a pena? Peço-lhe o obsequio de aí resolver, pois só V.Exa. o poderá fazer depois de falar com a empresa da Enciclopedia. E caso resolvam não enviar novo exemplar ~~[illegible]~~ muito estimaria que,sendo possivel, me enviassem os 1.200$. do seguro para aqui, pois grande arranjo me fariam.

Ainda estou sem saber se receberam e se pôde ser publicada uma "Carta de Londres" que enviei em 1 de Janeiro e que me parecia assás anodina. Não escreverei mais nenhuma sem saber o que a essa sucedeu. E tanto, tanto, de tão interessante, mesmo interessantissimo,haveria agora a escrever. De resto pouco me atreveria a escrever e enviar do que poderia escrever!

Com tôda a consideração e estima me subscrevo

De V.Exª.

Amigo Mtº Obrigado

C o p y - Divisional Controller's Office.London Posta Region. King Edward St.,London, E.C.1. - P.O.Reference 1125/C.0473/F.S. 16 February,1942 Dera Sir, With reference to your ~~letter~~ apllication of the 11th February about six registered book packets sent to you from Lisbon on the 28th August last, I regret to inform you that correspondence for the United Kingdom, posted in ~~Lisbon~~ Portugal between the 13th August and 11th September, 1941 has been lost as a result of enemy action at sea. Yours faithfully Jmundd? pr. Divisional Controller.
Countersigned For and on Behalf of R.W.Gibbon & Son Ltd.
A.R.Gibbon - Director.

692

A.Cortesão
48 Stamford Court
London, W.6

3. VII. 1941

Exmo .Snr. Gerente da Emprêsa Seara
Nova - R.da Rosa 238, Lisboa.

Exmo, Senhor e Presado Amigo,

Acuso a recepção da carta de V.Exa. de 25 de Abril assim como os livros referidos nas faturas respectivas, e as contas, o que muito agradeço.

Peço o favor de, sendo possível, mandar encadernar no Alexandrino o volume do Dr.Duarte Leite e enviar-mo encadernado, pois aqui é hoje praticamente impossivel obter uma encadernação.

Poderá V.Exa. mandar aí comprar alguns livros por minha conta, debitando-mos? Creio que há uma edição recente do Dicionário de Cândido de Figueiredo, em dois vols. Dizem-me que é boa; se assim for agradecia que me adquirissem um exemplar e mo enviassem. Há aí também um dicionáriosito de termos técnicos, em português, francês e inglês; sei que não é grande coisa, mas como não há outro agradecia que igualmente mo enviassem. Também desejava um Dicionário de Sinónimos, de que me dizem haver um relativamente moderno e não muito mau. Não conheço, mas pedia para também mo enviarem.
Se por acaso o Dicionário do C. de Fig^o., edição moderna, não for tão bom como me dizem, pedia para então enviarem o melhor dicionário português moderno que haja. Tudo isso deve vir por correio ordinário, claro está, e mesmo assim deve custar um dinheirão de porte. Agradeceria que isto fôsse enviado o mais depressa possível.

Com a devida estima e consideração, e agradecendo desde já a tenção que o meu pedido possa merecer, me sbscrevo

De V.Exª.

Mt^o. At^o. Vrdr. e Obgd^o.

708

ization of a new electoral register"; "extinction of the Concentration Camp of Tarrafal" in Cape Verde Islands, where many of Dr.Salazar's political adversaries are rotting. With a ruthless and very efficient Secret Police, concentration camps, strict censorship, and the other means without which dictators cannot survive, it is not surprising that the names of the new democratic leaders of Portugal are unknown to the public. But democratic leadership exists, and I know some of the new leaders, most capable and promising young men with practically no connexions with the political past. They will appear when they are able to do so with some measure of personal safety.

Dr. Salazar is a clever man, and he may be "without personal ambition" and he may have "given the country nearly twenty years of orderly administration and moderate prosperity", as you say. However, every unbiassed foreigner observer in Portugal refers to the unparalleled misery of the mass of the people side by side with the unbridled exhibition of luxury by the few; Portugal is politically and morally isolated from the rest of the world; the secret police costs at least £1,130,000, while only £338,000 are spent on public health (less than a fortnight ago a new "special credit of 500,000 escudos" was granted to the secret police),etc. However, as your able and unbiassed Lisbon Correspondent remarks, "it was the methods,rather than the policy of Dr.Salazar, that excited the dislike of almost everyone in the country in the past". He knowns that that he is sitting on a volcano and, though bending to the pressure of world opinion he is trying to save himself, his perplexity is shown by the fact that he agreed in suppressing the censorship, but two days later re-established it because, as you say, "every newspaper except the organ of its hitherto totalitarean party ranged against the Government".

Democratic Great Britain has no better friends than the democratic people of Portugal. The Portuguese need and prize very highly British friendship; on the other hand Great britain never was in more need of good friends, however small they may be, than today. But there is a great difference between the democratic people of Portugal and Dr.Salazar and his regime. The sooner Democracy returns to Portugal the better for all concerned.

In the name of all Portuguese democrats and the traditional and engrained friendship of the Portuguese people for the British people, I beg you, Sir, to publish this letter.

Yours faithfully,

Armando Cortesão.

17

15th October 1945

To the Editor of The Times,
London.

Sir,

Under the heading "Elections in Portugal" your second leader of today refers to (a) "the corrupt and inefficient Parliamentary system that it (Dr.Salazar's authoritarian regime and benevolent despotism) superseded); (b) the "fidelity of Dr. Salazar's Government to the ancient alliance" with Great Britain; and asserts that (c) "the opposition still lacks leadership, and its policy amounts to little more than a demand for a postponement of the elections until its organization is more advanced".

Every Portuguese democrat recognizes the inefficiency of the former Parliamentary system and none is prepared to return to it. I am sure that they have well learned the hard lesson of the last twenty years of dictatorship and totalitarianism. But that inefficiency - as I have shown in an article in the last issue of "The Political Quarterly" - was due mainly to the difficulties created by the reactionary enemies which the Republic had to face during sixteen years of existence. The word "corrupt" has a rather wide range of meanings, and I do not think that anybody in fairness can apply it to the Parliament of the Portuguese Republic from 1910 to 1926. I challenge anybody to prove or demonstrate that that Parliament was more corrupt than any other Parliament in the world; and I assert that if there was then any corruption it cannot be compared with the corruption that exists under Dr.Salazar's regime.

As regards the "fidelity" of Dr.Salazar's Government to Great Britain, I have shown in the article mentioned above that such "fidelity" only began to appear some time after the turning point of the war with the victory of Alamein. Even then he never ceased to help the Axis as much as he was allowed. How could it be otherwise if the victory of Democracy over Fascism should spell the end, sooner or later, of Dr.Salazar's regime? He never hid his love and admiration for Fascism and Nazism coupled with a deep hatred of Democracy, as asserted in many of his public speeches, some of which have been published in English.

In the now historic meeting of October 8th in Lisbon much more than "a postponement of the elections" was demanded. Among other things the democratic people of Portugal there represented demanded also: "enough guarantee of freedom of the individual, and of expression"; "the organization of political parties"; "that the new Parliament to be elected should have constituent powers; "organ-

21st October 1945.

To the Editor of The Times,
London, E.C.4.

Sir,

I assume, for the sake of brevity, that you were unable to publish my letter of October 15th, which I personally delivered on the same day, because it was too long.

However, the fact remains that you accused the Parliament of the Portuguese Republic before the present dictatorial regime of being corrupt. An accusation of this sort in the leader of a paper of such standing as the Times is a serious matter.

I asked you in the name of all Portuguese democrats and the friendship of the Portuguese people for the British people to publish my last letter, but it did not even deserve the elementary consideration of an aknowledgement.

This time, Sir, I appeal to you as a gentleman for the publication of the brief letter I enclose.

Yours faithfully,

(Armando Cortesão)

47

14th December 1945

Ivor Thomas, Esq., M.P.,
Ministry of Civil Aviation,
Ariel House, W.C.2.

Dear Mr. Ivor Thomas,

Thank you very much for your letter of December 11th. I hope that you will let me know what Mr. Noel Baker decides about the permit for Dr. José Domingues dos Santos to come from Paris to London, in order that I may warn him.

I knew of your trip to Portugal only from the papers' reports. But even if I had known beforehand I wonder whether you would have found it convenient to see some of my friends in Lisbon, who, otherwise, might have given you a first hand impression of the democratic feeling in my country.

Thanking you once more for your kindness,

Yours sincerely,

63

48 MM

28th August 1945

Dear Mr.Ivor Thomas,

I have met you several times at the meetings and dinners of the Inter-Allied Friendships Committee, but I wonder whether you still remember me.

I am the representative of the Portuguese National Council of Anti-Fascist Unity, in this country, and I should very much like to come and see you whenever you could receive me. This was partly suggested by our common friend Luis Araquistain. I shall be away from London from the 2nd to the 9th September.

Yours sincerely,

Mr.Ivor Thomas,M.P.
House of Commons,
Westminster.

A. CortesÃo.

72

3. X. 45

Dear Mr. Van Thos,

I ~~trap~~ read in the papers that Mr. P. Noel-Baker is leaving ~~shortly~~ for Canada in the near future?

Would it be possible to arrange the meeting of Dr. J. Quinones as Santos, from Paris, and myself with him before he leaves?

I am sorry to disturb you again with all this, but we think that it is very important for ~~any~~ our unity and future Anglo Portuguese relations.

Yours sincerely

69

10. 4. 45

Dear Mr. Ivor Thomas,

Many thanks for your letter of October 5th enclosing copy of Mr. Noel Baker's letter.

I am most grateful for your interest in the matter, and I will wait until Mr. Noel Baker has an opportunity of seeing me and my friend Dr. Jose Domingos dos Santos.

Yours sincerely

SPEEDWELL HOTEL,
OLD STEINE,
BRIGHTON, 1.

H. & C. WATER
IN ALL ROOMS.

TELEPHONE:
BRIGHTON 5395.
TELEGRAMS:
SPEEDWELL HOTEL, BRIGHTON.

De Armando Cortesão - Londres- à União dos Antifascistas Portuguese residentes em Espanha - Barcelona. 21-I-1937

Memorandum nº 2

Em resposta ao vosso Memorandum de 12 do corrente recebido em 17.

Não me é fácil obter informações fidedignas sôbre o fornecimento de material de guerra britânico a Portugal. O oficial inglês, meu amigo, que aqui estava e por quem sabiá muita coisa, está agora auzente por 3 anos, lá para o Oriente. O outro amigo português que tambem aqui tenho(o Jaime sabe a quem me refiro) está-me inspirando pouca confiança em assuntos desta natureza, pois se mostra mais simpatizante com a ditadura lá e os rebeldes aí... Com tudo vou ver se apuro alguma coisa, e se algo souber, direi.
Por infelicidade outro amigo que tenho no Colonial Office tambem agora estará auzente por um dois mezes, doente.

A leitura dos jornais que vos envio com regularidade (todas as segundas e quintas feiras) podem por-vos perfeitamente ao corrente da situação internacional e de muito que interessa ao nosso máximo problema colonial. Verão pelo que marco na 2ª página do News Chronicle de hoje, e hoje enviado, que a Inglaterra e a França já discutem a possibilidade de facilitar à Alemanha campos de acção colonial. É evidante que se trate de Angola e mais umas migalhas, e cada vez mais me convenço que, infelizmente as minhas tristes previsões ganham em probabilidade. Chego a recear que só oacaso uma vez mais nos possa salvar. Ao menos valha-nos a esperança de que ao menino e ao borracho...

Não creio que seja facil o regresso da Tanganika à Alemanha, e actividade dos boches lá é muito menor do que na Damaralândia, por exemplo. Aqui é que o problema está tomando sérios aspectos, pois os boches estão-se assenhoreando de tudo, embora a União já começasse a reagir energicamente. Há em Londres uma Sociedade ou associação chamada "Friends of Europe" que publica varios folhetos de grande interesse. O ultimo publicado, nº43, intitula-se "Nazi activities in South West Africa". É extremamente interessante e vou procurar adquirir um exemplar para vos enviar. A meu ver seria mais facil ceder à Alemanha a parte norte da Damaralandia, que não interessa grandemente à União, e juntamente com Angola já formaria qualquer coisa de importante. Tambem não me parece dificil a restituição dos Camarões. Disse-me aqui o Governador Geral do Congo Belga, velho amigo meu, que amizeria de Angola é simplesmente trágica, e que essa politica agora adoptada, de não a ajudar, pode trazer-nos gravissimas consequências. Alguem altamente colocado aqui e perfeitamente ao corrente de todos estes assuntos disseme mais ou menos a mesma coisa. A propósito, o tal folheto é prefaciado por Lord Lugard, com quem tenho boas relações.

1571

Se a minha situação material me permitisse poderia cultivar muitas relações de grande utilidade. Infelizmente luto com tal falta de tempo que mesmo para escrever à família me vejo em dificuldades, pois não posso desperdiçar um momento.

Eu tenho mandado daqui para Lisboa alguns recortes de jornais daqui, que segundo parece são lá avidamente apreciados. Será excelente essa acção pela radiofonia. A sobriedade seria a melhor maneira de dar peso às vossas emissões; e dar só noticias verdadeiras, absolutamente verdadeiras.

Fico esperando com o maior interesse as vossas informações sôbre a marcha das nossas coisas, os estatutos e tudo o mais que prometem. O Dr. Bernardino Machado tem alguns contactos convosco?

Junto envio as tres pedidas fotografias; não gosto nada delas mas não tenho outras. Seria bom que o bilhete de identidade fôsse redigido numa língua mais internacional que o português, talvez francês. Isso da credencial pode na verdade ser preciso em qualquer altura.

A todos envio fraternais saudações antifascistas e revolucionarias.

De Armando Cortesão -Londres- à União dos Antifascitas Portugueses residentes em Espanha - Barcelona. 22 de Fevereiro, 1937

Memorandum nº 3

Confirmo o meu Memorandum nº 2 de 20 do p.p.

- Assisti ontem a uma reunião limitada de membros do "Left Book Club" em que se discutiu filosoficamente socialismo e comunismo. Falou-se muito de Espanha. Já não existe a mesma confiança de ha certo tempo na vctória final das forças republicanas. Manifestaram-se mesmo certos pessimismos, que aliás me parecem exagerados e prematuros., É contudo um sintoma. Lastima-se sobretudo a desunião das equerdas, mesmo em face de tamanho perigo -de vida ou morte- quando do outro lado a união é praticamente prefeita. Infelizmente entre nós parece que tambem não é muito melhor... Sabe-se que as reservas de munições e armamento enviadas nos ultimos tempos aos rebeldes pela Almanha e Italia são formidaveis e que muitas mais serão enviadas até 6 do corrente. Muitas coisas se disseram do governo daqui, mas acho mais prudente não as repetir.
Um intelectual com quem costumo conversar sobre estes assuntos e que lá encontrei, disse-me não compreender porque em Portugal não rebentou ainda um movimento que, mudando a situação lá, teria extraordinarias vantagens para os republicanos espanhois. Quando eu lhe disse das inumeras dificuldades, entre as quais avulta mais que qualquer outra (segundo creio) a financeira, disse-me êle que menos compreendia ainda porque o govêrno espanhol não removia essa dificuldade. Pensa êle e penso eu que muito e precioso tempo vai já perdido, e que mesmo que alguma coisa agora se fizesse nesse sentido já seria muito mais difícil. A criação da tal "Legião Portuguesa" afigura-se mais importante e embarassante para nós do que à primeira vista possa parecer. E não poderá a fiscalização inglesa, que o Salazar vantajosamente conseguio em vez da internacional, que a partir de 6 de Março se instalará em Portugal, ser tambem um embaraço? Não aponto isto por desânimo, mas apenas para chamar a atenção para circunstâncias a ponderar.
Creio que muito de interessante haveria a conseguir, como informações, contactos e possivel apoio, pelo menos moral, se me fosse possivel cultivar relações e aproximar-me de gente da esquerda, chegando mesmo até aos "leaders", mas infelizmente não posso. Esta estupida necessidade de comer, e consequentemente a obtensão dos indispensáveis recursos, não me deixa tempo algum livre.

Contudo, caso isso viesse a ser possivel, lembro a indispensablidade da tal credencial em que me têm falado

1572

e que ainda não chegou. Seria tambem muito conveniente que me aproximassem com decedido peso da Embajada aqui, talvez até dos russos. VV. aí é que poderão ajuizar das oportunidades, possibilidades e vantagens. E eu falo nestes assuntos apenas p ra ganhar tempo/ na hipótese de vir a ser necessário.
Lembro-me tambem que se fôsse preciso transferir qualquer sôma pª P., e não tivessem facilidade nisso, eu talvez aqui o pudesse conseguir ~~isso~~ com a possivel segurança. Conheço aqui uma dama, antifascista e profundamente simpatisante com a nossa causa, que já o ano passado, de passagem por Lisboa lá me entregou 100 exemplares da minha 1ª carta ao Salzar. Somos muito amigos e devo-lhe inúmeros obséquios. Embora tenha alguns meios de fortuna e viage frequentemente, trabalha. É de toda a confiança, e eu tenho a certeza que se fôsse preciso ela/ iria lá, claro está que sendo tudo devidamente preparado. Escusado será dizer que a dama é natural daqui.

Sôbre política internacional, nada por agora tenho a acrescentar ao que os recortes de jornais que tenho enviado dizem e que permitem colher informação perfeita.
Quanto às nossas colónias... nada por emquanto desvanece os meus receios manifestados no meu primeiro memorandum. Se alguma vez for possivel poder-me aproximar aqui de certos elementos, procurarei saber muita coisa que nos interesse.

Saudações antifascistas e revolucionarias a todos os nossos amigos e camaradas.

HOTEL DEL TECLA
— DE —
RAFAEL RODRIGUEZ

HABITACIONES CON BAÑO
AGUA CORRIENTE EN TODAS LAS HABITACIONES

CALEFACCION CENTRAL

RESTAURANT
EN LA CIMA DEL MONTE SANTA TECLA
TELEFONO 49

LA GUARDIA 1 de Janeiro de 193 3
(Pontevedra)

Meu Prezado Amigo e Ilustre Correligionário:

Reitero-lhe os meus melhores votos pela sua saúde e felicidade no 34, de auspicioso augurio. E muito me obsequiará, transmitindo a todos os Seus muitos cumprimentos tabem de Ano Bom.

Julgo indispensavel, para afirmarmos ao país a nossa unidade, a sua prestigiosa assinatura na Declaração prévia, que lhe envio numa prova de "A Verdade". Mandei dizer ao dr. Armando Cortezão que, na alinea que começa- "E porque não ha o direito"-eu poria, depois da palavra-praticando em vez do que está (pode parecer uma desculpa da fôrça consocia da policia de informação, que ainda ha dias lançava impudentes manifestos sobre Lisboa) -o seguinte fecho ou outro semelhante: "apoiada numa guarda

1584

pretoriana, que oprime e desonra o nosso exercito." Mas sujeito o caso á
que opinião. Junto as provas de outras originais da redacção de "A Verdade,"
que, depois de lêr, terá a bondade de entregar ao dr. Cortezão com as suas
observações sobre êles e sobre a Declaração prévia. Não convirá que esta se-
ja tambem assinada por alguns outros emigrados?

Do Aragão tem boas noticias?

Abraço-o saudosamente como

Todo seu

B.M

INFORMAÇÃO

Há uns quinze dia, em 2 de Abril, os trabalhadores da Covilhã pediram mais uma vez aumento de salários. Alguns patrões chegaram a mostrar-se dispostos a negociar, mas o govêrno proíbiu qualquer aumento. Em consequência disso, começou a greve. Nos dias seguintes, por solidariedade e em respostas às medidas tomadas pelo govêrno, a greve estendeu-se a S.Romão, Loriga, Gouveia e Tortozendo. Ao todo devem ter abandonado o trabalho cêrca de 50 mil homens e mulheres. O govêrno, em vez de atender as reivindicações dos trabalhadores, respondeu com mais fome e terror. As fábricas foram encerradas por 30 dias e tôda a região atingida greve encontra-se em estado de guerra. As tropas de Tomar, Abrantes, Portalegre, um destacamento motorizado da Guarda Nacional Republicana, de Lisboa, foram mobilizados para fazerem uma cruel repressão. A polícia de Informação (a "gestapo" portuguesa) destacou algumas brigadas para a região. Ninguém pode aproximar-se das fábricas. Os patrões estão proíbidos de pagar salários. Os comerciantes não têm autorização para vender fiados. As casas de penhores não podem fazer empréstimos. Sob o pretexto de defesa das fábricas, as tropas ocupam numerosos quintais e impedem que sejam colhidos produtos hortícolas que fazem falta aos trabalhadores. A Polícia de Informação faz numerosas prisões. Cêrca de oitenta prêsos vieram para Lisboa e encontram-se em Caxias e Trafaria. Os jornais, dado que não existe a liberdade de imprensa, não têm fáito referências nenhumas ao que se passa. As medidas tomadas pelo govêrno visam submeter os trabalhadores e transformar a greve em "lock-out", mostrando que está senhor da situação. Mais de cento e cincoenta mil homens, mulheres e crianças estão condenados a morrer de fome. A luta dos trabalhadores da Covilhã, Tortozendo, S.Romão, Loriga e Gouveia mostra mais uma vez o carácter nazi-fascista do govêrno de Salazar e representa um valioso esfôrço na luta pela Democracia.

25

The English public oppinion has to be urgently and truly informed, through all the leftist newspapers, of about what is happening in Portugal, because the last Ambassador Mr. Campbell always served Salazar, of whom he himself avowed to be an "unconditional admirer".

The diplomatic action of Mr. Campbell, who was visited only by the supporters of the dictatorship; and called only on the monarchist houses and despised systematically the most highly ranked republicans, will be showed and proved in a special memorandum, that we shall send you in a short time by a bearer of our confindence.

The whole world - and particularly England - has to Know: that in this corner of the Iberian Peninsula a people live, for 19 years, crushed under an ignoble ans sinister dictatorship, desguised under the name of a "mild regimen"; that the press is either completely submitted to a ferocious censorship or subservient to the dictator; That a vast secret police force, organized accordingly to the direct methods of the German Gestapo, persecutes all the opposers to Salazar and beats them cannibaly in prisons; that here we suffer all the violehces of a political regimen in which thought is entirely crushed and where people are arrested, deported and killed on account of his own oppinions: the crime of refusing to accept the dogma of the infallibility of the "New State", that in spite of all the official denials the concentration camp of Tarrafal in "Cabo Verde Islands still exists, and there many scores of Portuguese are submitted to enforced labour in the worst health conditions - Among them are:

Lieutenant Camões who is a doctor, too since 1931, inspector José de Alpoim, since 1934; captain Felipe de Souza since 1929, the student Alpedrinha since 1934; Dr. Carlos de Almeida since 1932; professor Dr. Alberto de Araujo since 1939, with a pulmonary consumption; Dr. Manuel Baptista dos Reis since 1940; the worker Manuel Rodrigues since 1932; the worker Edmundo Pedro arrested for 10 years when he was

only 15 years old and who is now suffering from pulmonary consumption; the journalist Augusto Valdez since 1939 and suffering from pulmonary consumptiom; Silvino Leitão, employed in a pharmacy, arrested for 12 years. And many others....

And what about the hundreds of portuguese subjects selvatically nu murdered in Timor when the barbarous Japanese soldiers invaded our island? Excepting those who succeddin reaching Australia, no one escaped to the correct attitude of the Japanese Couvernment" , quoting the mean, coward and servile sentence of the great staterman Salazar. The few who escaped with life to the shambles - as Dr. Brandão and who fought hardly in defense of our offended sovereignity are still deporte

There are no Portuguese forcibly exiled from their country - says the genial mystifier! But what about those men who, for 18 years have been refused to live in Portugal, as: Dr. Jaime Cortezão the great historian; Dr. Jaime de Morais, ex-governor of India; Dr. Moura Pinto ancient Minister of Justice; Dr. João Camoezas. ancient Minister of Education; Dr.Lucio Santos ancient deputy; Dr. José Domingos dos Santos ancient Prime Minister; commander Filomena de Almeida ancient Minist Commander Maria Rebelo; lieutenant Pico; Captain Alexandrino dos Santos; Dr. Armando Cortezão, eminent publicist!.. And so many others who can not live and work in their country, where they were always figures of the first ranks as writers professors, doctors, magistrates, lawyers, officers of the Army and Navy.

Is there no political prisiohers? The whole of Portugal knows that the prisons of the P.V.D.E. - a true organisation of murderers - are full with the victims of this ignobile dictatorship. Many of them are blind, mutilated, fool by the brutal use of inimmaginable tortures, called by the great Salazar "opportune shocks" In those prisons many murders have been commited...

And those banished or dismissed from their functions only becaus they disagree with the sinuous and mean politics followed by Salazar; or because they cry their legitimate indignation against the crimes and great defalcations made by the supporters of this regimen?

This list would prove to be endless...

It is absolutely indispensable that the English newspapers would help us to clean this marsh publishing the reports strictly true of all the atrocities comitted during these 19years, and giving to the whole world a clean and accurate view of this little country where some millions of people live submitted and crushed under the most hypocritical and shamefull dictatorship.

Not only Hitler, or Mussolini, or Antonesco, or Franco, deserve the repulse of the whole world. Salazar - unconditional admirer of the firstm two and siamese brotherof the last one - is like all of them. But, more disguised, more cold-hearted and more deceiver. In the bottom of his soul lies the same tortuous hate of Tourquemada; and in the smile of his brazen face all the perfidy of a follower of Loyola.

.=.

Tell us the best quickest and most secure way of getting in communication with you

Comissão de Libertação Nacional

Dagge

PROGRAMME'S PROGRAMME.

Q

Pessa:- Podemos começar; já ahi vem o Silva. Mas o que é que você traz ahi ?

A.Silva:- O microfone ainda em contacto comos nossos ouvintes, que desta forma tomarão conhecimento imediato dos nossos trabalhos.

Todos:- Optima ideia, sim senhor.

Pessa:- Nesse caso, caros ouvintes, senhoras e senhores, e meus caros cologas, está aberta a sessão.

Pedi-lhes para nos reunirmos, afim-de estudarmos em conjunto os programas para Portugal e para o Império Colonial Português.

A B.B.C. entrega-nos inteiramente nas nossas mãos a organização dos programas portugueses. Temos inteira e absoluta liberdade para dizer-mos o que pensamos é organizar da maneira que melhor nos parecer os nossos programas. Todos nós esperavamos, ha muito tempo, por esta oportunidade mas, certamente, nenhum de nós esperava tão ampla liberdade e tanta confiança. A unica dificuldade que impedia esta realização, era a hora. Dentro do complicado horario da B.B.C. não era facil arranjar o tempo necessário para as nossas transmissões. Mas com boa vontade tudo se consegue, e a B.B.C mostrou a melhor vontade possivel "post/tantos-que labores", já tot conseguimos o nosso lugar no horario geral e podemos portanto por as nossas ideias em execução.

A.Silva:- A que horas vamos nós transmitir os nossos programas, em que dias, e de quantos minutos podemos dispôr?

Pessa:- Todos os dias a seguir aos nossos noticiários, isto é, das 13.30 ás 13.45. e das 22.15. ás 22.30. Assim, como os nosos ouvintes estão assistindo a esta reunião, já ficam avisados de que lhes passaremos a dar 2 programas por dia: Um das 13.30. ás 13.45., e outro das 22.30. as 22.45. (hora da reunião)

Buisel:- E quando começamos ?

Santos:- Poderiamos começar amanhã ?

Oscar:- Porquê amanhã ?

Santos:- Porque, segundo ouvi há dias pela Emissora Nacional, a data de amanhã é festiva na nossa terra por se comemorar o aniversário do Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar.

Todos:- Boa ideia... Muito bem...

Pessa:- Começar-se-há então amanhã.

Mendes:- E de que constam os programas ?

Pessa:- É isso mesmo o que vamos decidir. É para combinar o que podemos fazer que nos reunimo. Para começar pelo principio, vamos, antes de mais nada, arranjar um nome. Ha algum de vocês que tenha uma ideia ?

M. Silva:- Por que não - "A Vóz de Londres" ? É assim que se chamam os programas para Espanha e para o Brasil, e em Portugal muitas pessoas ouvem os programas Espanhóes e Brasileiros.

Santos:- Ha uma objeção. Se vamos chamar "A Voz de Londres" aos nossos programas, os ouvintes portugueses poderão pensar que se trata de uma repetição dos programas espanhóes e da America do Sul. Ora, se você nos diz que vamos pôr em pratica as nossa ideias pessoaes, isso quer dizer que os nossos programas são inteiramente diferentes dos que são radiados para os outros países.

Pessa:- Isso não é razão, visto que os programas espanhóes são diferentes dos programas brasileiros, e tanto uns como outros se chamam "A voz de Londres". Acho portanto, que, "A Vóz de Londres" nos serve perfeitamente. Estão todos de acordo ?

Todos:- Sim, estamos.

Pessa:- Então está aprovado. O nome dos nossos programas será "A Vóz de Londres". Agora precisamos de um indicativo para as nossas emissões, isto é, uma musica para ser tocada no principio e no fim das emissões afim-de assinalar aos nossos ouvintes que o nosso programa vai começar, ou terminou. Alguma sugestão ?

Mendes:- Eu proponho uma marcha do Sousa. Sempre era um compositor de origem portuguêsa. Por exemplo, a "Sousa's March" Que diz você, Pessa ?

Pessa:- Acho boa ideia, e tenho aqui uma que podemos experimentar - a "Sousa's March". Ora diçam

---

~~(MUSICA - SOUSA'S MARCH.)~~

SOUSA'S MARCH - 1st. marked band.

A.

Pessa:- Pelas vossa caras, vejo que esta não vos entusiasmou.

Dagge:- Sim, para o fim em vista não é grande coisa.

Pessa:- Oiçam esta outra:

SOUSA'S MARCH - 2nd marked band.

Pessa:- Esta ainda me parece peor; Vamos a outra.

SOUSA'S MARCH - 3rd marked band.

Q

Pessa:- Não sei, voces dirão.

Oscar:- Oiçam uma coisa: para escolhemos um autor portugues, porque não escolhemos um que seja realmente português de nacionalidade, e cuja musica seja tambem caracteristicamente portuguesa e conhecida ? Rui Coelho, por exemplo? Porque não "A Canção do Norte" ?

Pessa:- Acho explendida a sua ideia; mas a dificuldade é que não temos cá o disco.

A.Silva:- É bom não esquecermos que os programas são destinados a Portugal, mas são radiados de Londres. Os ingleses têm marchas tão lindas, proque não ha-de ser uma marcha inglesa? A "Soldiers of the Queen" por exemplo ?

Pessa:- "Soldiers of the Queen"? Espera, tenho-a aqui. Que tal vos parece?

MUSIC - "SOLDIERS OF THE QUEEN".

Q

Buisel:- É bonito. Mas parece-me que talvez se possa encontrar coisa melhor.

Pessa:- Vocês não achariam bem uma fanfarra para chamar a atenção, muito embora viesse depois qualquer outra coisa que ilustrasse em fundo o anuncio ?

D 4/14 ——— outra

Dagge:- Tem alguma ahi que possamos ouvir ? ~~para ouvirmos~~ ?

Pessa:- Esta por exemplo :

"SOLDIERS OF THE KING" - Fanfarra.

Oscar:- Eu acho muito bem.

Dantos:- E qual seria a musica em que Você falou para ilustrar os anuncios ?

Buisel:- Desculpe interromper; mas lembrei-me agora das marchas de Eric Coates. Não serveria uma dessas ?

Pessa:- Podemos ouvir uma que tenho aqui: A "London Bridge March". Digam de vossa justiça.

"LONDON BRIDGE MARCH".

Todos:- Essa parece (ou magnifica) explendida.

Pessa:- Nesse caso não percamos mais tempo e ponhamos á votação a escolha da musica.

Buisel:- Quer-me parecer que não será necessário votar, pois creio que a combinação das fanfarras com esta ultima marcha merece a aprocação de todos. Ha alguma objeção ?

Todos:- Não. Eu estou de acordo.

Pessa:- Então já chegamos a duas conclusões: Escolheu-se "A Voz de Londres" para designar os programas, e já temos o indicativo para os mesmos.

Todos:- Muito bem... Estamos de acordo.

Pessa:- Bem. Vamos agora ao mais importante. Parece-me que estamos todos de acordo que a semana tem 7 dias... Há alguma objeção ?

(RISOS)

Pessa:- Vamos então e tabelecer o programa dos nossos programas. Creio que o melhor é apresentar uma modolidade diferente para cada um dos dias da semana. Não lhes parece ?

Todos:- Está claro... Muito bem...

Pessa:- Parece-me que o melhor será apresentarmos trez especies de programas diferentes, a saber: Programas musicais, palestras, e reportagens radiofonicas.

Oscar:- Muito bem: Se a semana tivesse 6 dias em vez de ter 7 como o Pessa tão sagazmente, direi mesmo tão genialmente, descobriu, nos destinariamos 2 dias por semana a cada uma dessas diferentes modalidades de programas.

Méndes:- Peço desculpa, meu caro Oscar, mas tanto a sua matematica como a do Pessa, estão absolutamente certas; nós estamos aqui a trabalhar para os nossos ouvintes. Se é justo que todos nós tenhamos voto na matéria, não é menos justo que os nossos ouvintes tenham tambem.

Por que não reservarmos um dia da semana para os

nossos /

ouvintes, reduzindo assim a semana a 6 dias como você pretende ?

Pessa:- Perfeitamente de acôrdo. Nesse dia responderemos á correspondencia dos nossos ouvintes, e sempre que seja possivel aceitareros as suas sugestões. Resumindo... Temos um nome, temos um indicativo, e temos um dia para os nossos ouvintes. Temos trez especies de programas a dividir pelos outros 6 dias da semana. Vamos começar pelos programas musicais; quem se quer encarregar disso ?

Dagge:- Parece-me que quem se pode encarregar disso é o Pessa porque é quem tem mais pratica nesse assunto.

Todos Muito bem... Aprovado...

Pessa:- Bem, eu me encarregarei então da parte musical dos programas, cantando, é claro com a vossa ajuda e bom gosto. Agora, quanto ás reportagens radiofonicas...

Santos:- Acho que pela mesma razão devem ser feitas por si.

Todos:- Apoiado.. Aprovado.

Pessa:- Bem, eu tomo tambem a meu cargo as reportagens sempre que haja oportunidade e tempo para as fazer. Vamos decidir agora acerca das palestras. Antes de mais nada os nossos ouvintes desejarão, certamente, ter um comentario semanal acerca das operações militares. Quem se encarrega disso?

Mendes:- ~~Acho que está naturalmente indicado o Oscar da Silva.~~ O Oscar da Silva é que podia tomar isso a seu cargo.

Oscar:- ~~Não~~ Peço desculpa, mas não concordo. Os nossos ouvintes merecem muito melhor,

Todos:- (APARTES DIVERSOS)

Oscar:- ~~Porque não convidar um escritor~~ Acho que seria muito melhor convidar um ensaísta com autoridade mundialmente reconhecida nesse assunto?

Santos:- boa ideia. Que lhe parece Hilaire Belloc ?

Oscar:- Era justamente em Hilaire Belloc que eu estava pensando. É um escritor catolico, muito conhecido em Portugal, e a sua autoridade como historiador e critico militar está há muito estabelecida.

Pessa - Parece-me a melhor ideia possivel.O ano passado Hilair Belloc fazia a critica militar no Sunday Times;e o sucesso que ele teve é por demais conhecido.Se todos concordam, pede-se á BBC para o convidar.

Todos - Acho muito bem...Concordo...

Pessa - Uma outra coisa que eu vos quero dizer,é que já temos prometida a colaboração de escritores modernos,como Graham Grrer. Douglas Woodruff e John Gibbon -que são bem conhecidos em Portugal como escritores catolicos;e tambem Vernon Bartlet, Whickham Steed,Michael Derrick e John Whitehouse. E alem disso o Oscar da Silva poderá fazer uma ou duas palestras semanaes resumindo os apectos geraes e as repercussões do conflito na Grã Bretanha e em todo o mundo.

Todos - Estamos absolutamente de acôrdo.

Mendes - Visto isso não ha mais nada a tratar;fica assim tudo resolvido.

Pessa - Tudo não...Isto são apenas as linhas geraes. Temos que aguardar agora os alvitres e as sugestões dos ouvintes,porque afinal de contas,eles é que mandam.

A.Silva - Evidentemente.Vamos a ver se nos podemos reunir com uma certa regularidade para apreciarmos as opiniões dos que nos escutam e decidirmos as modificações que haja a fazer.

Pessa - Bom,por hoje creio que podemos adiar a sessão para daqui a 15 dias.É de esperar que por essa altura já tenhamos recebido algumas cartas que os nossos ouvintes nos enviem por avião,e então tomaremos as deliberações que haja a tomar. E agora,se estão de acôrdo,encerraremos os trabalhos de hoje com o indicativo dos novos programas.

Todos - Boa ideia...

CLOSING ANNOUNCEMENT

The END

GRÉMIO NACIONAL
DOS
EDITORES E LIVREIROS

Relação das obras retiradas da venda
por ordem da Direcção dos Serviços de Censura

CONFIDENCIAL

LISBOA — ABRIL DE 1941

45

A UTILIZAÇÃO DESTA "RELAÇÃO" É EXCLUSIVA DO AGREMIADO, QUE POR ELA É RESPONSÁVEL, E SE COMPROMETE A DEVOLVE-LA QUANDO O GRÉMIO A PEDIR

Tiragem de trezentos exemplares numerados e rubricados

EXEMPLAR N.º .....

Pela Direcção,

O PRESIDENTE

.....

Tip. Torres — L. do Terreirinho, 35

TITULOS	AUTORES
À boca pequena	*Maia Alcoforado*
Academias artísticas	*De Muger*
A caminho da revolta	*Astrigildo Chaves*
A caminho da união livre	*Alfredo Naquet*
Acção (A) sindicalista	*Victor Grifuelhes*
Acuso a Inglaterra	*Afonso de Albuquerque*
Adolfo Hitler e o seu livro «Mein Kampf»	*René Ponsul Lichtenberg*
Agitador (O)	*Fortunato C. Pinto*
Alemanha não pode ganhar a guerra	*Ivan Lajos*
Alexis o el significado del temperamento	*A. Nin Frias*
Allocution prononce par le Dr. Juan Negrin	
Almanach Des Beaux-Arts (1912)	
Almanach des Peintres et Sculpteurs (1912)	
Almanach Hachette pour l'année 1938	
Almanach Ouvrier Paysan pour les années 1938-1939	
Altar de Venus	*Jaff*
Amant (L') de Lady Chatterley	*D. H. Lawrance*
Amante ideal	*Victorien de Saussay*
Amantes (As) do imperador	*Assis Sintra*
Amantes femininas	*Adrienne Saint'Agen*
Amants féminins	» »
Amar e servir	*Hipolito Raposo*
Amor (O) à parisiense	*Clement Vautel*
Amor de mãi	Ed. da *Livraria Barateira*
Amor depravado dos homens célebres	*M. Resnik*
Amor (O) dos homens	*Paulo de Mantegazza*
Amor (O) e a lama	*Tomé Vieira*
Amor e ciume da prostituta	Ed. da *Livraria Barateira*
Amor (El) en Alemania	*Luiz Carlos Royer*
Amor (El) en el Sudan	» » »
Amor (El) en Honolulu	» » »
Amor (El) entre nudistas	» » »
Amor (O) livre	*Coriolano Leite*
Amor (O) na Rússia bolchevista	*Paul Samerset*
Amor (O) na Turquia	*Jane de la Vaudère*
Amor (El) no admite leys	*Fernando Mora*
Amor ou farda	*Alfredo Gallis*
Amor (El) poligamo	*Luiz Carlos Royer*
Amor (El) safico através de los tiempos	*E. Ellis*
Amores trágicos	*Eugénio Battaglia*
Amour (L') en Dentelles	*René Préjelan*
Amours (Les) de Sapho	*Paul Roue*
Amours du beau chevalier de Biron	*F. Kolney*
Anarchistes	*John Henry Mackay*
Anarquistas (Os)	» » »
Androginos (Os)	*Jane de la Vaudère*
Anedotas brejeiras em verso	Ed. da *Livraria Barateira*
Anedotas (As) mais reinadias dos estudantes	» » » »
Angola	*La Merlière*
Anjo (O) azul	*Heinrich Mann*
Año (El) rojo	*Carmelo Puglionisi*
Aquæ meris	*Eugénio Battaglia*
A que se não deve amar	*Guido de Verona*
Arcanjo (O) negro	*Aquilino Ribeiro*
Arte de conquistar as mulheres	Ed. da *Livraria Barateira*

TITULOS	AUTORES
Arts (Les) plastiques en U. R. S. S.	(Revista)
Asi asenina falange	*Manuel Gabarain*
A travers de la union de las soviets	*Maxime Gorki*
Attention aux enfants	*Paul Reboux*
Bahia de tous les saints	*Jorge Amado*
Bailarina (A) do Conde Redondo	*Raul de Lacerda*
Baladas	*Rui Santos*
Banco (O) fantástico	*Eugénio Battaglia*
Banditismo politico — A anarquia em Portugal	*Homem Cristo*
Barbosas (Os)	*Armando Ferreira*
Barounne (La) Kapouth	*Auteur du Marion Gentilhomme*
Beaukuu	*T. Schvtsckenke*
Bela (A) alsaciana	*A. Bret*
Belezas do confessionário	*Um cristão*
Bíblia do amor	*René Emériy*
Biblioteca Maçónica ou Instrução completa do Franc-Maçon. Tomos I, II, III, IV, V e VI	
Biologie et marxisme	*Marcel Prenant*
Bom (O) fadista. (Folheto)	
Braga contemporânea	*A. Ménici Malheiro*
Burla (A) capitalista	*Ladislau Batalha*
Burla (A) do casamento	*René Emériy*
Cabeças no ar	*José de Sousa Nunes*
Cadernos da Juventude	...
Caminho de Buenos Ayres	*Albert London*
Canalha (A) sexual	*Alfredo Tomé*
Canção (A) de Portugal	Ed. da *Livraria Barateira*
Canção (A) popular	» » » »
Cantadores (Os) camponeses. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Cantares ao desafio entre a lebre e o caçador. (Folheto)	
Capital (El)	*Marx* e *Engels*
Capital (O)	*Karl Marx*
Carnaval (O) da morte	*Albano Negrão*
Carne (A)	*Júlio Ribeiro*
Carne (A) de Jesus	*Almachio Diniz*
Carta a Oliveira Salazar ditador de Portugal	*A. Castelão* e *R. Ficallo*
Carta aos trabalhadores da minha provincia, para dar a Hitler o lugar que lhe pertence na nossa consciencia religiosa e cristã	
Carta de Moscú sôbre el amor	*José Barreto de Atalayão*
Cartilha do povo	*Ramon J. Sender*
Cas des catholiques basques	*José Falcão*
Casar é bom	*J. de Hiriartia*
Castidad, impulso, deseo	Ed. da *Livraria Barateira*
Catholicisme et communisme	*C. Dies Fernandez*
Catholicisme et rebelion	*Robert Honnert*
Cègadas carnavalescas	*Louis Martin Chauffier*
Ce qu'on appele la crise	Ed. da *Livraria Barateira*
Ceux de Barcelone	*Jacques Duboin*
Chagas	*H. E. Kaminski*
Chalaças amorosas	*Soares de Castro*
Chantage a la guerre	Ed. da *Livraria Barateira*
Charita, la más juncal	*Genevieve Tabouis*
Chefe (O)	*Emilio Carrere*
Chibos	*Franz-Paul Langhans*
	Alfredo Gallis

TITULOS	AUTORES
China (La) ensangretada	*Erwin Egon Kisch*
Chine (La) rouge en marche	*Agnés Lmedley*
Cinto (O) de castidade	*Pitigrilli*
Civll war in the U. R. S. S. Vol 1.º	*Anónimo*
Clamor de Euzkadi ante la destruccion de Guernica	*Anónimo*
Clarão vermelho	*R. Rodrigues dos Santos*
Clergé (Le) basque	Ed. de *H. G. Peyre*
Clero e fascismo — Horda de embrutecedores	*Maria L. de Moura*
Cocotes e conselheiros	*Rabellais*
Codes (Les) de la Russie Soviètique	
Código da família soviética	Trad. de *Calmasini*
Coisas picantes	Ed. da *Livraria Barateira*
Colecção Económica	» » » »
Communisme (Le) en France	*F. Ferlé*
Como faremos a revolução	*E. Patand* e *E. Pouget*
Como se evitan los peligros de la lujuria	*L. S.*
Como se vive na Russia dos soviets	*Émile Lchreiber*
Complot (Le) espagnol	*E. N. Dzelepy*
Compra de mulheres	Ed. da *Livraria Barateira*
Comunismo	*J. Laski*
Condesita (La) Bobby	*M. Djep*
Confidential	*Eddy Garou*
Confissão (A) de um fadista que matou a sogra à dentada	Ed. da *Livraria Barateira*
Confissão geral do marujo Vicente no Rio de Janeiro	Ed. da *Livraria Barateira*
Conquete (La) du pain	*Pierre Kropotkine*
Conquistador (O) de criadas	*Paulo Perrin*
Conselhos que a mãi dava à filha para não arranjar derriço, mas a filha não foi nisso	Ed. da *Livraria Barateira*
Constituições da antiga fraternidade dos maçons livres e aceites de Portugal	*L. Serrié*
Contre-attaque en Espagne	*Ramon S. Sender*
Conventos e colégios	*D. Santos Guerra*
Convulsions de la force	*Alain*
Cópia da denúncia à P. V. D. E. dada por Horácio de Oliveira contra seu pai...	
Costa do Sol	*Alberto Freitas da Câmara*
Coxixo (O) da menina	Ed. da *Livraria Barateira*
Crença e mêdo	*Renato Kehl*
Crime (O) de Augusto Gomes	Ed. da *Livraria Barateira*
Crime (O) de um anarquista	*Eugénio Battaglia*
Crime (O) do Sr. Abade	*Hipólito Travassos*
Crimes (Os) de Diogo Alves	Ed. da *Livraria Barateira*
Crimes (Os) de João Brandão	» » » »
Crimes (Os) de José do Telhado	» » » »
Crimes (Os) de Landru	» » » »
Crimes (Os) de Staline	*Léon Trostky*
Crimes (Os) de Urbino de Freitas	Ed. da *Livraria Barateira*
Crimes (Os) do Remexido	» » » »
Criminosos célebres	» » » »
Crise (La) économique sociale politique	*Eugene Varga*
Crisis de las democracias	*Juan Lazarte*
Cristianismo ou comunismo?	*Gilberto Carvalho*
Critica de la economia politica	*Karl Marx*

TITULOS	AUTORES
C T M — 1936-1937. Confederacion de Trabajadores de Mexico	
Crónica	*Gentil Marques*
Cryptinas	
Cuestion (La) social y los cristianos sociales	
Culture (La) e le peuple	*Maximo Gorki*
Cura	*Anónimo*
Damnés (Les) de l'amour	*Jean Charny*
Dans la tourment	Ed. do *Bureau d'Informations et de Presse de Paris*
Darlan. (Folheto)	*Claude Ferrère*
Decadentes (Os)	*Alfredo Gallis*
Déclin de l'invidualisme?	*Roger E. Lacombe*
De Cythère a Lesbos	*Charles Gide*
De la sainte Russie a l'U. R. S. S.	*Georges Friedmann*
Der parisier kommune aufstand	*Lissagaray*
Derrocada (A) do casamento	*V. F. Calverton*
Desesperada (La) agonia del capitalismo	*D. Manuilsky*
Desnudismo (El), la salud y el arte	*J. Palácios*
Deuses (Os) vermelhos	*Adolfo Agorio*
Deux systèmes. Economie socialista et economie capitaliste	*Eugene Varga*
Deuxième (Le) jour de la création	*Ilya Ehrenboursg*
Dez dias que abalaram o mundo	*John Reed*
Diabo (O) na Mitra	Ed. da *Livraria Barateira*
Diário da Pátria	*Cesar Anjo*
Dimitrov?	*S. Blagoéva*
Dinheiro á vista em troca dum império	*João da Cunha Almeida*
Direito ambiguo. (Folheto)	Editado pelos *Serviços de Informação da Legação da Alemanha*
Direito no Estado (O)	*Harold Lasky*
Direito internacional privado (Lições de)	*Manuel J. Palma Carlos*
Discours sur le plan quiquennal	*J. Staline*
Ditador (O) da violência	*Carvalhão Duarte*
Ditadura (A) do proletariado	*J. Carlos Rates*
Ditadura (A) militar	*Raúl Proença*
Dix ans de fascisme en Italie	*Silvio Trenti*
Doctrine de l'U. R. S. S.	*Staline*
Documentário histórico dos métodos ingleses de guerra marítima na Grande Guerra	*Werner Friedrich*
Dois da vida airada	*Victorien de Saussay*
Donzela (A) arrependida ou a falta reparada. (Folheto)	*José Rogado*
Do reformismo do Estado e do federalismo	*Pedro Esteves*
Douze (Les) adotres de Hitler	*O. Dutch*
Doy fe... un aûo de actuacion en Espanha nacionalista	*António R. Vilaplana*
Doze (As) mulheres de Adão	*Alfredo Gallis*
Drama (O) europeu	*Metzner Leone*
Dramas da vida	*A. Victor Machado*
Droits (Les) de l'intellegence	*Jacques Duclos*
Duas uniões victoriosas	*Jaime Ferreira Dias*
Duhamel, Gide, Malraux, Mauriac, Morand, Romains, Unamuno vus par un écrivain d'U. R. S. S.	*Ilya Ehrenbourg*
Du mariage	*Leon Blum*

TITULOS	AUTORES
École élémentaire du parti communiste français (1.er, 2.ème e 3.ème lecçons)	*Almerindo Lessa*
Educação sexual	*Um doutor em medicina*
Elementos de ciência social	*J. Novicow*
Emancipação (A) da mulher	*Victor Margueritte*
Emancipada (A)	*Staline*
Em marcha para o socialismo	*F. Slang*
Encouraçado (O) Potemkin	*Henri Barbusse*
Enfer (L')	*Jacques Duboin*
En route vers l'abondance	*Carmina Santa Clara P. F.*
Ensino da Historia (O)	*Enrique Malatesta*
Entre campesinos	*Carlos Babo*
Epístolas aos padres	
Erotismo (O) e flagelação perante a ciência e a história	*A. S. Velilla*
Erotologia feminina	*Forel*
Escândalos (Os) de Carlota Joaquina	*Assis Cintra*
Escola do vício	*Anónimo*
Escola (A) moderna de Barcelona	*William Heaford*
Escoria (La) del amor	*Fernando Mora*
Escravas (As) do amor	*Manuel M. Rodrigues*
Escravas do vício	Ed. da *Livraria Barateira*
Escravas modernas	*Edgar Powel*
Escravatura branca	Ed. da *Livraria Barateira*
Escravidão (A) social da mulher	*Victor Russomanno*
Escuela y el niño proletário	*Armando Mazan*
Espagne! Espagne!	*Jean Richard Block*
Espagne (L') vivante	*Juan Vicens*
Espéranto (Le) au service du proletariat	Ed. da *Fedération des Esperantistes Proletariens*
Espinhos (Os) do adultério	*Victorien de Saussay*
Espionnage en Espagne	*Max Riegel*
Espoir (L')	*André Malraux*
Estado (El) socialista	*Javier Bueno*
Esta es nuestra lei	*Al Schein*
Estudos sôbre o amor	*José Ingenieros*
Eterna (A) canção	*Bernardo de Alcobaça*
Et l'acier fut trempé	*Nicolás Ostrowski*
Europa 39	*Dr. Augusto d'Esaguy*
Eux et nous	*Maxime Gorki*
Execução (A) do Rei Carlos	*António de Albuquerque*
Exercícios de devoção	*Abade de Voisenon*
Experiência (La) del poder	*Marcelino Domingo*
Experiência (A) do bolchevismo	*Arthur Feller*
Experimento de Pott	*Pitigrilli*
Expulsão dos vendilhões	*José Ingenieros*
Face au capitalisme	*Pierre Duroc*
Factor (O) sexual do divórcio	*A. G. Hays*
Fado brejeiro. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Fado da mocidade. (Folheto)	
Fado (O) das salas. (Folheto)	
Fado das torradinhas. (Folheto)	
Fado (O) da Mariana (Folheto)	
Fado (O) dos artistas. (Folheto)	
Fados brejeiros	Ed. da *Livraria Barateira*
Fados para rir	" " " "

TITULOS	AUTORES
Fantasma (O) errante ou as victimas dum Rei Maldito. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Fascisme et révolution	*R. Palme Dutt*
Fascismo	*Maria Lacerda de Moura* +
Fascismo, filho dilecto da igreja e do capital	*Charles Plisnier* +
Fauxs passeports	*Artur C. Andrade*
Fecundação e esterilidade voluntárias	*Julio A. Munárriz*
Feminismo y sexualidad	*Maria L. de Moura* +
Ferrer, o clero romano e a educação laica	*Th. H. Van der Velde*
Fertilidad y esterilidad en el matrimonio	*Hélène de Nangis*
Filhos? — só quando se querem ter	
Finance (La) internationale et la guerre d'Espagne	*E. Bougouin* et *P. Lenoir*
Fisiologia e técnica das relações sexuais	*Th. H. Van der Velde*
Flagelação (A) sexual	*J. Chultze*
Flôr de carne	*P. Guidy*
Flor de lujuria	*Marta de A. F.*
Flôr de volupia	*Saint Médard*
Formation (La) du socialisme	*Félicien Challay*
Fracaso (El) del plan quinquenal	*Leon Trotsky*
Furor amoroso	*Saint Médard*
Gaibeus	*Alves Redol*
Gamiani ou duas noites de paixão	*Alfredo Musset*
Garçonne (La) — (A Emancipada)	*Victor Margueritte*
Garra extremista	*Jerónimo M. S. Paiva*
Genese (A) do capital	*Karl Marx*
Gente da rua	*Albino Forjaz de Sampaio*
Georges Sorel	*Victor Satres, S. J.*
Gestapo	*Pierre Dehillotte*
Graciosos e interessantes conselhos que uma criada dava a um criado	*José A. Cardoso Jorge*
Grandes (Os) criminosos	*Sem autor*
Grandes e horriveis crimes praticados por Manuel Mil-homens. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Grandeur et misère d'Israel	*Dr. Augusto Esaguy*
Grandes (Las) ideas modernas	*El Divino Aretino*
Grands (Les) cimitières sous la lune	*Georges Bernanos* +
Grands (Les) problèmes de la politique contemporaine	*Etienne Fajon*
Greve (A) geral	*A. Victor Machado*
Guerre civile totale	*L. Martinez Blazquez*
Guerre (La) en Espagne	*Jouis Fischer*
Guia (La) sobre los sindicatos sovieticos	*A. Losowsky*
Guide intime des plaisirs de Paris	*Jean Valmondois*
Guitarra da Mouraria	*Júlio Guimarães*
Guitarras e corações	Ed. da *Livraria Barateira*
Gustavo o estroina	*Paulo de Kock*
Hacia una sociedad sin clases	*A. Leontiev*
Hamlet aux deus Ophelies	*Sylvain Bonmerriage*
Harem (O) de Syta	*Jane de la Vaudère*
Heroinas	
Histoire du fasçisme intalien	*C. M. R.*
Histoire du socialisme en France	*Paul Louis* +
História completa dos mistérios da inquisição	*Anónimo*
História da comuna de Paris	*Lissagaray*
História da luxúria do Império Romano	*E. Felgueiras* e *E. G.*

TITULOS	AUTORES
História da maçonaria em Portugal	*M. Borges Grainha*
História da República Portuguesa	(Número especime), por *Dr. Lopes de Oliveira*
Histoire de La Franc-Maçonnerie en Portugal	*Borges Grainha*
História de Portugal	*António Sérgio*
Historia de la prostitucion	*J. Issaac Leorne*
Historia do grande parto monstruoso, castigo de Deus, sucedido em Espanha na provincia de Andaluzia. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
História do homem que meteu a sogra no Jardim Zoológico	Ed. da *Livraria Barateira*
Hitler au pauvoir	*Hanri Lefèbvre*
Hitler, defesa ou invasão da Europa?	*Daniel Guerén*
Hitler et moi	*Otto Strasser*. Ed. Grasset, de Paris
Hitler inimigo de Deus?	*José Barreto de Atalayão*
Hitler m'a dit	*Hermann Rauschning*
Homem (O) que morreu envenenado. (Folheto)	*André Lourenço*
Homme (L') qui a tué Hitler	Les éditions de France
Homosexualismo creador	*A. Nin Frias*
Horário (O) de trabalho nos estabelecimentos comerciais e industriais	*Anónimo*
Horas de angústia	*Guy de Oliveira*
Ida e volta duma caixa de cigarros	*Maria Archer*
Ideal (L') naturiste	*Anónimo*
Idées (Les) essentielles du socialisme	*Paul Louis*
Igreja (A) e a liberdade	*Emilio Bossi*
Ilusão na morte	*Afonso Ribeiro* +
Imoralidade (A) social de amar	*José Ingenieros*
Imperialismo, etapa superior do capitalismo	*Lenine*
Incêndio (O) da Madalena	Ed. da *Livraria Barateira*
Inefável (A) história de Matias Bom-Senso	*Ferreira de Matos*
Infanticida	*Joaquim Dicenta*
Inglaterra ou Alemanha?	*Karl Olivecrona*
Inquietitude (L') sexuelle	*Docteur Pierre Vachet*
Instinto (O) sexual	*Haverlloc Ellis* +
Institut (L') de volupté	*Fernando Kalney*
Instruo (La)	*Karl Marx*
Insubordinação (A) do Vasco da Gama	*António de Sousa Horta*
Interessante história de um soldado que ouvia missa por um baralho de cartas. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Inversão (A) sexual	*Haverlloc Ellis*
Invertidos (Os)	*Armand Dubarry*
J'ai vingt ans	*Roger Dellanger*
Javier Bueno	*Alvarez Portal*
Jesuitas	*A. D. O. Cardoso Fonseca*
Jesus Cristo é um mito	*J. Brandes*
Jôgo (O) da cabra cega	*José Régio*
Journées sovietiques	*Jean Pons*
Judeus sem dinheiro	*Michael Gold* +
Justiça	*Rolão Preto*
Juventude	*Luiz Jimenez de Asúa*
Kama Sutra de Vatsyaiana	
Karl Marx	*Nicolaiewky* e *Maenchen-Hellen*
Karl Marx	*Max Beer*
Karl Marx. L'homme et l'œuvre	*August Cornu*

TITULOS	AUTORES
Kinani	*Damião Cardoso Júnior*
Laborista (La) esperantismo	*E. Lanti*
Lenine et l'union de la jeunesse. *(Discurso)*	*Lenine*
Liberdade de amar e direito de morrer	*Luiz Jimenez de Asúa* +
Liberdade (A) sexual das mulheres	*Julio R. Barcos*
Lição ao povo	*Mário Monteiro*
Lições (As) de uma medianeira	*Damadaragapta*
Licor vermelho	*Gambetta Neves*
Limalha	*Anónimo*
Lindo fado do negro melro. (Folheto)	
Linterna (La)	Jornal Argentino
Livres (Les) secrets des confesseurs	*George Brunete*
Livro (O) das benzeduras	Ed. da *Livraria Barateira*
Livro (O) das gargalhadas	» » » »
Livro (O) de S. Cipriano	*Anónimo*
Livro (O) dos mortos	*Alfredo Gallis*
Lo que han hecho en Galicia	*Anónimo*
Loucura de amor	*G. Echevarria*
Lucha (La) de classes a travers de la historia de Mexico	*Rafael Pedruesa*
Ludwig Feuerbach et la fin de la philosophie classique Allemand	*Friedirch Engls*
Madrid	*Georges Benichou*
Madrid Moscou	*Ramon J. Sender*
Mais (As) cómicas anedotas de soldados	Ed. da *Livraria Barateira*
Maitresse de quinze ans	*Robert Marly*
Maitresse (La) légitime	*Georges-Anquetil*
Maldade (A) das mulheres e a bondade dos homens	Ed. da *Livraria Barateira*
Malícia (A) e a maldade das mulheres solteiras, casadas, divorciadas e viuvas	Ed. da *Livraria Barateira*
Malthusismo e neomalthusismo	*Hildegart*
Mamíferos de luxo	*Pitigrilli*
Manas (As) Vachette	*Victor Joze*
Manifeste du parti communiste	*Karl Marx*
Manual del socialista	*Albert Richard*
Manual do perfeito escroc	*Ch. Fleurigand*
Marcha sôbre Roma... e arredores	*E. Lussu*
Mareo (El)	*Alejandre Kuprin* +
Margot la remendona	*Monbron*
Maria Adelaide	*M. Teixeira Gomes*
Marido virgem	
Mariquinhas (A) padeira. (Folheto)	
Mártires (As) da virgindade	*Alfredo Gallis*
Marx e os sindicatos	*A. Lososski*
Marx, Engels, Marxisme	*Lenine*
Marxisme (Le) en faillite?	*Lucien Laurat*
Materialismo — filosofia do operário	*Comp. de I. Alba*
Materialismo (El) historico	*Ed. America* — Mexico
Materialismo militante	*Plejanov*
Maternité? si l'on veut! ou veut!	*Helène Nangis*
Matrimonio (El) en el passado y en el presente	*Elias Reclus*
Matrimonio (El) perfecto	*H. Van der Velde* +
Memórias da preta Fernanda	*Alberto Tota* e *Fernando Machado*
Memórias de Fanny Hill	*John Cleland*
Memórias de uma chaise-longue	*Victorien du Saussay*

TITULOS	AUTORES
Memórias de uma mulher bonita	*Ernesto Feydeau*
Memórias duma parteira	*Victorien du Saussay*
Memórias secretas duma cantora	*G. S. Devrient*
Men (The) I killed	*Uruguayo*
Menino (O) bonito	*Jean Valgorge*
Mes amours	*Marie Louise L. Talhaide*
Método moderno da limitação dos filhos	*T. Scott Welton*
Miclá	*José Maria C. Sellerier*
Micro (Le) dans l'alcove	*Jacques Germinal*
Mil e tantas maneiras de evitar o casamento	*Justo Xavier*
Mil e uma anedotas para rir	*Bocage, Tolentino,* etc.
1919	*John dos Passos* +
Minha (A) resposta	*Artur Leite Braga*
Minha vida secreta	*Anónimo*
Mise (La) valeur des colonies portugaises	*Elemer Bokn*
Miseranda humanidade	*José Nunes da Mata*
Misère de la philosophie	*Karl Marx*
Moeurs et prostitution	*Marcel Rogeat*
Monogamia y poligamia	*A. Oriol*
Monstros parisienses	*Catulo Mendés*
Montagnes (Les) et les hommes	*M. Eline*
Moral (A) sexual e a felicidade na vida	*J. P. Muller*
Mujer (La) desconocida	*Alberto Insúa*
Mujer (La) facil	» »
Mujeres caprichosas	*G. Echavarria*
Mujeres (Las) casadas	*Abilio Figuier*
Mulher (A)	*Soledad Gustavo*
Mulher (A) moderna e a moral sexual	*Alexandre Kalantey*
Mulher (A) que esgotou o amor	*P. Morante*
Mulher (A) que não gostava de homens	*Raimundo E. Pereira*
Mulher (A) que precisa do amor	*Alberto Insúa*
Mulher (A) só pode gerar filhos uma semana por mês	*Pedro de Mendonça*
Mulher (A) vendida	Ed. da *Livraria Barateira*
Mulheres de Satanás	*Fernando de Araújo Lima*
Mulheres (As) dos outros	*Guy de Téramond*
Mulheres histéricas	*Alberto Insúa*
Mulheres honestas	*Alfredo Gallis*
Mulheres! não procrieis!	
Mulheres perdidas	*Alfredo Gallis*
Musa (A) loira. Contos imorais	*E. de Barros Lobo (Baldemónio)*
Museu secreto de Napoles	*B. Barre* e *C. Famin*
Mussolini, Garibaldi e C.ª	*Louis Santini*
Mussolini's roman empire	*G. T. Garrat*
Não creio em Deus	*Timótheon*
Não se pode ser germanofilo e ser liberal	...
Nas asas do sonho	*António Cabreira*
Nationalisme (Le) contre les nations	*Henri Lefevre*
Navio (O) das desgraçadas	Ed. da *Livraria Barateira*
Negociante de mulheres	» » » »
Nevroses (As) dos forçados da castidade. (F.º)	*Renato Kehl*
Ninhos d'amor	*René Schwaeblé*
Ninos (Los) de Paris	*Joaquim Bela*
Noite de núpcias	*Luiz G. Salazar*
Noites de prazer	*Victorien du Saussay*
No passaran!	*Ilva Ehrenbourg*

TITULOS	AUTORES
Notas sobre as viagens do Duque de Brangança a Londres, Paris e Roma. (Folheto). 1935-1936	
Notre Dame de Lesbos	*Charles Etienne*
Nouveaux droits de l'homme et du citoyen	*(Tradução) Staline*
Mouvelle (Le) sainte alliance	*Emile Ludwig* +
Nouvelles petites pubères	*René Rensou*
Nova (A) Rússia	*Henri Barbusse*
Novas (As) mulheres	*Luiz Gimenez de Asúa*
Novísima arie de amar	*Koenhly*
Novo fado bexigueiro. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Novo fado brejeiro. (Folheto)	» » » »
Novo fado da desventura. (Folheto)	» » » »
Novo fado das infelizes. (Folheto)	» » » »
Novo fado das pragas. (Folheto)	» » » »
Novo fado do borrachão. (Folheto)	» » » »
Novo fado do desengano. (Folheto)	» » » »
Novo fado do negro melro. (Folheto)	» » » »
Novo fado do sepulcro. (Folheto)	» » » »
Novo fado dos cegos e mendigos. (Folheto)	» » » »
Novo fado dos engeitados. (Folheto)	» » » »
Novo fado dos padres jesuitas. (Folheto)	» » » »
Nu (Le) feminin	*L. Serrié*
Nuits (Les) de Monparnasse	*Rha-Sid*
Obra (A) intangivel do Dr. Oliveira Salazar	*Cunha Leal* +
Olinda e Alzira	*Bocage*
Oliveira Salazar, Filomeno da Câmara e o império colonial português	*Cunha Leal* +
Onze (Les) republiques sovietiques	*Marc Slonim*
Opérations (Les) militaires en Espagne	*Anónimo*
O que é a Rússia com os bolchevistas	*Schelesinger*
O que elas fazem	*Fernand Aubier*
O que os noivos não devem ignorar	*Alfredo Galis*
O que querem os anarquistas	*Henrique Malatesta*
Os que se não querem	*Joaquim Fernandes*
Orgãos (Os) sexuais	*Jaime Brazil*
Organização da democracia	*Grupo «Renovação Democrática»*
Orgia (A)	*José Más*
Orgia (A) latina	*Félicien Champssaur*
Orgia (A) romana	*Bagneux de Villeneuve*
Origens (As) do socialismo contemporâneo	*Paul Janet*
Origines (Les) de la religion	*Lucien Henry*
Our country	Ed. da *Soc. Coop. dos Trab. Estrangeiros na U. R. S. S.*
Ouvrières (Les) chrétiens sous le gouvernement de Franco	*F. G. M. Sablandikoetxea*
Padres (Os) e a questão sexual	*Jaime Brazil*
Padres incestuosos	*Armand Dubarry*
Páginas (As) proibidas das Mil e uma noites	*J. C. Mardus*
Paixão ardente	*René Emery*
Palavras cínicas	*Albino Forjaz de Sampaio*
Panfletos — A Ditadura militar	*Raul Proença*
Panorama de la culture espagnole	*Luis Parrot*
Pantalons de femmes. *(Catálogo)*	
Pão (O) dos pobres	*A. Contreras*
Para evitar a gravidez	*G. Mac Hardy*
Par la revolution, la paix	*Ramon Rolland*

TITULOS	AUTORES
Partido (El) bolchevique en accion	*Lenine*
Passaportes falsos	*Charles Plienier*
Paz?	*Ernesto Gaeser* +
Pecado (O) da Baroneza	*Victor Joseph*
Pecados da carne	*J. Merlin*
Pepita	*Cesar Juarros*
Perseverança no amor	*Eduard Green*
Perversões sexuais	*E. R. Bourdon*
Peuple d'Espagne	*Sofia Blasco*
Piadas brejeiras	Ed. da *Livraria Barateira*
Piadas frescas	» » » »
Piadas picantes	» » » »
Piadas salgadinhas	» » » »
Piadinhas de freires e frades	» » » »
Plus (Les) belles feures d'amoyr de Casanova	
Poesias. (Folheto)	*Francisco Pires Zinão*
Poesias criticas. (Folheto)	» » »
Poesias eróticas, burlescas e satíricas	*Bocage*
Por Santiago	*Carlos Parreira*
Portugal new	*Ralf Fox*
Pouchkine	*J. Ponterman*
Pour comprendre Marx	*Sidney Kook*
Pour connaitre le comunisme	*R. P. Delaye*
Pour la victoire	*Dolores Ibarruri*
Pour vaincre le fascisme	*G. Demitrov*
Preamar (O) do nazismo. (Folheto)	*Warren Irven*
Précis d'histoire de l'U. R. R. S.	*A. Chestakov*
Preço (O) da desonra	Ed. da *Livraria Barateira*
Preço (O) da virgindade	*Hildegarde*
Predestinados (Os)	*Alfredo Gallis*
Press (The)	*Wickham Steed*
Principes (Les) du Léninisme	*J. Staline*
Princípios (Os) humanitaristas	*Eugen Relgis*
Prisões, polícia e castigos	*Eduardo Carpenter*
Problema (El) sexual tratado por una mujer	*Hildegarde*
Probleme (Le) basque	*Dr. de Azpilikoeta*
Proclamação	*Viriato Pimentel*
Procreação racional	*Marie Carmichael Stopes*
Procreação (A) voluntária	*Jaime Brazil*
Proibido para menores	*Armando Brússolo*
Projecteurs sur l'Espagne	*Duchesse d'Athell*
Prostitucion	*Ema Guldman*
Prostituée	*Victor Margueritte*
Prostituição	Ed. da *Livraria Barateira*
Prostituição (A)	*Louis Corthis*
Prostitution	*Louis Roubaud*
Protecionismo e livre câmbio — Salário — Preço e lucro — Teoria sindical	*Karl Marx*
Proudhon	*Armand Cuvillier*
Psicologia do anarquista-socialista	*A. Hamon*
Psicologia (A) do militar profissional	» »
Quadras à minha guitarra	*Artur Arriegas*
Quand Hitler espionne la France	*Paul Allard*
Que é a propriedade	*J. F. Proudhon*
Quentes e bôas	*Victor Michaut*
Questão (A) sexual	*Júlio Guimarães*

TITULOS	AUTORES
Questions (Les) fundamentales du marxisme	*Jaime Brasil*
Que veut la jeunesse communiste?	*G. V. Plékhanov*
Quinze ans de combat	*Roman Rolland*
Quislings (Os)	*Walter Tschupjik*
Races	*Theodore Balk*
Rainhas d'alcova	*Amadeu Boyer*
Rampagodos	*Joaquim Ferrer*
Rebeldia (La) sexual de la juventud	*Hildegart*
Regresso	*José Freitas*
Renascimento (O) do amor	*J. Ingenieros*
Reportagem	*Gil Marques*
Révolte (La) des pendus	*B. Travern*
Révolution (La) de Lénine à la contre-révolution de Staline	*Groupe International Marxistes-Leninistes*
Revolutionnaires, ou allez-vous?	*Jeve et Jean Nocher*
Roma galante	*Suétonius*
Romance de uma cortezã	*Victorien du Saussay*
Romancero (Le) de la guerre civile	*Georges Pillement*
Roubei e matei porquê?	*Humberto Ribeiro*
Rússia (A) bolchevista	*Herlander Ribeiro*
Rússia (A) dos soviets	*J. Carlos Rates*
Russie (La) au travail	*Gravuras*
Sabbat (Les) des caresses	*Maurice Dekobra*
Sachristia (A)	*Alfredo Gallis*
Saloiadas!	Ed. da *Livraria Barateira*
Salvacion (La) roja	*Juan B. Berguá*
Sangue de Cristo	Ed. da *Livraria Barateira*
Santa Maria Magdalena	*René Emery*
S. Cipriano (O verdadeiro livro de)	Ed. da *Livraria Barateira*
Saphicas	*Alfredo Gallis*
Satyro (O)	*Charles Bedford*
Searchlight on Spain	*Duchesa of Atholl. M. P.*
Secrets d'alcove	*Marie Louise L. Talhaide*
Secrets (Les) de l'Afriqun noire	*Marcel Sauvage*
Seducida (La)	*Wenceslau Fernandez Florez*
Segrêdo (O) do capitão-mór de Oliveira	*Arsenio de Chatenay*
Senhor (O) Ganymedes	*Alfredo Gallis*
Sensualidade e amor	*Arsenio de Chatenay*
Sept mois et sept jours dans l'Espagne de Franco	*Inaki de Aberrigoyen*
Sexualidade viciosa	*Henri Basssier*
Sciogli la treccia Maria Madalena	*Guido de Verona*
Sindicalismo (O) e a próxima revolução	*A. Dufour*
Sindicalismo independente	*Emílio Costa*
Sindicatos operários e a revolução social	*Pierre Bernard*
Sinfonia da guerra	*António Ramos de Almeida*
Sirval	*M. Alvarez Portal*
Six ans a Moscou	*George Luciani*
Sobre as aguas do diluvio	*Cesar de Oliveira*
Socialismo e anarquismo	*A. Hamon*
Socialismo Konstruigas en Sovietio (Cu)	*E. Lanti K. M. Ivon*
Sociedade (A) moribunda e a anarquia	*João Grave*
Solta as tranças Maria Madalena	*Guido de Verona*
Sopeira (A) que intrujou o patrão	Ed. da *Livraria Barateira*
Sous la jupe	*G. Maudouce*
Staline	*Emile Ludwig*

TITULOS	AUTORES
Staline, o czar vermelho	*C. Windeckg*
Staline, o ditador vermelho	*Essad Bey*
Stérilisation (La) sexuelle	*Marc Lanval*
Sueños de lujuria	*J. Rodalá*
Suerte (La)	*Eduardo Zamacois*
Supremo abraço	*Victorien du Saussay*
Sur la literature et l'art	*Lenine e Staline*
Teatro infantil educativo. (Folheto)	
Technique au coup d'état	*G. Malaparte*
Tempos novos	*José Ingenieros*
III Conferencia Interamericana de Educacion	...
Teresa filósofa	*J. Lopes Barbadilho*
Tesoiro (O) do cantador	Ed. da *Livraria Barateira*
Tirania sexual y sexo tiranizado	*H. E. Coutts*
Ton corps est a toi	*Victor Margueritte*
Toute la vie sexuelle	*Paul Dorian*
Traficante (O) de brancas	Ed. da *Livraria Barateira*
Trafico (El) sangriento	*Anónimo*
Tragédia (La) de um espirito inquieto	»
Traité d'instruction sexuelle	*P. Aulair*
32 nuits charnelles	*Mademoiselle*
Trepadeira	*Marinhais da Silveira*
Treze (As) noites de Joana	*Henry Kock*
Triunfo (El) del plan quinquenal	*Staline*
Triunfo (O) socialista. Socialismo e sindicalisação	*Adolfo Morais*
Trud, granja colectiva	*P. Tatarova*
Tumulto	*Anónimo*
Ultraje ao pudor	*Pitigrilli*
Um abade em calças pardas. (Folheto)	*Jose A. Cardoso Jorge*
Um fiasco d'amor	Ed. de *Gaspar d'Almeida & C.ª*
Um galego que trocou uma mulher a uma burra leiteira. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Um Nicolau em bolandas	Ed. da *Livraria Barateira*
Um notário espanhol na Rússia	*Diego Hidalgo*
Uma mulher de temperamento	*Clément Vautel*
Uma mulher... mulher	*João de Minas*
Uma viagem de prazer	*H. Grelot*
Un article du «Times» sur l'Espagne	
Un mois chez les filles	*Maryse Choisy*
Un viaje de Boda	*Luis Araquistain*
Une française en U. R. S. S.	*Louise Bosserdet*
Une jeune mère dans les prisons de Franco	*Madame Pilar Fidalgo*
Une nuit au bois	*Paul Roue*
União (A) dos sexos	*Jaime Brasil*
Unico (El) e su propriedad	*Marx Stirner*
Union (L') de la nation française	*Maurice Thorez*
Union (L') des paysans de France	*Renaud Jean*
U. R. S. S. (L') et la paix	*Maxime Litoinov*
U. R. S. S. um novo mundo	*Caio Frado Júnior*
Vampiro lúbrico	*Alberto Freitas da Câmara*
Vegetarianos (Os) do Amor	*Pitigrilli*
Velha (A), a pulga e o piolho. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Veneno dos lábios	*René Emery*
Venenosa (A)	*S. Morais*
Venganza (La) de Gaitan	*Francisco Camba*

TITULOS	AUTORES
Vénus no claustro ou a religiosa em camisa	*Abade Prevost*
Verano (El) de los nembrillos	*Melchor de Almagre San Martin*
Verdade (A) sôbre a Rússia bolchevista	*Mauro Portugal*
Verdade (A) sôbre o Império Britânico	*Antonio Martins Barbosa*
Verdadeira história da vida e crimes de João Victor da Silva Brandão. (Folheto)	*José A. Cardoso Jorge*
Verdadeira história da vida e crimes de José do Telhado. (Folheto)	» » » »
Verdadeira história de José Portugal. (Folheto)	
Verdadeiro fado dos artistas. (Folheto)	» » » »
Verdadeiro (O) fado do Faz-me-rir. (Folheto)	
Verdadeiro (O) livro de S. Cipriano	*Anónimo*
Verdades amargas	*João Silva*
Vers l'union libre	*Alfred Naquet*
Vespeiros	*Jacinto F. Vasconcelos*
Vida de miseráveis	*Eduardo de Aguilar*
Vida e anedotas de Bocage	Ed. da *Emp. Literária Universal*
Vida (A) privada de Paulina Bonaparte	*A. Betana*
Vida sexual	*Henri Boissier*
Vida sexual	*Egas Moniz*
Vie de Lenine	*P. Kerjeutsey*
Vie (La) sexuelle	*Friéde Liebel*
Vierge (La) afranchie	*Pierre Bassac*
Vimaranis monumenta histórica	*Alfredo Pimenta*
Vingança (A) do operário	*Oliveira Braz Machado*
Vingt ans au service de l'U. R. S. S.	*Alexandre Barmine*
Vingt ans de luxure	*X...*
Violação e desfloração das donzelas	*W. Bouryer*
Virgem (A) de 18 quilates	*Pitigrili*
Virgens em flor	*René Emery*
Virgindade (A) ou a comédia dos sexos	*Alda de Azevedo*
Vitória (A) das potências do eixo evitará a miséria e a amargura na Europa. (Folheto)	*Holbeche Castelo Branco*
Viva a República	*Carlos Regueira Santos*
Vive l'union de la jeuneusse française	*Lénce Granjon*
Viuva e martir	Ed. da *Livraria Barateira*
Vivre libre-Gean Giono Precisions	
Voici l'U. R. S. S. Les salaires	*Bertrand Gautier*
Voluptuosidades imperiais	*Guy de Teramoud*
Voyage a Paris	*Anónimo*
Vrai (Le) visage de l'Espagne	*Pierre de Wattyne*
Vu en Espagne	*Margueritte Jouve*
Vu et entendu en U. R. S. S.	*J. Bouré*
Y el amor es otra cosa	*Filipe Sassone*
Yo he creido en Franco	*Francisco G. Ruiz*
Yvelise	*Guido de Verona*
Zé Caturra que trocou a mulher por uma burra	Ed. da *Livraria Barateira*

GERMAN ATTACKS ON ARMANDO CORTESÃO

PORTUGAL ATTACKED BY B.B.C. "DIARIO DE MANHA" Lisbon

(To France 25.10.41.)

The semi-official organ of the Portuguese Government "Diario de Manha" writes: "Radio London has appointed Armando Cortesão head of its Portuguese Propaganda Service. Nobody here forgets this man was an agent-general of our colonies. After conspiring against the regime, he was dismissed. He took flight and was sentenced by default in 1934. This shows that even in the case of a country with which England is not at war, the British radio does not engage people other than traitors to their own country".

(To Norway 25.10.41.)

The BBC has of late been violently attacking the Salazar Government. "Diario de Manha" sharply denounces London and states that such inciting propaganda has caused surprise in Portugal. The paper also states that the head of the Portuguese Propaganda Section of the BBC is significantly a Portuguese criminal expelled from his country.

PORTUGAL ATTACKED BY B.B.C. BRITISH EMBASSY'S STATEMENT

(To German Home Service. 28.10.41.)

The Portuguese Government paper "Diario de Manha" dealing last Friday with the BBC propaganda against the Salazar Government, paid particular attention to the part of the Portuguese emigre, Armando Cortesão, in this inciting propaganda. The British Embassy in Lisbon immediately made a statement and declared that the Portuguese emigre has not been employed by the BBC. This was a bad mistake, for on Saturday night the BBC itself admitted that Armando Cortesão has in fact been so employed - thus giving the lie to the British Embassy in Lisbon.

(To German Home Service. 28.10.41.)

Fight against the enemies of the continent. As is well-known, Portuguese energetic protests against inciting British propaganda led to an embarassing situation for the British radio. London was accused of making use of the notorious Portuguese emigrant, Cortesão. The British Legation in Lisbon emphatically denied but, simultaneously, the British radio from London admitted that Cortesão is employed in the British propaganda service. In this way London issued a denial of its own news. At the same time, British propaganda had to admit that, in broadcasts destined for Portugal, the greatest enemy of the Portuguese State is active. Cortesão tried three time already to overthrow the Salazar-Carmona Government by armed revolts. In doing so he made use of Portuguese freemasons and emigre circles.

(To Africa 27.10.41.)

"Diario de Manha" on BBC employing Portuguese emigrant De Cortesa. In Ger.13.00, the British Embassy announced that Cortesa was employed by the BBC; but on Saturday evening the BBC owned to employing him. In Z.Af.19.45, the British Embassy stated that Cortesa had nothing to do with policy or compilation of the Portuguese programmes, while the BBC said that Cortesa was still employed as a translator. (Otherwise item identical to D.Ger.13.00 27).

Des "Monitoring Service" der BBC

Diario da Manhã

Freday 24.10.41

Manhã

do pela Nação»

Ano XVI da Revolução Nacional

Lisboa — Numero 3768 — Ano XI

PROP. DA COMP.ª NACIONAL EDITORA
EDITOR: ANTONIO DA FONSECA

PREÇO — $40
ENDEREÇO TEL.: DAMANHA

MATINAIS

O sr. Armando Cortesão! Um mentor?!...

A propaganda e as relações entre os povos

UM dos motivos que mais contribuem para perturbar as relações amigaveis ou cordiais entre dois povos, é, sem duvida, o de uma propaganda mal orientada ou tendenciosa que denote, através dos vários meios noticiosos, a incompreensão dos interêsses primordiais duma Nação ou que aparente imiscuir-se na vida interna desta, fazendo-se eco das paixões dos inimigos do seu Regime e do seu Govêrno.

Mas o malefício pode tornar-se ainda maior, quando essa incompreensão se manifesta na propaganda organizada para explicar e elucidar os bons propósitos e os verdadeiros sentimentos dum povo, dum regime e dum Govêrno a outro povo, na própria lingua dêste e assim, nos artigos, palestras ou noticias tocantes ao interêsse do ultimo, se deturpam os factos ou se omitem referências a acontecimentos politicos que deveriam ser dados, caso se procedesse sem intenção reservada...

Não admira que os povos conscientes da sua boa fé no convivio internacional e ciosos da sua unidade moral e politica manifestem estranheza por tais processos e lealmente os denunciem para que não se crie nem adense a atmosfera de desconfiança e irritação susceptivel de alterar e perturbar as boas relações entre os povos.

Os Governos que pretendam fazer propaganda noutros países e aumentar, dessa maneira, a zona de simpatias a seu respeito, devem compenetrar-se de que de forma alguma podem desconhecer ou menosprezar os interêsses nacionais desses países nem lhes é conveniente susceptibilizá-los, servindo-se para os seus fins de ideas desacreditadas e corrompidas pela ineludível força dos factos ou de interpretes falhados e reconhecidos inimigos das instituições vigentes.

Conforme escreveu Salazar, no prefácio do seu segundo volume de «Discursos», ao referir-se ás crises dolorosas e graves que geraram a actual guerra:

«Vivemos um dêsses periodos de crise e infelizmente juntamos ás dificuldades existentes as que forjamos por nossa imperícia ou desregradas paixões. O pior de tudo, a meu ver, é ter-se deixado envenenar a atmosfera em que se poderia trabalhar com proveito.

Há males que não podemos impedir ou remediar inteiramente, mas outros são provocados pela incompreensão na forma de nos referirmos a outros povos que têm um amor próprio semelhante ao nosso e ainda pela imperícia na maneira de tratarmos regimes ou Governos que o serviço do bem comum e o tempo consagraram.

Há conveniências que não devem ser ultrapassadas como há respeitos que não podem ser infringidos, isto caso, de facto, se queira viver em bom convivio internacional.

E' ainda Salazar quem escreve:

«Uma inconcebivel liberdade de Imprensa em politica externa, uma inacreditável desenvoltura na maneira de tratar assuntos internacionais, nações e Governos está aqui e além, sob os olhos resignados de Governos a cavar abismos, a falsear os factos, a aventar interpretações, a desvirtuar as intenções mais correctas, a desvairar a opinião publica».

Evitemos os males apontados se queremos sinceramente manter relações amigaveis...

A propaganda do estrangeiro para Portugal

As considerações de ordem geral que acima esboçamos servem de introdução ao que queremos dizer a respeito da propaganda que do estrangeiro se destina a Portugal e que em alguns casos é, se não dirigida ou orientada, pelo menos interferida ou manipulada por conhecidos e declarados inimigos do Estado Novo.

Não seriamos sinceros, se não exteriorisassemos a nossa estranhesa perante certos factos tristemente verificados e confirmados, porque, se por um lado se pretende manter uma amizade e acôrdo baseados na compreensão dos interêsses mutuos, por outro parece que se procura abalar e destruir essa amizade limando, demolindo a confiança que é condição da sua existência e continuidade.

E' que certas omissões e a diferença de tom no referente aos principios do Estado Novo e á actividade dos seus governantes coincidem infelizmente com a noticia profusamente espalhada que a secção de propaganda destinada a Portugal na B. B. C., teria sido entregue a um exilado politico, inimigo do regime e contumaz no seu ódio a tudo o que diz respeito ao ressurgimento nacional.

Assim nos parece que se comete um grave êrro psicológico a-propósito do que se passa em Portugal e é realidade evidente e inequivoca.

Fazendo nossas as palavras de «O Século», escritas na nota de há dias, «Recidivas perigosas»:

«Nem todos os Governos estrangeiros estarão ao facto da serenidade com que os portugueses encaram os seus problemas vitais, como nem todos saberão que não há em Portugal paixão politica que consiga sobrepor-se ao interêsse nacional».

Quem procura a nossa simpatia e deseja manter relações amistosas com os portugueses não pode esquecer esta realidade que constitue uma das conquistas mais importantes da Revolução de 28 de Maio: — «Não há em Portugal paixão politica que consiga sobrepôr-se ao interêsse nacional».

Errados caminham, portanto, os que não viram ainda que entre o Govêrno do Estado Novo e o povo português existe de facto uma verdadeira unidade nacional ou os que acreditam e se deixam levar pelo canto da sereia e as habilidades funambulescas dos inveterados fautores de divisões e de partidos que por aí sobrevivem miseravelmente a uma época de degradação e de imerecido aviltamento da Nação portuguesa.

Quem é o sr. Armando Cortesão...

E tudo isto para concluir...

Sabemos que o conhecido inimigo do Estado Novo, sr. Armando Cortesão, pretendeu orientar e dirigir a secção portuguesa da B. B. C.

Sabemos que para conseguir os seus fins se serviu dos malabarismos habituais, intrigou, deturpou, mentiu e procurou fazer crer que a opinião publica portuguesa se encontrava divorciada dos seus Chefes e que, em Portugal, a aura dos velhos politicos crescera de tal maneira que bastava aparecer um, na barra, ao sol posto, para o País se derreter em entusiasmo e acorrer a buscá-lo pela mão ou trazê-lo ás cavalitas até ao Poder

Sabemos que êsse sr. Armando Cortesão intrigou e solicitou cartas de reforço para compôr o cenário da farsa que representava — vêde, êles até escrevem pedindo-me que elucide os dirigentes da B. B. C. a respeito do verdadeiro estado da opinião publica em Portugal.

Mas não é esta, com certeza, a opinião dos meios inglêses de Lisboa.

Ora quem é o sr. Armando Cortesão?

Para elucidar alguns e avivar a memória de outros, vamos reproduzir, embora sumáriamente, o ecurriculum vitae» dêste cavalheiro de industria política.

Como inimigo contumaz da nova situação criada pelo 28 de Maio, tomou parte nos motins e intentonas do 4 de Fevereiro, 20 de Junho e 26 de Agosto.

Perante a falência destas aventuras subversivas recorreu á acção clandestina mandando compôr numa tipografia, em Coimbra, um pasquim intitulado, por ironia, «A Verdade». Nele pretendeu demonstrar, entre outras frioleiras para desvairar imbecis, que estava errada a obra financeira de Salazar!

Por tudo isto, é julgado á revelia e condenado em 6 de Julho de 1934.

Enquanto esteve emigrado em Espanha, fez tudo quanto era possivel para desacreditar o seu País e não olhou a processos nem á qualidade dos cumplices para atear o fogo revolucionário.

Fez parte da nefanda Liga de Paris

Em França colaborou em vários jornais e manifestos subversivos. Com o coração entumescido de ódio procurou sempre desfalcar o crescente prestigio de Portugal.

Se não causou mais prejuizos á sua Pátria foi porque não pôde, visto para isso lhe sobejar o desejo de vingança a inveja torpe e o ódio que desvaira e cega...

Sob o ponto de vista moral, o sr. Armando Cortesão, além de conspirar contra um Estado de que era funcionário categorizado, foi acusado por alguns emigrados de gastar em proveito próprio importancias destinadas a fins revolucionários ou para socorrer as familias dos exilados.

Também como Agente Geral das Colónias, tentou conseguir a concessão por 30 anos do monopólio do algodão da Guiné para a organização duma Companhia de que eram beneficiários alguns dos consabidos amigos do povo, entre os quais figurava um enviado e um parente de Afonso Costa. Foi «A Voz», que, em 1929, denunciou esta negociata que lesava os interêsses do Estado.

Também os seus amigos politicos se queixam de que, quando o seu irmão Jaime Cortesão esteve exilado, após o 7 de Fevereiro, o cuidadoso Armando lhe abonou várias importancias em troca de recibos e que depois se apropriou dos bens daquele para saldar dividas, deixando-o assim sem recursos...

Isto basta para mostrar o estofo moral e politico do homem que pretendeu dirigir ou orientar por trás da cortina uma secção portuguesa da B. B. C. em Londres!

Parece-nos que não nos dá provas da sua consideração pelo nosso ressurgimento nacional ou então anda inteiramente equivocado quem pretenda impôr ao País em qualquer coisa que a êle se refira, individuos deste jaez que são refugo dum passado execrável odiosos inimigos do Estado Novo, apaixonados detractores dos seus governantes e até traidores á sua Pátria.

«Mocidade Portuguesa»

Uma palestra radiofónica do Comissário adjunto, dr. Soares Franco

Na primeira emissão da «M. P.», organizada ao microfone da Emissora Nacional, o Comissario Nacional, sr. doutor Marcelo Caetano, falou do «Inimigo numero 1 da Mocidade Portuguesa — a Incompreensão». Ontem, na terceira dessas emissões, o Comissario Nacional Adjunto e secretario-inspector da «M. P.» — sr. dr. José Soares Franco — falou acêrca do «Inimigo numero 2 — a Inacção», afirmando:

«No combate aos inimigos da «Mocidade Portuguesa» — inimigos fortes inimigos poderosos, inimigos renitentes a que aludia o Comissario Nacional ao inaugurar esta serie de emissões, convem ter presente o inimigo n.º 2 — a Inacção.

A «Mocidade Portuguesa» tem que viver para a acção e mais acção, com espirito juvenil, com energia e vontade, destruindo todas as barreiras que impeçam o trabalho construtivo, vencendo o desanimo que porventura se apodere de qualquer de nós, o pessimismo e o cansaço que provocam o desalento e levam ao cepticismo.

«E' sobretudo um problema de Fé, uma educação da propria vontade.

«Evidentemente que ao apelar para a Acção, não se pretende preconizar que o trabalho se faça, que a missão se cumpra desordenadamente, sem normas orientadoras, sem meditação — e sem a experiencia que é mestra da vida.

«Felizmente que sabemos o que queremos: os métodos a utilizar, o programa a cumprir.

Torna-se porem indispensavel que, senhor desses conhecimentos, quem tenha a responsabilidade de direcção, do alto da hierarquia ao mais baixo posto, saiba desprender-se de mesquinhas preocupações, de falsos respeitos pessoais.

«Fortemente ordenada, a «Mocidade Portuguesa» nem por isso quebra a iniciativa antes a propõe, deixando largo campo para agir a dirigentes e graduados.

«Mas para que a maquina dê pleno rendimento é forçoso vencer todas as peias burocraticas. Temos que combater em nós mesmos a tendencia para o uso abusivo dos papeis, que torna impossivel a presteza na acção, retarda o ritmo propulsor da vida nova que pretendemos, anula os melhores estimulos, quebra as energias mais fortes, entorpece as vontades mais animosas.

«Outro mal contra o qual temos de nos precaver é o habito de esperar dos outros aquilo que nós proprios podemos realizar.

«A oportunidade na acção é uma das suas mais seguras virtudes. Na arte de comandar, uma ordem dada a tempo vale mais do que a mais sábia determinação, do que o mais perfeito regulamento, assim como a execução decidida e rápida, mesmo menos perfeita, tem vantagens evidentes.

«E' uma regra para todos, chefes superiores ou subalternos, porque se para os ultimos a sua inobservancia pode ser negligência grave, para os primeiros, justamente porque o são, a responsabilidade ainda é maior.

«A toda a altura, se deve fazer um exame de consciência e verificar até que ponto a inacção possa ter prejudicado os altos objectivos da organização que servimos.

«Na «Mocidade Portuguesa» exige-se serviço e serviço exige pontualidade e cumprimento exacto de deveres.

«E' essa, afinal, a norma geral da organização tanto para dirigentes como para filiados.

«Aos outros, porque temos consciência certa da nossa missão e da limitação do nosso campo de actividade, pedimos apenas que não prejudiquem a acção que por imperativo da Nação e sob a orientação superior do Govêrno procuramos realizar; não nos compete julgá-los, embora custe a compreender que para a «M. P.» — obra nacional — se fechem compartimentos, se vedem determinados sectores.

«O combate á inacção dentro das

(CONTINUA NA 3.ª PAGINA)

Nota da Embaixada Britânica sôbre as emissões da B. B. C.

A Embaixada de S. M. Britânica em Lisboa pede a publicação do seguinte:

Tendo o «Diário da Manhã» de 24 do corrente, inserido um artigo dando publicidade á noticia, que alega ter sido profusamente espalhada, de que ao sr. dr. Armando Cortesão, teria sido entregue a secção de propaganda da B. B. C., destinada a Portugal, tal noticia, porém, é destituida de fundamento.

O sr. Cortesão nunca teve qualquer influencia na organização dos programas da B. B. C. para Portugal».

94

"RECORTE"
Rua da Madalena, 46, 2.º
LISBOA
Telefones: 23572 e 25518

Lembramos aos Ex.mos Assinantes a conveniência de irem arquivando, em albuns ou em dossiers, os recortes que forem recebendo, formando assim colecções de apreciável valor para recordação e consulta no futuro.

"Ecos do Alcôa"
ALCOBAÇA
(Reprint)
2 NOV. 1941

98

MATINAIS

O sr. Armando Cortesão! Um mentor?!...

A propaganda e as relações entre os povos

Um dos motivos que mais contribuem para perturbar as relações amigáveis ou cordiais entre dois povos, é, sem dúvida, o de uma propaganda mal orientada ou tendenciosa que denote, através dos vários meios noticiosos, a incompreensão dos interêsses primordiais duma Nação ou que aparente imiscuir-se na vida interna desta, fazendo-se eco das paixões dos inimigos do seu Regime e do seu Govêrno.

Mas o malefício pode tornar-se ainda maior, quando essa incompreensão se manifesta na propaganda organizada para explicar e elucidar os bons propósitos e os verdadeiros sentimentos dum povo, dum regime e dum Govêrno a outro povo, na própria lingua dêste e assim, nos artigos, palestras ou notícias tocantes ao interêsse do último, se deturpam os factos ou se omitem referências a acontecimentos políticos que deveriam ser dados, caso se procedesse sem intenção reservada...

Não admira que os povos conscientes da sua boa fé no convívio internacional e ciosos da sua unidade moral e política manifestem estranheza por tais processos e lealmente os denunciem para que não se crie nem adense a atmosfera de desconfiança e irritação susceptível de alterar e perturbar as boas relações entre os povos.

Os Governos que pretendam fazer propaganda noutros países e aumentar, dessa maneira, a zona de simpatias a seu respeito, devem compenetrar-se de que de forma alguma podem desconhecer ou menosprezar os interêsses nacionais dêsses países nem lhes é conveniente susceptibilizá-los, servindo-se para os seus fins de ideas desacreditadas e corrompidas pela inelutável fôrça dos factos ou de intérpretes falhados e reconhecidos inimigos das instituïções vigentes. Conforme escreveu Salazar, no prefácio do seu segundo volume de «Discursos», ao referir-se às crises dolorosas e graves que geraram a actual guerra:

«Vivemos um dêsses períodos de crise e infelizmente juntamos às dificuldades existentes as que forjamos por nossa imperícia ou desregradas paixões. O pior de tudo, a meu ver, é ter-se deixado envenenar a atmosfera em que se poderia trabalhar com proveito.»

Há males que não podemos impedir ou remediar inteiramente, mas outros são provocados pela incompreensão na forma de nos referirmos a outros povos que têm um amôr próprio semelhante ao nosso e ainda pela imperícia na maneira de tratarmos regimes ou Governos que o serviço do bem comum e o tempo consagraram. Há conveniências que não devem ser ultrapassadas como há respeitos que não podem ser infringidos, isto caso, de facto, se queira viver em bom convívio internacional.

É ainda Salazar quem escreve:

«Uma inconcebível liberdade de Imprensa em política externa, uma inacreditável desenvoltura na maneira de tratar assuntos internacionais, nações e Governos está aqui e além, sob os olhos resignados de Governos a cavar abismos, a falsear os factos, a aventar interpretações, a desvirtuar as intenções mais correctas, a desvairar a opinião pública».

Evitemos os males apontados se queremos sinceramente manter relações amigáveis...

A propaganda do estrangeiro para Portugal

As considerações de ordem geral que acima esboçamos servem de introdução ao que queremos dizer a respeito da propaganda que do estrangeiro se destina a Portugal e que em alguns casos é, se não dirigida ou orientada, pelo menos interferida ou manipulada por conhecidos e declarados inimigos do Estado Novo.

Não seríamos sinceros, se não exteriorisássemos a nossa estranheza perante certos factos tristemente verificados e confirmados, porque, se por um lado se pretende manter uma amizade e acôrdo baseados na compreensão dos interêsses mútuos, por outro parece que se procura abalar e destruir essa amizade limando, demolindo a confiança que é condição da sua existência e continuidade. É que certas omissões e a diferença de tom no referente aos princípios do Estado Novo e à actividade dos seus governantes coincidem infelizmente com a notícia profusamente espalhada que a secção de propaganda destinada a Portugal na B. B. C. teria sido entregue a um exilado político, inimigo do regime e contumaz no seu ódio a tudo o que diz respeito ao ressurgimento nacional.

Assim nos parece que se comete um grave êrro psicológico a-propósito do que se passa em Portugal e é realidade evidente e inequívoca.

Fazendo nossas as palavras de «O Século», escritas na nota de há dias, «Recidivas perigosas»:

«Nem todos os Governos estrangeiros estarão ao facto da serenidade com que os portugueses encaram os seus problemas vitais, como nem todos saberão que não há em Portugal paixão política que consiga sobrepôr-se ao interêsse nacional».

Quem procura a nossa simpatia e deseja manter relações amistosas com os portugueses não pode esquecer esta realidade que constitue uma das conquistas mais importantes da Revolução de 28 de Maio:—«Não há em Portugal paixão política que consiga sobrepôr-se ao interêsse nacional».

Errados caminham, portanto, os que não viram ainda que entre o Govêrno do Estado Novo e o povo português existe de facto uma verdadeira unidade nacional ou os que acreditam e se deixam levar pelo canto da sereia e as habilidades funambulescas dos inveterados fautores de divisões e de partidos que por aí sobrevivem miseràvelmente a uma época de degradação e de imerecido avilitamento da Nação portuguesa.

Quem é o sr. Armando Cortesão...

E tudo isto para concluir...

Sabemos que o conhecido inimigo do Estado Novo, sr. Armando Cortesão, pretendeu orientar e dirigir a secção portuguesa da B. B. C..

Sabemos que para conseguir os seus fins se serviu dos malabarismos habituais, intrigou, deturpou, mentiu e procurou fazer crer que a opinião pública portuguesa se encontrava divorciada dos seus Chefes e que, em Portugal, a aura dos velhos políticos crescera de tal maneira que bastava aparecer um, na barra, ao sol posto, para o País se derreter em entusiasmo e acorrer a buscá-lo pela mão ou trazê-lo às cavalitas até ao Poder.

Sabemos que êsse sr. Armando Cortesão intrigou e solicitou cartas de refôrço para compôr o cenário da farsa que representava — vêde, êles até escrevem pedindo-me que elucide os dirigentes da B. B. C. a respeito do verdadeiro estado da opinião pública em Portugal.

Mas não é esta, com certeza, a opinião dos meios ingleses de Lisboa.

Ora quem é o sr. Armando Cortesão? Para elucidar alguns e avivar a memória de outros, vamos reproduzir embora sumàriamente, o «curriculum vitae» dêste cavalheiro de indústria... política.

Como inimigo contumaz da nova situação criada pelo 28 de Maio, tomou parte nos motins e intentonas do 4 de Fevereiro, 20 de Junho e 26 de Agosto. Perante a falência destas aventuras subversivas recorreu à acção clandestina mandando compôr numa tipografia, em Coimbra, um pasquim intitulado, por ironia, «A Verdade». Nele pretendeu demonstrar, entre outras frioleiras para desvairar imbecis, que estava errada a obra financeira de Salazar!

Por tudo isto, é julgado à revelia e condenado em 6 de Julho de 1934.

Enquanto esteve emigrado em Espanha, fez tudo quanto era possível para desacreditar o seu País e não olhou a processos nem à qualidade dos cúmplices para atear o fôgo revolucionário.

Fez parte da nefanda Liga de Paris. Em França colaborou em vários jornais e manifestos subversivos. Com o coração entumescido de ódio procurou sempre desfalcar o crescente prestigio de Portugal.

Se não causou mais prejuizos à sua Pátria foi porque não pôde, visto para isso lhe sobejar o desejo de vingança a inveja torpe e o ódio que desvaira e cega.

Sob o ponto de vista moral, o sr. Armando Cortesão, além de conspirar contra um Estado de que era funcionário categorizado, foi acusado por alguns emigrados de gastar em proveito próprio importâncias destinadas a fins revolucionários ou para socorrer as famílias dos exilados.

Também como Agente Geral das Colónias, tentou conseguir a concessão por 30 anos do monopólio do algodão da Guiné para a organização duma Companhia de que eram beneficiários alguns dos consabidos amigos do povo, entre os quais figurava um enviado e um parente de Afonso Costa. Foi «A Voz», que, em 1929, denunciou esta negociata que lesava os interêsses do Estado. Também os seus amigos políticos se queixam de que, quando o seu irmão Jaime Cortesão esteve exilado, após o 7 de Fevereiro, o cuidadoso Armando lhe abonou várias importâncias em troca de recibos e que depois se apropriou dos bens daquele para saldar dívidas, deixando-o assim sem recursos... Isto basta para mostrar o estôfo moral e político do homem que pretendeu dirigir ou orientar por trás da cortina uma secção portuguesa da B. B. C. em Londres!

Parece-nos que não nos dá provas da sua consideração pelo nosso ressurgimento nacional ou então anda inteiramente equivocado quem pretenda impôr ao País em qualquer coisa que a êle se refira, indivíduos dêste jaez que são refugo dum passado execrável odiosos inimigos do Estado Novo, apaixonados detractores dos seus governantes e até traidores à sua Pátria.

(Do «Diário da Manhã»)

"RECORTE"

Rua da Madalena, 46, 2.º
LISBOA
Telefones: 23572 e 25518

Lembramos aos Ex.mos Assinantes a conveniência de irem arquivando, em albuns ou em dossiers, os recortes que forem recebendo, formando assim colecções de apreciável valor para recordação e consulta no futuro.

"Portugal"
LEIRIA

2 NOV. 1941

Bravo!

"Diário da Manhã"!!

Na sua muito apreciada secção «Matinais» publicou no dia 24 de Outubro último, o nosso jornal-chefe «Diário da Manhã», uma notícia sôbre a acção que exerce na B. B. C. o impenitente inimigo da Revolução Nacional, Armando Cortezão, tam tristemente celebrado pelas suas odientas e tendenciosas campanhas contra Portugal restaurado, acompanhando a notícia com algumas notas biográficas que muito contundem a honorabilidade pessoal daquele corifeu reviralhista.

«Diário da Manhã» acompanhou aquela notícia com uma acerba crítica às atitudes que a B. B. C. vém assumindo para com o nosso país, concluindo por dizer que as amistosas relações entre os povos só são possíveis quando êles não se intrometem mùtuamente na política interna. Os conselhos dados por «Diário da Manhã» são inteiramente sensatos e oportunos e e por isso os aplaudimos muito cordealmente.

Mas o caso é que, no dia imediato, 25 de Outubro, todos os jornais diários portugueses inseriram um comunicado, em que se afirma ser destituído de todo o fundamento a asserção de que o tal Armando Cortezão chefiava a secção portuguesa da B. B. C. «Diário da Manhã» ripostou afirmando nada ter que alterar ao juizo que fizera do conhecido inimigo da Ordem Portuguesa que por felicidade nos rege e, congratulando-se pelo facto de Armando Cortezão não ter conseguido alçapramar-se ao lugar de chefe da secção portuguesa da B. B. C. não deixa de notar, como nós próprios o fazemos igualmente, certas atitudes daquela estação emissora, que o brilhante «Diário da Manhã» classifica de inexplicáveis para com Portugal.

E, no dia 26, «Diário da Manhã» acrescenta que a B. B. C. na sua emissão de 25, às 21 horas, *declarou categòricamente que Armando Cortezão estava ao seu serviço, exercendo as funções de tradutor.*

TABELA DE PR...S

Dossiers em boa cartol... arquivo de recortes, executados e... nantes desta Organização.

PREÇOS EM VIGOR ... 941

Preço de 1 dossier . 1$80
» » 5 dossiers 8$00
» » 10 dossiers 15$00
» » 25 dossiers 35$00

Para fora de Lisboa acresce... prémio de cobrança. Embalagem grátis.

—Junho 1941

MATINAIS

Uma carta do sr. Armando Cortesão!

O sr. Armando Cortesão, ideólogo do demo-liberalismo, conspícuo reviralhista e pertinaz conspirador, enviou ao Direcor do «Diário da Manhã» uma carta negando as referências que lhe fizemos ás suas andanças revolucionárias, quando se preparava para conquistar a posição de Director da Secção Portuguesa da B. B. C., ou, pelo menos, armar em seu mentor por trás da cortina e com o assentimento de alguns bacocos que o admiram e lhe gabam o talento.

Essa missiva diz o seguinte:

—«*Não tive interferência de qualquer espécie, de perto ou de longe, nos motins e intentonas de 4 de Fevereiro, 20 de Junho e 26 de Agosto nem noutros quaisquer. Nunca fiz parte da «Liga de Paris» nem de qualquer outra Liga. Nunca colaborei «em França em vários jornais e manifestos subversivos». Outros pontos poderia refutar mas não vale a pena. Isto quanto á parte política do ataque, a que ligo importancia apenas muito relativa.*

Importancia máxima, porém, tem o ataque á minha honra.

1.º Não há a mais ligeira sombra de verdade no que o «Diário da Manhã» me atribue, ou de que se fez eco, «de gastar em proveito próprio importancias destinadas a fins revolucionários ou para socorrer as familias dos exilados». Nunca fui depositário ou tive interferência de espécie alguma em qualquer importancia para fins revolucionários ou socorrer exilados ou suas familias. Nunca, absolutamente nunca, num vintém só que fôsse.

2.º Nunca, absolutamente nunca, meu irmão Jaime me deu ou eu lhe pedi recibo algum por qualquer importancia que lhe tivesse enviado, quando êle estava no exílio e eu ainda em Portugal ou em qualquer outra altura. E' absolutamente falso o que imprime o «Diário da Manhã» de eu me ter apropriado dos bens do meu irmão para saldar dívidas, deixando-o assim sem recursos...». Muito antes pelo contrário».

Nada do que se escreveu nas aludidas «Matinais».—«O sr. Armando Cortesão um mentor?!» foi inventado por nós ou escrito de animo leve.

Não temos por hábito atacar qualquer pessoa, quando as circunstancias políticas o exigem, sem fortes razões. Também não atacamos sem possuir inequívocos e irrespondíveis argumentos.

Ora, quando entendemos que tinha chegado a altura de desmascarar o sr. Cortesão e de desfazer as suas arteirices e ridículas maquiavelices, tratamos de solicitar as informações mais adequadas, para lhe esboçar a biografia, junto do organismo que melhor e mais seguramente as podia dar e creia-se que nos limitamos a um ligeiro perfil, porque o material fornecido chegava até para... baixo relêvo.

Apoiado ainda em novos elementos acrescentamos:

1.—O sr. Armando Cortesão tem uma larga e perfuntória folha de serviço como conspirador contra o Estado Novo. Pertenceu ao primeiro grupo revolucionário que foi organizado pelo sr. Jaime de Morais; serviu de agente de ligação e reuniu em sua casa, várias vezes, os empreiteiros e capatazes das revoluções.

¿Não blasonava êle, em Madrid, nas famosas tertulias do Café Kutz onde se conspirava contra as «ditaduras», de ser um revolucionário da primeira hora, um precursor e um germen das frentes populares?

Se não tivesse sido assim, então por que motivo fugiu êle de Portugal e porque é que ainda não regressou á terra acolhedora e boa, onde vivem em completa segurança e protegidos pelas leis do Estado Novo muitos dos seus antigos correligionários?

E' que, na verdade, estes nunca tentaram nem fizeram o que êle ousou e fez...

2.—O sr. Armando Cortesão em Madrid recebia o melhor de 500 pesetas por mês provenientes do famoso e nunca assaz recordado «Empréstimo Echevarrieta», quando os seus camaradas do exílio tinham de contentar-se com as 250 pesetas que o ex-tenente Pio, presidente do «Comité» de Socorros, lhes abonava.

3.—Era então em Madrid que o sr. Armando Cortesão perorava o seu democratismo de 18 quilates na Loja maçónica da Rua del Carmen perante a bacoquice burguesa dos cavaleiros da Rosa Cruz e irm.:. do grau 33, muitos dos quais foram depois fuzilados pelos bolchevistas espanhois como... inimigos de classe!

Foi nessa Loja dos veneráveis Filhos da Viuva que o sr. Armando Cortesão entabulou relações com o sr. Juan Serradell, antigo director de «Informaciones» e presidente do «Comité de Ayuda a los Emigrados Portugueses»...

Das veneráveis mãos dêsse sr. Serradell recebeu o vesânico conspirador 18.000 pesetas para socôrro dos emigrados que se encontravam na Corunha.

Mas os emigrados a quem se destinavam êsses dinheiros é que nunca o viram; e o sr. Armando Cortesão partiu depois para Paris...

4.—O sr. Armando Cortesão, em Madrid, prestou informações ao jornal «Claridad» de que era director Luiz Araquistan e que publicava com frequência diatribes contra o Govêrno português.

Foi também colaborador em Paris

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Matinais

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAG.)

do Diabo, de José Domingos dos Santos, «Unir», órgão duma espécie de frente comum dos conspiradores portugueses, onde se atacava, sem qualquer sombra de probidade intelectual ou jornalística, o Govêrno do Estado Novo e o seu Chefe do Govêrno, se negava a obra financeira e se espalhavam informações alarmantes e tendenciosas acêrca das nossas colónias...

5. — Voltamos a afirmar o que se disse na Matinal «Quem é o sr. Armando Cortesão» que êste, quando o seu irmão se encontrava no exílio, lhe abonou várias quantias que se apressou a cobrar sôbre os bens duma herança que lhes era comum. Voltamos a afirmar que os seus correligionários o acusam da forma como se fez pagar, deixando o irmão em precárias circunstancias.

Entende o sr. Cortesão que procedeu correctamente e dentro das considerações de ordem moral devidas a um irmão.

O que voltamos a afirmar é que há correligionários, portanto insuspeitos, que o não julgam assim e, pelo contrário, o censuram ásperamente...

Enfim, resumindo: — O sr. Armando Cortesão é um inimigo do Estado Novo, foi activo conspirador e mais não fez porque não póde e as circunstancias o não permitiram, mas vontade nunca lhe faltou para dar largas ao ódio que lhe entumece o coração e ao espírito do mal que o desvaira.

E ficamos por aqui, porque a biografia moral e política do sr. Armando Cortesão é assaz conhecida, naturalmente pelos defensores do Estado Novo e... pelos que foram seus correligionários...

Article in the "Diário da Manhã" 24th December 1941

M A T I N A I S.

UMA CARTA DO SNR. ARMANDO CORTESÃO

O Snr. Armando Cortesão, ideólogo do demo-liberalismo, conspicuo reviralhista e pertinaz conspirador, enviou ao Diretor do "Diário da Manhã" uma carta negando as referências que lhe fizemos às suas andanças revolcionárias, quando se preparava para conquistar a posição de Director da Secção Portuguesa da B.B.C., ou, pelo menos, armar em seu mentor por trás da cortina e com o assentimento de alguns bacocos que o admiram e lhe gabam o talento.

Essa missiva diz o seguinte:

"Não tive interferência de qualquer espécie, de perto ou de longe, nos motins e intentonas de 4 de Fevereiro, 20 de Junho e 26 de Agôsto nem noutros quaisquer. Nunca fiz parte da "Liga de Paris" etc. etc ..... (till the paragraph ending). É absolutamente falso o que imprime o "Diário da Manhã" de eu me ter apropriado dos bens do meu irmão para saldar dividas, deixando-o assim sem recursos..." Muito antes pelo contrario.

Nada do que se escreveu nas aludidas "Matinais" - "O Snr. Armando Cortesão um mentor?" foi inventado por nós ou escrito de animo leve.

Não temos por hábito atacar qualquer pessoa, quando as circunstancias políticas o exigem, sem fortes razões. Também não atacamos sem possuir inequivocos e irrespondiveis argumentos.

Ora, quando entendemos que tinha chegado a altura de desmascarar o Snr. Cortesão e de desfazer as suas arteirices e ridiculas maquiavelices tratamos de solicitar as informações mais adequadas, para lhe esboçar a biografia, junto do organismo que melhor e mais seguramente as podia dar e creia-se que nos limitamos a um ligeiro perfil, porque o material fornecido chegava até para... baixo relêvo. Apoiado ainda em novos elementos acrescentamos:

1) O Snr. Armando Cortesão tem uma larga e perfuntória folha de serviço como conspirador contra o Estado Novo. Pertenceu ao primeiro grupo revolucionário que foi organizado pelo Snr. Jaime de Morais; serviu de agente de ligação e reuniu em sua casa várias vezes, os empreiteiros e capatazes das revoluções.

Não blasonava êle, em Madrid nas famosas tertulias do Café Kutz, onde se conspirava contra as "ditaduras" de ser um revolucionário da primeira hora, um precursor e um germen das frentes populares?"

Se não tivesse sido assim, então por que motivo fugiu êle de Portugal e porque é que ainda não regressou a terra acolhedora e boa, onde vivem em completa segurança e protegidos pelas leis do Estado Novo muitos dos seus antigos correligionários?

É que, na verdade, êstes nunca tentaram nem fizeram o que êle ousou e fez...

2) O Snr. Armando Cortesão em Madrid recebia o melhor de 500 pesetas por mês provenientes do famoso e nunca assaz recordado "Empréstimo Echevarrieta", quando os seus camaradas do exilio tinham de contentar-se com as 250 pesetas que o ex-tenente Pio, presidente do "Comité" de Socorros lhes abonava.

3) Era então em Madrid que o Snr. Armando Cortesão perorava o seu democratismo de 18 quilates na Loja maçónica da Rua del Carmen perante a bacoquice burguesa dos cavaleiros da Rosa Cruz e irmão do grau 33, muitos dos quais foram depois fuzilados pelos bolchevistas espanhois como... inimigos de classe!

Foi nessa Loja dos veneráveis Filhos da Viuva que o Snr. Armando Cortesão entabulou relações com o Snr. Juan Serradell, antigo director de "Informaciones" e presidente do "Comité de Ayuda a los Emigrados Portugueses"..

Das veneráveis mãos dêsse Snr. Serradell recebeu o vesanico conspirador 18.000 pesetas para socôrro dos emigrados que se encontravam na Corunha.

Mas os emigrados a quem se destinavam êsses dinheiros é que nunca o viram; e o Snr. Armando Cortesão partiu depois para Paris...

4) O Snr. Armando Cortesão, em Madrid, prestou informações ao jornal "Claridad" de que era director Luiz Araquistan e que publicava com ~~XXXXXXX~~ freqüência diatribes contra o Govêrno português.

93

(continua na 2ª pagina)

Foi também colaborador em Paris do pasquim de José Domingos dos Santos "Unir" orgão duma espécie de frente comum dos conspiradores portugueses, onde se atacava, sem qualquer sombra de probidade intelectual ou jornalística, o Govêrno do Estado Novo e o seu Chefe do Govêrno, se negava a obra financeira e se espalhavam informações alarmantes e tendenciosas acêrca das nossas colónias...

5) Voltamos a afirmar o que se disse na Matinal "Quem é o Snr. Armando Cortesão" que êste, quando o seu irmão se encontrava no exílio lhe abonou várias quantias que se apressou a cobrar sôbre os bens duma herança que lhes era comum. Voltamos a afirmar que os seus correligionários o acusam da forma como se fez pagar, deixando o irmão em precárias circunstancias.

Entende o Snr. Cortesão que procedeu correctamente e dentro das considerações de ordem moral devidas a um irmão.

O que voltamos a afirmar é que há correligionários, portanto insuspeitos, que o não julgam assim e, pelo contrário, o censuram asperamente...

Enfim, resumindo: - O Snr. Armando Cortesão é um inimigo do Estado Novo, foi activo conspirador e mais não fez porque não pode e as circunstancias o não permitiram, mas vontade nunca lhe faltou para dar largas ao ódio que lhe entumece o coração e ao espírito do mal que o desvaira.

E ficamos por aqui, porque a biografia moral e política do Snr. Armando Cortesão é assaz conhecida, naturalmente pelos defensores do Estado Novo e... pelos que foram seus correligionários.

93

18.4.42.

OUTRA CARTA DO SNR. ARMANDO CORTESÃO.

O Snr. Armando Cortesão em segunda carta dirigida ao Director do "Diário da Manhã, nega simplesmente algumas das acusações que, nas "Matinais" do dia 24 de Dezembro ultimo, fizemos a respeito da sua actividaxe politica e conspiratória.

Segue a prosa do Snr. Armando Cortesão.

"Diz o 'Diário da Manhã' "Das veneraveis mãos dêsse Snr Serradell etc.,

".....mas não vale a pêna."

Como comentário a estas negativas exaradas assim sem mais aquelas e, porque não estamos para perder tempo (visto termos conseguido o que pretendiamos) voltamos a insistir no que já escrevemos nas "Matinais" acima referidas.

Nada do que nelas se publicou foi por nós inventado ou escrito de animo leve.

Todos os elementos acêrca do "curriculum vitae" do Snr Armando Cortesão foram obtidos em organismo de reconhecida idoneidade para no-los fornecer.

E com isto ponto final.

Post-scriptum

O Director do "Diário da Manhã" recebem aomda uma terceira carta do notório inimigo do Estado Novo, Snr. Armando Cortesão.

Esta carta constitue uma prova irrefutável da mentalidade e processos p politicos do seu autor. É um depoimento...

Para amostra transcrevemos a seguinte diatribe contra a orientação do jornal que o Snr. Armando Cortesão diz ser:

"....falho de senso politico, pois se o não fosse de-certo aproveitaria"etc., "...anti-republicanos-espanhois" etc.

Destaquemos: - anti-russas e anti-republicanos-espanhois.

Quanto a ameaças rimo-nos: a medos que os não tenha o Snr. Armando Cortesão, porque a nossa consciência está tranquila.

Quanto a "certas attitudes pro-nazis e pro-fascistas", várias vezes temos afirmado a nossa inteira e viva fidelidade á doutrina do Estado Novo.

E não só áfirmado, pois a nossa acção não é iluminada por outra luz nem no nosso coração existe outro amor a uma Pária que não seja a portuguesa.

Quanto ás atitudes anti-russa e anti-republicanos espanhois, isso todos o sabem: somos contra o bolchevismo e coerentement combatêmo-lo em Espanha....

85

MORE FREEDOM IN PORTUGAL

"SPECIAL REGIME" ENDED

LISBON, Oct. 14.—Dr. Salazar, the Portuguese Prime Minister, has reimposed censorship on the Portuguese Press only two days after the announcement of its removal in anticipation of the General Elections on November 18. From to-morrow one copy of every newspaper must be handed to the Ministry of Justice, and another to the Public Prosecutor, one hour before publication, "in case any sanction should have to be applied."

Pre-election concessions were, however, supplemented yesterday by an announcement which means in effect that the secret political police will no longer be able to take the law into their own hands and short-circuit the ordinary courts. The secret police have thus been robbed of their extra-legal powers. Furthermore, a political amnesty has been granted.

Dr. Salazar decreed the suppression of the "special régime" for the punishment of political offences. In future, such offences will be judged solely in so far as they constitute common crimes, and those accused of them will enjoy all the legal rights of other accused persons.

The Opposition now has to organize itself on normal party lines, and to prepare a positive political platform, and this it has no time to do before November 18, the date announced for the general election. It is demanding a six months' postponement and the reopening of the electoral register, in which only supporters of the régime have hitherto bothered to have their names recorded. If Dr. Salazar makes this concession, he is very likely to be defeated at the polls. If he does not, the election is likely to be unsatisfactory.

The past week has certainly revealed the insignificance of the União Nacional, the single party that Dr. Salazar formed as a kind of official link between the Government and the people. This body still enjoys all the advantages of State support—the national broadcasting system, the Government propaganda department, and the organization of the civil governors are at its exclusive disposal—but the election meetings held by it arouse little enthusiasm outside the immediate official circle.

Dr. Salazar to-night suppressed Lisbon's most widely-read newspaper, the *Diario Popular*, after its director had refused to publish an editorial in favour of the régime. The paper incurred the Government's disapproval on Friday by announcing that 100,000 people in Lisbon had signed a "free elections" demand instigated by opposition elements. Asked by the Government to disclose the source of its information, the paper declined to do so, but agreed to publish a note stating that the figure of 100,000 might have been exaggerated.—*Reuter.*

LISBON, Oct. 14.—The Portuguese Minister of the Interior, Colonel Julio Moniz, speaking at Braga to-day, denied recent rumours that military garrisons are under arrest and said that the nation is quiet.—*Exchange.*

36

Elections in Portugal

According to reports from Lisbon, Dr. Salazar has decreed a political amnesty and a curbing of the powers of the political police in preparation for the general election to be held on November 18. This advance towards liberalizing the single-party Government has undoubtedly been influenced by the overthrow of totalitarian systems elsewhere in Europe; but it would be unfair to confound this authoritarian régime with the crude dictatorships of Hitler and Mussolini. It has been entirely unaggressive, and Portugal under her benevolent despotism has played an honourable part in the comity of nations. It has given the country nearly twenty years of orderly administration and moderate prosperity; and although individual liberties have been constrained or held on an arbitrary tenure, it is questionable whether the substance of freedom was better secured under the corrupt and inefficient Parliamentary system that it superseded. Great Britain, as the oldest foreign friend of Portugal, has reason to be grateful to Dr. Salazar's Government for their fidelity to the ancient alliance, and especially because, while keeping their country at peace, they permitted the use of the Azores as one of the principal bases from which the battle of the Atlantic was won.

Authoritarian systems, however, are tolerable only as temporary measures in an emergency, preparing the way for something more liberal; and the test of them comes when the transition begins. Dr. Salazar's approach to the transition is cautious. With a view to the elections he has authorized the formation of political parties, but only if they profess policies "within the present régime." How this proviso will be interpreted and enforced remains to be seen. Relaxation of the Press censorship which, according to latest reports, has been reimposed after two days, had already ranged against the Government practically every newspaper except the organ of its hitherto totalitarian party, the União Nacional. On the other hand the opposition still lacks leadership; and its policy amounts to little more than a demand for a postponement of the elections until its organization is more advanced. There is some force in this plea; and Dr. Salazar may be led to calculate nicely whether to bid for a victory at a later date, which, if achieved, might confirm his position the more effectively because gained over fully mobilized adversaries, or to snatch a probably easier but more equivocal success. He still has in his favour the factor that has so markedly differentiated him from more ephemeral dictators and helped him to surmount previous crises. He is recognized in Portugal to be without personal ambition, and to be always ready to return to his professorial chair at Coimbra should his country decide that it can dispense with his services.

24.X.45

PORTUGUESE DEMOCRACY

TO THE EDITOR OF THE TIMES

Sir,—Under the heading "Elections in Portugal," your second leading article of October 15 refers to "the corrupt and inefficient Parliamentary system that it [Dr. Salazar's authoritarian régime and benevolent despotism] superseded."

Every Portuguese democrat recognizes the inefficiency of the former Parliamentary system and none is prepared to return to it. I am sure they have well learned the hard lesson of the last 20 years of dictatorship and totalitarianism. But that inefficiency—as I have shown elsewhere—was due mainly to the difficulties created by the reactionary enemies which the republic had to face during its 16 years of existence. The word "corrupt" has a rather wide range of meanings, and I do not think that anybody in fairness can apply it to the Parliament of the Portuguese Republic from 1910 to 1926. Yours faithfully,

ARMANDO CORTESÃO.

48, Stamford Court, W.6, Oct. 21.

34

15th October 1945

To the Editor of The Times,
London, E.C.4.

Sir,

Under the heading "Elections in Portugal" your second leader of today refers to "the corrupt and inefficient Parliamentary system that it (Dr.Salazar's authoritarian regime and benevolent despotism) superseded".

Every Portuguese democrat recognizes the inefficiency of the former Parliamentary system and none is prepared to return to it. I am sure they have well learned the hard lesson of the last twenty years of dictatorship and totalitarianism. But that inefficiency - as I have shown elsewhere - was due mainly to the difficulties created by the reactionary enemies which the Republic had to face during its sixteen years of existence. The word "corrupt" has a rather wide range of meanings, and I do not think that anybody in fairness can apply it to the Parliament of the Portuguese Republic from 1910 to 1926. I challenge anybody to prove or demonstrate that that Parliament was more corrupt than any other Parliament in the world; and I assert, and am ready to prove and demonstrate, that if there was any corruption it cannot be compared with the corruption that exists under Dr.Salazar's regime.

Yours faithfully,

(Armando Cortesão)

49

DIÁRIO DA MANHÃ

O CONSELHO SECRETO de Resistência Portuguesa

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAGINA)

vinham procurar-me ao hotel, ora um estudante, ora um senhor de idade, ora ainda um casal, para me induzirem, com as precauções do costume, a duas ou três mudanças de carro ou comboio antes de chegar ao destino,, em qualquer casa misteriosa, numa vivenda sumptuosa nos arredores da capital, no gabinete de estudo dum universitário, ou num modesto alojamento de operário de tal ou tal suburbio.

Sob a bandeira dos países do «Eixo»

Ali, o dono da casa ou um dos seus convidados falava-me do outro Portugal: — o dos campos de concentração, o dos trabalhadores rurais e das cidades que não ganham senão seis ou sete escudos por dia, ou seja metade do que custa um copo de vinho do Pôrto no «bar» do meu hotel; o do estado sanitário lamentável da população; o da Legião Portuguesa, ou, por outras palavras, dos S. S. portugueses; o dos livros apreendidos, e dos intelectuais exilados ou forçados ao silêncio, e, sobretudo, do descontentamento surdo, mas que aumenta, contra o Chefe do Govêrno e seus colaboradores.

Por meu lado, opunha-lhes a conclusão das minhas entrevistas dos dias anteriores: — Salazar é insubstituível, mesmo na opinião dos seus adversários. As críticas, só me parecem estéreis, tanto mais que até aqui ainda não ouvi falar de nenhum programa de acção, nem mesmo de oposição organizada...

— NÓS VIVEMOS SOB REGIME DITATORIAL, EM QUE A OPOSIÇÃO NÃO TEM O DIREITO DE EXPRIMIR LIVREMENTE A SUA VONTADE — ASSIM ME RESPONDERAM. TODAVIA, AO CONTRÁRIO DO QUE ALGUNS LHE PUDERAM DIZER, A OPOSIÇÃO EXISTE, E TEM UM PROGRAMA DE ACTIVIDADE, E UMA ORGANIZAÇÃO. ESTA DIRIGE-A UM CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA, QUE SABE QUE O SENHOR ESTÁ EM LISBOA E SÓ DESEJARIA PÔR-SE EM CONTACTO CONSIGO.

Era isto mais do que um convite. Seguiu-se, depois, uma série de encontros, dos quais um dos seus encantos foi justamente o intercalarem-se entre as audiências com Ministros, as visitas ao centro da propaganda nacional, ou as visitas oficiais a alguma maternidade ou cidade modêlo.

— O CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA PORTUGUESA É CONSTITUÍDO POR DOZE MEMBROS, DOS QUAIS APENAS 3 SÃO COMUNISTAS OU COMUNIZANTES. OS OUTROS SÃO LIBERAIS E REPUBLICANOS, ALGUNS UNIVERSITÁRIOS E ATÉ DOIS MILITARES.

TEMOS UM PROGRAMA ESTABELECIDO MINUCIOSAMENTE, QUE PREVÊ O RESTABELECIMENTO DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS, A LIBERTAÇÃO DOS PRESOS POLÍTICOS, A ABOLIÇÃO DA CENSURA, A REFORMA DA NOSSA POLÍTICA COLONIAL, ETC.

O Buchenwald português

OS ANGLO-SAXÕES, QUE ESQUECERAM A GERMANOFILIA DE SALAZAR, DE 1940 A 1942, É VERDADE QUE HOJE O APOIAM. MAS É ISSO RAZÃO PARA QUE O POVO PORTUGUÊS SE RESIGNE A VIVER ETERNAMENTE SOB UM REGIME FASCISTA?

O SENHOR VEIO A LISBOA PARA SE TORNAR CIENTE DA SITUAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E ECONÓMICA DE PORTUGAL. OS NOSSOS AMIGOS LEVARAM-NO A VISITAR UM DOS MAIORES HOSPITAIS DA CAPITAL. FICOU ASSOMBRADO COM A SUA PENÚRIA E FALTA DE HIGIENE, ISTO ENQUANTO O NOSSO GOVÊRNO MANDA CONSTRUIR PARQUES E AUTO-ESTRADAS DE LUXO, PARA PROPAGANDA.

NAS PAREDES DOS NOSSOS BAIRROS OPERÁRIOS, TAMBÉM VIU ESCRITO:

ABAIXO O TARRAFAL, *INSCRIÇÃO À MISTURA COM AS OFICIAIS DE* VIVA SALAZAR. *O TARRAFAL É CÁ O BUCHENWALD, O CAMPO QUE RESTA DOS OUTROS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO, NUMEROSOS ATÉ 1942, E QUE TIVERAM DE SER EXTINTOS À MEDIDA QUE TRIUNFAVAM AS DEMOCRACIAS.*

TERÍAMOS GRANDE PRAZER EM LHE DAR A LISTA DOS INTELECTUAIS QUE HÁ LONGOS ANOS ALI ESTÃO SEQUESTRADOS, SEM NUNCA TEREM SIDO COMUNISTAS, E EMBORA HÁ MUITO HOUVESSEM EXPIADO A CONDENAÇÃO POR DELITOS POLÍTICOS. PODÍAMOS TAMBEM PÔ-LO EM CONTACTO COM OS RAROS QUE DE LÁ SAÍRAM, OS QUAIS LHE DIRÃO SE NA VERDADE NÃO HÁ SEMELHANÇA ENTRE OS MÉTODOS PORTUGUESES E OS DE HIMMLER.

Esgotado, transtornado pela sua dramática exposição, o meu interlocutor calou-se, e, se não fôra o nevoeiro espesso a cobrir o Tejo, podíamos ter visto o amanhecer na cidade.

Que decepção, se a França e se a «Resistência»...

Acompanharam-me os dois até á estação de «táxis» próxima. Antes de nos despedirmos, o mais velho, homem duns sessenta anos, e uma das maiores figuras entre os intelectuais portugueses, pegou-me da mão e disse-me:

— SENHOR (E PROCURAVA NÃO SER PATÉTICO), BEM SEI QUE NÃO ESTÁ EM LISBOA PARA SE METER NOS NEGÓCIOS INTERNOS DO NOSSO PAÍS. NÃO LHE PEDIMOS QUE OCULTE O QUE LHE AGRADOU NO PLANO POLÍTICO OU ECONÓMICO, A RESPEITO DO PORTUGAL OFICIAL. MAS SERIA GRANDE DECEPÇÃO PARA NÓS, SE, NUM PAÍS QUE SE CHAMA A FRANÇA, O JORNAL QUE TÊM O TÍTULO RESISTÊNCIA, *NÃO DISSESSE O QUE NÓS A SI MOSTRÁMOS.*

DIGA QUE EXISTE UM OUTRO PORTUGAL, UM PORTUGAL SUBTERRANEO, CLANDESTINO, RESISTENTE, QUE LUTA, QUE SOFRE, QUE CAIRÁ OU VENCERÁ PARA QUE O NOSSO POVO SEJA, FINALMENTE, LIVRE, FELIZ!

Diário da Manhã

Orgão da União Nacional

«Nada contra a Nação — Tudo pela Nação»

Ano XV da Revolução Nacional

Terça-feira, 6 de Novembro de 1945

Lisboa — Numero 5210 — Ano XV

PREÇO $50

TELEF. 2 0088 — 2 9089 (P. A. B. X.)

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
RUA DA MISERICORDIA, 98

Director: MANUEL MORIAS

PROP. DA COMPª NACIONAL EDITORA
EDITOR: ANTONIO DA FONSECA

PREÇO $50

ENDEREÇO TEL.: DIÁRIOMANHÃ

LE RAVITAILLEMENT CROMAGEN O B A S. ...

LE TEMPS QU'IL FERA Beau temps ensoleillé. ...

2 FRANCS
DIMANCHE LUNDI
21-22 OCTOBRE 1945

6e DERNIÈRE

Cité-soir

GRAND QUOTIDIEN D'INFORMATIONS DU SOIR

LE PORTUGAL a aussi un gouvernement en exil

"SALAZAR EST RESTÉ au pouvoir avec l'aide de puissances étrangères"

dit le Dr Armando CORTESAO

Sensacionais revelações

publicadas num jornal francês PELO DELEGADO EM LONDRES

do Conselho anti-fascista português Sr. Armando Cortesão

Os srs. drs. Barbosa de Magalhães e Mário de Castro não passam, afinal, de «leaders» secundários do movimento

O grande Chefe está oculto e há-de vir — como o Encoberto — numa cinzenta manhã de nevoeiro

Foi Churchill quem armou a Legião Portuguesa

Sôbre a mesa do sr. Armando Cortesão acumulavam-se os programas de partidos — e os Benformosos, coitados, sem nenhum programa!

«LONDRES, 20 de Outubro--O Dr. Armando Cortezão, delegado em Londres do Conselho nacional anti-fascista português, revelou á «United Press» a existência real dum govêrno português exilado.

O correspondente foi recebido pelo Dr. Armando Cortezão num pequeno estúdio, completamente atafulhado de papelada de tôda a ordem, comunicações, PROGRAMAS DE PARTIDOS, etc... O delegado português declarou que o movimento anti-fascista era das simpatias duma grande maioria da gente de Portugal, porque representa as idéias politicas de quási todos os democratas. Acrescentou, mostrando um opúsculo impresso, que o programa do movimento anti-fascista era muito popular em Portugal e circulava no País em número de muitos milhares de exemplares.

Falando, depois, do programa propriamente dito, o Dr. Cortezão declarou que êle atendia aos desejos do povo português. Os pontos principais são a democratização dos bancos, melhoramento do «standard» de vida do povo e a admissão de Portugal no seio das Nações Unidas.

O Dr. Cortezão esclareceu que o seu partido tinha previsto tudo e organizado tudo para evitar a anarquia que poderia produzir a queda de Salazar.

Salientou também que os chefes anti-fascistas portugueses viviam actualmente DUMA MANEIRA MUITO DISCRETA, evitando excessiva propaganda sôbre a sua actividade.

A-propósito, declarou que ÊLE PRÓPRIO NÃO CONHECIA SENÃO ALGUNS, pois os outros continuavam no anonimato mais completo, a-fim-de escaparem ás represálias politicas dos agentes de Salazar.

Entretanto, o Dr. Cortezão nomeou dois dos chefes do seu movimento que não se ocultavam.

SÃO O DR. BARBOSA DE MAGALHÃES, ANTIGO MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, E O SR. MÁRIO DE CASTRO, ADVOGADO, CHEFE DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA. ESCLARECEU QUE ÊSTES HOMENS NÃO ERAM, AINDA, SENÃO OS «LEADERS» SECUNDÁRIOS, continuando, de momento, na sombra, o GRANDE CHEFE DO MOVIMENTO.

Segundo o delegado em Londres do movimento anti-fascista português, o regime de Salazar já se teria afundado há muito tempo se não tivesse sido sustentado por Potências estrangeiras. Assim O GOVÊRNO BRITÂNICO DO SR. CHURCHILL TINHA FORNECIDO EM 1943 ao actual ditador português UMA GRANDE QUANTIDADE DE ARMAS PARA EQUIPAR A MILICIA CHAMADA LEGIÃO PORTUGUESA.

O Dr. Cortezão, concluiu dizendo que o seu movimento mesmo no Exército português contava com muitos simpatizantes, que reclamavam medidas de democratização

A Nação tem assim diante dos olhos um documento que define como um ferrete de traição os inimigos da Revolução Nacional

MÁSCARAS EM TERRA!

Em notas emanadas, a toda a pressa, do famoso Centro dr. Almirante Reis, transformado em Quartel General das oposições, publicaram os jornais diários, comunicados sucessivos — primeiro, dando conta ao País de que o tenente-coronel Plínio Silva, actualmente nos Açores, presidira, em Ponta Delgada, á reunião dos oposicionistas: depois, em letras garrafais, protestando contra a deliberação do Ministério da Guerra, de o suspender das funções que exercia, mandando-o regressar ao Continente!

Com o alvoroço atontado do mineiro, que julga ter surpreendido um filão precioso, rico, inesgotavel, — os homens de Almirante Reis, fizeram a «festa e a caramunha».

Desejando obter efeitos retumbantes, deram o máximo relêvo á presença daquela figura na reunião de Ponta Delgada, extraindo conclusões, que julgavam destinadas a impressionar profundamente não só o Govêrno, mas sobretudo a opinião publica.

Era uma elevada patente do Exército — um tenente-coronel! — que aderia ao movimento da oposição republicana.

Este facto pareceu-lhes digno da maior retumbancia, sobretudo no momento em que o Exército, indiferente ao vazio rumor das discussões politicas, continuava calado, sereno imperturbavel na sua vida de todos os dias!

O nome de Plínio Silva seria, julgavam êles, o ariete providencial para abrir as portas dos quarteis, dando passagem ao espirito de indisciplina e de revolta, que ali não tem conseguido penetrar, nos ultimos vinte anos, não obstante os perosos esforços realizados em tal sentido.

Na louca precipitação, na quasi bebedeira de entusiasmo esqueceram-se que **Plínio Silva é, de facto oficial do Exército Português, em activo serviço** — e, como tal, obrigado a conhecer e a cumprir as expressas determinações do Regulamento.

Os homens do Benformoso — mais por precipitação, que por ignorancia — esqueceram-se, lamentavelmente, de considerar este pormenor: **Plínio Silva é oficial do Exército Português e encontra-se, em lugar de confiança, ao serviço da Nação.**

Os seus actos, como os de todos os seus camaradas, são regulados por um Código, que se chama «Regulamento de Disciplina Militar» que, no n.º 28, do art. 4.º, reza assim:

«Não assistir, nem tomar parte, sem autorização superior, em comicios ou outras quaisquer reuniões publicas, em que se trate de assunto de caracter politico, salvo no exercicio de funções parlamentares».

E' demasiadamente intuitivo (e seria infantil acreditar o contrário!) que um tenente-coronel não pode ignorar o texto do Regulamento sobretudo quando ele é, como neste caso, vincadamente taxativo.

Sem levarmos, mesmo em linha de conta a natureza da reunião politica, projectada, de forma ostensiva, contra o Govêrno da Nação, o tenente-coronel Plínio Silva praticou uma infracção de caracter disciplinar, que os seus amigos agravaram, fazendo com ela clamorosa especulação.

Resulta de uma evidência flagrante que, ao praticar a infracção claramente prevista, — se colocou nas condições de suportar o castigo correspondente.

O contrário seria a negação da disciplina, sem a qual... só os homens do Benformoso poderão conceber a existencia da força armada!

O Ministério da Guerra, com as costumadas serenidade e firmeza, procedeu imediatamente, reafirmando os principios de disciplina, que regem e orientam tôda a vida do Exército Português.

A infracção foi consciente e voluntária; logo, o castigo foi oportuno e justo.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

Com o Govêrno do Estado Novo PORTUGAL passou de país devedor a país credor

—disse o Dr. Deniz da Fonseca na sessão do Teatro D. Maria II

(Leia-se a reportagem na 8.ª pág.)

2.ª Tiragem

Há nove anos, Salazar assumiu a direcção superior da politica externa de Portugal, tomando conta do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A Guerra, que se alargaria a todo o Mundo, deixando apenas aqui e além, pequenos oásis de Paz,—anunciava-se já... Mas bem poucos anteveriam a dureza implacável de que se havia de revestir, deixando atrás de si um rasto de miséria, de sofrimento e de sangue. Portugal seria um dêsses oasis maravilhosos! Sê-lo-ia, de-certo, por designio misterioso da Providência! Salazar, foi, porém no Ministério dos Negócios Estrangeiros, o cérebro e o braço que pôde cumprir êsse designio:

— Resguardando a honra da Nação; — Cumprindo os deveres da Aliança; — Salvaguardando a integridade do Império; — Poupando o sangue da juventude.

Ninguem, hoje, que tenha um minimo de amôr pátrio e de dignidade, lembrando tudo isto, que tão poucas nações, tão poucos homens, durante êstes anos usufruiram, ninguem deixará de dizer do fundo da sua alma:

Obrigado, Salazar!

52

Diário

Orgão da União Nacional

Quarta-feira, 7 de Novembro de 1945

«Nada contra a Na

PREÇO — $50

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
RUA DA MISERICORDIA, 98

TELEF. 2 9089 — 2 9089 (P. A. B. X.)

Quem falou aí EM FORÇAS OCULTAS?

O chefe Lima Alves + o chefe oculto = dois chefes

«Em tom solene, mas sereno» (textual) o sr. dr. Mário de Lima Alves acudiu ás colunas do «Diário de Lisboa» para rebater, numa entrevista cautelosa, a entrevista talvez imprudente que o sr. Armando Cortezão concedeu a um correspondente da «United Press». E disse:

«— Eu assumo pessoalmente perante as autoridades e perante a crítica e julgamento dos meus compatriotas, a responsabilidade da iniciativa e da orientação essencial ao espírito do Movimento».

Já temos, pois, dois chefes: o «chefe oculto» a que se referiu o sr. Armando Cortezão — e o chefe Lima Alves.

Adiante...

O entrevistado do «Diário de Lisboa» acrescentou:

«— Afirmo solenemente que nada há de oculto no nosso movimento. A sua expansão não resulta da existência de qualquer teia secreta, mas provém apenas da fôrça da verdade que por si própria se impõe».

Teia secreta... Teia secreta... Em que é que estaria a pensar o sr. dr. Lima Alves?

E continua — luminosamente — tentando explicar a tão embaraçosa entrevista do sr. Armando Cortezão:

«— Admito várias hipóteses: 1.º, que o sr. Armando Cortezão nem sequer a tenha dado; 2.º, que tenha dado qualquer entrevista que resultasse deturpada na sua publicação no jornal francês; e 3.º, que, realmente, o sr. Armando Cortezão a tenha dado, tal como foi publicada, com uma boa intenção política, mas usando do processo que, com magoa declaro, tenho que repudiar. E' possível que o sr. Armando Cortezão, no louvável intuito de fazer a propaganda externa do movimento dos democratas portugueses, tenha usado do meio que lhe pareceu mais propício á receptividade da opinião a que se dirigia. E, desconhecendo por completo o que se passava no País, usou apenas para sua orientação da possibilidade de tirar partido dessa receptividade. Mas isto, afinal, só prova que, na verdade, o sr. Armando Cortezão não está no conhecimento da orientação e intenção do nosso movimento, pois se o estivesse, inteligente como é, não teria feito declarações que aos nossos adversários poderiam servir para especulação política. Vira-se, assim, o feitiço contra o feiticeiro e aquêles que nos queriam apresentar como dominados por fôrças ocultas vêm trazer-nos a prova provada da independência do Movimento da Unidade Democrática».

Por outras palavras:

1.º ou o sr. Armando Cortezão não existe, nem existe a entrevista, nem o «Cité-Soir» — é tudo um mito inventado pelo «Diário da Manhã»;

2.º ou o sr. Armando Cortezão existe e é — na opinião do sr. dr. Lima Alves — um imbecil, assim como são imbecis — segundo a mesma opinião — os correspondentes da «United Press».

Ora o sr. Armando Cortezão existe — todos sabem que existe. Logo — é um imbecil A verdade, porem, sai mais depressa da bôca de um idiota que da bôca de um manhoso.

Foi por isso que saltou da bôca do sr. Armando Cortezão... Não se diga, todavia, que lhe chamamos idiota. Não. Quem chamou foi o sr. dr. Lima Alves...

E depois... Ah! Depois — aquela denunciadora preocupação das «fôrças ocultas»...

Mas quem falou em «fôrças ocultas», sr. dr. Lima Alves? Quem aludiu a uma «teia secreta»? Que especie de tenebrosa obcessão o persegue?

Vamos ficar por aqui?

Ainda não.

O sr. dr. Lima Alvs diz que é quem orienta e que foi quem teve a iniciativa de tudo quanto sabemos...

Nesse caso, há, pelo menos, um ponto, um, em que estão de acôrdo o sr. Armando Cortezão e o sr. dr. Lima Alves: — quer para um, quer para outro, os srs. drs. Barbosa de Magalhães e Mário de Castro não passam (como agudamente definiu o sr. Armando Cortezão) de «leaders» secundários, de tropa de segunda linha de «homens para queimar», de carne para canhão...

aMs quem nos diz a nós que, no fim de contas, o próprio Dr. Lima Alves significa alguma coisa nêste desfazer de fóra das oposições... espontaneas? Por um lado, perante o resto do seu «team» condenado ao silencio perpetuo, coloca-se numa situação do chefe, que representa e comanda as tropas; por outro, declara que todos são chefes, no grupo...

Ora a unica personalidade, que até agora (e de-certo com autorização ou por ordem do Encoberto) definiu posições no tal movimento, foi o sr. Armando Cortezão, que se limitava, na sua entrevista á «United», a citar dois chefes de segunda qualidade: o Dr. Barbosa de Magalhães e o Dr. Mário de Castro. Quanto ao Dr. Lima Alves e ao seu grupo — nada nos disse o sr. Armando Cortezão.

Quem nos afiança, pois, que o Dr. Lima Alves representa mais alguma coisa do que o seu calado grupo e os signatários das listas que soubéram o que faziam?

Isto, para dizer a verdade, parece-nos pouco. E quanto mais dias passam — menos nos vai parecendo, dado que, incapazes de se entenderem, *num mínimo*, para um plano de acção, já não conseguem ocultar que se trata, para uns e outros, dum caso de galarim, em que *os de fóra se* preparam para chefiar *os de dentro*, e os *de dentro* para tomar as cadeiras em que ao chegar, *os de fóra* quereriam assentar-se...

Uma r

NO TEATR

NOVEMBRO DE 1945 N.º 8244

e Lisbôa

JOAQUIM MANSO

ÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

"Nada há de oculto no nosso movimento"

— afirma categoricamente o dr. Lima Alves

a proposito duma entrevista publicada por um jornal de Paris

DR. LIMA ALVES

O nosso colega «Diário da Manhã» transcreve hoje uma entrevista publicada no dia 21 de outubro, no *Cité-Soir*, de Paris, com o sr. Armando Crtezão, que há anos se encontra exilado em Londres. O jornalista atribue ao entrevistado a qualidade do delegado na capital britanica de um Conselho Anti-fascista português e refere-se a um movimento de oposição ao Govêrno em Portugal, nomeando pessoas que têm estado ultimamente em foco, a propósito do Movimento de Unidade Democrática, que, com o consentimento das autoridades, se tem desenvolvido no país, nos ultimos dias.

Achamos, por isso, da maior oportunidade saber o que pensam a tal respeito as pessoas responsáveis pela iniciativa e pela organização do Movimento de Unidade Democrática e, com êsse objectivo, procurámos os promotores da reunião do Centro Almirante Reis. Embora tivessemos encontrado em grupo quási todos os componentes da comissão central do Movimento, foi o dr. Mário de Lima Alves que respondeu á nossa interrogação. Um dos iniciadores do Movimento, relator do relatório aprovado no Centro Almirante Reis, porta-voz dos seus companheiros em todos os actos publicos ou particulares em que tem sido preciso falar em nome da comissão, compreende-se bem que tenha sido êle agora a prestar-nos o esclarecimento que solicitámos. Em tom solene, mas sereno, o jovem advogado começa por afirmar-nos:

—Eu assumo pessoalmente, perante as autoridades e perante a critica e julgamento dos meus compatriotas, a responsabilidade da iniciativa e da orientação essencial ao espirito do Movimento.

—Pode contar-nos, em poucas palavras, como nasceu êsse movimento?

—A concepção dêste movimento resultou da reacção espontanea e imediata á publicação da lei eleitoral. Desde logo, verifiquei que, se

(Continua na pag. central)

Dr. Oliveira Salazar

Faz hoje 9 anos que o sr. dr. Oliveira Salazar tomou a direcção de

NOVEMBRO DE 1945 N.º 8244

e Lisbôa

JOAQUIM MANSO

ÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

"Nada há de oculto no nosso movimento"

— afirma categoricamente o dr. Lima Alves

a proposito duma entrevista publicada por um jornal de Paris

DR. LIMA ALVES

O nosso colega «Diário da Manhã» transcreve hoje uma entrevista publicada no dia 21 de outubro, no *Cité-Soir*, de Paris, com o sr. Armando Crtezão, que há anos se encontra exilado em Londres. O jornalista atribue ao entrevistado a qualidade do delegado na capital britanica de um Conselho Anti-fascista português e refere-se a um movimento de oposição ao Govêrno em Portugal, nomeando pessoas que têm estado ultimamente em foco, a propósito do Movimento de Unidade Democrática, que, com o consentimento das autoridades, se tem desenvolvido no país, nos ultimos dias.

Achamos, por isso, da maior oportunidade saber o que pensam a tal respeito as pessoas responsáveis pela iniciativa e pela organização do Movimento de Unidade Democrática e, com êsse objectivo, procurámos os promotores da reunião do Centro Almirante Reis. Embora tivessemos encontrado em grupo quási todos os componentes da comissão central do Movimento, foi o dr. Mário de Lima Alves que respondeu á nossa interrogação. Um dos iniciadores do Movimento, relator do relatório aprovado no Centro Almirante Reis, porta-voz dos seus companheiros em todos os actos publicos ou particulares em que tem sido preciso falar em nome da comissão, compreende-se bem que tenha sido êle agora a prestar-nos o esclarecimento que solicitámos. Em tom solene, mas sereno, o jovem advogado começa por afirmar-nos:

—Eu assumo pessoalmente, perante as autoridades e perante a critica e julgamento dos meus compatriotas, a responsabilidade da iniciativa e da orientação essencial ao espirito do Movimento.

—Pode contar-nos, em poucas palavras, como nasceu êsse movimento?

—A concepção dêste movimento resultou da reacção espontanea e imediata á publicação da lei eleitoral. Desde logo, verifiquei que, se

(Continua na pag. central)

Dr. Oliveira Salazar

Faz hoje 9 anos que o sr. dr. Oliveira Salazar tomou a direcção de

Comissão dos Escritores,
Jornalistas e Artistas Democráticos
(M.U.D.)
Rua da Trindade, 15 - 5º., Esqº.
L I S B O A

(C O P Y)

Au Président de l'Assemblée Générale des Nations Unies

Le Comité des Écrivains, Journalistes et Artistes du Portugal, qui comprend les représentants de tous les courants anti-fascistes, manifeste son appui le plus chaleureux à la suggestion du Délégué des Philippines à l'Assemblée des nations Unies, pour la réalisation de la Conférence Internationale de la Presse, et rappele en même temps la situation des nations non représentées dans cette Assemblée qui subissent encore le régime de la Censure. Le Comité fait des voeux pour que la Conférence puisse aboutir à des décisions practiques, afin d'assurer la liberté de Presse dans tous les pays.

Lisbonne, le 19 Janvier 1946.

a) Adolfo Casais Monteiro (écrivain)
Álvaro Salema (journaliste)
Alves Redol (écrivain)
Armindo Rodrigues (écrivain)
Aquilino Ribeiro (écrivain)
Carvalhão Duarte (journaliste)
Fernando Lopes Graça (compositeur)
Ferreira de Castro (écrivain)
Flausino Tôrres (écrivain)
Irene Lisboa (écrivain)
João Gaspar Simões (écrivain)
João da Silva (sculpteur)
José Bacelar (écrivain)
Manuel Mendes (écrivain)
Mánuel Rodrigues Lapa (écrivain)
Mário Dionísio (écrivain)
Mário Neves (journaliste)
Rocha Martins (écrivain-journaliste)